Quarto E dição

Antigo Testamento

Exegese

Um manual para

Alunos e pastores

Exegese do Antigo Testamento, Quarta edição

Exegese do Antigo Testamento, Quarta Edição

Um manual para alunos e pastores

Douglas Stuart

WJK Westminster John Knox Press
Louisville • Kentucky

© 1980 The Westminster Press
© 1984 Douglas Stuart
© 2001 Douglas Stuart
© 2009 Douglas Stuart

Quarta edição
Westminster John Knox Press
Louisville, Kentucky

09 10 11 12 13 14 15 16 17 18—10 9 8 7 6 5 4 3 2 1

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia, gravação ou por qualquer sistema de armazenamento ou recuperação de informações, sem permissão por escrito do editor.
Para informações, endereço Westminster John Knox Press, 100 Witherspoon Street, Louisville, Kentucky 40202-1396. Ou entre em contato conosco online em www.wjkbooks.com.

As citações das Escrituras da Versão Revisada Padrão da Bíblia são copyright © 1946, 1952, 1971 e 1973 pela Divisão de Educação Cristã do Conselho Nacional das Igrejas de Cristo nos EUA e são usados com permissão.

Desenho do livro por Sharon Adams
Design da capa por Mark Abrams

Dados de Catalogação na Publicação da Biblioteca do Congresso Stuart, Douglas K.

Exegese do Velho Testamento: um manual para alunos e pastores / Douglas Stuart. — 4ª ed.
p. cm.
Inclui referências bibliográficas e índices.
ISBN 978–0-664–23344-0 (papel alcalino)
1. Bíblia. OT - Hermenêutica. 2. Bíblia. OT - Uso homilético. 3. Bíblia. OT—Bibliografia. I. Título.
BS476.S83 2008
221,601 — dc22 2008039353

IMPRESSO NOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA

O papel usado nesta publicação atende aos requisitos mínimos do American National Standard for Information Sciences - Permanence of Paper for Printed Library Materials, ANSI Z39.48-1992.

Westminster John Knox Press defende o uso responsável de nossos recursos naturais.
O texto deste livro é feito de pelo menos 30% de resíduos pós-consumo.

Para
Gayle, Joanna, Eliza, Eden, Missy,
Hannah, Maria, Delia e Jon

Conteúdo

Abreviações ix

Prefácio XI

Índice analítico xv

Introdução 1

1 Guia para exegese completa 5

2 Exegese e o Texto Original 33

3 Guia resumido para a exegese do sermão 63

4 Recursos e ajudas de exegese 83

Apêndice 1. Uma lista de termos comuns de exegese do Antigo Testamento 177

Apêndice 2. Uma lista de erros hermenêuticos frequentes 181

Índice de passagens das Escrituras 185

Índice de Autores 187

Abreviações

ABD	*Anchor Bible Dictionary,* ed. David Noel Freedman, 6 vols. (Nova York: Doubleday, 1992)
UMA REDE	*Textos Antigos do Oriente Próximo Relacionados ao Antigo Testamento,* ed. James B. Pritchard, 3ª ed. (Princeton: Princeton University Press, 1969)
ATLA	American Theological Library Association
BDB	Francis Brown, SR Driver, e CA Briggs, A Hebrew and English Lexicon of the Old Testament (Oxford: Clarendon, 1907)
BH3	*BibliaHebraica,* 3ª ed. (Stuttgart: Württembergische Bibelanstalt, 1937)
BH5	*Biblia Hebraica Quinta* (5ª ed. De BH) (Stuttgart: Deutsche Bibelstiftung, 2004–)
BHQ	outra abreviatura para BH5
BHS	*Biblia Hebraica Stuttgartensia* (4ª ed. De BH) (Stuttgart: Deutsche Bibelstiftung, 1977)
cafaj este	*O Dicionário Assírio do Instituto Oriental da Universidade de Chicago,* ed. IJ Gelb et al. (Chicago: Oriental Insti-tute, 1956–)
DJD	Descobertas no deserto da Judéia
DSS	Pergaminhos do Mar Morto (Qumran)
ed.	editado por / editor / edição
BID	*Dicionário do intérprete da Bíblia,* ed. GA Buttrick, 4 vols. (Nashville: Abingdon, 1962)

ISBE	*International Standard Bible Encyclopedia,* ed. GW Bromiley, 4 vols. (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans, 1979–88)
IRBS	Revisão Internacional de Estudos Bíblicos
JSNT	Jornal para o estudo do Novo Testamento
JSOTSup	Jornal para o estudo dos suplementos do Antigo Testamento
MT	Texto Massorético
NIDOTTE	*Novo Dicionário Internacional de Teologia e Exegese do Antigo Testamento,* ed. Willem A. VanGemeren, 5 vols. (Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1997)
NT	Novo Testamento
OHB	Bíblia hebraica de Oxford
OT	Antigo Testamento
OTA	*Resumos do Antigo Testamento*
Q	Qumran (pergaminhos do mar morto)
Quinta	outra abreviatura para BHQ
repr.	reimprimir
rev. ed.	edição revisada
SBL	Sociedade de Literatura Bíblica
TDNT	*Dicionário Teológico do Novo Testamento,* ed. Gerhard Kittel e Gerhard Friedrich, trad. GW Bromiley, 10 vols. (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans, 1964–76)
TDOT	*Dicionário Teológico do Antigo Testamento,* ed. GJ Botterweck, Helmer Ringgren e Heinz-Josef Fabry, trad. JT Willis, GW Bromiley e DE Green, 15 vols. (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans, 1974–2006)
TLOT	*Léxico Teológico do Antigo Testamento,* ed. Ernst Jenni e Claus Westermann, trad. ME Biddle, 3 vols. (Peabody, MA: Hendrickson, 1997)
TWOT	

Livro Teológico do Antigo Testamento, ed. RL Harris, GL Archer Jr. e BK Waltke, 2 vols. (Chicago: Moody Press, 1980)

Prefácio

T poucos alunos e pastores que controlam vários antigos e línguas modernas, leia a literatura acadêmica regularmente e já ganhe alguma confiança em sua habilidade de fazer exegese certamente não vai precisar desta cartilha. Foi escrito para aqueles que não podem ler um salmo hebraico à primeira vista e que não têm certeza do que "Vetus Testamentum" significa ou contém (as palavras significam "Antigo Testamento" em latim e são o título de um importante jornal acadêmico do AT). É para aqueles que não têm ideia do que pode significar homoioteleuton ("mesmo tipo de desinência", um fator em certos problemas textuais). É para a grande maioria de todos os alunos e pastores do seminário. Baseia-se na convicção de que mesmo as pessoas mais inteligentes não conseguem compreender procedimentos e conceitos que de alguma forma não lhes são explicados, e que não há vergonha em buscar tais explicações, apesar do fato de que a maioria dos professores de seminário não as oferece voluntariamente. A exegese do Antigo Testamento tem procedimentos e conceitos regulares, e podem ser ensinados a quase qualquer pessoa disposta a aprender. É uma tragédia que tão poucos alunos do seminário se sintam realmente seguros de si mesmos ao fazer exercícios de OT irmã - e a maioria dos pastores aparentemente abandona a prática por completo.

Eu propus, portanto, apresentar um guia passo a passo para exegese OT que será não técnico e simples sem ser simplista, que irá explicar não apenas os procedimentos, mas também os objetivos da exegese, e que servirá como um manual para referência enquanto o estudante ou pastor faz o trabalho real de exegese.

Minha abordagem à exegese tem certos preconceitos conscientes pelos quais não peço desculpas. Talvez o mais discutível seja minha insistência em que a exegese deve incluir diretrizes para a aplicação da passagem que está sendo estudada. A exegese é evidentemente um empreendimento teológico e uma teologia que não é

aplicado à vida do povo de Deus é estéril. Por esta razão, também, eu propositadamente tirei a ênfase de algumas das técnicas críticas (por exemplo, estruturalismo, crítica da redação) que, embora fascinantes para o estudioso, rendem recompensas pobres teologicamente e são, em última análise, de menor valor homileticamente por mais que esse julgamento de valor desagrade a alguns estudiosos. Da mesma forma, e por razões semelhantes, não dei atenção a várias abordagens hermenêuticas subjetivas, como filtros interpretativos baseados em etnia, gênero ou status de vida. Tentei estabelecer um equilíbrio justo entre as técnicas sincrônicas e diacrônicas (ou seja, técnicas relacionadas com o texto como ele está [sincrônico] e com a história dos desenvolvimentos que levaram ao texto como ele está [diacrônico]), mas apenas na medida em que também prometem benefícios práticos e teológicos. O fim da exegese é pregar e ensinar na igreja. Os alunos do seminário e pastores sabem disso instintivamente e exigem relevância da exegese e de outros estudos bíblicos, como deveriam.

Esta cartilha reconhece que muito poucos estudantes e pastores americanos podem ler alemão ou outras línguas eruditas. Qual a vantagem, portanto, de fingir que podem? A orientação bibliográfica no capítulo 4 é, portanto, restrita tanto quanto possível a obras em inglês.

Uma característica única deste livro é encontrada no capítulo 3, que descreve um formato exegético abreviado e de tempo limitado para pastores. Pelo menos de uma maneira geral, os alunos do seminário geralmente aprendem como produzir trabalhos de exegese formal, com base em dezenas de horas de pesquisa e redação. Mas ninguém diz a eles como podem transferir essa habilidade para a tarefa de pregação semanal, onde talvez apenas algumas horas possam estar disponíveis para a parte da exegese da preparação do sermão. A exegese pode ser feita com responsabilidade, mesmo que não exaustivamente em algumas horas. O pastor deve primeiro tentar compreender a forma mais completa do guia no capítulo 1. O capítulo 3 representa uma condenação e economia do mesmo material, com atenção especial dada aos interesses homiléticos.

Aqueles aspirantes a exegetas do AT que não conhecem hebraico ainda devem ser capazes de fazer bom uso da orientação dada aqui - mas não pode haver negação de que pelo menos algum conhecimento de hebraico é uma vantagem preciosa tanto para o estudante quanto para o pastor. Fiz todo o possível para encorajar aqueles cujo hebraico é fraco a usá-lo de qualquer maneira. As ajudas discutidas no capítulo 4 podem percorrer um longo caminho para superar as desvantagens, especialmente por meio de concordâncias de computador que podem fornecer instantaneamente uma variedade de recursos hebraico-inglês, uma vez encontrados apenas com grande esforço. Na verdade, o pastor que trabalha fielmente a partir das

línguas bíblicas na preparação do sermão, não importa o quão enferrujado o conhecimento deles possa estar no início,

não posso deixar de ganhar mais e mais domínio da linguagem com o passar do tempo. Espero que esta cartilha incentive muitos a tentar.

Para a quarta edição, mudei a ordem de algumas das etapas e os conselhos dentro delas, explicações ajustadas, obras de referência adicionadas ou excluídas para continuar a refletir o que está realmente disponível na impressão, atualizei as listas de obras que foram revisadas , e incluiu muito mais informações sobre bancos de dados eletrônicos e online. Assim, esta edição é revisada e expandida substancialmente. Sou muito grato aos meus alunos John Beckman e Robert Jennings por suas opiniões sobre a melhor forma de descrever o uso real de alguns dos novos bancos de dados online que menciono nesta última edição. É uma alegria trabalhar com alunos que amam aprender e desejam que outros compartilhem seu prazer. Também sou grato a Jon Berquist, um estudioso experiente e editor habilidoso, que trabalhou comigo em nome de uma editora maravilhosa, a Westminster John Knox Press.

O uso difundido das três primeiras edições, incluindo suas traduções em línguas estrangeiras, tem sido muito gratificante e é evidência de uma fome contínua por pregação e ensino baseado com precisão e confiança nas Escrituras.

Índice analítico
(Para uso de referência cruzada)

O sistema de referência usado neste livro funciona da seguinte maneira:

4.1.7. refere-se ao capítulo 4, seção 1, subseção 7 deste livro.
Assim, 4 (Exegesis Aids and Resources), 1 (Textual Criticism), 7 (The Masorah).
Da mesma forma, 1.3.5. refere-se ao capítulo 1, seção 3, subseção 5 (etc.).

Prefácio XI

Introdução 1

Capítulo 1. Guia para Exegese Completa 5
1.1. Texto 5
1.1.1. Confirme os limites da passagem. 5
1.1.2. Compare as versões. 6
1.1.3. Reconstrua e anote o texto. 6
1.1.4. Apresente poesia de forma versificada. 7
1.2. Tradução 7
1.2.1. Prepare uma tradução provisória do seu texto reconstruído. 7
1.2.2. Verifique a correspondência do texto e da tradução. 8
1.2.3. Revise a tradução conforme você continua. 8
1.2.4. Forneça uma tradução finalizada. 9
1.3. Dados gramaticais 9
1.3.1. Analise as questões gramaticais significativas. 9
1.3.2. Analise a ortografia e morfologia para data ou outras afinidades. 10

1.4. Dados Lexicais 10
1.4.1. Explique todas as palavras e conceitos que não são óbvios. 10
1.4.2. Concentre-se nos conceitos mais importantes, palavras e formulações. 11
1.4.3. Faça "estudos de palavras" (na verdade, estudos de conceito) das palavras ou formulações mais importantes. 11
1.4.4. Identifique quaisquer características semânticas especiais. 11
1,5. Forma 12
1.5.1. Identifique o tipo literário geral (gênero). 12
1.5.2. Identifique o tipo literário específico (forma). 12
1.5.3. Procure por subcategorias. 13
1.5.4. Sugira um cenário de vida. 13
1.5.5. Analise a integridade do formulário. 14
1.5.6. Esteja alerta para formas parciais e quebradas. 14
1.6. Estrutura 15
1.6.1. Faça um esboço da passagem. 15
1.6.2. Procure padrões. 16
1.6.3. Organize sua discussão sobre a estrutura de acordo para unidades decrescentes de tamanho. 16
1.6.4. Avalie a intencionalidade dos padrões menores. 17
1.6.5. Se a passagem for poética, analise-a de acordo. 17
1.7. Contexto histórico 18
1.7.1. Pesquise os antecedentes históricos. 18
1.7.2. Pesquise o ambiente social. 19
1.7.3. Pesquise o primeiro plano histórico. 19
1.7.4. Pesquise o cenário geográfico. 19
1.7.5. Date a passagem. 19
1.8. Contexto Literário 20
1.8.1. Examine a função literária. 20
1.8.2. Examine a colocação. 20
1.8.3. Analise os detalhes. 21
1.8.4. Analise a autoria. 21
1.9. Contexto Bíblico 21
1.9.1. Analise o uso da passagem em outro lugar na Escritura. 22
1.9.2. Analise a relação da passagem com o resto da Escritura. 22
1.9.3. Analise a importação da passagem para entender as Escrituras. 23

1,10. Teologia 23
1.10.1. Localize a passagem teologicamente. 23
1.10.2. Identifique os problemas específicos levantados ou resolvidos
pela passagem. 24
1.10.3. Analise a contribuição teológica da passagem. 24
1,11. Aplicativo 25
1.11.1. Liste os problemas da vida. 26
1.11.2. Esclareça a natureza do aplicativo
(informando ou direcionando). 26
1.11.3. Esclareça as possíveis áreas de aplicação
(fé ou ação). 27
1.11.4. Identifique o público do aplicativo. 27
1.11.5. Estabeleça as categorias do aplicativo. 27
1.11.6. Determine o foco de tempo do aplicativo. 28
1.11.7. Corrija os limites do aplicativo. 28
1,12. Literatura Secundária 29
1.12.1. Investigue o que outros disseram sobre a passagem. 29
1.12.2. Compare e ajuste. 30
1.12.3. Aplique suas descobertas em todo o seu artigo. 30

Movendo do esboço para o papel 31

Capítulo 2. Exegese e o Texto Original 33
Text
2.1. o 33
2.1.1. Confirmando os limites da passagem 33
2.1.2. Comparando as versões 34
2.1.3. Reconstruindo e anotando o texto 35
Reconstruindo dois nomes hebraicos: Josué 7: 1 36
Reconstruindo um termo comum: 1 Samuel 8:16 37
2.1.4. Colocando sua passagem de forma versificada 38
2.2. Tradução 39
Uma tradução que esclarece o comportamento de um
2.2.1. profeta:
Jonas 1: 2 40
2.2.2. Uma tradução modesta e não interpretativa: Provérbios 22: 6 41
2.3. Dados gramaticais 42
2.3.1. Identificando a ambigüidade gramatical: Juízes 19:25 42
2.3.2. Identificando a especificidade gramatical: Oséias 1: 2 43
2.3.3. Analisando ortografia e morfologia 45

2.4. Dados Lexicais 46
2.4.1. O valor de olhar para as palavras-chave: 2 Crônicas 13 47
2,5. Forma 49
2.5.1. A forma como uma chave para funcionar: Jonas 2: 3-10 (Eng. 2-9) 49
2.6. Estrutura 50
2.6.1. Analisando estrutura e unidade: Amós 5: 1-17 51
2.7. Contexto histórico 52
2.7.1. O contexto esclarece uma profecia: Oséias 5: 8-10 53
2.8. Contexto Literário 54
2.8.1. Examinando a função literária: como um capítulo se encaixa um livro - Lamentações 5 54
2.8.2. Examinando a colocação 55
2.8.3. Analisando detalhes 55
2.8.4. Analisando autoria 55
2.9. Contexto Bíblico 55
2.9.1. Vendo o contexto mais amplo: Jeremias 31: 31-34 56
2,10. Teologia 58
2.10.1. Uma perspectiva especial sobre a doutrina de Deus: Oséias 6: 1-3 58
2,11. Aplicativo 59
2.11.1. Amostras de uma vida correta: Jó 31 60
2,12 Literatura Secundária 61

Capítulo 3. Guia resumido para a exegese do sermão 63

Comente 63

3.1. Texto e Tradução 65
3.1.1. Leia a passagem repetidamente. 65
3.1.2. Verifique se há problemas textuais significativos. 65
3.1.3. Faça sua própria tradução. 66
3.1.4. Compile uma lista de alternativas. 67
3.1.5. Comece uma lista de uso do sermão. 67
3.2. Dados gramaticais e lexicais 68
3.2.1. Observe qualquer gramática que seja incomum, ambígua, ou de outra forma importante. 68
3.2.2. Faça uma lista dos termos-chave. 69
3.2.3. Reduza a lista a um tamanho administrável. 69
3.2.4. Faça um estudo de mini-palavras de pelo menos uma palavra ou termo. 69
3,3. Forma e Estrutura 70

3.3.1. Identifique o gênero e a forma. 70

3.3.2. Investigue o ambiente de vida das formas onde apropriado. 70
3.3.3. Procure padrões estruturais. 71
3.3.4. Isole recursos únicos e avalie seu significado. 72
3.4. Contexto histórico-literário 72
3.4.1. Examine o pano de fundo da passagem. 72
3.4.2. Descreva o cenário histórico-literário. 73
3.4.3. Examine o primeiro plano da passagem. 74
3,5. Contexto Bíblico e Teológico 75
3.5.1. Analise o uso da passagem em outras partes das Escrituras. 75
3.5.2. Analise a relação da passagem para o resto da Escritura. 75
3.5.3. Analise o uso e a relação da passagem à teologia. 76
3,6. Aplicativo 76
3.6.1. Liste os problemas da vida na passagem. 76
3.6.2. Esclareça a possível natureza e área de aplicação. 76
3.6.3. Identifique o público e as categorias de aplicação. 76
3.6.4. Estabeleça o foco e os limites do tempo do aplicativo. 77
3,7. Movendo da Exegese para o Sermão 78
3.7.1. Trabalhe com sua lista de uso de sermões. 78
3.7.2. Não use o esboço da exegese como o esboço do sermão. 78
3.7.3. Diferencie entre o especulativo e o certo. 78
3.7.4. Diferencie entre o central e o periférico. 79
3.7.5. Confie nos comentários homiléticos apenas até agora. 79
3.7.6. Lembre-se de que o aplicativo é o que há de melhor preocupação de um sermão. 80

Capítulo 4. Recursos e ajudas de exegese 83
4.1. Crítica Textual 83
4.1.1. A necessidade de crítica textual 83
4.1.2. Explicações 85
4.1.3. As versões 88
4.1.4. Edições de texto críticas 89

4.1.5. As notas de rodapé e outras ajudas em BH^3 e BHS 96
4.1.6. O Projeto Bíblico da Universidade Hebraica e Biblia Hebraica Quinta 97
4.1.7. O massorá 99
4.1.8. Outros indicadores massoréticos 99
4.2. Tradução 100
4.2.1. Teoria da tradução 100
4.2.2. Ajuda de tradução 100
4.3. Gramática 104
4.3.1. Gramáticas de referência 104
4.3.2. Outras fontes técnicas 106
4,4. Análise Lexical 107
4.4.1. Lexicons 107
4.4.2. Concordâncias 111
4.4.3. Estudos de palavras (estudos de conceito) 114
4.4.4. Dicionários teológicos 115
4.4.5. Inscrições 117
4.5. Forma 118
4.5.1. Crítica de forma 118
4.5.2. A relação da forma com a estrutura 119
4,6. Estrutura 120
4.6.1. Definições 120
4.6.2. Crítica retórica, análise do discurso, textlinguística 121
4.6.3. Crítica de fórmula 123
4.6.4. Análise de poesia (poética) 123
4.7. Contexto histórico 125
4.7.1. Cronologia geral 125
4.7.2. História israelita 126
4.7.3. Cultura israelita e do antigo Oriente Próximo 127
4.7.4. Outras partes do antigo Oriente Próximo 128
4.7.5. Arqueologia 132
4.7.6. Geografias e atlas 134
4.7.7. Crítica histórica 135
4.7.8. Crítica de tradição 136
4,8. Contexto Literário 137
4.8.1. Literatura paralela 137
4.8.2. Crítica de gênero 139
4.8.3. Crítica de redação 140
4.8.4. Crítica literária 140

4.8.5. Crítica da fonte 141
4.8.6. Namorando 142
4,9. Contexto Bíblico 143
4.9.1. Listas de referência de cadeia 143
4.9.2. Concordâncias tópicas 143
4.9.3. Comentários e contexto bíblico 144
4.9.4. Apócrifos e Pseudepígrafes 144
4.9.5. O Antigo Testamento no Novo 146
4,10. Teologia 147
4.10.1. Teologias do Antigo Testamento 147
4.10.2. Teologias cristãs 148
4,11. Aplicativo 149
4.11.1. Hermenêutica 149
4.11.2. Algumas coisas que devemos e não devemos fazer na aplicação 152
4,12. Literatura Secundária 152
4.12.1. Fontes de referência especial: Usando a Web 152
4.12.2. Os diários 165
4.12.3. Introduções do Antigo Testamento 166
4.12.4. Comentários 166
4.12.5. Dicionários bíblicos e enciclopédias bíblicas 168
4.12.6. Outras ajudas 169
4.12.7. Programas e provedores de software bíblico 172

Uma lista de termos comuns de exegese do Antigo Testamento 177

Uma lista de erros hermenêuticos frequentes 181

Índice de passagens das Escrituras 185

Índice de Autores 187

Introdução

An exegese é um estudo analítico completo de uma passagem bíblica feito de modo a chegar a uma interpretação útil da passagem. Exegese é uma tarefa teológica, mas não mística. Existem certas regras e padrões básicos para fazer isso, embora os resultados possam variar na aparência porque as próprias passagens bíblicas variam muito.

Para fazer a exegese do AT corretamente, você precisa ser um pouco generalista. Você se envolverá rapidamente com as funções e significados das palavras (linguística); a análise da literatura e do discurso (filologia); teologia; história; a transmissão dos escritos bíblicos (crítica textual); estilística, gramática e análise de vocabulário; e a área vagamente definida, mas inevitavelmente importante, da sociologia. Habilidades intuitivas naturais são úteis, mas não substituem o trabalho árduo de uma pesquisa cuidadosa em primeira mão. A exegese como processo pode ser bastante enfadonha. Felizmente, seus resultados costumam ser empolgantes. Emocionantes ou não, os resultados devem sempre ter, pelo menos, valor prático genuíno para o crente; se não, algo está errado com a exegese. Embora este livro seja uma cartilha e dificilmente uma análise exaustiva de pressupostos ou técnicas exegéticas,

Um exegeta deve trabalhar com muitos livros e fontes. Quatro tipos são especialmente valiosos para a orientação metodológica e bibliográfica que contêm em relação à exegese. Você deve possuir todos os quatro tipos, dos quais os seguintes são amostras representativas:

Apresentações OT

Tremper Longman III e Raymond B. Dillard, Uma Introdução ao Velho Testamento, 2ª ed. (Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 2006).

J. Alberto Soggin, Introdução ao Antigo Testamento, 3ª ed. (Louisville, KY: Westminster John Knox Press, 1989).

Ambas as introduções contêm explicações lúcidas e concretas dos tipos e divisões literárias do AT, abordagens acadêmicas, conteúdo e crítica livro a livro, cânone e texto. Além disso, há muito a ganhar com a orientação bibliográfica de qualquer um dos livros.

Visão geral das ferramentas OT

Frederick W. Danker, Ferramentas Multifuncionais para o Estudo da Bíblia, rev. ed. (Minneapolis: Fortress Press, 2003).

Danker fornece planos de fundo, definições e explicações para todos os tipos de livros, métodos, fontes e estilos na exegese bíblica. Seu trabalho é um recurso padrão para essas informações.

Manuais de OT

Richard N. Soulen e R. Kendall Soulen, Handbook of Biblical Criticism, 3ª ed., Rev. e expandido (Louisville, KY: Westminster John Knox Press, 2001).

John W. Rogerson e Judith M. Lieu, eds., Oxford Handbook of Biblical Studies (Oxford: Oxford University Press, 2006).

Os manuais oferecem explicações básicas e coleções de definições. A maioria dos termos e técnicas exegéticas que você encontrará são explicados. Eles também informam sobre muitas das escolas interpretacionais da moda / subjetivistas.

Bibliografias

Joseph A. Fitzmyer, Uma Bibliografia Introdutória para o Estudo das Escrituras, 3ª ed. (Chicago: Loyola University Press; Roma: Editrice Pontificio Istituto Biblico, 1990). Também disponível em CD-ROM.

A Bibliografia de Fitzmyer é uma das melhores listagens anotadas (até a data de publicação) de léxicos, textos, gramáticas, concordâncias e outros recursos técnicos usados por exegetas. Também existem excelentes bibliografias online, que têm a vantagem de serem atualizáveis constantemente. Um exemplo é o de

JeanLouis Ska, "Old Testament Basic Bibliography," http://www.biblico.it/doc-vari/ska_bibl.html.

Discutimos vários deles no capítulo 4.

Com esses quatro tipos de texto em mãos, você saberá quais são as questões da exegese, que tipo de recursos estão disponíveis e onde encontrá-los.

Além desses quatro tipos de livros, você deve ter em sua biblioteca, seja na forma de livro, seja na forma eletrônica ou em ambos, uma edição "crítica" do Antigo Testamento hebraico. Por enquanto, o que você deseja é o BHS, a Biblia Hebraica Stuttgartensia (a quarta edição de uma Bíblia hebraica cuidadosamente editada e publicada em Stuttgart, Alemanha). Substituiu o antigo BH^3 (a terceira edição, também conhecida pelo nome de seu editor principal como "Kittel"), assim como será, com o tempo, substituída pela quinta edição, BHQ (BH^5) ou Biblia Hebraica Quinta. A Quinta, como seus predecessores, usa o Códice de Leningrado de 1008 AD como sua base, com seu texto cuidadosamente verificado em relação às fotografias daquele códice tiradas na década de 1990.

Ao contrário de seus predecessores, no entanto, inclui um comentário explicando a Massorá (o sistema de notação do texto judaico medieval) e discutindo o significado das variantes textuais que apresenta em suas notas de rodapé. Além disso, ele contém a Masorah magna (um compêndio de notas de textos judaicos medievais), que estava disponível apenas por meio de um volume suplementar no caso do BHS. Controversamente, seus editores citam relativamente poucas variantes de outros manuscritos hebraicos medievais, uma vez que os editores estão convencidos de que tais variantes têm pouco valor.

Os livros BHQ de Ruth, Canticles, Qoheleth, Lamentations e Esther apareceram em um fascículo publicado em 2004; Esdras e Neemias apareceram em 2006 e Deuteronômio em 2007. Foi originalmente programado para ser concluído gradualmente em 2010 e pode, esperamos, realmente aparecer por volta de 2012.

Você certamente vai querer ter em mãos também uma concordância baseada em hebraico, um léxico hebraico, uma gramática hebraica, uma história abrangente de Israel, um dicionário bíblico e uma série de comentários "críticos" (se possível). Todos e quaisquer estão disponíveis em formato eletrônico e em livro. Exemplos de trabalhos específicos são discutidos no capítulo 4. A concordância, a história, o dicionário e a série de comentários são essenciais, mesmo se você não souber hebraico. Sem as ferramentas adequadas, uma exegese não pode ir longe. Quanto mais trabalhos desse tipo você tiver por meio de um software de computador, incluindo acesso online, mais rápido seu trabalho de exegese poderá ser, devido ao tempo economizado na pesquisa. Por outro lado, a velocidade nem sempre é uma vantagem: pesquisar em um livro obriga você a ver as

coisas no contexto de uma forma que pesquisar por meio de mecanismos de pesquisa o impede de fazer.

Lembre-se, ao usar este guia, de que todas as etapas não se aplicam igualmente a todas as passagens do OT. Por exemplo, algumas passagens exigirão grande atenção às questões históricas e pouca atenção à sua forma ou vocabulário;

outros serão exatamente o oposto. Não há como ter certeza disso automaticamente com antecedência. À medida que você se familiariza com uma passagem, tende a se tornar óbvio como atribuir o peso relativo de cada etapa e seus subpontos.

Esta cartilha está organizada em quatro seções. O Capítulo 1 fornece um formato não técnico para projetos extensos de exegese formal, incluindo, mas não se limitando a, trabalhos de conclusão de curso. O Capítulo 2 fornece ilustrações para as etapas de uma extensa exegese. O capítulo 3 oferece uma versão simples e condensada do formato mais longo e se concentra especialmente na preparação do sermão. O Capítulo 4 discute várias ajudas e recursos exegéticos, especialmente bibliográficos, incluindo como acessá-los e como usá-los.

Capítulo um

Guia para exegese completa

O esboço que fornecemos aqui é suplementado com muitos comentários e perguntas destinadas a ajudá-lo a não deixar pedra sobre pedra ao fazer uma exegese completa. Esses comentários e perguntas são primarily sugestivo e não deve ser seguido servilmente. Na verdade, algumas questões se sobrepõem e algumas podem parecer redundantes para você. Algumas podem não ser relevantes para seus propósitos ou para o escopo de suas necessidades específicas de exegese em qualquer passagem. Portanto, seja seletivo. Ignore o que não se aplica à sua passagem e tarefa. Enfatize o que faz.

Os pastores e outros que trabalharão principalmente a partir do guia para a exe-gese do sermão no capítulo 3 devem familiarizar-se com o conteúdo deste capítulo primeiro, visto que constitui a base para a condensação no capítulo 3.

1.1. Texto

1.1.1. Confirme os limites da passagem

Tente ter certeza de que a passagem que você escolheu para a exegese é uma unidade genuína e independente (às vezes chamada de perícope). Evite cortar um poema no meio de uma estrofe ou uma narrativa no meio de um parágrafo - a menos que essa seja a tarefa para a qual você está trabalhando, ou a menos que você explique claramente ao seu leitor porque você escolheu exegetar uma seção de uma passagem completa . Seu principal aliado é o bom senso. A sua passagem tem começo e fim reconhecíveis? Tem algum tipo de conteúdo coeso e significativo que você possa observar? Verifique sua decisão em relação ao texto hebraico e às traduções modernas. Não confie nas divisões de versículos e capítulos do AT, que se

originaram nos tempos medievais. Eles não são originais e costumam ser completamente enganosos.

Observação: Você pode achar confuso começar com a análise textual de sua passagem se seu conhecimento de hebraico ainda não for adequado. Nesse caso, primeiro prepare uma tradução tosca e uniforme da passagem do hebraico. Não se atrase desnecessariamente neste ponto. Use uma tradução moderna confiável como seu guia, ou uma interlinear, se desejar (consulte 4.2.2 [capítulo 4, seção 2, subseção 2]). Depois de ter uma ideia prática do que significam as palavras hebraicas, você pode retomar a análise textual com proveito.

1.1.2. Compare as versões

De tantos quantos você puder ler das versões grega, siríaca, aramaica, latina e Qumran da passagem, isole quaisquer palavras ou frases que não pareçam corresponder ao texto hebraico em que você está trabalhando. Uma vez que todas essas versões em idiomas antigos têm traduções para o inglês (ver 4.2.2), você pode realmente trabalhar com elas de forma lucrativa, mesmo que não conheça um ou mais desses idiomas.

Consulte o aparato crítico no BHS (e talvez os aparelhos no antigo BH^3se você tem acesso a ele e / ou qualquer parte do BHQ [Quinta] mais recente foi publicado no momento em que você está fazendo sua exegese), mesmo que nenhum deles esteja completo e qualquer comentário em um aparelho pode ser difícil de decifrar porque é normalmente escrito em latim abreviado (!). Felizmente, os guias de decifração mencionados em 4.1.5 são muito úteis. Examine as diferenças (chamadas de variantes). Tente decidir, da melhor maneira possível, se alguma das variantes é possivelmente mais apropriada para a passagem (ou seja, possivelmente mais original) do que as palavras correspondentes no texto hebraico. Para fazer isso, você deve traduzir a variante de volta para o hebraico (normalmente via inglês) e, em seguida, julgar se ela se encaixa melhor no contexto. Freqüentemente, você pode ver exatamente como uma variante resultou de uma corrupção (um antigo erro de cópia que foi preservado nas cópias subsequentes) no texto hebraico. Tome essas decisões da melhor maneira que puder, consultando comentários críticos e outras ajudas (ver 4.1) para orientação. Às vezes, especialmente em uma seção poética, uma corrupção será simplesmente insolúvel: a formulação pode não fazer muito sentido no hebraico como está, mas você não pode descobrir uma alternativa convincente. Nesses casos, deixe o texto recebido sozinho. Sua tarefa é reconstruir, tanto quanto possível, o texto originalmente inspirado por Deus, não reescrevê-lo. uma corrupção será simplesmente insolúvel: a formulação pode não fazer muito sentido no hebraico como está, mas você não pode imaginar uma alternativa convincente. Nesses casos, deixe o texto recebido sozinho. Sua tarefa é reconstruir, tanto quanto possível, o texto originalmente inspirado por Deus, não reescrevê-lo. uma corrupção será

simplesmente insolúvel: a formulação pode não fazer muito sentido no hebraico como está, mas você não pode imaginar uma alternativa convincente. Nesses casos, deixe o texto recebido sozinho. Sua tarefa é reconstruir, tanto quanto possível, o texto originalmente inspirado por Deus, não reescrevê-lo.

1.1.3. Reconstrua e anote o texto

Faça o seu melhor palpite no texto hebraico original. Normalmente você deve imprimir o texto original reconstruído por completo. Se sua reconstrução omite

quaisquer palavras ou letras do texto recebido, marcar as omissões entre colchetes: []. Se você inserir ou substituir palavras ou letras, coloque a nova parte entre colchetes angulares: <>. Marque cada um desses pontos com uma letra em relevo (letras são melhores do que números para esses tipos de notas, uma vez que não podem ser confundidos com números de versos) e nas notas de rodapé relacionadas a essas letras, explique de forma clara e simples suas razões para as mudanças. É aconselhável também anotar todas as palavras que você não alterou, mas que outra pessoa possa pensar que devam ser alteradas. Forneça uma explicação de todas as suas decisões significativas a favor ou contra as alterações no texto, não apenas aquelas que resultaram em alterações reais.

Normalmente, este texto reconstruído deve constituir o início de seu trabalho / projeto de exegese, seguindo imediatamente a tabela de conteúdo (se houver), prefácio (se houver) e introdução. Felizmente, os problemas textuais raramente são tão frequentes ou importantes a ponto de afetar o sentido de uma passagem. Portanto, uma proposta de revisão textual (isto é, revisão do TM) que afete materialmente o sentido da passagem provavelmente exigirá uma grande discussão neste ponto do artigo / projeto.

1.1.4. Apresentar poesia de forma versificada

Na maioria dos casos, você pode esperar o BHS (ou BH^3ou BHQ) para identificar a poesia corretamente e para organizar as linhas da poesia de acordo com o sentido de paralelismo e ritmo (métrica) do editor. O processo de arranjo e o arranjo em si são chamados de esticometria.

O paralelismo entre as palavras e frases é o principal critério para decidir a esticometria. Um critério secundário é o medidor (ver 4.6.4). Se você decidir por uma esticometria diferente para sua passagem daquela indicada pelo editor de BH (suas esticometrias podem ser bastante subjetivas e nem sempre estão corretas), certifique-se de fornecer seu raciocínio em uma nota de rodapé. As traduções modernas para o inglês geralmente organizam a poesia esticometricamente. Consulte-os também, porque seu senso de como o paralelismo funciona pode ser instrutivo e economizar tempo, fornecendo uma boa verificação da abordagem do editor de BH.

1.2 Tradução

1.2.1. Prepare uma tradução provisória de seu texto reconstruído

Comece de novo, desde o início. Procure em um léxico como o de Holladay (ver 4.4.1) todas as palavras cujo alcance de significado você não tem

certeza absoluta. Para as palavras mais significativas, tente pelo menos folhear mais

artigos de léxico extensos em léxicos importantes, como Koehler-Baumgartner ou Brown-Driver-Briggs (ver 4.4.1). Para quaisquer palavras que pareçam ser centrais ou essenciais para o significado de sua passagem, é aconselhável, neste ponto ou em conexão com sua análise do conteúdo lexical (etapa de exegese 1.4.3), consultar os estudos de palavras detalhados (estudos de conceito) nas ajudas referidas em 4.4.3. Lembre-se de que a maioria das palavras não tem um único significado, mas sim uma gama de significado (s), e que há uma diferença entre uma palavra e um conceito (na etapa 1.4.3 explicamos isso mais detalhadamente). Uma única palavra hebraica raramente corresponde precisamente a uma única palavra em inglês, mas pode variar em significado por meio de todas ou partes de várias palavras diferentes em inglês. A tradução, portanto, quase sempre envolve seleção.

1.2.2. Verifique a correspondência de texto e tradução

Leia seu texto em hebraico indefinidamente. Saiba como um amigo. Se possível, memorize partes dele. Leia sua tradução repetidamente (em voz alta). O hebraico e o inglês parecem o mesmo em sua mente? Você usou uma palavra rara ou complicada em inglês para traduzir uma palavra hebraica comum ou simples? Em caso afirmativo, a precisão de significado resultante supera em valor o efeito perturbador no leitor ou ouvinte? Você já considerou a possibilidade de usar várias palavras em inglês para transmitir o significado de uma palavra em hebraico? Ou vice-versa? Sua passagem contém palavras ou frases que originalmente eram genuinamente ambíguas? Nesse caso, tente reproduzir em vez de mascarar a ambigüidade em sua tradução para o inglês. Uma boa tradução é aquela que cria para o ouvinte a mesma impressão geral que o original faria, sem distorcer o conteúdo específico transmitido.

1.2.3. Revise a tradução à medida que você continua

À medida que você continua a fazer a exegese de sua passagem, especialmente ao examinar cuidadosamente os dados gramaticais e lexicais, é quase certo que você aprenderá o suficiente para fazer melhorias em sua tradução provisória. Isso ocorre porque a (s) palavra (s) que você escolhe para um determinado ponto na passagem precisam se adequar bem ao contexto geral. Quanto mais você souber sobre toda a passagem, melhor terá uma "sensação" adequada para selecionar a palavra, frase ou expressão certa em cada parte. A parte deve caber no todo. Além disso, ao tomar decisões sobre os contextos literários e teológicos de sua passagem, você

também estará desenvolvendo um melhor julgamento sobre a tradução. Tente avaliar o uso de uma palavra, frase ou expressão em seu

contextos amplos (o livro, o AT, a Bíblia como um todo) e seus contextos imediatos (sua passagem, o capítulo, os capítulos circundantes). A diferença pode ser significativa. Por exemplo, embora você possa ter assumido que a palavra hebraica tyib%significa "casa" em sua passagem, um olhar mais amplo sobre seus usos ao longo do AT mostra que em uma expressão como dywId% f tyb @podeesignifica "família", "dinastia" ou "linhagem". O que combina com o seu passagem melhor? O que torna sua passagem mais clara para o leitor? Ao fazer esse tipo de pergunta, você ajuda a garantir que não negligenciará as opções de tradução potencialmente úteis.

1.2.4. Forneça uma tradução finalizada

Depois que sua pesquisa for concluída e você tiver se beneficiado da literatura secundária, bem como de todas as outras etapas do processo de exegese, e estiver pronto para escrever o rascunho final, coloque a tradução finalizada imediatamente após o texto. Use anotações (notas de rodapé - novamente, para esses caracteres de chamada de nota, as letras têm menos probabilidade de causar confusão com os números dos versos do que os dígitos) para explicar as escolhas de palavras que podem ser surpreendentes ou simplesmente não óbvias para o seu leitor. Você não é obrigado, no entanto, a explicar qualquer palavra que também tenha sido escolhida por várias versões modernas, a menos que pareça que sua escolha, mesmo que unânime, é questionável de alguma forma. Use as notas de rodapé para informar ao leitor outras traduções possíveis de uma palavra ou frase que você considera ter mérito.

1.3. Dados gramaticais

1.3.1. Analise as questões gramaticais significativas

Uma compreensão correta da gramática é essencial para uma interpretação adequada da passagem. Há algum ponto gramatical em dúvida? Alguma frase, oração ou frase poderia ser lida de maneira diferente se a gramática fosse interpretada de maneira diferente? Tem certeza de que deu o devido peso às nuances de significado inerentes às conjugações verbais específicas e não apenas às raízes verbais? Pequenas variações na sintaxe podem transmitir variações significativas de significado. As formações sintáticas em sua passagem são claramente compreendidas? A sua tradução precisa de revisão ou anotação de acordo? Existem ambigüidades genuínas que tornam impossível uma interpretação definida de alguma parte da passagem? Em

caso afirmativo, quais são, pelo menos, as opções possíveis? A gramática é anômala (não é o que seria de esperar)

em algum ponto? Em caso afirmativo, você pode oferecer alguma explicação para a anomalia? Preste atenção também às elipses, asyndeton, prostaxis, parataxis, anacoluthon e outras características gramaticais especiais relacionadas à interpretação. (Para definições, consulte o Manual de Soulen - mencionado na introdução.)

1.3.2. Analise a ortografia e morfologia para datas ou outras afinidades

Todos os principais textos da Bíblia Hebraica contêm uma ortografia (estilo de grafia) característica do período persa (pós-exílico), visto que os textos selecionados para o status oficial pelos rabinos do primeiro século DC eram aparentemente cópias do período persa. Em muitos pontos importantes, no entanto, traços de ortografias mais antigas são discerníveis (em 4.3.2, ver Freedman, Forbes e Andersen, Studies in Hebrew and Aramaic Orthography). A passagem tem alguma dessas grafias mais antigas ou traços de características morfológicas antigas especiais? Morfologia refere-se a partes de palavras que afetam o significado, como sufixos e prefixos. (Para exemplos, ver David A. Robert-son, Linguistic Evidence in Dating Early Hebrew Poetry [Missoula, MT: Scholars Press, 1972].) Se sim, eles podem ajudar a indicar a data ou mesmo a origem geográfica de sua passagem; a presença deles em outros lugares pode ajudá-lo a classificar sua passagem em comparação com outras. É necessário pelo menos um conhecimento de nível intermediário de hebraico para esta tarefa.

1.4. Dados Lexicais

1.4.1. Explique todas as palavras e conceitos que não são óbvios

Lembre-se de que existe uma diferença entre uma palavra e um conceito. Um determinado conceito pode ser expresso por muitas palavras ou formulações diferentes. Um excelente lembrete disso é a parábola de Jesus do Bom Samaritano em Lucas
10. Ele conta a parábola para demonstrar o que significa amar o próximo como a si mesmo, mas a parábola não contém a palavra "amor" ou a palavra "vizinho" ou a palavra "eu" - embora ensine poderosamente o conceito de amar vizinho como eu. Portanto, é importante perceber que seu propósito ao analisar os dados lexicais é entender os conceitos individuais de sua passagem, sejam esses conceitos transmitidos por palavras isoladas, grupos de palavras ou pela forma como todas as palavras são colocadas juntas em uma perícope coerente.

Trabalhe em ordem decrescente de tamanho de frases inteiras ou mesmo grupos de frases (se aplicável) por meio de orações (se aplicável) por meio de frases (como expressões idiomáticas) para palavras e partes de palavras.

Usando as várias ajudas disponíveis (ver 4.4), tente definir para o seu leitor quaisquer conceitos, palavras ou redações

isso pode não estar claro ou cuja força não seria notada sem que a atenção fosse chamada a eles. Algumas dessas explicações podem ser bastante breves, outras bastante detalhadas. Os nomes próprios quase sempre merecem alguma atenção. O mesmo ocorre com os idiomas, uma vez que, por definição, um idioma é uma expressão que não pode ser traduzida literalmente, significando palavra por palavra. Ao citar palavras da passagem, use as letras hebraicas ou uma transliteração sublinhada delas.

1.4.2. Concentre-se nos conceitos, palavras e formulações mais importantes

Trabalhando em ordem decrescente de tamanho, isole tudo o que você considera especialmente significativo ou fundamental para a interpretação da passagem. Monte uma lista de talvez seis a doze conceitos, palavras ou formulações importantes. Tente classificá-los em ordem do mais crucial para o menos crucial. Concentre-se neles, dizendo ao leitor por que são importantes para a interpretação. O significado de uma passagem é construído a partir do significado de seus conceitos, e quanto mais claramente eles são explicados, mais claramente a passagem pode ser entendida.

1.4.3. Faça "estudos de palavras" (na verdade, estudos de conceito) das palavras ou formulações mais importantes

Usando o procedimento descrito em 4.4.3, tente analisar o mais crucial - portanto, não um grande número - das palavras-chave ou redações da passagem. Apresente ao leitor um resumo de seus procedimentos e descobertas. (Muitas das informações estatísticas ou procedimentais podem ser relegadas a notas de rodapé.) Não negligencie o (s) significado (s) teológico (s) específico (s) de palavras ou redações ao considerar as várias faixas de significado. Além disso, certifique-se de não apenas analisar palavras individuais, mas também palavras em combinação - incluindo combinações às vezes separadas umas das outras por palavras intermediárias - porque as combinações de palavras também transmitem conceitos. Seja o mais indutivo possível, comparando suas conclusões em vez de derivá-las dos dicionários teológicos.

1.4.4. Identifique quaisquer características semânticas especiais

A semântica (a relação entre conteúdo e significado) da passagem é freqüentemente afetada por características como ironia, anáfora, epífora,

paronomasia, metonímia, hendíades, fórmulas, empréstimos, arqueologia proposital e esquisitices etimológicas. Procure-os e traga-os à atenção do seu leitor. Sempre que possível, mostre como eles afetam a interpretação.

1,5. Forma

1.5.1. Identifique o tipo literário geral (gênero)

Primeiro, localize a passagem dentro das categorias amplas e gerais de tipos literários contidos no AT. Decida se sua passagem é um tipo de prosa, um ditado, uma "canção" ou uma combinação (tais categorias básicas são definidas em qualquer um dos guias gerais para formar a análise listada em 4.5.1).

1.5.2. Identifique o tipo literário específico (forma)

Descreva com mais precisão que tipo de prosa, ditado ou canção a passagem realmente é. Por exemplo, se você decidir que é uma narrativa histórica, você deve então julgar se é um relato, uma história popular, uma autobiografia geral, um relato de visão de sonho, uma autobiografia profética ou algum outro específico tipo de narrativa histórica. Isso é importante: você deve fazer o seu melhor para identificar o tipo específico, porque é isso que permite compará-lo com outros tipos em outras partes da Bíblia (e às vezes na literatura fora da Bíblia) e, assim, aprender quais elementos em sua passagem são típicos de sua forma literária e quais elementos são exclusivos de sua passagem e, portanto, de valor especial para interpretar sua passagem em oposição a outras.

Você deve conhecer o tipo literário geral e específico de sua passagem antes de poder analisar sua forma ou formas. Apenas os tipos específicos - não gerais - têm "formas". Ou seja, cada tipo literário específico é identificável porque tem certas características reconhecíveis (incluindo tanto seu conteúdo ou "ingredientes" e a ordem em que esses ingredientes ocorrem) que o tornam uma forma. Por exemplo, cada "relato de sonho" no OT tende a ter certas características que compartilha com todos os outros relatos de sonho. Os conteúdos específicos dos vários relatos de sonhos podem ser diferentes, mas as características não; cada relato de sonho contém aproximadamente o mesmo tipo de coisas. Diz-se que eles têm o mesmo formulário, que chamamos de "formulário de conta dos sonhos".

Há uma complicação aqui da qual você deve estar ciente: os estudiosos podem usar termos diferentes para se referir aos formulários do OT porque não existe um sistema padronizado de terminologia. Portanto, o que um estudioso pode se referir como uma "forma de relato de sonho", outro pode chamar de "relato de sonho", outro pode chamar de "narrativa de sonho", outro pode chamar de "narrativa de revelação do sono" e assim por diante. Além disso, os estudiosos às vezes usam palavras hebraicas em seus nomes para formas, então o que um estudioso chama de "forma de ação judicial do

pacto", outro pode chamar de "forma rîb" (rîb sendo a palavra hebraica para "lei-

terno / caso legal ”), outro ainda pode chamar um“ byrIform ”(usando o alfabeto hebraico real para soletrar rîb), e assim por diante. Seria bom se a terminologia fosse padronizada, mas isso ainda não aconteceu e não é provável que aconteça tão cedo.

1.5.3. Procure por subcategorias

Um objetivo principal da análise de forma é comparar sua passagem com outras de forma semelhante e explorar o conhecimento que resulta dessa comparação. Portanto, é melhor descrever um formulário da forma mais específica possível, sem torná-lo totalmente único. Por exemplo, se sua passagem contém um relato de sonho que inclui uma conversa entre um anjo e um profeta, você provavelmente obterá dados exegéticos mais frutíferos de uma comparação de seu relato de sonho com outros que também contêm um diálogo profeta-anjo, em vez do que com todos os relatos de sonhos encontrados em qualquer lugar do OT. Você pode até decidir que tentará chamar sua forma de "relato do sonho do diálogo profeta-anjo". Como já observamos, a terminologia usada pelos estudiosos na análise de formulários não é muito padronizada, certamente não tão padronizado a ponto de descartar uma liberdade de terminologia cautelosamente exercida de sua parte. No entanto, não tente categorizar seu formulário a ponto de torná-lo único. Nesse ponto, é inútil até mesmo falar de uma forma, e os benefícios cruciais da comparação são perdidos. Os elementos que não podem ser comparados são os elementos especiais que exigem atenção cuidadosa em outras partes de sua exegese e que distinguem sua passagem de todas as outras. Sua singularidade não define, no entanto, a forma. A forma é definida mais pelo que é típico ou compartilhado com outras passagens. Os elementos que não podem ser comparados são os elementos especiais que exigem atenção cuidadosa em outras partes de sua exegese e que distinguem sua passagem de todas as outras. Sua singularidade não define, no entanto, a forma. A forma é definida mais pelo que é típico ou compartilhado com outras passagens. Os elementos que não podem ser comparados são os elementos especiais que exigem atenção cuidadosa em outras partes de sua exegese e que distinguem sua passagem de todas as outras. Sua singularidade não define, no entanto, a forma. A forma é definida mais pelo que é típico ou compartilhado com outras passagens.

1.5.4. Sugira um cenário de vida

Tente ligar a passagem (no sentido de sua forma ou formas) com a situação real de seu uso. Às vezes, o próprio texto faz isso por você. Caso contrário, você deve trabalhar inferencialmente e com cuidado. Pode ser óbvio que um profeta pegou emprestado a forma de canto fúnebre da situação de vida dos funerais e reutilizou a forma de uma forma profética, como cantar um canto fúnebre preditivo para Israel, que deve ser destruído por Yahweh. Mas não é tão óbvio onde o cenário de vida de um salmo de "lamento comunitário" deve ser localizado. Conhecer o ambiente de vida original (geralmente chamado de Sitz im Leben) geralmente ajuda você a entender a passagem de uma forma concreta. Mas uma ênfase exagerada no ambiente de vida pode ser contraproducente. O fato

que um salmo, por exemplo, tenha a forma de um cântico de ascensão real não deve levar à conclusão de que ele não tem função ou significado no AT (ou entre os cristãos hoje) a não ser como parte do antigo ritual de coroação de Jerusalém. Sua configuração original como forma é uma coisa; seu potencial de adaptação e reutilização para toda uma variedade de ambientes secundários (literário, cultural, teológico, etc.) é outro. Tente, então, equilibrar uma sensibilidade à origem teórica da forma com seu uso real no contexto de sua passagem.

1.5.5. Analise a integridade do formulário

Compare sua passagem com outras passagens que têm a mesma forma. No caso particular de sua passagem, quão completamente a forma dada é representada? Todos os seus elementos habituais estão presentes? Em caso afirmativo, há também algo estranho à forma que está presente? Se não, que elementos faltam? Estão faltando porque a passagem é logicamente elíptica (deixa certos elementos óbvios não expressos) ou porque foi modificada propositalmente? A elipse ou modificação diz a você algo sobre o que a passagem está focando ou quais são suas ênfases especiais? As diferenças entre sua passagem e todas as outras da mesma forma essencial são o que torna sua passagem única e dá a ela sua função especial na Bíblia. Tente compreender o melhor que puder essa singularidade e essa função.

Sua passagem contém mais de uma forma, como muitas passagens contêm? Em caso afirmativo, como os formulários devem ser separados? A passagem contém uma mistura de formas ou uma forma dentro de uma forma (por exemplo, um enigma dentro de um relato de sonho ou um discurso de mensageiro dentro de um oráculo de infortúnio)? Ou a sua passagem é parte de uma forma maior, cuja extensão total vai além dos limites da sua passagem? Em caso afirmativo, que papel sua passagem e sua (s) forma (ões) desempenham na forma maior?

1.5.6. Esteja alerta para formulários parciais e quebrados

Na maioria das vezes, todos os elementos conhecidos de um determinado formulário não estarão presentes em nenhuma instância específica de seu uso. Quanto mais comum for a forma, mais provável será que ela seja parcial, contendo apenas alguns de todos os elementos possíveis que podem ser encontrados no exemplar mais completo e completo de tal forma. Por exemplo, quando os profetas repetem a palavra de Yahweh na forma rîb (ação judicial do pacto), às vezes apresentam apenas um aspecto, como o discurso de acusação ou a sentença de julgamento. Presumivelmente, seu público foi imediatamente reconhecido pelo

de forma parcial que um processo divino estava sendo descrito, da mesma forma que podemos reconhecer apenas pelas palavras “Interrompemos esta transmissão para trazer vocês. . . ” a forma usada hoje quando uma notícia importante está aparecendo. Uma forma parcial funciona para sugerir o propósito, o tom, o estilo e o público da forma completa, sem os detalhes desnecessários e o volume necessários para a forma completa. Uma forma também pode ser quebrada (segmentada) pela inclusão de outro material dentro da forma, de modo que suas partes constituintes sejam amplamente separadas umas das outras. Às vezes, o início e o fim de um formulário são usados para fazer um sanduíche de material tecnicamente estranho ao formulário adequado. Esse tipo de sanduíche é conhecido como inclusio. O material lixado em tal inclusão geralmente está relacionado, mas não é tecnicamente parte da forma.

Tenha cuidado com a avaliação histórica e atomização. Consideráveis críticas foram levantadas contra essas duas práticas passadas de muitas formas críticas. A avaliação histórica era a prática de questionar parte ou toda a exatidão do conteúdo histórico em uma determinada forma, sob a teoria de que certos tipos de formas preservavam dados históricos mais genuínos do que outros. A atomização era a prática de presumir que as formas mais básicas eram encontradas nas unidades menores - aquelas com um verso ou dois de comprimento - e que as unidades maiores eram secundárias. Ambas as práticas basearam-se em suposições que agora são amplamente questionadas. Você deve evitá-los em sua própria exegese.

1.6. Estrutura

1.6.1. Contorne a passagem

Tente construir um esboço que represente genuinamente as principais unidades de informação. Em outras palavras, o esboço deve ser uma conseqüência natural, não artificial, da passagem. Observe quantos componentes estão incluídos em cada tópico (quantitativo) e também a intensidade ou significância geral dos componentes (qualitativo). Deixe a passagem falar por si mesma. Ao ver um novo tópico, assunto, problema, conceito ou semelhante, você deve construir um novo tópico para o seu esboço. Não há critérios automáticos para delineamento. Não se deixe enganar por sugestões de que você pode contar repetições ou identificar palavras "transitórias" (comoNkelf, “Portanto”) e derivar mecanicamente o esboço de sua passagem. Em vez disso, seu esboço deve ser seu melhor julgamento sobre como as unidades principais de informação na passagem

se agrupam logicamente. Alguns teóricos da aprendizagem sugerem que os melhores contornos

conterá de três a cinco unidades principais, visto que a maioria das pessoas tem dificuldade em compreender ou lembrar seis ou mais elementos abstratos de uma vez, e menos de três elementos dificilmente constituem um esboço adequadamente descritivo. No entanto, seu esboço deve ser um reflexo de seu melhor julgamento sobre a estrutura lógica de sua passagem, e o número de elementos no esboço deve, portanto, refletir as unidades principais de informação, por mais numerosas que sejam.

Depois de delinear as divisões principais, trabalhe nas divisões menores, como sentenças, orações e frases. Estes devem ser visivelmente subordinados às divisões principais. O esboço deve ser o mais detalhado possível, sem parecer forçado ou artificial. A partir do esboço, você pode fazer observações sobre a estrutura geral.

1.6.2. Procure padrões

Qualquer passagem bíblica cujos limites foram devidamente identificados terá uma lógica autoconsistente composta de padrões de pensamento significativos. Tente identificar os padrões, procurando especialmente por características-chave como desenvolvimentos, retomadas, formas únicas de frase, palavras centrais ou essenciais, paralelismos, quiasmas, inclusios e outros padrões repetitivos ou progressivos. As chaves para os padrões são, na maioria das vezes, repetição e progressão. Procure qualquer evidência de repetição de um conceito, palavra, frase, expressão, raiz, som ou outra característica identificável e analise a ordem da repetição. Faça o mesmo com as progressões, analisando-as também. Dessa análise podem surgir percepções úteis. A poesia, por sua própria natureza, freqüentemente contém mais (e mais impressionantes) padrões estruturais do que a prosa. Mas qualquer passagem, devidamente definida, tem padrões estruturais que devem ser analisados e os resultados interpretados para o seu leitor. Aponte especialmente o inesperado ou único, visto que isso faz parte do que torna sua passagem diferente de qualquer outra e, assim, contribui para seu caráter e significado especiais.

1.6.3. Organize sua discussão sobre a estrutura de acordo para unidades decrescentes de tamanho

Primeiro, discuta o padrão geral de estrutura de tópicos, as três a cinco (ou mais) unidades principais. Em seguida, discuta o que você acha que é importante entre os subpadrões nas unidades principais, um de cada vez.

Mova na ordem da unidade maior para a menor: da passagem para parágrafos, para versos, para cláusulas, para palavras, para

sons. Sempre que possível, descreva se você acha que um padrão é primário, secundário ou simplesmente menor, e como ele é importante para a interpretação da passagem.

1.6.4. Avalie a intencionalidade dos padrões menores

Com tempo suficiente, a maioria das pessoas pode encontrar todos os tipos de padrões menores não muito óbvios em uma passagem: uma preponderância de certos sons vocálicos aqui, a repetição de uma raiz verbal ali, a ocorrência de uma determinada palavra exatamente tantas palavras após a outra em dois versículos diferentes e assim por diante. A questão é: esses padrões menores por acaso apareceram aleatoriamente (de acordo com o que algumas pessoas chamam de "lei das médias") ou foram construídos intencionalmente pelo antigo orador ou escritor inspirado? Presumimos que os principais padrões, por serem tão óbvios, eram intencionais. Também presumimos que muitos padrões menores foram intencionais, especialmente quando podemos ver tais padrões ocorrendo repetidamente ao longo de um determinado livro do AT ou parte dele ou em paralelo com outros livros. Mas como podemos ter certeza? Existe apenas um critério: Pergunte se é provável que o antigo falante / escritor tenha composto o padrão para um propósito, e / ou se o antigo ouvinte / leitor poderia razoavelmente ter notado o padrão ao ouvir ou ler a passagem. Em seu julgamento, se é provável que a resposta seja sim, avalie o padrão como intencional. Se não, identifique o padrão como provavelmente não intencional ou semelhante e seja cauteloso ao fazer inferências exegéticas a partir dele.

1.6.5. Se a passagem for poética, analise-a de acordo

Usando o paralelismo semântico (significado) como guia, organize as linhas da poesia paralelamente umas às outras. Em seguida, tente identificar o medidor de cada linha. Se possível, revoque o texto para refletir a pronúncia original tanto quanto possível e descreva a métrica de acordo com as sílabas por linha (o método mais preciso). Caso contrário, descreva o medidor de acordo com os acentos (menos preciso, mas ainda útil). Observe quaisquer características ou padrões métricos especiais. Identifique quaisquer agrupamentos sugeridos pela contagem métrica. Embora os conceitos de estrofe e estrofe não sejam nativos da poesia hebraica, você pode dividir um poema em seções ou partes se achar que tal divisão realmente parece ser inerente ao poema, com base em uma mudança de cena, tópico ou estilo. Os

padrões de rima ou acróstico são raros, mas merecem atenção cuidadosa, se presentes.

contextos e padrões métricos comparáveis, para expressar uma determinada ideia). As fórmulas são “frases-padrão” da poesia, especialmente da poesia musical.

Compare o uso de uma determinada fórmula em sua passagem com seu uso em outro lugar (consulte também a etapa 1.4, Dados lexicais). Observe também a epífora (repetição de sons ou palavras finais) e outros padrões que freqüentemente aparecem na poesia. Identifique quaisquer instâncias intencionais de assonância (repetição ou justaposição de sons semelhantes), paronomasia (jogo de palavras, incluindo trocadilhos), figura etymologica (variação das raízes das palavras, muitas vezes incluindo nomes) e outros recursos poéticos semelhantes. No entanto, não procure rima. Porque muitas palavras hebraicas têm desinências semelhantes (a maioria dos singulares femininos terminando em -â [-aμ*h*], a maioria dos plurais femininos terminando em ôth-, a maioria dos plurais masculinos terminando em -îm), a rima era muito fácil e teria sido considerada "barata". Outros recursos poéticos eram testes muito melhores da habilidade de um poeta e, para um público, indicavam qualidade na expressão poética de uma maneira que a rima simplesmente não poderia.

1.7. Contexto histórico

1.7.1. Pesquise os antecedentes históricos

Tente responder às seguintes perguntas em sua pesquisa: Qual é o cenário da passagem? Exatamente que eventos levaram a este ponto? As principais tendências ou desenvolvimentos em Israel ou no resto do mundo antigo tiveram alguma influência sobre a passagem ou parte de seu conteúdo? Existem passagens paralelas ou semelhantes na Bíblia que parecem estar relacionadas às mesmas condições históricas? Em caso afirmativo, eles fornecem alguma ideia sobre a sua passagem? Sob quais condições históricas a passagem parece ter sido escrita? A passagem poderia ter sido escrita também em condições históricas muito diferentes? Se não, porque não? A passagem representa ou põe fim a algum estágio particular no progresso de algum evento ou conceito?

Deste ponto em diante, observe como as informações que você aprendeu sobre sua passagem afetam sua interpretação. Explique como essas informações históricas ajudam a compreender ou apreciar a passagem de alguma forma. Certifique-se de explorar quaisquer dados arqueológicos que possam existir sobre a passagem. Em alguns casos, pode não ser possível determinar nada específico sobre o contexto histórico de sua passagem. Por exemplo, às vezes este é o caso de passagens poéticas, como salmos ou provérbios que pretendem ser significativos em todos os momentos e

lugares. Em caso afirmativo, explique isso ao leitor. Descreva as implicações da falta de um contexto histórico claro, se houver, para sua passagem.

1.7.2. Pesquise o ambiente social

Tente responder às seguintes perguntas: Onde na vida de Israel estão localizados o conteúdo ou eventos da passagem? Que instituições sociais e civis influenciam a passagem? Como eles iluminam a passagem? A passagem ou alguma parte dela é diretamente relevante apenas para um antigo israelita (isto é, culturalmente "amarrado") ou é útil e significativo hoje, e até que ponto? Por quanto tempo ou extensão da cultura israelita (ou outra) os eventos da passagem (ou seus conceitos) foram possíveis ou prováveis? Os eventos ou conceitos são exclusivamente israelitas ou poderiam ter ocorrido ou sido expressos em outro lugar?

1.7.3. Pesquise o primeiro plano histórico

O que vem depois? A que a passagem leva? O que no final das contas acontece com as pessoas, lugares, coisas e conceitos da passagem, e como isso é significativo? A passagem contém informações essenciais para a compreensão de algo mais que ocorre ou é dito mais tarde? A passagem está no início de algum novo desenvolvimento? Onde a passagem se encaixa no escopo geral da história do AT? Existem implicações decorrentes de sua colocação?

1.7.4. Pesquise o cenário geográfico

A passagem tem procedência (um cenário geográfico ou "origem")? Em que nação, região, território tribal ou vila os eventos ou conceitos da passagem se aplicam? É, por exemplo, uma passagem do norte ou do sul (ou seja, refletindo uma origem do norte ou do sul, ou então focando especialmente em questões do reino do norte ou do sul), ou uma passagem intra-Israel ou extra-Israel, ou será que impossível de discernir? Tem uma perspectiva nacional ou regional? Está localizado de alguma forma? Questões como clima, topografia, distribuição étnica, cultura regional ou economia desempenham um papel? Há mais alguma coisa sobre a natureza da geografia que ilumine o conteúdo da passagem de alguma forma?

1.7.5. Data a passagem

Se a passagem for uma narrativa histórica, procure a data para os eventos conforme descrito. Se for um oráculo profético (mensagem revelada a um profeta), procure a data em que poderia ter sido entregue pelo profeta. Se for poesia de algum outro tipo, tente determinar quando pode ter sido composta.

Chegar em uma data precisa nem sempre é possível. Seja especialmente cauteloso ao usar literatura secundária, uma vez que a metodologia crítica de um estudioso determina em grande parte até que ponto alguém tenderá a considerar porções da Bíblia como "autênticas" (genuinamente representativas da época e eventos de que falam) ou não "autênticas" (na verdade, produtos de um período histórico posterior) e os datará de acordo.

Se você não pode sugerir uma data específica, pelo menos sugira a data antes da qual a passagem não poderia ter ocorrido ou ter sido composta (chamada de terminus a quo) e a data em que a passagem certamente já deve ter ocorrido ou foi composta (chamada de terminus ad quem). O contexto e o conteúdo da passagem, incluindo seu vocabulário, são seus principais guias até o momento.

Datar passagens proféticas com precisão costuma ser difícil ou impossível. Na maioria dos casos, a única maneira de proceder é tentar ligar a mensagem da passagem com circunstâncias históricas conhecidas de porções históricas do AT e outras fontes históricas do antigo Oriente Próximo. Normalmente, é isso que os comentários fazem nesses casos. Às vezes, é possível identificar uma circunstância histórica que constitui o pano de fundo ou o tema de um oráculo. Muitas vezes não é, e o oráculo não pode ser datado com maior precisão do que dentro dos limites do livro como um todo.

1.8. Contexto Literário

Alguma sobreposição está fadada a existir entre o contexto histórico e o contexto literário. O Antigo Testamento (AT) é uma revelação de orientação histórica e, portanto, suas progressões e ordenações literárias tenderão a corresponder à história real das relações de Yahweh com seu povo.

1.8.1. Examine a função literária

A sua passagem é parte de uma história ou grupo literário que tem começo, meio e fim discerníveis? Ele preenche, acrescenta, introduz, conclui ou contrabalança o livro ou seção de um livro do qual faz parte? É independente? Poderia ser colocado em outro lugar, ou é essencial para seu contexto atual? O que isso adiciona ao quadro geral? O que o quadro geral acrescenta a isso?

1.8.2. Examine o posicionamento

Como isso se encaixa na seção, livro, divisão, Testamento, Bíblia - nessa ordem? O que você pode descobrir sobre seu estilo, tipo, propósito, grau

de integração literária (grau ao qual a passagem está ligada ou "entrelaçada" no resto do livro), função literária e assim por diante? É um dos muitos textos semelhantes no mesmo livro ou talvez no AT como um todo? Em que sentido sua natureza é única para o material circundante e / ou sua posição dentro desse material de alguma forma única?

1.8.3. Analise os detalhes

Quão abrangente é a passagem? Se for histórico, quão seletivo foi? Em que coisas ele se concentra e o que não é dito? Ele relata os eventos de uma perspectiva especial? Em caso afirmativo, o que isso lhe diz sobre o propósito especial da passagem? Como sua perspectiva se relaciona com o contexto mais amplo? Se for poético, quão estreito ou amplo é seu alcance? Algum detalhe o ajuda a decidir se foi escrito em conexão com uma situação cultural ou histórica específica? Algum detalhe lhe dá uma idéia das intenções do autor?

1.8.4. Analise a autoria

O autor da passagem é identificado ou identificável? Se o autor pode ser identificado, quão certa é a identificação? Se a passagem é anônima, é possível sugerir geralmente a provável fonte humana ou meio a partir do qual Deus comunicou sua palavra? Pode-se discernir o tempo de sua composição, se a identidade do autor pode ou não ser conhecida com certeza? É possível que o material originalmente escrito por outra pessoa tenha sido reutilizado, adaptado ou incorporado a uma estrutura maior por um "escritor" ou "editor" inspirado posteriormente? Isso te diz alguma coisa teologicamente? Isso o ajuda a seguir melhor a lógica da passagem? Se o autor for conhecido explícita ou implicitamente, esse conhecimento o ajudará a conectar a passagem, incluindo seus motivos, estilo, vocabulário e assim por diante, com outras porções das Escrituras da mão do mesmo autor? Isso é de alguma forma instrutivo para a interpretação da passagem? O autor aqui revela alguma característica única (estilisticamente, por exemplo), ou a passagem é típica da escrita do autor em outro lugar?

1.9. Contexto Bíblico

Neste ponto, você deve começar a desenhar provisoriamente em sua mente as descobertas essenciais das seções anteriores com o propósito de se concentrar na "mensagem" específica da passagem conforme ela se relaciona de forma mais ampla

para a mensagem de seu contexto imediato e mais amplo. Em outras palavras, você não pode mais prestar atenção apenas às características individuais da passagem. Como a passagem como uma entidade completa realmente se encaixa em um corpo mais amplo de verdade agora chama a atenção.

Neste estágio, você pode achar útil resumir para si mesmo o que você considera ser a mensagem da passagem - incluindo seu (s) ponto (s) central (is), características essenciais, implicações inconfundíveis ou semelhantes. Tal resumo é necessariamente um tanto provisório, mas ajuda a focar sua atenção no significado bíblico e teológico da passagem. Os três procedimentos delineados a seguir destinam-se a ajudá-lo a progredir no que diz respeito às conexões da passagem com o resto das Escrituras, e os três que seguem no passo 1.10 devem ajudá-lo a relacionar a passagem à disciplina mais geral da teologia dogmática.

1.9.1. Analise o uso da passagem em outras partes das Escrituras

A passagem ou qualquer parte dela é citada ou aludida em algum outro lugar da Bíblia? Como? Por quê? Se for mais de uma vez, como e por que, e quais são as diferenças, se houver? O que a referência feita em outro lugar à passagem diz a você sobre como ela foi interpretada e como deve ser interpretada? Se for aludida, como a alusão esclarece como a passagem foi entendida dentro do contexto em que a alusão se encontra? Se for citado, como a circunstância em que é citado ajuda em sua interpretação? O fato de uma parte de uma passagem ser citada em outro lugar nas Escrituras pode dizer muito sobre seu impacto pretendido, sua singularidade, sua natureza fundamental teologicamente, ou algo semelhante.

1.9.2. Analise a relação da passagem com o resto das Escrituras

Como a passagem funciona dogmaticamente (ou seja, como ensinando ou transmitindo uma mensagem) na seção, livro, divisão, Testamento, Bíblia - nessa ordem? Ele tem alguma relação especial com quaisquer escritos apócrifos ou pseudo-epigráficos ou quaisquer outros escritos extra-bíblicos cujo conteúdo ou perspectiva possa iluminar a passagem? Como ele ou seus elementos se comparam a outras Escrituras que tratam do mesmo tipo de questões? A que é semelhante ou diferente? Pode ser necessário abordar essas questões com várias partes da passagem se você julgar que várias partes fazem afirmações individuais. Mas o objetivo principal é sempre ver a mensagem

sábio da passagem como um todo, uma vez que se encaixa e contribui para a revelação bíblica geral.

1.9.3. Analise a importância da passagem para a compreensão das Escrituras

O que depende disso em outro lugar? Que outros elementos das Escrituras ajudam a torná-la compreensível? Por quê? Como? A passagem afeta o significado ou valor de outras Escrituras de uma forma que cruza as linhas literárias ou históricas? A passagem se refere a questões tratadas da mesma maneira ou de maneiras diferentes em outras partes das Escrituras? A passagem existe principalmente para reforçar o que já pode ser conhecido de outras partes das Escrituras, ou faz uma contribuição genuinamente especial, talvez até única? Faça a si mesmo a seguinte pergunta: Suponha que a passagem não esteja na Bíblia. O que estaria perdido ou como a mensagem da Bíblia seria menos completa se a passagem não existisse? Responder a essa pergunta deve produzir resultados úteis para a apreciação do contexto bíblico.

1,10. Teologia

1.10.1. Localize a passagem teologicamente

Onde a passagem se encaixa dentro de todo o corpus de revelação que constitui a teologia cristã? Sob qual aliança ela se encaixa? Os aspectos dela são limitados em parte ou totalmente à Antiga Aliança como, por exemplo, certas práticas de sacrifício de culto ou certas regras para responsabilidades tribais seriam? Em caso afirmativo, ainda é relevante como um exemplo histórico da relação de Deus com os seres humanos, ou como uma indicação da santidade, padrões, justiça, imanência, transcendência, compaixão e assim por diante? (A razão pela qual a teologia é chamada de teologia [literalmente, o estudo de Deus] é que quanto melhor se entende Deus, melhor se entende do que se trata a vida, quais verdades e práticas são essenciais ou importantes e quais valores melhor protegem contra a desobediência a Deus . Pode-se entender muito sobre Deus a partir da aliança que Deus revelou a Israel, mesmo se vários aspectos dessa aliança forem substituídos pela Nova Aliança.) A passagem está relacionada a preocupações teológicas muito mais amplas que abrangem ambas as alianças e não estão estritamente vinculadas a nenhuma delas? A que doutrina (ões) a passagem se relaciona? Tem relevância potencial para as concepções doutrinárias clássicas de Deus, humanidade, anjos, pecado,

salvação, igreja, escatologia e assim por diante? Relaciona-se a essas áreas da doutrina por causa de seu vocabulário ou assunto, ou talvez por causa de algo menos explícito? (Uma passagem que mostra o) A passagem está relacionada a preocupações teológicas muito mais amplas que abrangem ambas as alianças e não são estritamente vinculadas a nenhuma delas? A que doutrina (ões) a passagem se relaciona? Tem relevância potencial para as concepções doutrinárias clássicas de Deus, humanidade, anjos, pecado, salvação, igreja, escatologia e assim por diante? Relaciona-se a essas áreas da doutrina por causa de seu vocabulário ou assunto, ou talvez por causa de algo menos explícito? (Uma passagem que mostra o) A passagem está relacionada a questões teológicas muito mais amplas que abrangem ambas as alianças e não são estritamente vinculadas a nenhuma delas? A que doutrina (ões) a passagem se relaciona? Tem relevância potencial para as concepções doutrinárias clássicas de Deus, humanidade, anjos, pecado, salvação, igreja, escatologia e assim por diante? Relaciona-se a essas áreas da doutrina por causa de seu vocabulário ou assunto, ou talvez por causa de algo menos explícito? (Uma passagem que mostra o

a natureza do amor de Deus por nós pode não mencionar o amor, Deus ou nós diretamente.)

1.10.2. Identifique os problemas específicos levantados ou resolvidos pela passagem

Vá além das áreas gerais da doutrina abordadas na passagem e identifique as questões específicas. Quais são os problemas, bênçãos, preocupações, confidências e assim por diante sobre os quais a passagem tem algo a dizer? Como a passagem fala a eles? Com que clareza eles são tratados na passagem? É a passagem que levanta dificuldades aparentes para algumas doutrinas enquanto resolve outras? Em caso afirmativo, tente lidar com essa situação sistematicamente e também de uma maneira que seja útil para seus leitores.

1.10.3. Analise a contribuição teológica da passagem

O que a passagem contém que contribui para a solução de questões doutrinárias ou apóia soluções oferecidas em outras partes das Escrituras? Quão maior ou menor é a contribuição da passagem? Quão certo você pode ter de que a passagem, devidamente compreendida, tem o significado teológico que você se propõe atribuir a ela? A sua abordagem concorda com a de outros eruditos ou teólogos que são conhecidos por terem se dedicado à passagem? Como a passagem se conforma teologicamente com todo o sistema de verdade contido na teologia cristã? (É uma suposição básica e de fato necessária que uma teologia apropriada deva ser consistente em geral e univocal: coerente e não contraditória.) Como sua passagem é compatível com o todo teológico maior? De que forma isso pode ser importante precisamente para esse todo? Funciona para contrabalançar ou corrigir qualquer posição teológica questionável ou extrema? Há algo sobre a passagem que não parece estar prontamente relacionado a uma expressão particular da teologia cristã? (Lembre-se de que a Escritura é primária e os sistemas teológicos são secundários.)

Que solução você pode oferecer para quaisquer problemas, mesmo provisoriamente? Se uma solução não está disponível prontamente, por quê? É porque a passagem é obscura, porque você não tem conhecimento ou porque as suposições e especulações exigidas talvez sejam grandes demais para serem convincentes? A Bíblia contém algumas coisas que do ponto de vista humano podem parecer difíceis de compreender ou mesmo paradoxais. Sua passagem trata de uma área onde há tantas incógnitas que você deve evitar tentar identificar alguns aspectos de sua contribuição

teológica? Se assim for, o seu leitor merece ser informado disso, mas de uma forma construtiva e não destrutiva.

forma ativa. Faça tudo o que puder para ordenhar a passagem por seu valor teológico, mas não force nada de ou para a passagem.

1,11. Aplicativo

Todos concordam que a exegese busca determinar o significado de uma passagem das Escrituras. Muitos exegetas acreditam, no entanto, que suas responsabilidades param no passado - que a exegese é a tentativa de descobrir o que o texto significava, não o que significa agora.

Colocar tais limites arbitrários na exegese é insatisfatório por três razões. Primeiro, ele ignora a razão última pela qual a vasta maioria das pessoas se envolve em exegese ou está interessada nos resultados da exegese: eles desejam ouvir e obedecer à palavra de Deus conforme ela é encontrada na passagem. Exege-sis, em outras palavras, é um entretenimento intelectual vazio quando divorciado da aplicação. Em segundo lugar, aborda apenas um aspecto do significado - o histórico - como se as palavras de Deus se destinassem apenas a gerações individuais e não também para nós e, de fato, para aqueles que nos seguirão no tempo. As Escrituras são nossas Escrituras, não apenas as Escrituras dos antigos. Por fim, deixa a própria interpretação existencial pessoal ou corporativa e o uso da passagem para a subjetividade. O exegeta, que conhece melhor a passagem, recusa-se a ajudar o leitor ou ouvinte da passagem no ponto exato em que o interesse do leitor ou ouvinte é mais agudo. O exegeta deixa a função-chave - a resposta - completamente às sensibilidades subjetivas do leitor ou ouvinte, que conhece menos a passagem. Naturalmente, o exegeta não pode realmente controlar o que o leitor ou ouvinte faz em resposta à passagem. Mas o exegeta pode - e deve - tentar definir as áreas dentro das quais uma resposta fiel será encontrada e, da mesma forma, alertar sobre áreas putativas de resposta que a passagem pode parecer superficialmente exigir, mas que acabam não sendo justificadas por os resultados de uma boa exegese. quem menos conhece a passagem. Naturalmente, o exegeta não pode realmente controlar o que o leitor ou ouvinte faz em resposta à passagem. Mas o exegeta pode - e deve - tentar definir as áreas dentro das quais uma resposta fiel será encontrada e, da mesma forma, alertar sobre áreas putativas de resposta que a passagem pode parecer superficialmente exigir, mas que acabam não sendo justificadas por os resultados de uma boa exegese. quem menos conhece a passagem. Naturalmente, o exegeta não pode realmente controlar o que o leitor ou ouvinte faz em resposta à passagem. Mas o exegeta pode - e deve - tentar definir as áreas dentro das quais uma resposta fiel será encontrada e, da mesma forma, alertar sobre áreas putativas de resposta que a passagem pode parecer superficialmente

exigir, mas que acabam não sendo justificadas por os resultados de uma boa exegese.

Tomar decisões sobre a aplicação é mais uma arte do que uma ciência; é qualitativo, não quantitativo. No entanto, as etapas de procedimento a seguir o ajudarão a isolar as questões aplicáveis da passagem sistematicamente e irão maximizar suas chances de relacionar essas questões apropriadamente às pessoas ou grupos para os quais sua exegese deve ser beneficiada. Uma aplicação deve ser tão rigorosa, tão completa e tão analiticamente sólida quanto qualquer outra etapa do processo de exegese. Não pode ser simplesmente acrescentado ao resto da exegese como uma espécie de reflexão espiritual posterior. Além disso, deve refletir cuidadosamente os dados da passagem para ser convincente. Seu leitor ou ouvinte precisa ver como você derivou a aplicação como o

estágio natural e final de todo o processo de estudo cuidadoso e analítico (exegese) de sua passagem.

A subjetividade é o principal inimigo da boa aplicação. Quando as pessoas pensam que podem derivar de uma passagem uma aplicação de alguma forma relevante para elas, mas não para outros, ou de alguma forma única para uma passagem, mas nem mesmo comparável às aplicações de passagens genuinamente semelhantes, a probabilidade de consistência lógica é reduzida e o a probabilidade de precisão está ameaçada.

A objetividade na aplicação é mais bem assegurada seguindo o tipo de processo sistemático descrito a seguir. Veja também "Uma lista de erros hermenêuticos frequentes" (no apêndice 2) para breves explicações de algumas das falácias hermenêuticas mais comuns que prejudicam a probabilidade de aplicação adequada.

1.11.1. Liste os problemas da vida

Um ponto de partida para a aplicação adequada de uma passagem é comparar os problemas da vida. Para aplicar uma passagem, você deve tentar decidir quais são seus problemas centrais e quais são apenas secundários. Em outras palavras, com que aspecto (s) da vida a passagem realmente se preocupa? Você deve tentar decidir como essas questões estão ou não ativas na vida de pessoas ou grupos hoje. O que "eu" ou "nós" encontramos hoje que é semelhante ou pelo menos relacionado ao que a passagem trata? As questões da vida emergirão dos dados exegéticos, por um lado, e de seu próprio conhecimento do mundo, por outro.

Primeiro identifique todas as questões potenciais da vida incluídas na passagem. Em seguida, identifique as questões transferíveis da passagem para a situação atual, usando as seguintes etapas para ajudar a tornar a transferência precisa. O público para o qual você está fazendo sua exegese pode ter um efeito sobre a maneira como você isola as questões, mas não deve alterá-las por si só.

1.11.2. Esclareça a natureza da aplicação (informa ou direciona?)

Os aplicativos geralmente podem ser de dois tipos: aqueles que basicamente informam o leitor e aqueles que basicamente direcionam o leitor. Uma passagem que descreve algum aspecto do amor de Deus pode ser considerada principalmente para informar. Uma passagem que funciona para comandar o leitor a amar a Deus de todo o coração, principalmente direciona. Obviamente, há uma sobreposição considerável entre informar e

direcionar, e uma passagem pode conter elementos que são ao mesmo tempo informativos e diretivos. No entanto, a força de

sua aplicação será muito mais clara e específica se você dividir a aplicabilidade dessa forma, pelo menos provisoriamente. Em primeiro lugar, maximize - inclua todas as possibilidades, sabendo que você descartará algumas ou a maioria mais tarde, após mais análises. Cuidado: As passagens narrativas geralmente não ensinam algo diretamente; em vez disso, eles ilustram o que é ensinado diretamente em outro lugar.

1.11.3. Esclareça as possíveis áreas de aplicação (fé ou ação)

As aplicações podem se enquadrar em duas áreas gerais: fé e ação. Na prática, fé e ação devem ser inseparáveis - um cristão genuíno não pode exibir uma sem a outra. Mas mesmo que devam pertencer à vida do cristão, fé e ação podem ser consideradas entidades distintas, e uma dada passagem, parte ou todo, pode se concentrar em uma mais do que na outra. Tente, portanto, decidir as áreas potenciais de aplicação para o material contido na passagem, dividindo provisoriamente as áreas em categorias de fé e ação. Seja inclusivo no início; rejeitar e descartar mais tarde.

1.11.4. Identifique o público do aplicativo

Existem basicamente dois públicos para os quais os aplicativos podem ser vistos como direcionados: o pessoal e o corporativo. O que na passagem dá informações ou orientações sobre fé ou ação para as pessoas? O que dizer de grupos ou estruturas corporativas? Se tal diferenciação não pode ser feita, por que não?

Se a passagem informa ou direciona os indivíduos, que tipo de indivíduos eles são? Cristão ou não cristão? Leigos ou clérigos? Pais ou filhos? Poderoso ou fraco? Altivo ou humilde? Desesperado ou confiante? O que na passagem deixa isso claro? Como a passagem se dirige ao objeto de sua informação ou direcionamento? Se a passagem informa ou direciona grupos ou entidades corporativas, de que tipo eles são? Igreja? Nação? Clero? Uma profissão? Uma estrutura social? Uma família? Pessoas que são aliadas próximas? Pessoas que estão em inimizade umas com as outras? Algum outro grupo ou combinação de grupos? E assim por diante.

1.11.5. Estabeleça as categorias do aplicativo

A aplicação é direcionada a assuntos principalmente de natureza pessoal ou principalmente de natureza interpessoal? Assuntos que se relacionam com o

pecado, ou talvez com a dúvida, ou talvez com a devida piedade? Ou para o relacionamento de Deus e

pessoas? A preocupação é social, econômica, moral, religiosa, espiritual, familiar, financeira ou outras áreas? E assim por diante.

1.11.6. Determine o foco de tempo do aplicativo

A passagem pede principalmente um reconhecimento de algo que ocorreu no passado como uma forma de nos orientar sobre o que Deus fez, como Deus é, ou quem somos em relação a ele, ou algo parecido? Ou espera fé ou ação presente? Talvez olhe principalmente para o futuro? O aplicativo envolve uma combinação de tempos? Existe uma preocupação com uma ação imediata? Ou o que a passagem exige mais é uma questão de resposta firme e consistente por um longo período de tempo? O momento da aplicação depende da natureza do público ou de algum outro fator? E assim por diante.

1.11.7. Corrija os limites da aplicação

Este é um passo importante: freqüentemente é tão valioso e necessário explicar como uma passagem não se aplica quanto explicar como se aplica. A passagem pede uma resposta que poderia ser mal interpretada e então levada longe demais? Se sim, como você pode definir o que está longe demais? A passagem exige uma aplicação secundária em vez de primária? Ou seja, sua passagem funciona mais como um fundo ou suporte, ou parte de uma passagem adicional ou maior que sugere mais especificamente uma aplicação do que sua passagem? A sua passagem é uma das várias que funcionam juntas para indicar uma dada aplicação que nenhuma delas individualmente indicaria, ou pelo menos indicaria da mesma maneira? Há alguma aplicação que a princípio possa parecer apropriada para a passagem, mas que após um exame mais cuidadoso não o é? Se for assim, identifique-os resumidamente para o seu leitor e apresente seu raciocínio. A passagem tem uma aplicação de duplo cano, como certas passagens messiânicas têm - uma aplicação tendo referência imediata para as pessoas que a ouviram pela primeira vez nos tempos do AT, a outra tendo mais uma referência de longo alcance, para pessoas em nossos dias? Em caso afirmativo, ambas as aplicações têm o mesmo peso agora? Eles tinham o mesmo peso quando a passagem foi falada ou escrita pela primeira vez? ambas as aplicações têm o mesmo peso agora? Eles tinham o mesmo peso quando a passagem foi falada ou escrita pela primeira vez? ambas as aplicações têm o mesmo peso agora? Eles tinham o mesmo peso quando a passagem foi falada ou escrita pela primeira vez?

Em geral, é provavelmente mais seguro limitar as aplicações potenciais tanto quanto possível. Rara é a passagem que exige várias aplicações, todas de igual relevância ou praticabilidade. Tente decidir qual aplicativo é o mais central e segue mais naturalmente da passagem. Se você é

convencido de que a passagem exige mais de uma aplicação, pelo menos tente classificá-las em ordem de universalidade de aplicação ou urgência de aplicação. Lembre-se: você não é responsável por discutir todas as maneiras possíveis pelas quais a passagem pode impressionar o leitor ou ser usada - com sabedoria ou não - pelo leitor. Em vez disso, você é responsável por educar o leitor sobre o que a própria passagem pede ou leva em termos de aplicação. Se a passagem for tão breve ou especializada que você não consiga sugerir qualquer aplicação para ela (mesmo como parte de um todo maior), seria mais sábio sugerir nenhuma aplicação do que sugerir uma que seja, em última instância, incorreta. Certamente, um aplicativo deve derivar de forma demonstrativa dos dados da passagem e não de noções preconcebidas às quais a passagem é então forçada a se conformar.

1,12. Literatura Secundária

1.12.1. Investigue e aprenda com o que outros disseram sobre a passagem

Mesmo que você tenha consultado comentários, gramáticas e muitos outros tipos de livros e artigos no processo de completar as onze etapas anteriores, você deve agora empreender uma investigação mais sistemática da literatura secundária que pode se aplicar à sua passagem . Para que a exegese seja seu trabalho e não meramente um compêndio mecânico das opiniões dos outros, é aconselhável fazer seu próprio pensamento e chegar às suas próprias conclusões, tanto quanto possível, antes desta etapa. Caso contrário, você não estará fazendo tanto uma exegese da passagem, mas avaliando as exegeses de outros - e, portanto, potencialmente se prejudicando para não ir além do que eles alcançaram.

Agora, entretanto, é o momento adequado para perguntar o que vários estudiosos pensam sobre a passagem. Que pontos eles fizeram que você esqueceu? O que eles disseram melhor? A que eles deram mais peso? Ou, inversamente, o que você acha que deve rejeitar nas opiniões deles? Você pode apontar coisas que eles disseram que são questionáveis ou incorretas? Se, em sua opinião, algum desses estudiosos discordar, você pode apontar isso usando notas de rodapé para diferenças menores e o corpo do artigo para as mais significativas. Via de regra, é considerado muito mais convincente discordar dos pontos de vista de um estudioso se você também elogiar adequadamente essa pessoa pelos pontos de vista com os quais concorda e apresentar suas próprias conclusões de maneira modesta, em vez de estridente.

mesmo que você discorde dele, você certamente irá minar o grau em que seus próprios argumentos parecem convincentes ao tentar refutá-los.

1.12.2. Compare e ajuste

As conclusões de outros estudiosos ajudaram você a mudar sua análise de alguma forma? Outros estudiosos analisam a passagem ou qualquer aspecto dela de uma maneira que seja mais incisiva ou que leve a um conjunto de conclusões mais satisfatório? Eles organizam sua exegese de uma maneira melhor? Eles consideram as implicações que você nem mesmo considerou? Eles complementam suas próprias descobertas? Nesse caso, não hesite em revisar suas próprias conclusões ou procedimentos nas etapas 1.1 a 1.11 (análise textual por meio de aplicação), dando o devido crédito em cada caso. Mas nunca pense que em sua exegese você deve cobrir tudo o que os outros fazem. Rejeite o que não parece pertinente e limite o que parece fora de proporção. Você decide, não eles.

1.12.3. Aplique suas descobertas em todo o seu trabalho ou projeto

Não deve ser necessário incluir uma seção separada de achados da literatura secundária em qualquer rascunho de seu artigo / projeto. Portanto, não considere esta etapa como resultando em um único bloco de material dentro do papel. Em vez disso, essa etapa se mostrará geralmente na qualidade do artigo, na adequação de sua interação com as opiniões dos outros, nas notas de rodapé e na bibliografia. Portanto, a etapa 1.12, consultar a literatura secundária, é uma etapa em seu processo de pesquisa, mas não algo que você precise discutir em seu produto final escrito. Em muitos pontos ao longo da exegese, suas descobertas devem produzir acréscimos ou correções, ou ambos. Você deve estar sempre disposto a voltar e ajustar o que antes pensava que compreendia. Tente ter certeza de que uma mudança ou adição em um ponto não contraria as declarações feitas em outras partes do jornal. Considere as implicações de todas as mudanças. Por exemplo, se você ajustar a análise textual (passo 1.1) com base no que agora aprendeu com algo na literatura secundária, como isso afetará a tradução, os dados lexicais e outras partes da exegese? Busque consistência e uniformidade em todo o processo. Isso influenciará consideravelmente a capacidade do leitor de avaliar suas conclusões. Dê o devido crédito às fontes secundárias nas notas de rodapé e na bibliografia. Cada fonte que contribuiu para suas conclusões requer citação em algum lugar de seu artigo / projeto, para que você não afirme implicitamente que as ideias que recebeu são ideias que gerou. se você ajustar a análise textual (passo 1.1) com base no que agora aprendeu com algo na literatura secundária, como isso afetará a tradução, os

dados lexicais e outras partes da exegese? Busque consistência e uniformidade em todo o processo. Isso influenciará consideravelmente a capacidade do leitor de avaliar suas conclusões. Dê o devido crédito às fontes secundárias nas notas de rodapé e na bibliografia. Cada fonte que contribuiu para suas conclusões requer citação em algum lugar de seu artigo / projeto, para que você não afirme implicitamente que as ideias que recebeu são ideias que gerou. se você ajustar a análise textual (passo 1.1) com base no que agora aprendeu com algo na literatura secundária, como isso afetará a tradução, os dados lexicais e outras partes da exegese? Busque consistência e uniformidade em todo o processo. Isso influenciará consideravelmente a capacidade do leitor de avaliar suas conclusões. Dê o devido crédito às fontes secundárias nas notas de rodapé e na bibliografia. Cada fonte que contribuiu para suas conclusões requer citação em algum lugar de seu artigo / projeto, para que você não afirme implicitamente que as ideias que recebeu são ideias que gerou. e outras partes da exegese? Busque consistência e uniformidade em todo o processo. Isso influenciará consideravelmente a capacidade do leitor de avaliar suas conclusões. Dê o devido crédito às fontes secundárias nas notas de rodapé e na bibliografia. Cada fonte que contribuiu para suas conclusões requer citação em algum lugar de seu artigo / projeto, para que você não afirme implicitamente que as ideias que recebeu são ideias que gerou. e outras partes da exegese? Busque consistência e uniformidade em todo o processo. Isso influenciará consideravelmente a capacidade do leitor de avaliar suas conclusões. Dê o devido crédito às fontes secundárias nas notas de rodapé e na bibliografia. Cada fonte que contribuiu para suas conclusões requer citação em algum lugar de seu artigo / projeto, para que você não afirme implicitamente que as ideias que recebeu são ideias que gerou.

Movendo do esboço para o papel

Depois de concluir a pesquisa passo a passo, você desejará organizar os resultados em um formato que os apresente de maneira eficaz ao leitor.

Existem muitos formatos aceitáveis. Se um determinado for especificado para você por um professor ou editor, você obviamente irá segui-lo. Caso contrário, você pode querer considerar o uso de uma das três opções mais comuns. O primeiro é o formato tópico, que segue quase a mesma ordem das doze etapas acima, mas com seções e títulos reorganizados, combinados, expandidos ou ajustados de acordo com seu melhor senso de como o material da passagem pode ser desenhado de forma convincente à atenção do leitor. O segundo é o formato de comentário, que se move mais ou menos versículo por versículo através da passagem, reunindo dados e conclusões relevantes conforme se aplicam a partes individuais da passagem, mas não excluindo seções adicionais apropriadas, como introduções, excursões e resumos. O terceiro é o formato unitário,

Qualquer um desses formatos - e outros - pode atendê-lo bem. Não hesite em ser inovador, contanto que o formato que você escolher ajude a obter o impacto total de suas descobertas para seus leitores de forma clara.

Capítulo dois

Exegese e o Texto Original

O propósito deste capítulo é ajudá-lo a sentir melhor o processo de exegese, fornecendo ilustrações de como certas partes do processo podem funcionar em várias passagens do AT. Uma série de passagens são usados seletivamente aqui - em alguns casos, mais de um para uma determinada etapa de exegese - em um esforço para lhe fornecer uma exposição à rica diversidade de materiais do AT. Portanto, você não verá uma cobertura exegética sistemática de qualquer passagem isolada; para exemplos deste último, comentários técnicos e exegéticos recentes, como a série Word Biblical Commentary ou a série Hermeneia (ver 4.12.4) serão úteis, assim como, ocasionalmente, os artigos de exegese em um periódico como Interpretation (4.12.2).

Aqueles que não sabem ler hebraico ainda acharão o conteúdo deste capítulo útil e geralmente compreensível. Para quem conhece hebraico, referência regular a BHS (ou BH^3 ou BHQ) é essencial para uma noção de todos os contextos dos quais as seleções deste capítulo são feitas.

Por conveniência, as divisões neste capítulo correspondem às do capítulo 1. Nem todas as etapas devem exigir uma ilustração, mas sempre que uma possa ser genuinamente útil, pelo menos uma foi fornecida. Ilustrações mais longas ou múltiplas foram fornecidas quando parecia que poderiam ajudar a esclarecer o processo de exegese.

2.1. Texto

2.1.1. Confirmando os limites da passagem

Existem dois lugares aos quais você pode recorrer imediatamente para obter ajuda para confirmar os limites adequados para uma passagem: (1) o próprio texto hebraico em BHS (ou

BH[3] ou BHQ), e (2) virtualmente qualquer tradução moderna. Examine seus parágrafos. No caso do texto hebraico, o material bíblico é destacado na forma de parágrafo por meio da variação de indentação na margem direita. Quando a localização da margem muda, indo mais para o meio da página ou indo mais para trás para a borda direita, isso está sinalizando a opinião do editor de que logicamente uma nova seção começou. No caso das versões modernas em inglês, o simples recuo da primeira palavra em uma frase indica um novo parágrafo. Examinando o arranjo de sua passagem, de preferência tanto em hebraico quanto em inglês, você pode dizer rapidamente se sua própria tentativa de identificação de uma passagem está de acordo com os julgamentos dos escolares sobre os agrupamentos naturais do assunto.

As decisões sobre o parágrafo às vezes são subjetivas, e você descobrirá que os vários agrupamentos de conteúdo dos editores nem sempre concordam. Mas se você decidir começar sua passagem onde nenhum editor começou um parágrafo, ou terminar sua passagem onde nenhum editor terminou um parágrafo, então é sua responsabilidade argumentar totalmente por sua decisão de selecionar ou configurar a passagem como você fez.

2.1.2. Comparando as versões

Para analisar a contribuição das várias versões em línguas antigas do AT para confirmar ou questionar o texto hebraico, você deve traduzir cada uma de volta para o hebraico, pelo menos na medida em que possa dizer se reflete o TM ou é contrário a ele . Como esse processo pode ser complicado, a maioria das pessoas acha útil, pelo menos no início, mapear as versões uma acima da outra, linha por linha, de modo que sua capacidade de comparar leituras seja facilitada. Lembre-se de comparar o texto das versões para toda a passagem. Se você tentar consultar as versões apenas quando o TM parecer problemático, você perderá todas as variantes resultantes de corrupções do TM que antes eram óbvias, mas mais tarde foram suavizadas e reescritas em hebraico legível (mas não necessariamente o hebraico original) por escribas bem-intencionados da antiguidade.

Uma comparação palavra por palavra no caso de 1 Samuel 20:32 (onde a versão de Qumran existe) seria algo como o gráfico da próxima página.

Ao escrever o hebraico do TM e listar as versões selecionadas (incluindo a LXX) diretamente abaixo, de acordo com a ordem das palavras semíticas da direita para a esquerda, você pode ver facilmente como as versões se alinham. No gráfico, os parênteses são uma maneira conveniente de indicar que tanto o

O texto de Qumran e a LXX omitem qualquer correspondência com o TM wyl), sugerindo que essa palavra pode ser uma expansão (neste caso, um simples acréscimo explicativo) no TM. No entanto, a LXX também omite qualquer correspondência com as palavras do TM e de Qumranrm) yw wyb). Isso talvez reflita uma haplografia (a perda de algo uma vez presente) no texto hebraico que foi usado pelo tradutor da LXX. A Peshitta e o Targum seguem o MT, como costumam fazer. A Vulgata também segue o MT, como normalmente faz. (A Peshitta, o Targum e a Vulgata são com muito menos frequência testemunhas verdadeiramente "independentes" de um original que difere do MT do que a LXX. Mesmo os rolos de Qumran, eles próprios hebreus, refletirão com muito mais freqüência a independência do MT hebraico do que o Peshitta, Targum ou Vulgata testará.)

No gráfico, incluímos a tradução em inglês de acordo com a ordem das palavras semíticas. Você pode achar útil fazer isso, pelo menos ao começar a aprender o método. Você também pode querer incluir a tradução em inglês em qualquer local onde as versões contenham uma redação diferente do TM, especialmente se você não puder traduzir as várias versões à vista! Consulte a Crítica Textual do Antigo Testamento de Brotzman: Uma Introdução Prática ou a Crítica Textual de Tov da Bíblia Hebraica ou a Crítica Textual de McCarter: Recuperando o Texto da Bíblia Hebraica (ver 4.1.2) para exemplos e explicações dos princípios envolvidos na decisão de qual versão reflete melhor o original.

1 Samuel 20:32

wyb)	lw) # t)	Ntnwhy	N (yw	*MT*
o pai dele	Saul	Jonathan	E respondeu	
"	"	[primeiras duas palavras obliteradas]		*Qumran*
()	tw | ~ Saoul	Iwnaqan	kaia) pekri / qh	*LXX*
"	" "	"	" "	*Siríaco*
"	" "	"	" "	*Targum*
				Vulgate

h # (	hm	tmwy	hml	wyl)	rm) yw
ele fez?	o que	ele deve morrer?	Por que	para ele	e disse
"	"	"	"	( )	"
pepoi / hken;	ti /	a0poqnh & | skei;	3Ina ti /	( )	()
"	"	"	" "	"	"
"	"	"	" "	"	"
"	"	"	" "	"	"

2.1.3. Reconstruindo e anotando o texto

Dois exemplos são dados aqui para ilustrar o processo de reconstrução e anotação do texto. Muitas vezes, uma passagem não exigirá nenhuma reconstrução. Depois de comparar as versões, você decidirá se a passagem está impressa no BHS ou BH^{3}ou BHQ (todos os três contêm o texto do Códice de Leningrado de 1008 AD) preserva adequadamente o original. Mas quando as versões antigas discordam significativamente, você deve tentar determinar como essa discordância pode ter surgido. Portanto, você deve procurar uma redação original que melhor explicaria as atuais redações divergentes. Isso significa trabalhar para trás, a partir do que está presente nas várias versões antigas até o que teoricamente deveria estar no texto original.

Centenas de diferenças na tradução entre as versões modernas em inglês do AT são devidas simplesmente às reconstruções dos tradutores do texto hebraico. Nenhuma tradução moderna segue o BHS / BH^3/ BHQ Texto hebraico escravo. Todos os tradutores modificarão um texto sempre que acharem que as evidências das versões antigas apontam para um texto hebraico original diferente daquele preservado no Códice de Leningrado. Como resultado, eles frequentemente traduzem para o inglês a partir de um texto hebraico reconstruído. Assim, pelo menos para entender por que os tradutores modernos fizeram o que fizeram, você precisa saber algo sobre como funciona a reconstrução de um texto. Os exemplos abaixo devem ajudar.

Reconstruindo dois nomes hebraicos: Josué 7: 1

Uma comparação cuidadosa das versões antigas confirma o que as notas de rodapé textuais 1a e 1b do BHS alertam você de forma abreviada. Ou seja, o hebraico (MT)

yd% Ib; za-Nbe ymir; ka% -Nb% e Nkf (f

é possivelmente o resultado de uma miscopia em algum ponto da longa história da transmissão do texto de Josué. Para o nome Nkf (f (Achan), você descobre que vários textos importantes da Septuaginta (Grego), bem como a Peshitta Siríaca, têm o equivalente a rkf (f (Achar), que é a forma deste nome em hebraico texto também em 1 Crônicas 2: 7. Além disso, o nome do avô dessa pessoa, yd% Ib; za (Zabdi) em hebraico, é traduzido em vários textos importantes da Septuaginta como o equivalente a yrim; zi (Zimri) , que também é a forma que o nome tem em 1 Crônicas 2: 6.

O que é correto: neto Acã de Zabdi ou neto Achar de Zimri? Três considerações ajudam você a decidir. Primeiro, você faz a abordagem

que a evidência grega (LXX) deve ser avaliada seriamente. (Veja 4.1.3 para mais comentários sobre o valor da LXX em relação ao TM.) Isso faz com que a escolha seja pelo menos uma disputa. No caso do primeiro nome, a adição de evidências siríacas adiciona ainda mais peso. Em segundo lugar, você nota que as leituras comparativas em Crônicas são evidências muito fortes de Achar e Zinri, respectivamente. Por quê? Porque o Cronista, escrevendo muito depois de o livro de Josué estar completo, reflete uma tradução independente dos nomes. Não temos nenhuma evidência para sugerir que o Cronista alteraria um nome, e bastante para sugerir que sua preocupação com genealogias precisas pode preservar um nome com mais precisão do que até mesmo uma cópia do livro de Josué faria. Terceiro, você vê que a passagem torna uma questão do dispositivo mnemônico, um trocadilho, pelo qual os israelitas se lembraram do vale onde Acã / Acar foi apedrejado. Eles o chamaram de (Jos. 7:26) rwOk (f qme (e, "Vale dos turbulentos", a palavra para "problemas" (rwOk (f, Achor) tendo os mesmos con-sonantes de Achar, mas não os de Achan.

Você deve então fornecer esta evidência e seu raciocínio (seja breve ou extenso, dependendo do escopo de seu artigo / projeto) para a originalidade de Achar e Zimri, em anotações ao texto conforme você o imprime. Usando o sistema de colchetes recomendado no capítulo 1, você pode fazer com que seu texto reconstruído tenha a seguinte aparência:

^{b}y <rim;> zi-Nbe ymir; k% a <> kf (f-Nbe xq% ayi, wa

As letras sobrescritas ^{uma} e ^{b} irá alertar o leitor para procurar explicações dessas reconstruções em suas anotações.

Reconstruindo um termo comum: 1 Samuel 8:16

Perto do meio do versículo, o hebraico (MT) diz:

MybiwO +% ha Mkeyrew% xb% at) ew:
e seus bons / escolhidos jovens

Um exame cuidadoso das versões antigas revela a você, no entanto, que o grego (LXX) no mesmo ponto do versículo tem

ta_ bouko & lia u (mw ~ n ta_ a) gaqa &
seu gado fino / escolhido

Qual era o original - "gado" ou "rapazes" ou nenhum deles - e como você decide? Primeiro, seguindo o princípio mais básico da crítica de texto

(conforme explicado para você em qualquer um dos guias básicos para crítica de texto listados em 4.1.2), você tenta determinar que formulação original teria, na história da cópia / cópia incorreta da passagem, produzido ambos os "jovens" em hebraico e “gado” em grego. Para fazer isso, você deve traduzir o grego de volta para o hebraico, porque o texto original não era grego, mas hebraico. Aqui, consultando a Concordância de Hatch e Redpath para o Sep-tuagint (ver 4.4.2) ou usando uma das concordâncias de computador para rastrear equivalentes hebraicos para palavras gregas (ver 4.4.2) ou usando a concordância de comparação de texto de Tov (ver 4.4 .2) você pode descobrir imediatamente que bouko / lia é como a LXX frequentemente traduzia o hebraico rqfb @ f , “gado”.

Agora, apenas mais duas etapas. Primeiro, você compara rw @ xb @f e rqfb @ f. As palavras são as mesmas, exceto pela consoante do meio, x ou q. A vogal shureq (w @), embora escrita com waw, é apenas uma vogal e representa uma decisão de vocalização por copistas muito depois de 1 Samuel ter sido escrito pela primeira vez (cf., por exemplo, Cross and Freedman, Early Hebrew Orthography [4.3.2]) Que original
word seria responsável por rw @ xb @f e rqfb @ f ? Sua resposta é rqfb @ f , “cattle”. O x de rw @ xb @f é provavelmente a miscopia. Em segundo lugar, você confirma esta decisão
análise, analisando o contexto imediato. Depois de “escravos” e “escravas” (um par lógico), “homens jovens” e “burros” dificilmente andariam juntos. Mas “gado” e “burros”, outro par lógico, certamente o fariam.

Por fim, você resume as evidências e seu raciocínio para o leitor, na extensão que for apropriada para o seu artigo. Seu texto reconstruído pode ter a seguinte aparência:

MybiwO + @ ha Mkeyrqfb @ ;[uma]<> et) ew:

O [uma] encaminharia o leitor para sua anotação, isto é, seu resumo da evidência textual e explicação, nas notas de rodapé ou nas notas de fim.

2.1.4. Colocando sua passagem de forma versificada

Para economizar espaço, o BHS (assim como BH[3]e como fará BHQ) organiza a poesia de forma que um dístico inteiro (bicolon) ou tripleto (tricolon) apareça em uma linha impressa. Mas, em um artigo de exegese, geralmente é melhor listar cada parte de um casal ou trigêmeo em uma linha própria. Desta forma, as correspondências de linha a linha são muito mais evidentes.

Aqui está Números 23: 8–9 versificado de tal maneira:

Como posso amaldiçoar
a quem Deus não amaldiçoou?

E como posso denunciar quem o Senhor não denunciou?	hwhy M (azF) $ l M (& z :) e hmfw @
Pois do topo das montanhas Eu vejo-o,	w @ n @) er:) e MyrIcU #O) $ rme-yk @ i[9]
E das colinas eu o vejo.	w @ n @ rew @ #O) J twO (bfg @ : miiw @
Olha, o povo mora sozinho E entre as nações não se considera.	Nk @ & # O; yI ddfbfl; M (f-Nhe b # Ofxat; yI) $ l MyIwOg% baw @

A partir de tal arranjo, é muito mais fácil ver que o dístico no versículo 8 é um paralelismo sinônimo simples palavra por palavra, enquanto os dísticos no versículo 9 representam paralelismos sinônimos mais complicados.

A propósito, a menos que você realmente pretenda analisar o sistema de canto medieval dos massoretas ou contar seus acentos (de canto) como uma forma grosseira de analisar a métrica de um poema (ver as introduções Masorah por Kelley et al. Ou Ginsburg em 4.1 .2 para obter ajuda para fazer isso, se for o que você deseja fazer), não há sentido em incluir os acentos em seu próprio texto escrito.

2.2. Tradução

O objetivo das ilustrações a seguir é encorajá-lo a produzir sua própria tradução de uma passagem, em vez de simplesmente confiar nas traduções encontradas nas principais versões modernas. Todos esses breves exemplos envolvem formulações hebraicas relativamente simples, que, no entanto, nem sempre foram traduzidas de forma clara ou mesmo adequada.

Que direito você tem de discordar de traduções produzidas por "experts"? Você tem todo o direito! Considere os fatos: todas as traduções modernas (e todas as antigas) foram produzidas por comitês trabalhando contra prazos ou por indivíduos que não podem conhecer a Bíblia inteira tão bem no original que pro -duzir renderizações perfeitas em todos os pontos. Além disso, no negócio moderno de publicação da Bíblia, quanto mais "diferente" uma tradução, maior é o risco de ela não ser vendida. Portanto, há uma pressão sobre os tradutores, comitês, editores e outros responsáveis para manter as representações conservadoras no significado, embora, felizmente, geralmente atualizadas na linguagem idiomática. Finalmente, a maioria das pessoas odeia arriscar com uma tradução impressa. Muitos problemas de tradução são questões de ambiguidade: existe mais de uma maneira de interpretar o original. Mas as limitações de

espaço não permitem que os tradutores ofereçam uma explicação toda vez que desejam

renderizar algo do original de uma maneira verdadeiramente nova. Por isso, quase sempre erram por excesso de cautela. Como resultado, todas as traduções modernas tendem, embora com intenções perfeitamente boas, a ser excessivamente "seguras" e tradicionais. No trabalho de um comitê de tradução, o gênio solitário geralmente é derrotado pela maioria cautelosa.

Portanto, de vez em quando, você pode realmente produzir uma tradução melhor do que os outros, porque você pode investir muito mais tempo fazendo a exegese de sua passagem do que os indivíduos ou comitês foram capazes de pagar devido à velocidade com que foram solicitados a trabalhar. Além disso, você está escolhendo uma tradução adequada para o (s) seu (s) leitor (es) em particular, em vez de para todo o mundo anglófono. Lembre-se: uma palavra não tem tanto um significado individual quanto uma variedade de significados. Escolher a partir dessa gama de significados é freqüentemente subjetivo e deve ser algo que você faz para o benefício de seu público, ao invés de algo que você deixa inteiramente para outras pessoas que não têm conhecimento de seu público e deve traduzir estritamente para as massas. Felizmente, em um trabalho / projeto de exegese, você pode explicar brevemente ao seu leitor, nas anotações de sua tradução, as opções que você teve que escolher e seu (s) motivo (s) para escolher a palavra específica em inglês que você escolheu. Aqueles que trabalharam nas várias versões antigas ou modernas não tiveram essa oportunidade.

2.2.1. Uma tradução que esclarece o comportamento de um profeta: Jonas 1: 2

ynFpfl; Mtf (frF htfl; (f-yk @ i hfyle (f) rFq: w @

A tradução usual da última parte do versículo é mais ou menos assim: "Proclame contra ele, porque seu mal se aproximou de mim". Essa tradução, no entanto, sempre foi problemática. Representa apenas uma maneira de traduzir algumas palavras hebraicas que têm uma ampla gama de significados e não se encaixa facilmente no ponto da história geral. Afinal, essa é uma ordem que Jonas tenta desobedecer, recusando-se a ir a Nínive. No entanto, conforme traduzido normalmente, parece um comando que Jonas adoraria obedecer. Por que ele não ficaria feliz em pregar contra uma cidade que Deus declarou ser má - uma cidade ocupada pelos inimigos de seu povo?

Em 1.2.1, você é aconselhado a "começar do zero, desde o início". Seguindo esse conselho, e determinado a não aceitar a tradução usual como a única opção razoável apenas por ser a usual, você considera o significado das palavras hebraicas de novo olhando para suas definições em um léxico

bem atualizado como Holladay ou Koehler-Baumgartner (4.8.1). Aqui está o que você encontra: l (acan significa "contra", mas também "preocupação-

ing. ” yk @ ican significa "porque", mas também "isso". h (frfpode significar "mal", mas mais comumente significa "problema". E ynFpfl; ... hlf (fis melhor traduzido de forma idiomática não "venha ... antes de mim", mas "venha ... chamar minha atenção". Eventualmente, você conclui que toda a cláusula pode muito bem significar "pró-alegação a respeito de que o problema deles chegou à minha atenção".

As implicações exegéticas são significativas. Em contraste com a tradução usual, sua tradução deixa claro por que o hipernacionalista Jonas fugiu de sua designação: Deus o estava enviando em uma missão de preocupação, não uma missão de denúncia. Uma leitura cuidadosa do resto do livro confirma isso repetidamente (cf. especialmente Jonas 4).

2.2.2. Uma tradução modesta e não interpretativa: Provérbios 22: 6

wOk @ r : dA yp% il (ar (an @ Ala K7nOxj
hn% Fm% emi rw% syf -) $ l Nyqiz: yA-yk @ i
Mg% A

Este versículo é geralmente traduzido da seguinte forma: “Ensina a criança no caminho em que deve andar, e quando envelhecer não se desviará dele”. Mas quando você analisa de perto os intervalos de significado das palavras, você não encontra um equivalente em hebraico para o "deveria" em inglês. Isso desperta seu interesse. Afinal, a tradução usual parece prometer muito. Na verdade, esse versículo bastante popular tem sido freqüentemente citado em apoio à noção de que os pais podem virtualmente garantir que seus filhos se tornarão adultos piedosos se criados adequadamente. A maioria dos provérbios são, é claro, generalizações, e generalizações têm suas exceções. Mas você ainda tem todo o direito de “começar do zero” em sua própria tradução deste provérbio, não importa o quão bem conhecido seja. (Lembre-se: a expressão mais conhecida na Bíblia é,

O processo de tradução de novo não é terrivelmente complicado. Requer principalmente a disposição de considerar as combinações de significados lenta e cuidadosamente. Assim, no que diz respeito a Provérbios 22: 6, o que você pode facilmente determinar ao consultar pacientemente um léxico é que yp% i-lme (ans "de acordo com" e que K7red @ significa simplesmente "caminho", de modo que wOk @ r : dA significa “seu caminho” ou “seu próprio caminho”. A primeira metade deste dístico poético realmente diz, então, “Treine uma criança de acordo com seu (próprio) caminho.” Você ainda não encontra nada sobre “deveria” aqui. O real O ponto principal do versículo, você conclui corretamente, é que uma

criança a quem é permitido egoisticamente fazer o que quer quando jovem terá as mesmas tendências egoístas de um adulto.

Observação: Excelentes fontes de traduções alternativas são as traduções dos autores em comentários técnicos. Um estudioso que estudou um livro intensamente geralmente está mais bem equipado para oferecer uma tradução matizada. E para informações de última hora sobre significados mais precisos de palavras hebraicas individuais, verifique a lista anual de palavras discutidas em bancos de dados como os Resumos do Velho Testamento (4.12.1), por meio de seu formato de livro ou de seu formato computadorizado.

2.3. Dados gramaticais

É aqui que todas as horas gastas aprendendo sua gramática hebraica podem finalmente valer a pena. O objetivo da gramática é a precisão. Em qualquer idioma, a má gramática pode ofender nosso gosto, mas seu maior perigo é bloquear nossa compreensão. No processo de exegese, deixar de apreciar a gramática em uma passagem do AT não é simplesmente deixar de observar as sutilezas da fala; é uma falha em ter certeza de que você sabe exatamente o que foi ou não dito.

2.3.1. Identificando a ambigüidade gramatical: Juízes 19:25

Mheyle) j) cey &, wA wO # Og: laypib @ ; #Oy) ihf qzexjy, AwA

Então o homem agarrou sua concubina e a trouxe até eles.

Exegese Juízes 19, você se torna ciente de uma aparente inconsistência intrigante. O levita parece um tanto indiferente (v. 28) ao que ele fez sua concubina passar ao entregá-la a uma gangue de estupradores (vv. 22-25), e ainda mais tarde ele parece tão furioso com o que eles (previsivelmente) fizeram a ela que ele convoca todo o Israel para a guerra sobre o assunto (vv. 29-30; cap. 20). Cuidadosamente, com um olho na gramática precisa, você releia as porções relevantes para determinar se sua impressão inicial foi precisa. Seu interesse especial é entender exatamente quem eram as partes envolvidas no versículo 25.

Você nota que cada um dos personagens da história é referido de mais de uma maneira. Especificamente, o levita é referido como ywIl # Oy) ("Levita", e
v. 1); h @ #fy) i (“seu marido”, v. 3); wOntfxj (“seu genro”, vv. 5, 9); e #Oy) ihf (“o homem”, vv. 7, 9, 17, 22, 28, etc.). O homem efraimita em cuja casa ele ficou em Gibeá é chamado NqezFOy) i # (“um homem velho”, v. 16); #Oy) ihf (“o homem”, vv. 16, 22, 23, 26); e Nqez = fhaOy) ihf # (“o velho”, vv. 17, 20, etc.). Você vê por uma rápida comparação que tanto o levita quanto o velho

podem ser chamados simplesmente de #Oy) ihf (o homem). Quem então é o real

referente gramatical para #Oy) ihf (o homem) no versículo 25? A identidade da concubina é bastante clara, mas #Oy) ihf (o homem) é aparentemente ambígua. A decisão requer pesar as evidências em duas frentes.

Primeiro, você observa que fora do versículo 25, tanto o levita quanto o velho podem ser chamados estritamente #Oy) ihf (o homem) ou podem ser chamados #Oy) ihf (o homem) com um modificador, como em xare) & hfOy) ihf # ("o homem que estava viajando", v. 17) ou tyIb @ aha l (aba @ Oy) ihf ("o # homem que era dono da casa", v. 22). Assim, #Oy) ihf (o homem) no versículo 25 é verdadeiramente ambíguo. A falta de um modificador torna isso.

Em segundo lugar, você nota que nos versículos 22–25 está claramente estabelecido que o dono da casa estava conversando com os estupradores, mas não há indicação de que o levita estava. Você então decide, corretamente, que #Oy) ihf (o homem) tem como seu referente gramatical o velho, não o levita.

A análise gramatical tem seus limites. No caso de Juízes 19, uma pergunta separada permanece: o levita não saberia o que o velho tinha feito? A gramática pode levar a essa pergunta, mas não pode respondê-la. Sua solução é encontrada tanto na análise da estrutura da passagem (uma narrativa bíblica tipicamente lacônica, a passagem omite todos os detalhes, exceto os essenciais e espera que você perceba que o levita estava inconsciente das ações do velho) e na análise do contexto histórico (como sabemos pela arqueologia, muitas casas israelitas tinham seus aposentos - onde o levita provavelmente estava - em uma sala dos fundos, o mais longe possível da porta do pátio, então teria sido difícil para o convidado para ouvir o que estava acontecendo quando o velho confrontou os estupradores).

2.3.2. Identificando a especificidade gramatical: Oséias 1: 2

hwFhy: yrexj) amCre) fhf hnez: ti hnOzF-yk @ i Myniw% nz: ydeK1l; l; yAw: -xqaK7lMyniw% nz: et

> Vá, case-se com uma mulher da prostituição e tenha filhos
> de prostituição porque a terra está cometendo
> prostituição completamente longe de Yahweh.

Ao fazer o exegese de Oséias 1, você é imediatamente confrontado com uma pergunta interpretativa: Deus realmente ordenou que Oséias se casasse com uma prostituta? Muitos comentaristas responderam afirmativamente, frequentemente sugerindo que a esposa de Oséias provavelmente se prostituiu algum tempo depois de seu casamento; e Oséias, relembrando seu

passado em um momento posterior, quando buscava uma analogia para a infidelidade de Israel a Yahweh, reformulou a história de seu casamento como se ele tivesse recebido a ordem de se casar com uma

prostituta em primeiro lugar. No entanto, esses intérpretes não têm necessariamente a gramática hebraica do seu lado.

Existem apenas três palavras para “prostituta” em hebraico: h # Ofd (culteq; prostituta), hnFzO (prostituta comum) e bleke @(prostituto masculino). Você observa o óbvio: nenhum dos três é usado aqui. Em vez disso, um termo composto especial aparece: A palavra h # De%) ifor "mulher" ou "esposa" é usada no que os gramáticos hebraicos chamam de "forma vinculada" ou, mais comumente, a "forma de construção" em combinação com uma substantivo no plural masculino, Myniw% nz :. Verificando qualquer referência gramatical em hebraico (4.3.1), você é lembrado de que o plural masculino é uma forma padrão em hebraico de transmitir abstração - neste caso, não "prostituta", mas o conceito de "prostituição", portanto, em contextos teológicos, o oposto de “fidelidade”. Além disso, você descobre que os substantivos na "construção" são frequentemente relacionados logicamente ao seu substantivo dominante na forma de "algo caracterizado por", de modo que Myniw% nz: t # Oe) pretendia significar "uma mulher caracterizada por [o conceito abstrato de] prostituição" em vez de "uma prostituta". Você também observa que os filhos de Oséias são chamados de Myniw% nz: ydel; ya, "filhos da prostituição", em uma construção hebraica precisamente paralela: "filhos caracterizados pela [conceito abstrato de] prostituição" em vez de "filhos de uma

prostituta." Você nota também que o versículo continua a dizer que a terra (de Israel) hnEz: ti hnOzF, "está cometendo prostituição completamente." finalmente, o gramáticas dizem que a preposição empregada no final do versículo, yrexj) ame, "longe de" é uma preposição composta que significa literalmente "longe de depois ”, portanto, aqui“ na outra direção de ir atrás de [seguir] ” Yahweh.

Assim, a mesma coisa está sendo dita sobre a esposa de Oséias, sobre os filhos que eventualmente nasceram dele e sobre a terra de Israel em geral - e em nenhum caso o significado literal está aparentemente relacionado à venda de sexo. Mas o que está sendo dito então? Se nem a esposa, nem os filhos, nem a população de Israel estão sendo chamados literalmente de “prostitutas”, qual é a acusação contra eles? Você deve responder a essa pergunta em parte com referência ao contexto literário e ao contexto bíblico, embora ainda com um olhar aguçado para a gramática hebraica envolvida. Observando a maneira como a raiz hebraica em questão, znh (hnz), é usada predominantemente em outros lugares em Oséias (e em outros contextos proféticos, notadamente em Ezequiel), você descobre que é empregada principalmente metaforicamente, para transmitir o sentido de "[reli] final -gious] infidelidade ”a Yahweh. Voltando a Oséias 1: 2, você conclui que o versículo é conceitualmente paralelo a Isaías 64: 6 ou Salmo 14: 2-3 (cf. Rom. 3: 10-12). Isso deixa claro, de uma maneira um tanto

hiperbólica, que todo Israel abandonou a aliança de Yahweh, de modo que até mesmo a esposa de Oséias e

filhos - não importa com quem ele se case - serão manchados pela mesma infidelidade que “a terra” em geral exibe.

2.3.3. Analisando ortografia e morfologia

Como afirma 1.3.2, a análise da ortografia ou morfologia do hebraico não é uma tarefa que os alunos iniciantes possam realizar facilmente. Mas seu valor é freqüentemente inestimável em conexão com passagens problemáticas, especialmente onde as decisões dos massoretas medievais sobre como as palavras deveriam ser compreendidas podem ser suspeitas.

A análise ortográfica remove uma estranheza: Gênesis 49:10

hdFw% hymi + be # Orw% syF´e -) $ l
wylfg: rA Nybe @ mi qqex & m; w%
h $ ly # Oi) $ byF-yki @ d (A
Mym @ i (A thaq @ ; yI wOlw:

Na terceira linha, o hebraico parece dizer "até que venha Shiloh" ou "até que ele venha para Shiloh". Ambos os significados, você conclui, são estranhos, e sua leitura revela uma insatisfação geral por parte dos tradutores com a vocalização massorética como ela se apresenta. Neste caso, uma solução convincente exigirá alguma habilidade para apreciar a ortografia hebraica antiga (estilo de grafia), o que requer um conhecimento do hebraico além do nível de iniciante (ver 1.3.2).

O problema pode envolver vocalização, ortografia e até mesmo palavras divisão. A combinação yki @ d (A (até) parece clara o suficiente. Mas há outra maneira de interpretar h $ ly # Oi $ byF)? Uma vez que h $ ly # Oi (Shiloh) é realmente estranho
fator aqui, você decide tentar reanalisá-lo. Remover as vogais irá
remover a opinião possivelmente incorreta dos massoretas medievais quanto à vocalização
ção Agora você tem hly # O. A palavra pode ser dividida? Poderia um problema de espaçamento
que resultaram em hly # O? Você dividey # Ofrom hl. Olhando para cima y # O, você
descobrir que suas consoantes são aquelas de uma palavra hebraica normal (y # Oa) que significa
“Presentes (s), presente (s), homenagem (s).” Mas e quanto ao hl? Referindo-se a Cross e
Freedman's Early Hebrew Orthography (4.3.2), você aprende que hl era como wOl (para ele) já foi soletrado. Assim, hly # poderia ser h $ ly # Oia, “tributo

para ele." Agora você olha de perto) $ byF. Novamente, removendo o massorético
acentuação para ter uma nova visão da vocalização, você consegue) por. Cruz e Freedman dizem que nos primeiros poemas como Gênesis 49, o original ortografia sem vogais e, portanto, bastante ambígua. Então o cons-
nants) por poderia representar o que foi posteriormente vocalizado como) $ byF (comes) ou) ybiyF

("Traz," hiphil) ou) bfw% y ("é trazido", hophal) e assim por diante. A última opção chama sua atenção, porque se encaixa muito bem no contexto.

Você conclui (com algumas suposições bem justificadas dos massoretas, cujas vocalizações, afinal, representam apenas suas opiniões sobre como as palavras deveriam ser interpretadas muito depois de uma passagem ter sido escrita originalmente) que a linha "Shiloh" do poema deveria leia o seguinte:

h $ ly # Oa) bfiw% y-yki @ d (A
até que o tributo seja trazido a ele

O fato de que este significado se compara perfeitamente com a seguinte linha paralela ("E a obediência das nações é dele") confirma sua conclusão.

Uma verificação da literatura relevante (etapa 2.12) fornece um apoio bem-vindo: WL Moran propôs precisamente esta interpretação, de longe a mais convincente da literatura, em um artigo na Biblica 39 (1958): 405–25, intitulado "Gênesis 49 : 10 e seu uso em Ezequiel 21:32. "

Algumas das mesmas habilidades necessárias para produzir uma conclusão podem ser necessárias para avaliar uma conclusão com segurança. Mesmo que nunca tenha ocorrido a você reconstruir Gênesis 49:10 como acima, escolher entre as opções que ocorreram a outros ainda requer algum trabalho cuidadoso. Portanto, seu esforço exegético irá recompensá-lo como um avaliador de bolsa de estudos, não apenas como um criador de bolsa de estudos. Em outras palavras, à medida que suas habilidades exegéticas se desenvolvem, você se torna um melhor leitor - não apenas um melhor escritor - de estudos exegéticos.

2.4. Dados Lexicais

Uma subjetividade considerável está envolvida na decisão de quais palavras e frases são as mais importantes em uma passagem. Esse é um dos motivos pelos quais essa etapa vem aqui no processo, e não antes. Você precisa estar o mais familiarizado possível com sua passagem antes de escolher e classificar os termos para um estudo detalhado. Deixe a sua curiosidade e o nível de conhecimento do seu público guiá-lo. Quando necessário, veja quais palavras os comentaristas selecionam para comentar. Mas tome cuidado aqui. Um comentarista que se demorou em uma palavra no capítulo 5 de um comentário pode não estar inclinado a insisti-la novamente no capítulo 10. Confie em seu julgamento quanto ao que é importante. Para a frequência de ocorrência de uma determinada palavra no OT, você pode

consultar quase todas as concordâncias de computador ou, por exemplo, a concordância de Even-Shoshan (4.4.2).

para ser relativamente exaustivo em sua análise, ver, por exemplo, TDOT ou TWOT (4.4.2).

2.4.1. O valor de olhar para as palavras-chave: 2 Crônicas 13

Seguindo as instruções em 1.4, você percorre o capítulo, escolhendo os termos que você acha que podem exigir uma explicação. A princípio você escolhe livremente, sem se preocupar com quantos termos vai terminar. Estes são os termos que você seleciona:

versos	
3, 17	Ple) e mil
3, 17	rw% xbf @ #Oy) Soldado encorpado
4	MyIramfc; rhaMount Zemaraim
4	l) erf # o; yI-lkfall Israel
5	hkflfm; minha realeza
5	MlfwO (l; para sempre
5	xlame tyrIb; @ aliança de sal
6	hm & $ l # O; dbe (servo de eSolomon
7	Myqire inútil
7	l (aya, lib; @bom para nada
7	bbfle-K7ra indeciso
8	Myhi $ l) le como deuses
9	wOdyF) le @ mal ;para se consagrar
9	Myhi $ l) v) $ l sem deuses
10	tke) lfm; BA@no trabalho
11	rwOh + f @ ha Nxfl; # O, uhamesa central
15	w @ (ano, FwAe eles levantaram o grito
15, 20	PganF derrotado / atingido
18	MheytewOb) j yhe $ l) vDeus de seus pais
19	hfytewOnb; @ - t) ew: e-tyb (l) e @)(Betel) e sua aldeias vizinhas
22	wOd% (I) ybin @ Fha #OrAd: micomentário do profeta iddo

Quantos desses termos você deseja ou é capaz de discutir - e, até certo ponto, até mesmo quais deles você selecionará inicialmente - depende do escopo de seu artigo / projeto. Você tenta escolher relativamente poucas palavras para detalhes

análise, percebendo que os termos que não precisam de discussão extensa podem ser comentados nas notas de tradução ou em outro lugar na exegese. Você escolhe cinco termos que exigem uma discussão substancial. Eles são os seguintes:

Ple) e, “mil” (vv. 3, 17)

Sua leitura o informou que Ple) e provavelmente significa “unidade militar” em vez de literalmente “1.000” aqui, e você precisa explicar o significado disso em sua exegese.

xlame tyrIb @ i ;, "aliança de sal" (v. 5)

Este termo incomum, já atestado em Números 18:19 e atestado no conceito, embora não seja a redação exata em Levítico 2:13 e Esdras 4:14, certamente lançará luz sobre o que Abias pensa da realeza da linhagem davídica.

Myhi $ l) v) $ l, “sem deuses” (v. 9)

Tal termo deve ser importante para a compreensão do politeísmo / idolatria da perspectiva ortodoxa da Judéia.

PganF, "derrotar, derrotar, derrubar" e assim por diante (vv. 15, 20)

A maioria das traduções traduz a palavra de maneira diferente no versículo 15 do versículo 20. Compreender seu uso pode ajudar a identificar o papel divino nos eventos descritos.

wOd% (I) ybin @ Fha #OrAd: mi, “comentário do profeta Iddo” (v. 22)

A compreensão deste documento certamente contribuirá para sua apreciação de como o Cronista compilou sua história e o público para o qual ele estava escrevendo.

Desse grupo de cinco, você decide escolher xlame tyrIb @ ; para analisar por um estudo de palavra completa. Você deve agora seguir o processo descrito em 4.4.3 para tyrIb @ ; (covenant) e xlame (salt). Referindo-se também aos dicionários teológicos (4.4.4), bem como aos dicionários bíblicos maiores (BID, ISBE, etc .; cf. 4.12.5), você aprende que xlame tyrIb @ ;; está longe de dizer, com efeito, "por - aliança perpétua ”e talvez até“ aliança real perpétua ”, por causa do papel do sal como preservador / perpetuador (cf. Lv 2.13) e por causa da associação do sal com as refeições da aliança real (cf. Esdras 4: 14). Na verdade, a riqueza deste termo ocasionou um livro de HC Trumbull intitulado The

Pacto de Sal (Nova York: Charles Scribner's Sons, 1899), que, se estiver disponível para você, certamente valeria a pena consultar cuidadosamente no processo de seu estudo de palavras.

2,5. Forma

Conhecer a forma de uma passagem invariavelmente paga dividendos exegéticos. Se você pode categorizar com precisão uma peça da literatura, pode compará-la com precisão a passagens semelhantes e, assim, apreciar tanto as maneiras em que é típica quanto as maneiras em que é única. Além disso, a forma de uma obra literária está sempre relacionada de alguma forma à sua função.

O exemplo abaixo concentra-se especialmente nesta relação de forma e função. No processo, aborda aspectos da análise do tipo literário geral (1.5.1), tipo literário específico (1.5.2), subcategorias (1.5.3), ambiente de vida (1.5.4) e completude relativa de forma (1.5.5; 1.5.6).

2.5.1. A forma como uma chave para funcionar: Jonas 2: 3-10 (Eng. 2-9)

Ao analisar o contexto literário deste Salmo de Jonas, você se dá conta de que há uma dúvida quanto à sua colocação no livro. Alguns estudiosos consideram isso uma interpolação, inadequada ao seu contexto atual. Na verdade, alguns até sugeriram que seu estilo não é consistente com o estilo do resto do livro, ignorando o fato de que o estilo é quase sempre uma função do gênero e da forma, de modo que um salmo poético dificilmente deixaria de refletir um estilo diferente do resto do livro, que é narrativo. No entanto, para avaliar seus argumentos de forma eficaz e completa, você deve determinar que tipo de salmo é: sua forma.

Para este propósito, você consulta um livro ou comentário que categoriza os salmos de acordo com suas formas. Por acaso você escolheu Out of the Depths: The Psalms Speak for Us Today, de Bernhard W. Anderson (com Stephen Bishop, 3ª ed. [Louisville, KY: Westminster John Knox Press, 2000]) e a partir dele concluiu que o Salmo de Jonas é aparentemente um "salmo de ação de graças" porque tem os cinco recursos que Anderson diz que constituem a maioria dos salmos de ação de graças. Eles são (a) uma introdução que resume o testemunho do salmista (v. 3 [2]); (b) uma seção principal que descreve a aflição passada (vv. 4–7a [3–6a]); (c) um apelo por ajuda (v. 8 [7]); (d) uma descrição da libertação (v. 7b [6b]); (e) uma conclusão na qual a graça de Deus é louvada e o salmista promete demonstrar apreço a Deus (vv. 9–10 [8–9]). Salmos de ação de graças, você nota,

Isso o leva a pensar. Você sempre presumiu - talvez até mesmo tenha ouvido falar - que o fato de Jonas ser engolido pelo peixe era um castigo. Mas Jonas está orando um salmo que agradece a Deus pela libertação! Relendo a história, você percebe que a punição de Jonas realmente veio através da tempestade e foi lançado ao mar (Jonas 1: 12-15). O peixe, portanto, representa o resgate daquela punição. Agora algumas coisas começam a se encaixar. O salmo serve aos propósitos da história ao demonstrar vividamente a inconsistência de Jonas. Nele, ele expressa eloqüentemente graças a Yahweh por sua própria libertação, embora ele seja totalmente merecedor da morte; mais tarde, porém, ele se ressente da libertação dos ninivitas por Yahweh, e continua a desejar a morte para eles (capítulo 4). Conhecer a forma do salmo torna possível uma apreciação mais completa do caráter de Jonas.

Uma nota sobre o cenário de vida de Jonas 2: 3-10 (2-9): Alguns estudiosos teorizaram que os salmos de ação de graças se baseavam na adoração no templo. Um israelita trazia uma oferta ao templo, recitava (ou ouvia) um salmo de ação de graças enquanto fazia a oferta, e então partia, tendo prometido voltar novamente para oferecer outros sacrifícios. A evidência, no entanto, sugere que os salmos foram orados em muitas ocasiões na vida dos crentes (cf. as legendas dos Salmos, embora muitos sejam certamente secundários; o uso de salmos pelos profetas; e o canto de salmos em contextos não simples no NT, como em Marcos 14:26 ou Atos 16:25; cf. Ef 5:19; Colossenses 3:16). Conseqüentemente, o uso de um salmo de ação de graças por Jonas foi realmente típico. O cenário de vida de tais salmos pode ser qualquer ocasião de apreço pela libertação da aflição.

2.6. Estrutura

Compreender a estrutura de uma passagem é apreciar o fluxo de conteúdo projetado na passagem pela mente do autor, consciente ou mesmo inconscientemente. Mas, além disso, é importante apreciar o fato de que o significado é transmitido por mais do que apenas palavras e frases. A forma como as palavras e frases se relacionam e onde ocorrem na passagem pode ter um impacto profundo em sua compreensão. Na verdade, a estrutura é freqüentemente o principal critério para decidir se um bloco de material é uma única passagem ou um grupo de passagens independentes. Uma palavra-chave na análise estrutural é "padrões". Os padrões indicam ênfases e relacionamentos, e ênfases e relacionamentos priorizam o significado. A pergunta básica que você deve responder ao analisar a estrutura de uma passagem é, O que posso aprender com a forma como isso é feito?

Surpreendentemente, muitas vezes, por meio de um trabalho cuidadoso, pode-se aprender mais do que aparenta à primeira vista.

2.6.1. Analisando estrutura e unidade: Amós 5: 1-17

Enquanto trabalha em Amós 5, você percebe que não é imediatamente óbvio se os versículos 1–17 são um todo unificado. Você nota que os estudiosos geralmente atribuem virtualmente todo esse material a Amós, mas alguns sugeriram que esses versículos são um compêndio de unidades menores de discurso pregado por Amós em vários momentos e lugares. Seguindo as orientações de 1.6, você delineia cuidadosamente a passagem, procurando padrões, analisando o paralelismo poético. Você observa algumas correspondências interessantes.

Os versículos 1–3 falam de lamentação (hnFyqi) e predizem a condenação de Israel. Os versos 16-17 são semelhantes, com sua ênfase em pranto (dp% s; mie), luto (lbe)), e assim por diante. Na verdade, os versículos 16–17 parecem quase descrever a dor resultante da destruição retratada nos versículos 1–3. Movendo-se para os versos
4–6, observe que eles têm como tema buscar (ynIw% # Ou: dI @) Yahweh e viver (w% yx; wI) evitando práticas malignas proibidas. Curiosamente, os versos 14-15 empregam um pouco do mesmo vocabulário e contrastam da mesma forma com a prática de Yahweh
vontade com fazer o que é mau. Poderia haver outras correspondências? No versículo 7, o tópico é a injustiça: as coisas sendo o oposto do que deveriam ser. Olhando para o futuro, você descobre que os versículos 10–13 compartilham esse tema. Lá, com alguns detalhes, Iavé critica as injustiças que os israelitas praticavam nos dias de Amós. No versículo 13, h (frf t ((tempo certo) certamente resume quais versículos
7 e 10–13 descrevem em comum. Restam apenas os versículos 8 e 9. Como eles se comparam? Você vê que o versículo 8 descreve o fato de que o poder de Yahweh para criar significa que ele também tem o poder de destruir. E o versículo 9 também fala dessa destruição, mesmo dos fortes (z (f). Finalmente, você nota que em BHS as duas palavras wOm # O,; hwFhy: no final do versículo 8 são colocadas em uma linha por si mesmas. Aparentemente o editor do BHS de Amos (Elliger) está avisando que essas duas palavras não têm paralelo. Como essas palavras, "Yahweh é o nome dele", estão no centro da passagem, você decide ver se pode estruturar a passagem em torno deles simetricamente. Aqui está o resultado:

1-3

4-6

7

8a – c

8d wOm # O,; hwFhy:

9
10–13
14-15
16-17

Isso você reconhece como um quiasma em grande escala, um formato literário concêntrico proposital. Julgando que Amós estruturou intencionalmente sua revelação dessa maneira, você conclui razoavelmente que a passagem é unificada.

Usando os procedimentos descritos posteriormente, na etapa 2.12, você descobrirá que J. de Waard confirma amplamente sua análise e fornece uma descrição cuidadosa e detalhada da estrutura desta passagem em um artigo em Vetus Testamen-tum 27 (1977): 170– 77, intitulado "The Chiastic Structure of Amos v 1-17." Você poderia então usar o artigo de Waard para refinar e ajustar suas próprias conclusões quando necessário. Mas você não precisaria começar com a análise de Waard para descobrir as características estruturais básicas. Isso você pode, com cuidado, fazer por si mesmo. Além disso, tendo feito você mesmo a análise estrutural básica, você está em uma posição muito melhor para avaliar e apreciar a contribuição para sua exegese feita pelo artigo de Waard. Em outras palavras,

2.7. Contexto histórico

A situação histórica a partir da qual ou para a qual uma porção da Escritura foi escrita deve ser entendida para que aquela porção da Escritura seja totalmente significativa. Claro, algumas passagens são menos estritamente "históricas" do que outras. O Salmo 23, por exemplo, aborda preocupações que quase qualquer pessoa, em qualquer época ou lugar, foi capaz de apreciar. E o Salmo 117, com sua simples injunção de louvar a Deus e sua declaração de lealdade a Deus ("Louvado seja o LORD, todas as nações. . . ; a fidelidade do LORD dura para sempre ") é tão pan-histórico e pancultural quanto a literatura bíblica poderia ser.

Mas saber o contexto, o cenário social, o primeiro plano, o cenário geográfico e a data é normalmente essencial para avaliar o significado de uma passagem. A maioria das passagens do AT contém material que se relaciona fortemente com tais considerações. A Bíblia é uma revelação tão orientada historicamente que ignorar o contexto histórico tende a garantir interpretações errôneas. Um princípio básico da hermenêutica (a ciência da interpretação) é que uma passagem não pode significar o que nunca poderia ter significado. Em outras palavras, você deve saber a quais eventos, situações, tempos, pessoas e lugares sua passagem se refere, se você não deseja remover sua passagem do próprio contexto que lhe dá seu verdadeiro significado. A ilustração abaixo é escolhida como exemplo

de uma passagem cujo significado não pode ser adequadamente apreciado a menos que a devida atenção seja dada ao seu contexto histórico, cenário social, cenário, cenário geográfico e data.

2.7.1. O contexto esclarece uma profecia: Oséias 5: 8-10

À primeira vista, este breve oráculo profético é intrigante. Por que tanta ênfase nas buzinas (rpfwO # OhrFc; coxj,) e alarmw @ (yrIhf)? Por que a grande preocupação com um marcador de limite (lw @ bg @ :)? E por que tudo isso faz com que Yahweh proclame sua ira (ytirFb; (e)?

Quando você segue as sugestões em 1.7, "Contexto histórico", aqui está o que você encontra. Primeiro, consultando o índice de referência das Escrituras em praticamente qualquer uma das principais histórias de Israel (ver 4.7.2), você descobre que Oséias 5: 8–10 tem um referente histórico claro: o contra-ataque de Judá contra (norte) Israel em a guerra siro-efraimita de 734–733 aC. Ao ler além dessas fontes em comentários de orientação histórica e seguir os detalhes geográficos por meio de um bom atlas bíblico (4.7.6), você observa o seguinte (aqui apenas resumido):

Fundo. O rei Rezin de Aram-Damasco e o rei Peca de Israel abordaram o rei Acaz de Judá para se juntar a eles em uma coalizão militar para livrar-se do domínio assírio da Palestina, que começou sob Tiglate-Pileser III (745-728 aC). Acaz, seguindo o comando de Deus por meio de Isaías, recusou. Rezin e Pekah, temendo um traidor em seu meio, atacaram Judá (734) para depor Acaz. Acaz prontamente (e desta vez contra a ordem de Deus) apelou a Tiglate-Pileser, que logo atacou Aram-Damasco e Israel. Judá, aproveitando a situação, fez planos para um contra-ataque contra Israel. Foi aproximadamente neste ponto que Oséias 5: 8–10 foi falado (733).

Primeiro plano. Em sua viagem para o norte, os judeus naturalmente seguiriam pela estrada do cume central de Jerusalém (logo ao sul da fronteira do território Ben-Jaminita) para Gibeá, Ramá e Betel (chamado aqui depreciativamente NwE) ftyb @ , Beth-aven, " Casa do nada ", de Oséias). O contra-ataque foi bem-sucedido, e Judá capturou não apenas a maior parte do território de Benjamim, mas também de Betel, na fronteira sul de Efraim. Judá então controlou Betel durante o tempo de Josias (640–609; cf. 2 Reis 23: 4, 15–19).

Agora você vê a razão da ira de Deus sendo derramada (K7wOp% # O;) e, v. 10). Judá está em processo de captura de uma parte do território do norte, como alguém que secretamente "move uma pedra de fronteira" para pegar um pouco de a terra de seu vizinho (cf. Deut. 27:17). As buzinas e o alarme são os avisos de guerra. Benjamin e Ephraim são os alvos. O ataque original de

Israel e Aram-Damasco em Judá em 734 estavam errados. Mas o contra-ataque vingativo de Judá em 733 também estava errado. Isaías (7: 1-9) havia condenado o primeiro. Oséias aqui condena o último.

2.8. Contexto Literário

A análise do contexto literário tem interesses diferentes da análise histórica. Não se preocupa com todo o contexto histórico de quaisquer fontes que possam ser aprendidas, mas com a maneira particular como um autor ou editor inspirado colocou uma passagem dentro de um bloco inteiro de literatura. Freqüentemente, o contexto literário mais importante para uma passagem é o livro em que a própria passagem se encontra. Como a passagem se encaixa naquele livro - o que ela contribui para todo o fluxo desse livro e o que a estrutura desse livro contribui para isso - constitui um interesse primordial da etapa do contexto literário na exegese.

2.8.1. Examinando a função literária: Como um capítulo se encaixa em um livro - Lamentações 5

Você lê Lamentações rapidamente e começa a notar como o livro está organizado. Consultando uma introdução do AT (4.12.3) ou um artigo dicionário bíblico (4.12.5) sobre Lamentações, você confirma sua observação inicial: Cada um dos primeiros quatro capítulos é um poema de lamento separado organizado em um grau ou outro em o formato de um acróstico.

Você descobrirá que no capítulo 1 cada versículo contém três dísticos poéticos, e o primeiro dístico de cada versículo começa com uma letra sucessiva do alfabeto hebraico: hkfy) (1: 1), e wOkb @ f (1: 2), htfl; g% F (1: 3) e assim por diante. Existem vinte e dois versículos no capítulo 1, correspondendo às vinte e duas letras do alfabeto hebraico. Você descobrirá que o capítulo 2 está organizado de forma semelhante. No capítulo 3, entretanto, você vê um formato acróstico triplo. Em grupos de três, os sessenta e seis versos têm no início de seus dísticos os mesmos sucessivos Letra hebraica: ynI) jytiwO) ,, K7) ain3: 1, 2, 3; hlf @ b @ ihnFb @ f , Myki @ # Oaxjmab @ ;, in3: 4,5, 6; rdagF @ Mg @ A, rdag @ F , em 3: 7, 8, 9; e assim por diante. Este terceiro poema não lhe parece mais longo do que os dois anteriores e, portanto, você conclui que a versificação diferente não é um problema real. É a "intensidade" deste poema que o intriga: O poeta conseguirá mais acróstico do que isso?

Uma olhada no capítulo 4 fornece a resposta. Você está de volta aos vinte anos dois versos novamente, os versos são apenas um único acróstico (hkfy) e, 4: 1; yneb @ ;, 4: 2; MgA , 4: 3; etc.), e existem apenas dois dísticos por verso. Julgando pelo padrão acróstico e dístico, você vê que o livro não é mais gath-

dissipando o vapor, mas diminuindo a partir do ponto mais intenso ou clímax no capítulo 3.

2.8.2. Examinando a colocação

Passando agora para o quinto e último poema (Lam. 5), você encontra uma situação muito interessante. Um único par é tudo o que constitui cada verso. Além disso, esses dísticos não são mais arranjados acrosticamente. Apenas o número total de dísticos, conforme indicado pelos versos (22), reflete uma estrutura acróstica - e isso apenas vagamente. A relação do capítulo 5 com o resto do livro agora é muito mais clara. Está no final de uma progressão que começa fortemente (caps. 1 e 2), aumenta com intensidade (cap. 3) e diminui (cap. 4) para um gemido (cap. 5). Essa progressão é um dos formatos clássicos de literatura tecnicamente chamados de "tragédia".

2.8.3. Analisando detalhes

Até mesmo o versículo final (5:22) reflete o estado trágico de Jerusalém após a conquista baby-loniana: Será que Deus rejeitou seu povo, ficando com raiva deles d) & m; -d (a, "completamente"? Esta declaração pungente de incerteza agonizante destaca a situação dos sobreviventes.

2.8.4. Analisando autoria

Com relação à autoria, você conclui provisoriamente que, uma vez que o capítulo 5 se relaciona integralmente com o resto do livro, ele provavelmente foi escrito pelo autor dos capítulos 1–4. Consultando as introduções do AT, os dicionários da Bíblia e, especialmente, as seções introdutórias dos comentários sobre Lamentações, você encontrará teorias conflitantes sobre a autoria das Lamentações e / ou suas várias seções. Outras etapas do processo de exegese (especialmente contexto histórico, forma, estrutura e conteúdo lexical) são relevantes para a questão da autoria, portanto, ainda não pode ser respondida definitivamente. Mas, diante de opiniões acadêmicas conflitantes, você deve tomar sua própria decisão. Quando sua própria exegese indica unidade de autoria, você não precisa evitar isso.

2.9. Contexto Bíblico

Freqüentemente, as etapas 1.9.1, 1.9.2 e 1.9.3 fluirão juntas. Ver como a passagem é usada em outras partes das Escrituras (se for - e nem todas as passagens são) ajuda

identificar a relação da passagem com o resto das Escrituras, o que por sua vez leva a uma apreciação de sua importância para a compreensão das Escrituras.

2.9.1. Vendo o contexto mais amplo: Jeremias 31: 31-34

Sua primeira preocupação é descobrir se a passagem é citada ou aludida em outro lugar na Bíblia. Como a citação real de uma obra literária em outra obra literária é muito rara no antigo Oriente Próximo antes da era romana, você não pode esperar encontrar uma parte do AT citada em outra parte. Mas pode haver referência por alusão, e o Novo Testamento (NT) certamente tanto cita quanto alude ao Antigo. Aqui, duas ajudas irão trazer sua exegese muito antes de você precisar recorrer aos comentários: o "Índice de cotas" (às vezes chamado de "Índice de citações e alusões") na maioria dos NTs gregos, e as referências bíblicas em colunas ou cadeias uma Bíblia de referência.

Começando com o índice do NT, você encontra as seguintes entradas para a sua passagem:

Jer. 31:31 Matt. 26:28; Lucas 22:20; 1 Cor. 11:25 31–
34 2 Cor. 3: 6; Heb. 8: 8-12
33 2 Cor. 3: 3; Heb. 10:16
33–34 Rom. 11:27; 1 Tes. 4: 9
34 Atos 10:43; Heb. 10:17; 1 João 2:27

Olhando cada um deles em um NT grego (ou inglês), você descobre que os primeiros três (Mat. 26:28; Lucas 22:20; 1 Cor. 11:25) estão todos relacionados com a instituição da Ceia do Senhor , e todos parecem representar alusões genuínas, embora não necessariamente citações de Jeremias 31:31. A partir disso, você fica ciente de que, entre outras coisas, a Ceia do Senhor constitui uma lembrança do cumprimento do tipo de profecia que Jeremias fez em 31:31. A quarta referência, 2 Coríntios 3: 6, parece aludir a Jeremias 31:31 e 31:34; dá à predição original uma certa profundidade de interpretação ao enfatizar a enorme vantagem de um relacionamento espiritual com Deus sobre um relacionamento puramente técnico, em que a observância de regras escritas constitui a essência da justiça.

A referência de Hebreus 8 é uma citação completa de toda a passagem de Jeremias, que demonstra seu significado principal (é uma das mais longas citações do AT no NT). Mas, além disso, seu uso em Hebreus, um livro dedicado em parte a mostrar a superioridade da Nova Aliança sobre a Antiga, enfatiza especialmente como a passagem de Jeremias

implicitamente chama a atenção para a natureza temporária da aliança do Sinai.

O uso de Jeremias 31:33 em 2 Coríntios 3: 3 é outra alusão - não uma citação - em que Paulo enfatiza a participação humana em uma aliança viva, permitindo que você veja que ele vê a profecia como tendo a ver com um diferente, mais maneira responsiva e mais vital de se relacionar com Deus. Hebreus 10:16 fornece outra citação real, desta vez com o propósito de enfatizar como a profecia de Jeremias prevê uma era em que a ação redentora de Deus tornará desnecessária a ordem sacrificial da Antiga Aliança. Essa é uma perspectiva que você certamente deseja observar.

Partes dos versículos 33 e 34 da profecia aparecem em Romanos 11:27, com referência à restauração da nação de Israel. Esse aspecto das palavras de Jere-miah não pode ser ignorado (cf. Deut. 4:31). Paulo está encontrando na Nova Aliança o verdadeiro cumprimento das promessas feitas a Israel.

Examinando a seguir a lista de 1 Tessalonicenses 4: 9, você não reconhece nenhuma alusão óbvia a qualquer redação de Jeremias 31: 31-34. "Amar uns aos outros" parece mais uma alusão a Levítico 19:18 ou Deuteronômio 10: 18-19 ou Provérbios 17:17 ou semelhantes do que a Jeremias
31. O "Índice de citações" está errado neste ponto? Muito possivelmente, sim (!). É claramente uma lista que você deve usar com cautela.

Da mesma forma, apenas no sentido mais geral, Atos 10:43 pode ser considerado uma referência a Jeremias 31. O perdão é uma promessa profética muito mais ampla do que um texto. Hebreus 10:17, no entanto, é certamente uma citação de parte de Jeremias 31:34, novamente com a ênfase na possibilidade de pecados serem perdoados sem que os sacrifícios contínuos da Antiga Aliança sejam feitos (cf. Heb. 10:16, acima de). Mas 1 João 2:27, a lista final, com sua declaração "Não precisas de ninguém para te ensinar", parece-te não ser uma referência a Jeremias 31:34. Novamente, o "Índice de citações" é um tanto enganoso e você conclui que pode descartar esta referência como irrelevante.

Seguir uma referência de coluna da Bíblia ou referência de cadeia produz resultados semelhantes. Algumas referências serão muito úteis; alguns serão errôneos, com base em uma semelhança no texto ou tópico, mas em um exame mais atento, provando não ser uma citação ou alusão real. Classificar os resultados gerados por uma concordância de computador também requer seletividade de sua parte. Um trabalho exegético sensato o ajudará a distinguir o relevante do irrelevante e o ajudará a estar preparado com antecedência para avaliar quão bem os comentaristas trataram das questões levantadas pelo uso bíblico.

Mas que tal encontrar passagens semelhantes ou relevantes para aquela em que você está trabalhando quando o "Índice de citações" e as listas de referências são silenciosas ou quando você quer ir mais longe do que elas? Para

fazer isso, você deve confiar em seu próprio conhecimento do contexto bíblico e quaisquer indicações que você

pode colher de livros, artigos e comentários que tratam de sua passagem e / ou seus temas. Mas lembre-se, seu próprio julgamento deve prevalecer aqui. O que outra pessoa considera "relacionado" pode ou não ser. Cabe a você decidir.

Nosso exemplo diz respeito a uma passagem do AT usada no NT. Para muitas passagens, os "usos" serão limitados a outros contextos OT. Em não poucos casos, passagens paralelas ou relevantes devem ser localizadas exclusivamente com base em conexões temáticas ou de vocabulário que você deve fazer o seu melhor para localizar e avaliar. As concordâncias tópicas geralmente ajudam (se houver vocabulário compartilhado), mas de outra forma, apenas lendo os comentários ou artigos sobre sua passagem, se eles existirem, você ficará ciente de como sua passagem deve ser entendida em um contexto amplo.

Observação: Livros como a Análise Tópica da Bíblia de Elwell ou o Manual de Textos Bíblicos Básicos de Davis (4.9.2) são freqüentemente úteis tanto aqui quanto no passo 2.10.

2,10. Teologia

Se você é cristão, o Antigo Testamento também é sua herança teológica (Gl 3:29). O que você acredita é informado por seu conteúdo, corrigido por suas restrições e estimulado por seus ensinamentos. A teologia é um empreendimento grande e às vezes complicado, mas não pode ser ignorado. Como uma passagem se encaixa em todo o sistema de crença cristão merece atenção cuidadosa. Das muitas passagens individuais da Bíblia, vemos a imagem do que Deus revelou especificamente; de todo o orbe da teologia, temos a perspectiva adequada para apreciar as verdades de cada passagem individual.

2.10.1. Uma perspectiva especial sobre a doutrina de Deus: Oséias 6: 1-3

Este breve oráculo é uma das várias promessas de restauração distribuídas por Oséias. Entre os anúncios da próxima destruição e exílio, de vez em quando encontramos lembretes de que Yahweh nunca destruirá completa e finalmente seu povo, mas um dia restaurará e abençoará um remanescente resgatado do exílio.

Examinando Oséias 6: 1-3, então, por sua relação com a teologia cristã em si, você primeiro nota que sua mensagem não se limita à Antiga Aliança. (Em geral, as promessas de restauração abrangem a Nova Aliança.) Sua essência parece ser um convite para um povo (re) aceitar a Deus, visto que a linguagem é plural e corporativa, não singular e individual. A passagem é, portanto, escatológica da perspectiva do AT e

também representa uma escatologia parcialmente realizada da perspectiva do NT. Referindo-se a um ou mais

teologias sistemáticas para um sentido das categorias adequadas (4.10.2), você determina que toca na doutrina do pecado, em que o perdão é parte da promessa; e toca na doutrina da igreja, em que a fidelidade de Deus ao seu povo como uma entidade corporativa é prometida aqui (cf. Gal. 3: 26-29; Ef. 2: 11-22; etc.). Mas seu impacto teológico mais direto pode muito bem ser na área da doutrina de Deus (teologia propriamente dita). Você nota que a passagem enfoca toda a relação do povo de Deus com ele. Ele causou as punições; ele vai curar (v. 1). Ele vai reviver e restaurar (v. 2). Se for reconhecido, ele mostrará sua fidelidade (v. 3). Assim, a consistência de Deus, sua misericórdia contra seu julgamento, sua acessibilidade e assim por diante, são todos aspectos do oráculo.

Você tenta avaliar a contribuição da passagem para a sua compreensão da teologia tão especificamente quanto possível. Nesse caso, a passagem não diz nada inteiramente único em termos de seus temas gerais (conceitos), mas certamente usa uma linguagem um tanto única (palavras e redações) para apresentar seus pontos de vista. Por exemplo, você nota no versículo 1 que a descrição do castigo de Deus por meio dos verbos PrF + f (separar) e K7yA (atacar), combinados com
promessas imediatas de cura (w @ n) epf% r: yIw :) e bandagingw @ n # Oeb @ ; x; yAw :(), é uma descrição metafórica que não tem um paralelo preciso em outras partes da Bíblia.
A linguagem de "dois" e "três" dias também é especialmente dramática, mas não pretende ser uma dica da duração entre a crucificação e a ressurreição, você conclui corretamente. A ideia de que Yahweh mostra sua fidelidade por meio da natureza e também é tão confiável quanto as partes mais estáveis da criação (v. 3) dificilmente deixa de ter analogia nas Escrituras. Mas as combinações de formulações como t (adAlf hpfd: @rInI (permitir que busque o conhecimento de) e rxa # aO (amanhecer), M # eOg% E (chuva) e #OwOql; ma (chuva de primavera) fornecem uma descrição analógica da confiabilidade de Deus não deve ser encontrada precisamente em outros contextos. Você conclui, então, que a contribuição mais significativa da passagem para a teologia cristã é o seu forte reforço da doutrina da fidelidade de Deus por meio de palavras particularmente dramáticas e mesmo impressionantes, incluindo metáforas e símiles.

2,11. Aplicativo

Sem aplicação, a exegese é apenas um exercício intelectual. Cada etapa do processo de exegese deve ter como objetivo a crença correta e a ação correta. A Escritura cumpre seu propósito inspirado não apenas em entreter nossos cérebros, mas também em afetar nosso próprio viver. A Bíblia é tão variada que as aplicações de suas várias partes serão diversas. Mas isso não

significa que qualquer aplicação não deva ser o resultado de um processo rigoroso e disciplinado

empreendimento. As diretrizes da etapa 2.11 foram elaboradas para ajudá-lo a manter sua percepção das implicações de uma passagem o mais fiel possível à sua aplicabilidade legítima.

2.11.1. Amostras de uma vida correta: Jó 31

Aqui Jó conclui seu "protesto de inocência", uma forma de discurso também encontrada em lugares como 1 Samuel 12: 3-5 e Atos 20: 25-35. Ele admite que, se realmente tivesse cometido vários tipos de atos imorais, mereceria o castigo divino. Mas ele nega firmemente ter violado a lei de Deus e, no decorrer de sua negação, descreve como uma pessoa decente e moral deve ou não deve agir. É essa perspectiva que lhe interessa. De 1: 8; 2: 3; e 42: 7–8 você está ciente de que a vida de Jó tem sido um modelo de comportamento e deseja ver o que pode ser aprendido com suas declarações sobre seu modo de vida.

Analisando as questões da vida (ver 1.11.1) mencionadas na passagem, você relaciona seis que parecem claramente comparáveis às questões da vida atual: propriedade sexual (vv. 1-4, 9-12); honestidade (vv. 5-8); apenas lidar com funcionários (vv. 13-15, 31); generosidade para com os necessitados (vv. 16–23, 29–34); materialismo / idolatria, duas questões comumente ligadas no pensamento bíblico (vv. 24-28); e arranjos financeiros (vv. 38–40). Alguns dos seis se sobrepõem parcialmente, mas tratá-los separadamente no início tende a manter as questões claramente em foco.

Visto que Jó 31 não contém um comando direto para o leitor fazer algo, a natureza (1.11.2) do aplicativo é que ele informa. Isso não significa que o pedido seja menos urgente ou significativo, no entanto.

A passagem fala principalmente de fé ou ação (1.11.3)? Embora alguns elementos estejam relacionados à fé (por exemplo, vv. 35–37), o principal interesse centra-se no comportamento de Jó, em sua ação.

E quanto ao público (1.11.4)? Aqui, a resposta pode variar dependendo do problema específico. Todo mundo tem um relacionamento pessoal com a propriedade sexual, então nenhuma pessoa ou grupo seria excluído dessa questão da vida. Da mesma forma, a honestidade, a generosidade para com os necessitados e os arranjos financeiros dizem respeito a todos. Mas nem todo mundo tem funcionários. A maioria das pessoas é empregadora ou empregada, mas aposentados ou filhos geralmente não são. Além disso, no mundo moderno, muitos empregadores não são indivíduos, mas corporações. Reconhecer essas nuances ajuda a tornar seu aplicativo o mais preciso possível.

O trabalho 31 aborda várias categorias (1.11.5) de aplicação. É pessoal e interpessoal e diz respeito a questões sociais, econômicas, religiosas e financeiras. Particularmente interessante é a referência ao idólatra

adoração nos versículos 24-28 (ou seja, adoração dos corpos celestes como símbolos de divindades; cf. 2 Reis 21: 3; 23: 5, 11; Sof. 1: 5; etc.) em tal contexto. Isso pode lembrá-lo de que um aspecto importante da idolatria como sistema religioso é que ela tolera o egoísmo e o materialismo, ao passo que a religião da aliança não o faz.

O foco do tempo (1.11.6), você decide, é relativamente ilimitado. O potencial para o pecado nas áreas mencionadas por Jó certamente continua no presente e certamente continuará até a consumação desta era (várias passagens do NT apoiariam essa conclusão).

Finalmente, você deve tentar definir os limites de aplicação (1.11.7). Sua principal preocupação seria evitar mal-entendidos por parte do público. A aplicação central de Jó 31 é que uma vida correta deve ser decente, honesta, generosa, justa, fiel, altruísta e não exploradora. A passagem não sugere, entretanto, que a opressão legal de órfãos deva ser punida com a amputação do braço de um ofensor (vv. 21-22), ou que uma porta da frente fechada é evidência da pecaminosidade do proprietário (v. 32). Nem são as maldições particulares que Jó potencialmente invoca sobre si mesmo como prova de sua decência, indicadas como punições modernas normais ou apropriadas. E expressões metafóricas como "Minha porta estava sempre aberta" não são afirmações literais de fato. Mas se o público para o qual você está fazendo sua exegese não souber alguma coisa ou alguma dessas coisas,

2,12 Literatura Secundária

Você pode perder tempo e energia em exegese se perder artigos, livros ou comentários relevantes para a sua passagem. Usando o processo descrito aqui, você geralmente pode localizar a maior parte da literatura relevante com bastante rapidez. Este processo não é exaustivo, mas é uma boa maneira de cobrir muito terreno rapidamente.

1. Procure sua passagem em um ou mais dos bancos de dados eletrônicos descritos no capítulo 4, seção 12. Siga os procedimentos descritos lá para encontrar o que foi escrito em sua passagem. Como backup, você também pode procurar sua passagem em um recurso impresso, como todos os três volumes da Bibliografia Bíblica de Langevin (4.12.1). Langevin lhe dará uma lista da maioria dos livros e artigos escritos sobre sua passagem de 1930 a 1983.

2. Procure sua passagem nos números anuais dos Resumos do Antigo Testamento (4.12.1.) Em formato eletrônico ou impresso, para os anos de 1978 até o presente. A grande vantagem do OTA é que ele não só fornece títulos, mas também resumos bem redigidos do que o artigo ou livro diz.

Isso permite que você preveja com relativa precisão se o livro ou artigo contém ou não informações úteis para sua exegese.

3. Se tiver tempo, você também pode optar por consultar sua passagem no Elenchus bibliographicus biblicus (4.12.1) para os anos que abrange. Isso às vezes pode adicionar um ou dois itens à sua lista, especialmente antes de 1930, para a qual a maioria dos bancos de dados eletrônicos são silenciosos. O índice de Hupper (4.12.1) também pode ajudá-lo aqui. Lembre-se: o antigo pode ser ouro, e o novo não é necessariamente verdadeiro apenas porque é novo, portanto, não despreze as obras mais antigas como se as novas fossem automaticamente melhores.

4. Da introdução de Longman e Dillard (4.12.3) ou da introdução de Soggin e / ou da introdução mais antiga de Eissfeldt (4.1.2), ou de uma ou mais das bases de dados eletrônicas, ou em menor extensão da bíblia bíblica de Langevin (4.12 .1), você pode obter uma boa lista de comentários sobre o livro que inclui sua passagem. Para comentários mais recentes, desde o final dos anos 1970, você poderá verificar as listagens anuais no Old Testament Abstracts (4.12.1) - especialmente fácil de fazer se você tiver acesso à versão eletrônica.

5. Examine rapidamente todos os artigos, livros e comentários que estão disponíveis para você, procurando os livros e artigos mencionados neles que podem ser relevantes para a sua passagem. (Lembre-se de que coisas relevantes à sua passagem podem não ter sido escritas diretamente nela.) Adicione-os à sua lista. Especialmente úteis aqui estão os volumes em séries como Hermeneia e o Word Biblical Commentary porque essas séries instruem seus autores a compilar dados bibliográficos relativamente exaustivos tanto sobre o livro bíblico quanto sobre suas passagens individuais, até a data de publicação do volume em questão. É sempre útil ver as referências bibliográficas que um estudioso experiente considera relevantes para listar em conexão com uma determinada perícope.

6. Mesmo se você não puder ler os livros, artigos e comentários em língua estrangeira listados no capítulo 4 ou nas etapas anteriores, você ainda pode examinar aqueles disponíveis para ver se eles mencionam artigos em inglês e livros relevantes para a sua passagem; adicione-os à sua lista também.

O processo descrito aqui, embora dificilmente exaustivo, irá levá-lo tão longe tão rápido que você terá à sua disposição um corpo substancial de literatura útil para verificar o trabalho exegético que você fez até agora.

Capítulo três

Guia resumido para a exegese do sermão

Teu breve guia tem como objetivo fornecer ao pastor um formato prático para seguir no trabalho exegético em uma passagem da Escritura para o propósito de pregar com competência sobre ele. Cada seção do guia contém uma sugestão do tempo aproximado que se pode desejar dedicar às questões levantadas naquela seção. O tempo total alocado é arbitrariamente definido em cerca de cinco horas, o mínimo que um pastor deveria normalmente ser capaz de dedicar ao aspecto de pesquisa da preparação do sermão. Dependendo da passagem específica, do tempo disponível para você em qualquer semana e da natureza de sua familiaridade com os recursos exegéticos, você descobrirá que pode fazer ajustes consideráveis nas alocações de tempo. Se você é novo na pregação exegética, precisará aumentar substancialmente as alocações de tempo.

À medida que você se familiariza cada vez mais com as etapas e métodos, pode chegar a um ponto em que pode dispensar a referência ao próprio guia. Esta é a intenção deste manual - que você deve começar, não que sempre seja necessário.

Comente

A maioria dos pastores que são teologicamente treinados foram solicitados a escrever pelo menos um trabalho de exegese durante seus dias de seminário. Muitos escreveram artigos de exegese do AT baseados no texto hebraico. Mas poucos foram mostrados como fazer a transição do trabalho exegético e habilidades exigidas para um trabalho de conclusão de curso para aquelas exigidas para um sermão. O termo artigo requer pesquisa e redação substanciais, é em muitos aspectos restrito e técnico e envolve o redator na produção de uma impressão formal para ser

avaliado por um único docente, com especial atenção à competência metodológica e abrangência, incluindo notas e bibliografia. O sermão é geralmente composto em dez horas ou menos (total - embora os pastores das maiores igrejas relatem gastar mais de vinte horas por semana em seus sermões), deve evitar ser excessivamente estreito ou técnico, não requer um manuscrito formal, e é avaliado por um grande e diversificado grupo de ouvintes que, em sua maioria, não são estudiosos e estão muito menos interessados na competência metodológica do que nos resultados práticos dela.

Como o formato e o público são tão radicalmente diferentes, é de se admirar que os pastores achem difícil ver a conexão entre o que aprenderam no seminário e o que se espera que façam em seu escritório e no púlpito? É de se admirar, também, que o sermão de domingo comum seja tão freqüentemente desprovido de visão exegética ou salpicado de absurdos exegéticos que inúmeras congregações em todo o país anseiem em vão por uma "simples pregação da Bíblia"? O pastor, tendo abandonado há muito tempo qualquer esperança de que sua programação semanal permitiria todas aquelas horas e todo aquele esforço para produzir o mesmo tipo de exegese de alta qualidade envolvida na redação do trabalho de conclusão de curso, não tem nada para colocar em seu Lugar, colocar. Como resultado, nenhuma exegese real é feita de forma alguma! O sermão se torna uma longa sequência de iluminações pessoais, anedotas, truísmos,

Os comentaristas geralmente estão bem distantes do nível de compreensão específico e das preocupações práticas da congregação que está ouvindo o sermão. Isso é uma grande vergonha, porque o pastor está na posição ideal para fazer a conexão entre os insights da pesquisa acadêmica e as preocupações da vida prática, mas não pode fazer com que um tenha relação com o outro. Afinal, como encontrar tempo, semana após semana, para se dedicar à extensa pesquisa em que se basearia um sermão verdadeiramente exegético? Tanto o pastor quanto a congregação sofrem por falta de um método para preencher a lacuna, um método que, surpreendentemente, quase nunca é ensinado nos seminários.

Este pequeno guia para a exegese do sermão é uma versão resumida e uma versão combinada do guia completo usado para os documentos de exegese do capítulo 1. Embora o processo da exegese em si não possa ser redefinido, a maneira como é feito pode ser consideravelmente ajustada. A exegese para a preparação do sermão não pode e, felizmente, não precisa ser tão exaustiva quanto a exigida para um trabalho de conclusão de curso. O fato de não poder ser exaustivo não significa que não seja adequado. O objetivo do guia mais curto é ajudar o pastor a extrair da passagem os

fundamentos relativos à hermenêutica sólida (interpretação) e exposição (explicação e aplicação). O final

produto, o sermão, pode e deve ser baseado em pesquisas que são reverentes e corretas nos estudos. O sermão, como um ato de obediência e adoração, não deve envolver estudos de má qualidade em um manto de fervor. Deixe seu sermão ser emocionante, mas seja em todos os sentidos fiel à revelação de Deus.

Observação: Quanto mais familiarizado você estiver com o processo completo descrito no capítulo 1, mais bem-sucedido será o uso do processo mais curto descrito aqui. Portanto, não é aconselhável pular um para tentar lucrar imediatamente com o outro.

3.1. Texto e Tradução(Reserve cerca de uma hora.)

3.1.1. Leia a passagem repetidamente

Leia a passagem em voz alta, se possível em hebraico. (A pesquisa mostra que a memória oral-aural é armazenada no cérebro humano de forma diferente da memória visual, então ler em voz alta irá acelerar e melhorar o processo de se tornar confortável com o conteúdo da passagem.) Tente sentir a passagem como um unidade transmitindo a palavra de Deus para você e sua congregação. Revise a passagem em voz alta também em inglês. (Use uma tradução moderna, a menos que você e sua congregação tenham decidido usar uma mais antiga, como a King James Version. Neste último caso, você deve ter o dobro de cuidado para prestar atenção ao passo 3.1.4, abaixo.) Tente familiarize-se o suficiente com a passagem para que possa manter o essencial na sua cabeça ao prosseguir nas cinco etapas seguintes. Esteja atento para a possibilidade de que você possa precisar ajustar um pouco os limites de sua passagem, uma vez que as divisões de capítulo e verso como as temos são secundárias à composição do original e nem sempre são guias confiáveis para os limites de unidades lógicas verdadeiras. Verifique começando alguns versículos antes do início da passagem e avançando alguns versículos após o final. Ajuste os limites, se necessário (reduza ou expanda a passagem para coincidir com limites mais naturais se o seu sentido da passagem assim exigir). Uma vez que você tenha certeza de que a passagem está devidamente delimitada e de que você tem uma noção preliminar de seu conteúdo e de como suas palavras e pensamentos fluem, prossiga para a etapa 3.1.2 abaixo. visto que as divisões de capítulo e versículo, como as temos, são secundárias à composição do original e nem sempre são guias confiáveis para os limites das verdadeiras unidades lógicas. Verifique começando alguns versículos antes do início da passagem e indo alguns versículos após o final. Ajuste os limites, se necessário (diminua ou expanda a passagem para coincidir com limites mais

naturais se o seu sentido da passagem assim exigir). Uma vez que você esteja certo de que a passagem está devidamente delimitada e de que você tem uma noção preliminar de seu conteúdo e de como suas palavras e pensamentos fluem, prossiga para a etapa 3.1.2 abaixo. já que as divisões de capítulos e versículos, como as temos, são secundárias à composição do original e nem sempre são guias confiáveis para os limites das verdadeiras unidades lógicas. Verifique começando alguns versículos antes do início da passagem e avançando alguns versículos após o final. Ajuste os limites, se necessário (diminua ou expanda a passagem para coincidir com limites mais naturais se o seu sentido da passagem assim exigir). Uma vez que você tenha certeza de que a passagem está devidamente delimitada e de que você tem uma noção preliminar de seu conteúdo e de como suas palavras e pensamentos fluem, prossiga para a etapa 3.1.2 abaixo. Ajuste os limites, se necessário (reduza ou expanda a passagem para coincidir com limites mais naturais se o seu sentido da passagem assim exigir). Uma vez que você tenha certeza de que a passagem está devidamente delimitada e de que você tem uma noção preliminar de seu conteúdo e de como suas palavras e pensamentos fluem, prossiga para a etapa 3.1.2 abaixo. Ajuste os limites, se necessário (reduza ou expanda a passagem para coincidir com limites mais naturais se o seu sentido da passagem assim exigir). Uma vez que você tenha certeza de que a passagem está devidamente delimitada e de que você tem uma noção preliminar de seu conteúdo e de como suas palavras e pensamentos fluem, prossiga para a etapa 3.1.2 abaixo.

3.1.2. Verifique se há problemas textuais significativos

Consulte as anotações textuais na Biblia Hebraica Stuttgartensia (BHS, ou BH^3ou BHQ) na parte inferior da página hebraica. Procure especificamente por variações textuais que realmente afetariam o significado do texto para

sua congregação na tradução para o inglês. Estas são as principais variantes textuais. Não há muito sentido em se preocupar com as variantes menores - aquelas que não fariam muita diferença na tradução para o inglês. Ao consultar um ou dois dos principais comentários técnicos que tratam de questões de texto e tradução (ver 4.12.4), você pode verificar rapidamente se identificou corretamente as variantes principais. Finalmente, você deve avaliar as principais variantes para ver se alguma deve ser adotada, alterando assim o "texto recebido" (o Texto Massorético impresso na Bíblia Hebraica). Se você não pode tomar uma decisão - muitas vezes os comentadores também não podem -, convém chamar a atenção da sua congregação para isso. A este respeito, consulte também os passos 3.1.4 e 3.1.5, abaixo.

3.1.3. Faça sua própria tradução

Tente fazer isso, mesmo se seu hebraico estiver fraco, adormecido ou inexistente. Sempre que necessário, você pode verificar-se facilmente consultando duas ou mais das versões modernas respeitadas. Evite referir-se a paráfrases não literais (mesmo que alguns sejam chamados de "versões" ou "traduções"), pois eles tendem a confundi-lo sem ajudar muito. Eles são confusos porque geralmente não representam uma tradução direta do original hebraico e, portanto, são difíceis de seguir. Eles não vão ajudar muito porque são úteis principalmente para folhear grandes blocos de material para obter a essência - em vez de para um estudo cuidadoso e próximo onde, até certo ponto, cada palavra (e apenas a palavra certa) é importante. Para obter ajuda na tradução, você também pode consultar uma versão interlinear (consulte 4.2.2) ou qualquer uma das versões de concordância de computador, como Accordance e BibleWorks (4.4.2).

Fazer sua própria tradução tem vários benefícios. Por um lado, vai ajudá-lo a reconhecer coisas sobre a passagem que você não notaria na leitura, mesmo no original. É um pouco como a diferença entre o quanto você percebe enquanto caminha por uma rua e o que você pode ver enquanto dirige por ela. Muito do que você começa a observar ao preparar sua tradução está relacionado aos passos 3.2-6. Por exemplo, você provavelmente ficará especialmente alerta para a estrutura da passagem, seu vocabulário, suas características gramaticais e alguns aspectos de sua teologia; tudo isso é chamado naturalmente à sua atenção no decorrer da tradução das palavras da passagem. Além disso, você é o especialista em sua congregação. Você conhece o vocabulário e o nível educacional de seus membros, a extensão de sua consciência bíblica e teológica, e assim por diante. Na verdade, você é a única pessoa capaz de produzir uma tradução

significativa da qual pode recorrer no todo ou em parte durante o sermão, para garantir que

a congregação está realmente entendendo a verdadeira força da palavra de Deus conforme a passagem a apresenta.

3.1.4. Compile uma lista de alternativas

Se a passagem contém dificuldades textuais ou de tradução, sua congregação merece ser informada sobre elas. A congregação pode se beneficiar por saber não apenas qual opção você escolheu em um determinado lugar da passagem, mas quais são as várias opções e por que você escolheu uma em vez da (s) outra (s). Eles podem, então, seguir alguns dos seus raciocínios em vez de aceitar suas conclusões meramente "pela fé". A melhor maneira de preparar isso para o sermão é por meio de uma lista de alternativas para as possibilidades textuais e de tradução. Apenas alternativas significativas devem ser incluídas em cada lista. Você pode esperar que sua lista contenha no máximo uma ou duas questões textuais e algumas questões de tradução. No próprio sermão, você pode facilmente trabalhar essas alternativas na discussão do que o texto diz por meio de introduções como estas: “Outra maneira de ler este versículo seria. . . ” ou “No original esta parte do versículo parece estar falando. . . . ” Um breve resumo de por que você acha que a evidência leva à sua escolha (ou por que você acha que a evidência não é decisiva) pode ser fornecido ou não, dependendo das demandas de tempo.

3.1.5. Comece uma lista de uso de sermão

Da mesma maneira que você compilou a lista de alternativas mencionadas em 3.1.4 acima (e talvez incluindo essa lista), mantenha próximo uma folha de papel ou uma janela de computador aberta na qual você pode registrar as observações de seu trabalho exegético sobre a passagem que você acha que vale a pena mencionar em seu sermão. Esta lista deve incluir pontos descobertos em todos os passos 3.1–6 e fornecerá uma referência fácil enquanto você constrói o próprio sermão.

O que incluir? Inclua exatamente as coisas pelas quais você se sentiria enganado se não as conhecesse. Eles não precisam ser limitados a observações genuínas de mudança de vida, mas também não devem ser insignificantes ou misteriosos. Se algo realmente o ajudar a apreciar e compreender o texto de uma maneira que de outra forma não seria óbvia, coloque-o na lista de menções.

Maximize em primeiro lugar. Inclua tudo o que você acha que merece ser mencionado, porque sua congregação pode lucrar em saber disso. Mais

tarde, quando você realmente escrever ou esboçar seu sermão, você pode ter que

excluir alguns ou a maioria dos itens da lista de menções, em razão da pressão do tempo e do espaço. Isso será especialmente verdade se você escolher tornar seu sermão dramático, artístico, estilizado ou algo semelhante, afastando-se assim mais ou menos de um formato rigidamente expositivo. Além disso, em perspectiva, você sem dúvida verá que certos itens originalmente incluídos para menção não são tão cruciais quanto você pensava inicialmente. Ou, inversamente, você pode descobrir que tem tanto significado para chamar a atenção de sua congregação que precisará agendar dois sermões sobre a passagem para expô-la adequadamente.

A lista de uso de seu sermão não é um esboço de sermão, assim como uma pilha de madeira não é uma casa. A lista é simplesmente um registro provisório das observações derivadas exegeticamente que você inicialmente acha que sua congregação deveria ouvir e pode de fato se beneficiar de saber.

3.2. Dados gramaticais e lexicais(Aguarde cerca de 50 minutos.)

3.2.1. Observe qualquer gramática que seja incomum, ambígua ou importante

Seu principal interesse é isolar características gramaticais que possam ter algum efeito na interpretação da passagem. Qualquer coisa que possa ser explicada, pelo menos de uma maneira geral, é um jogo justo para a congregação. Mas não se preocupe com minúcias. Encontre as principais anomalias, ambiguidades e pontos cruciais (características cruciais para a interpretação), se houver. Poucas passagens contêm muitos desses, portanto, a tarefa não deve demorar muito.

Ambiguidades merecem explicação especial. Se um profeta relatar que Yah-weh tem uma palavra MIlf # Of @ ryapenas confusão pode resultar se o ouvinte permanecer incerto sobre a interpretação adequada deste mandamento em termos de se "antes de mim" se refere ao espacial (na minha presença) ou ao temporal (antes de mim) ou ao devocional (acima de mim em importância) ou se o uso de “deuses” - um plural, afinal - pode implicar politeísmo real. As pessoas precisam saber

que Myhi $ l) v, “deuses”, tinha uma gama de significados que incluía “falsos deuses”, “ídolos”, “seres sobrenaturais como anjos” e assim por diante.

3.2.2. Faça uma lista dos termos-chave

Conforme você avança pela passagem, escreva todas as palavras em inglês (às vezes frases) que você considera importantes. Isso pode incluir verbos, adjetivos, substantivos, nomes próprios e assim por diante. Inclua qualquer coisa que você não tenha certeza de que a maioria de sua congregação poderia definir, bem como quaisquer termos que eles possam querer saber. Uma passagem típica de dez ou quinze versículos pode render uma dúzia ou mais de palavras. No exemplo 2.4.1, a história do discurso de Abias e da batalha contra Jeroboão em 2 Crônicas 13 produz mais de vinte palavras-chave e frases que a congregação média pode saber relativamente pouco sobre ou pode se beneficiar de ter exposto a eles (Abias, mil, Monte Zemaraim, todo o Israel, aliança de sal, servo de Salomão, consagra, sem deuses, holocaustos, pães da proposição, Deus de seus pais, etc.).

3.2.3. Reduza a lista a um tamanho gerenciável

Por causa das demandas de tempo, você deve ser seletivo. Decida se você pode incluir cinco, dez ou talvez mais dos termos-chave em sua lista de inclusão. Guarde os termos que você tem certeza de que sua congregação precisa aprender. (Da lista de exemplos acima, isso pode incluir: "aliança de sal", "caixa-de-consolo", "sem deuses", "Deus de seus pais", etc.) Elimine o que não é central para as necessidades de seu sermão, assim como você pode prever isso. Você pode descobrir que alguns pontos importantes de seu sermão surgirão no processo de decisão sobre o que comentar e o que deixar de lado com o mínimo ou nenhum comentário. No exemplo de passagem acima, por exemplo, você pode escolher “Um Pacto de Sal” ou “O que é um Pacto de Sal?” ou "Temos um pacto de sal com Deus?" como o título do seu sermão.

3.2.4. Faça um estudo de mini-palavras (estudo de conceito) de pelo menos uma palavra ou termo

Qualquer passagem escolhida de maneira sensata conterá pelo menos uma palavra ou fraseio importante (conceito) digno de investigação além dos limites da passagem. Obrigue-se a seguir a disciplina semanal de escolher uma palavra ou termo e amostrar seu uso e, portanto, sua (s) gama (s) de significado primeiro na seção, depois no livro, depois na divisão, depois no OT e depois no todo

Bíblia. Use as técnicas para o estudo de palavras (conceitos) descritas em 4.4.3, mas use seu tempo com sabedoria. Verifique os vários contextos em inglês, se desejar; saiba o que procurar buscando orientação nos léxicos e nos estudos de palavras publicados. Mas faça o que fizer, vá além do contexto imediato da passagem. Deixe sua congregação ouvir algo sobre essa palavra ou texto conforme é usado em toda a Bíblia da melhor maneira que você puder resumir as evidências no curto tempo que você tem. Novamente, lembre-se de que há uma diferença entre uma palavra e um conceito, e os conceitos reais da passagem transmitem sua mensagem, não tanto suas palavras individuais, mas unidades isoladas de discurso.

3,3. Forma e Estrutura(Reserve cerca de meia hora.)

3.3.1. Identifique o gênero e a forma

Sua congregação merece saber se a passagem é em prosa ou poesia (ou algum de ambos), e se é uma narrativa, um discurso, um lamento, um hino, um oráculo de dor, uma visão apocalíptica, um ditado de sabedoria, e assim por diante. Esses vários tipos (gêneros) de literatura têm diferentes características de identificação e, mais importante, devem ser analisados em relação às suas características individuais, para que o significado não seja perdido ou obscurecido. Por exemplo, considere a pregação de Jonas: "Ainda quarenta dias e Nínive será destruída!" (Jonas 3: 4). Sua congregação provavelmente ficará intrigada sobre por que Jonas, o ódio de Nínive, deveria ter evitado pregar uma mensagem tão obviamente negativa de condenação, a menos que você explicasse a eles que a possibilidade de arrependimento e, portanto, perdão está implícito neste aviso de punição adiada: “Ainda quarenta dias. ”O conhecimento da forma e de suas características leva ao conhecimento de que Jonas está, na verdade, embora relutantemente, pregando uma mensagem de esperança a Nínive. Certamente não é essencial que você identifique cada forma por seu nome técnico, mas você deve tentar ter certeza de que identifica o tipo geral de literatura - o gênero (por exemplo, profético) e, em seguida, a forma específica usada na passagem (por exemplo, o oráculo de advertência), uma vez que na maioria dos casos tal identificação servirá para aumentar a apreciação e a interpretação da passagem.

3.3.2. Investigue o ambiente de vida das formas, quando apropriado

Se houver alguma ligação discernível entre os formulários usados na passagem e as situações da vida real, identifique-os para sua congregação. O “vigia

canção ”usada para descrever a destruição da Babilônia do ponto de vista de uma sentinela (Isa. 21: 1-10) tem seu maior impacto quando a congregação é lembrada de que nos tempos antigos o vigia ou sentinela nas muralhas da cidade era frequentemente o primeiro pessoa para ver algo chegando e, assim, anunciar notícias de eventos significativos. Visto que o profeta também é o anunciador de notícias ou eventos de Yahweh, a imagem do oráculo de Isaías no capítulo 21 é especialmente apropriada. O conhecimento do ambiente de vida original do qual a forma é emprestada para reutilização é freqüentemente crucial para compreender seu significado. Explique esses fatores para sua congregação, e a mensagem profética pode chegar até eles com a mesma força com que chegou ao público original de Isa-iah. Você não precisa fazer uma análise crítica detalhada do texto para a sua congregação, mas você deve pelo menos seguir o princípio de que eles devem ouvir qualquer coisa sobre a (s) forma (s) que aumentaria sua compreensão da mensagem. Fazer menos é deixar a congregação parcialmente "fora do circuito". Sempre que possível, informe sua congregação sobre qualquer coisa que o ajude a entender o significado.

3.3.3. Procure por padrões estruturais

Faça um esboço da passagem, procurando descobrir seu fluxo ou progressão natural. Como isso começou? Como isso procede? Como isso chega ao fim? Como a estrutura se relaciona com o significado? A mensagem da passagem (ou o impacto da mensagem) está pelo menos parcialmente relacionada à estrutura? Quais são os estágios da “lógica” da passagem, e quais pistas interpretativas você pode discernir em sua lógica? Em não poucos casos, o esboço da passagem pode servir virtualmente como o esboço do próprio sermão. Na maioria dos outros, os dois certamente devem se relacionar de alguma forma.

Em seguida, procure especificamente por padrões significativos. Existem repetições de palavras, retomadas de ideias, sons, paralelismos, palavras centrais ou essenciais, associações de palavras ou outros padrões que podem ajudá-lo a entender a estrutura? Procure especialmente por evidências de repetições e progressões que podem ajudá-lo a entender o que a passagem está enfatizando. Como exatamente o escritor inspirado ordenou as palavras e frases, e por quê? O que é enfatizado assim? O que é o círculo completo completo? Existe algo especialmente bonito ou marcante na estrutura, especialmente se a passagem for um poema? Lembre-se de que a estrutura não apenas contém o conteúdo, mas também é, até certo ponto, parte do conteúdo. As estruturas podem ser bastante proeminentes (como

em Gênesis 1) ou bastante discretas (como em algumas histórias de reis israelitas),

3.3.4. Isole características únicas e avalie sua importância

A crítica de forma e a crítica de gênero enfatizam as características típicas e universais que são comuns a todas as instâncias de uma dada forma ou ampla categoria de literatura. A crítica da estrutura e a crítica retórica, por outro lado, estão mais preocupadas com o único e o específico em uma passagem particular. Ambos são necessários. Você precisa apreciar uma passagem pelo que ela tem em comum com outras passagens semelhantes, mas também pelo que ela contém, que a caracteriza de maneira especial, que a torna diferente. Em termos de estrutura geral, e também em termos de repetições e padrões progressivos, o que você encontra na passagem que lhe dá um sabor distinto - que descreve a própria passagem em seus próprios termos e de acordo com seus próprios tópicos e conceitos? Que conteúdo revelador particular é comunicado dentro e além apenas da (s) forma (s) e gênero (s) geral (is) que a passagem contém ou dos quais faz parte?

3.4. Contexto histórico-literário(Reserve cerca de uma hora.)

3.4.1. Examine o fundo da passagem

Geralmente há uma sobreposição considerável entre o contexto literário e o contexto histórico de uma passagem do AT. No entanto, é útil tentar identificar se alguma característica é principalmente literária ou principalmente histórica. Conseqüentemente, você deve primeiro tentar identificar a base literária geral da passagem. Consulte as introduções do OT (ver 4.12.3) e comentários (4.12.4) conforme necessário. Se for narrativa, o que a precedeu na narrativa? Se for parte de um grupo de histórias, quais histórias vieram antes e como elas conduzem à passagem? Se for um oráculo profético, quais oráculos servem para introduzir ou orientar de alguma forma a passagem? Tente isolar tanto o pano de fundo imediato (parágrafos anteriores ou seções do livro em que a passagem ocorre) e o pano de fundo geral (os materiais literários do AT relevantes de qualquer época anterior da história do AT).

Proceda da mesma maneira com o pano de fundo histórico, referindo-se às histórias do AT (ver 4.7.2) conforme necessário. Procure primeiro o pano de fundo imediato e depois o pano de fundo geral. Certifique-se de que sua congregação tenha uma noção do que aconteceu antes - de quais eventos e forças relacionados Deus supervisionou que prepararam o cenário para a passagem. Algumas passagens não têm muito pano de fundo histórico perceptível. O Salmo 23, por exemplo, não pode ser facilmente vinculado a nenhum evento específico do passado do salmista (ou de Israel). Este salmo, entretanto, possui características que são importantes no que diz respeito ao seu ambiente (ver 3.4.2, abaixo).

Você não pode esperar ser exaustivo em sua análise do pano de fundo histórico-literário da passagem no modesto tempo disponível para a preparação do sermão. Portanto, você deve ser seletivo de duas maneiras. Primeiro, concentre-se nos destaques. Selecione as características literárias e eventos históricos que parecem ser mais clara e obviamente importantes para a congregação estar ciente. Elimine da consideração aspectos do contexto literário e histórico da passagem que, se omitidos, não afetariam materialmente a habilidade de sua congregação de entender ou interpretar a passagem. Em outras palavras, você está procurando o essencial - as coisas que precisam ser apontadas para representar o pano de fundo da passagem de maneira justa. Estes devem ser representativos e não abrangentes. Em segundo lugar, resuma. Em alguns casos, talvez você não consiga gastar mais do que um ou dois minutos de seu sermão para discutir o contexto de uma passagem. Tente, então, construir um breve resumo das informações de fundo que definem o cenário para a passagem em seus contextos imediatos e, em seguida, em seus contextos gerais de acordo com o amplo alcance das coisas.

3.4.2. Descreva o cenário histórico-literário

Ter descrito o plano de fundo (3.4.1, acima) e o primeiro plano (3.4.3, abaixo) de sua passagem é um aspecto importante da descrição do contexto, mas há mais. Você também deve ter certeza de que sua congregação tem alguma noção do cenário literário em termos de localização e função, bem como autoria, e do cenário histórico em termos de coordenadas sociais, geográficas e arqueológicas, bem como coordenadas cronológicas reais (ou seja, a data em que os eventos da passagem ocorreram).

Posicionamento e função. Onde isso se encaixa na seção, livro, divisão, AT, Bíblia? É introdutório? Acaba em alguma coisa? É parte de um grupo de passagens semelhantes? É fundamental de alguma forma? Que tipo de lacuna sua ausência deixaria? Não é preciso demorar muito para discernir isso, e não é preciso demorar muito em um sermão para passar o que você aprendeu para a sua congregação de forma resumida.

Autoria. Quem escreveu isso? É claramente atribuído a alguém ou é anônimo? Existe disputa sobre a autoria? Saber (ou faria) alguma diferença? Se o autor é conhecido, o que mais esse autor escreveu? A passagem é típica ou atípica da obra do autor? Existem características conhecidas do autor que ajudam a tornar a passagem mais compreensível? Para um ouvinte, uma passagem da Escritura freqüentemente parece mais real se seu autor foi identificado e o caráter geral de sua escrita talvez seja apenas um pouco descrito.

Ambiente social (incluindo ambiente econômico e político). O que na vida de Israel nesta época ajudaria sua congregação a apreciar a passagem? A passagem aborda ou reflete quaisquer questões sociais, econômicas ou políticas, costumes ou eventos que devam ser mencionados? Sob quais condições e circunstâncias pessoais, familiares, tribais, nacionais e internacionais os eventos ou idéias da passagem foram produzidos?

Configuração geográfica. Onde foi escrito? Onde os eventos aconteceram? Isso faz alguma diferença na compreensão da passagem? A passagem seria diferente se fosse escrita ou se seus eventos tivessem ocorrido em outro lugar? Qual é a importância do cenário geográfico - marginal ou central? Se nenhuma configuração for fornecida, esse fato é significativo ou meramente acidental? Muitos pregadores relatam que os resultados desta parte do processo produzem especialmente o tipo de comentário em um sermão que faz com que os membros de uma congregação digam que se sentiram "bem ali", capazes de se imaginarem em algo da mesma relação com o material bíblico que presumivelmente o público original tinha.

Cenário arqueológico. Consulte o índice de citações das Escrituras de uma ou mais das arqueologias do AT (4.7.5), histórias e comentários. Há algo especificamente disponível de pesquisa arqueológica que se relacione com a passagem em si ou com seu contexto relativamente imediato? Se houver, fornece uma perspectiva útil de alguma forma?

Data. Sempre que possível, dê as datas absolutas e relativas para qualquer evento (s) ou pessoa (s) na passagem, ou para a produção literária (publicação original) da passagem. A maioria dos frequentadores da igreja conhece poucas datas. Eles geralmente não têm certeza se Rute vem antes ou depois de Davi, ou se Ester vem antes ou depois de Abraão, ou em que século localizar algum deles. Quanto mais você dedicar algum tempo para explicar as datas relacionadas a uma passagem (não precisa demorar muito), mais claro se tornará o relacionamento entre pessoas, livros e eventos para sua congregação. A revelação de Deus a nós é histórica: não negligencie a cronologia.

3.4.3. Examine o primeiro plano da passagem

O que se segue imediatamente, tanto literária quanto historicamente? O que vem a seguir no (s) capítulo (s) a seguir? É algo que se relaciona intimamente com a passagem ou não? Como isso se relaciona, e que ajuda, se houver, dá para entender a passagem? Há algum evento conhecido por ter ocorrido logo depois que possa lançar luz sobre a passagem? Usando as histórias do AT, verifique se há aspectos da história israelita ou do antigo

Oriente Próximo que não são cobertos (ou não são cobertos em detalhes) na Bíblia que nunca

no entanto, pode ajudar a mostrar a importância da passagem. Algo ocorre relativamente logo depois que pode ser significativo para sua congregação saber? Mesmo que um evento possa não ser resultado de, ou afetado por, algo mencionado na passagem, há eventos semelhantes ou relacionados logicamente (mesmo que não causalmente)? Siga o mesmo processo com o primeiro plano literário e histórico de longo alcance. Tente descrever o que se segue no livro, divisão, AT e Bíblia que pode ser de genuína relevância para a passagem. Faça o mesmo para o aspecto histórico. Não hesite em levar os assuntos até os tempos atuais ou além deles, se for legítimo. (Por exemplo, uma profecia do AT sobre o reino de Deus pode muito bem incluir o antigo Israel, a igreja atual e o futuro reino celestial.)

Em geral, você deseja evitar falar com sua congregação sobre a passagem isolada, como se não houvesse Escritura ou história em torno dela. Fazer isso é injusto com o alcance da revelação histórica; sugere à sua congregação que a Bíblia é uma coleção de fragmentos atomísticos mal conectados uns aos outros e sem muita relação com a passagem do tempo. Essa certamente não é a sua concepção da Bíblia, e também não deve ser a impressão que você deixa com seus paroquianos. Tente prestar atenção nas coisas (mesmo em resumo) que os ajudarão a perceber que Deus nos deu uma Bíblia que pode ser apreciada tanto no todo quanto nas partes, e que Deus controla a história agora, controlando assim nossa história com a mesma lealdade que ele mostrou ao seu povo na época do AT.

3,5. Contexto Bíblico e Teológico(Aguarde cerca de 50 minutos.)

3.5.1. Analise o uso da passagem em outras partes das Escrituras

Avalie os casos em que qualquer parte da passagem é citada em outra parte da Bíblia. Como e por que é citado? Como isso é interpretado pelo quoter? O que isso diz a você sobre a interpretação correta da passagem? O significado de uma passagem é sempre elucidado pela análise da maneira como é usada em outro contexto.

3.5.2. Analise a relação da passagem com o resto das Escrituras

Como funciona a passagem? Que lacunas ele preenche? A que é semelhante ou diferente? É um de muitos tipos semelhantes ou é bastante único? Alguma coisa depende disso em outro lugar? Outras passagens bíblicas ajudam a torná-lo compreensível? Como? Onde isso se encaixa na estrutura geral

da revelação bíblica? Que valores isso tem para o estudante da Bíblia? De que forma isso é importante para sua congregação?

3.5.3. Analise o uso da passagem e sua relação com a teologia

A quais doutrinas teológicas a passagem acrescenta luz? Quais são suas preocupações teológicas? A passagem pode levantar questões ou dificuldades sobre alguma questão ou postura teológica que precisa de uma explicação? Quão maiores ou menores são as questões teológicas abordadas na passagem? Onde a passagem parece se encaixar no sistema completo de verdade contido na teologia cristã? Como a passagem deve ser harmonizada com o todo teológico maior? Suas preocupações teológicas são mais ou menos explícitas (ou implícitas)? Como você pode usar a passagem para ajudar a tornar sua congregação mais teologicamente consistente ou, pelo menos, mais teologicamente alerta?

3,6. Aplicativo(Reserve cerca de uma hora.)

3.6.1. Liste os problemas da vida na passagem

Faça uma lista de possíveis questões da vida mencionadas explicitamente, mencionadas implicitamente ou logicamente a serem inferidas da passagem. Pode haver apenas um ou dois deles, ou talvez vários. Seja inclusivo no início. Mais tarde, você pode eliminar aqueles que, após reflexão, julga serem menos significativos ou irrelevantes.

3.6.2. Esclareça a possível natureza e área de aplicação

Organize sua lista provisória (mental ou escrita) de acordo com se a passagem ou partes dela são de natureza informativa ou diretiva, e então se elas tratam da área da fé ou da área de ação. Embora essas distinções sejam artificiais e até certo ponto arbitrárias, costumam ser úteis. Eles podem levar a aplicações mais precisas e específicas do ensino das Escrituras para sua congregação, e o ajudarão a evitar as aplicações vagas e gerais que às vezes não são aplicações.

3.6.3. Identifique o público e as categorias de aplicação

As questões vitais da passagem são instrutivas principalmente para indivíduos ou principalmente para entidades corporativas, ou não há diferenciação? Se para indivíduos, qual? Cristão ou não cristão? Clero ou leigo? Pai ou filho? Forte ou fraco? Altivo ou humilde? Se para pessoas jurídicas, quais? Igreja? Nação? Clero? Leigos? Uma profissão? Uma estrutura social?

As questões da vida estão relacionadas ou confinadas a certas categorias, como relações interpessoais, piedade, finanças, espiritualidade, comportamento social, vida familiar?

3.6.4. Estabeleça o foco de tempo e os limites da aplicação

Decida se a passagem pede principalmente o reconhecimento de algo do passado, uma fé ou ação presente ou esperança para o futuro; caso contrário, talvez uma combinação de tempos seja imaginada. Em seguida, defina os limites. Sua congregação seria bem servida por sugestões do que seriam aplicações extremas, para que não se inclinassem a pegar a passagem e aplicá-la de maneiras ou áreas que não fazem parte da intencionalidade das Escrituras. Existe um aplicativo que é primário enquanto outros são mais ou menos secundários? A passagem tem dupla aplicabilidade como, por exemplo, certas passagens messiânicas têm? Em caso afirmativo, explique-os à sua congregação e sugira onde estão suas responsabilidades de responder à (s) natureza (ões) de informar e dirigir da passagem.

Ao sugerir aplicações, geralmente é aconselhável ser cauteloso. Evite especialmente a falácia do exemplarismo (a ideia de que, porque alguém na Bíblia o faz, nós também podemos ou devemos fazê-lo). Esta é talvez a mais perigosa e irreverente de todas as abordagens de aplicação, uma vez que virtualmente todo tipo de comportamento, estúpido e sábio, malicioso e santo, é narrado na Bíblia. No entanto, esse tipo de abordagem macaco-ver-macaco-fazer para aplicar as Escrituras é amplamente seguido, em grande parte por causa da falta de bom púlpito para ensinar o contrário. Ser cauteloso envolve permanecer com o que é certo e fugir das aplicações questionáveis (possíveis, mas incertas). Você não é obrigado a sugerir à sua congregação todas as maneiras possíveis pelas quais uma passagem pode ser teoricamente aplicada. Você deve explicar a aplicação que é clara e intencionalmente a preocupação da passagem. A menos que você esteja convencido de que é a intenção da Escritura que uma passagem seja aplicada de certa maneira, nenhuma sugestão quanto à aplicação pode ser avançada com segurança. Seria muito melhor admitir para sua congregação que você não tem ideia de como a passagem poderia ser aplicada à vida deles do que convidá-los a buscar uma aplicação desprovida de autoridade escriturística legítima. Com toda a probabilidade, no entanto - se sua passagem for escolhida com sensatez e seu trabalho exegético feito corretamente - em seu sermão você estará em uma posição segura e prática de sugerir não apenas o que a passagem significa, mas também o que ela

deve conduzir você e seu congregação para acreditar e fazer. A menos que você esteja convencido de que é a intenção da Escritura que uma passagem seja aplicada de certa maneira, nenhuma sugestão quanto à aplicação pode ser avançada com segurança. Seria muito melhor admitir para sua congregação que você não tem ideia de como a passagem pode ser aplicada à vida deles do que convidá-los a buscar uma aplicação desprovida de autoridade escriturística legítima. Com toda a probabilidade, no entanto - se sua passagem for escolhida com sensatez e seu trabalho exegético feito corretamente - em seu sermão você estará em uma posição segura e prática de sugerir não apenas o que a passagem significa, mas também o que ela deve conduzir você e seu congregação para acreditar e fazer. A menos que você esteja convencido de que é a intenção da Escritura que uma passagem seja aplicada de certa maneira, nenhuma sugestão quanto à aplicação pode ser avançada com segurança. Seria muito melhor admitir para sua congregação que você não tem ideia de como a passagem poderia ser aplicada à vida deles do que convidá-los a buscar uma aplicação desprovida de autoridade escriturística legítima. Com toda a probabilidade, no entanto - se sua passagem for escolhida com sensatez e seu trabalho exegético feito de maneira adequada - em seu sermão você estará em uma posição segura e prática de sugerir não apenas o que a passagem significa, mas também o que deve conduzir você e seu congregação para acreditar e fazer. Seria muito melhor admitir para sua congregação que você não tem ideia de como a passagem pode ser aplicada à vida deles do que convidá-los a buscar uma aplicação desprovida de autoridade escriturística legítima. Com toda a probabilidade, no entanto - se sua passagem for escolhida com sensatez e seu trabalho exegético feito corretamente - em seu sermão você estará em uma posição segura e prática de sugerir não apenas o que a passagem significa, mas também o que ela deve conduzir você e seu congregação para acreditar e fazer. Seria muito melhor admitir para sua congregação que você não tem ideia de como a passagem poderia ser aplicada à vida deles do que convidá-los a buscar uma aplicação desprovida de autoridade escriturística legítima. Com toda a probabilidade, no entanto - se sua passagem for escolhida com sensatez e seu trabalho exegético feito corretamente - em seu sermão você estará em uma posição segura e prática de sugerir não apenas o que a passagem significa, mas também o que ela deve conduzir você e seu congregação para acreditar e fazer.

3,7. Movendo da Exegese para o Sermão

Existem muitas maneiras de preparar e proferi-los, bem como muitos tipos diferentes de sermões e livros sobre eles. Ainda assim, alguns conselhos gerais podem ser dados sobre a criação de um sermão que seja exegeticamente correto.

3.7.1. Trabalhe com a sua lista de uso de sermões

Organize as várias notas da sua lista em categorias. Veja quantos se encaixam. Alguns grupos parecem especialmente importantes? Por exemplo, grande parte da lista parece se concentrar em termos e temas teológicos? Nesse caso, talvez seu sermão deva ser especialmente teológico. A lista contém muitos elementos que fazem parte de uma história? Em caso afirmativo, o sermão como um todo ou em parte não pode ter a forma de uma história? Você precisará explicar muitos itens lexicais? Nesse caso, talvez sejam necessárias várias ilustrações e assim por diante. Geralmente, o material na lista de uso do sermão (3.1.5) deve pelo menos sugerir quais serão alguns dos principais blocos para a construção do sermão, quer sugira ou não um formato particular para o sermão. Lembre-se também, que você provavelmente não será capaz de incluir (ou pelo menos cobrir adequadamente) no sermão tudo o que você colocou provisoriamente na lista de uso do sermão. Descarte o que você deve. Um único sermão não pode fazer tudo.

3.7.2. Não use o esboço da exegese de doze ou seis passos como esboço do sermão

Você certamente não durará muito no pastorado se sua congregação ouvir todos os sermões começarem com "Vamos examinar os problemas textuais da passagem". O esboço exegético de seis pontos sugerido acima (3.1-3.6) fornece um formato ordenado e incremental para cobrir as questões exegéticas de uma passagem. Não é um esboço de sermão. Você deve organizar e incorporar os resultados de sua exegese no sermão de acordo com uma ordem que tem como preocupação primária educar e desafiar a congregação. Cabe a você decidir que tipo de sermão - contendo quais elementos e em que ordem - transmitirá isso melhor aos ouvintes, e ninguém está em melhor posição do que você para tomar tal decisão.

3.7.3. Diferencie entre o especulativo e o certo

Deixe sua congregação saber quais “descobertas” exegéticas são possíveis, quais são prováveis e quais são definitivas. Suponha que você esteja animado com a possibilidade de que um dístico poético específico em Miquéias parece ser adaptado

de Isaías, mas você seria irresponsável em apresentá-lo como um dado, uma vez que casos igualmente plausíveis podem ser construídos de que Isaías fez o empréstimo, ou que ambos os profetas se basearam em um repertório comum de poesia profética, ou que foram independentemente inspirados por uma mensagem e assim por diante. Pode não haver mal nenhum em alertar sua congregação sobre qualquer uma ou todas essas opções, contanto que você as identifique como especulativas.

3.7.4. Diferencie entre o central e o periférico

O sermão não deve dar igual prioridade a todas as questões exegéticas. O fato de você ter passado meia hora tentando esclarecer um problema histórico particularmente complicado da cronologia israelita-assíria não significa que 10 por cento do sermão deva ser explicado. Você pode muito bem optar por não mencioná-lo. Tente decidir o que a congregação precisa saber da passagem do sermão, em oposição ao que você precisava saber para preparar o sermão. Eles podem dispensar muito. Seus dois melhores critérios para tomar essa decisão são a passagem em si e suas próprias reações a ela. O que a passagem trata como significativo é provavelmente o que o sermão deve tratar como significativo; o que você sente que é mais útil e importante para você pessoalmente é provavelmente o que a congregação achará mais útil e importante para eles. Cada passagem devidamente identificada é sobre algo: tem um assunto principal. Se a sua pregação é fiel à passagem, sua congregação deve ser capaz de sair da igreja capaz de declarar qual é a "grande ideia" da passagem. E, de qualquer forma, essa "grande ideia" deve ser algo que os ajude a compreender Deus e sua relação com ele, ou você não pensou na exegese e seu ponto culminante na aplicação tão cuidadosamente quanto deveria. A propósito, se você fizer um trabalho adequado com as ideias de apoio, a grande ideia será melhor esclarecida na própria passagem e fixada na mente das pessoas;

3.7.5. Confie nos comentários homiléticos apenas até agora

A maioria dos pastores confia demais nos chamados comentários homiléticos (que enfatizam sugestões para a pregação) e não o suficiente em sua própria exegese acadêmica. Isso pode ser contraproducente, uma vez que, em sua maioria, os comentários homiléticos são exegeticamente superficiais. Além disso, o comentarista não tem conhecimento pessoal de você e de sua congregação e, portanto, não pode fornecer outras observações a não ser para todos os fins e

conhecimentos. O comentarista mal pode falar sobre as controvérsias, os pontos fortes e fracos especiais, os tópicos quentes, as preocupações étnicas, familiares, sociais, econômicas, políticas, educacionais, interpessoais e outras que constituem os desafios espirituais particulares para você e sua congrega -ção. O comentarista não tem ideia do quanto ou quão pouco sua congregação sabe sobre um determinado tópico ou passagem, quanto terreno você pretende cobrir em seu sermão, ou mesmo o tamanho das unidades da passagem que você escolheu para pregar. Conseqüentemente, recomendamos que você consulte os comentários homiléticos para obter os insights suplementares que eles podem lhe oferecer depois, e não antes, de ter feito o trabalho básico sozinho.

3.7.6. Lembre-se de que a aplicação é a principal preocupação de um sermão

Um sermão é uma apresentação destinada a aplicar a palavra de Deus à vida das pessoas. Sem aplicação, uma palestra não é um sermão; pode ser uma palestra, uma lição ou algo parecido, mas não é um sermão. Certifique-se de que o sermão que você construir forneça ao seu povo uma aplicação absolutamente clara, praticável e exegeticamente baseada. Isso não significa que a maior parte do tempo dedicado ao sermão deva ser gasto na aplicação. A maior parte do tempo pode, na verdade, ser gasta em questões que não são estritamente aplicáveis, desde que ajudem a estabelecer as bases para a aplicação. De fato, você dificilmente pode esperar que sua congregação aceite sua sugestão de aplicação de uma passagem somente por sua própria autoridade. Eles precisam ser mostrados como a aplicação é baseada em uma compreensão adequada do significado da passagem; eles provavelmente não levarão a aplicação a sério, a menos que isso esteja claro para eles. Da mesma forma, você não deve simplesmente explicar a eles o que diz, evitando o que exige. A Bíblia não é um fim em si mesma: é um meio para o fim de amar a Deus de todo o coração e amar o próximo como a si mesmo. É disso que tratam a Lei e os Profetas.

A referência à literatura secundária é sempre necessária. Existem muitas questões e fontes especializadas para interpretar essas questões para o aluno (ou o acadêmico profissional, nesse caso) para confiar apenas em sua metodologia pessoal. Para interpretar corretamente uma parte do livro de Jó, por exemplo, deve-se ter alguma compreensão das maneiras especiais em que os mitos cananeus são usados, reutilizados (embora higienizados), e de outra forma empregados no serviço da mensagem da soberania de Yahweh sobre todos criação. Da mesma forma, alguns aspectos do dialeto especial (antigo edomita) usado em Jó estão simplesmente além da compreensão do

estudante de seminário ou pastor cuja única língua semítica é o hebraico padrão. É necessário recorrer a

os especialistas por ajuda e muitas vezes até por uma consciência de quais são as questões exegéticas.

No entanto, o trabalho de ninguém pode ser aceito sem crítica. Os especialistas demonstram falta de discernimento e disposição para aceitar conclusões improváveis com a mesma frequência que qualquer outra pessoa. Eles são capazes de dar plausibilidade a seus julgamentos pobres e conclusões improváveis, cercando-os de grandes quantidades de dados relacionados, verborragia erudita e notas de rodapé pesadas. No entanto, o seu próprio bom senso e o seu direito de permanecer não convencido, até que lhe sejam mostrados fatos e argumentos que lhe pareçam convincentes, serão úteis. Ao enfrentar questões difíceis e especializadas que requerem perícia além da sua, sua principal preocupação não é originar algo, mas avaliá-lo. Observe criticamente o que os especialistas estão dizendo, compare sua lógica e seus dados e escolha entre eles o que parece mais convincente. Ninguém pode pedir mais de você.

Capítulo quatro

Recursos e ajudas de exegese

Tele ajuda e referências bibliográficas neste capítulo são organizadas de acordo com o esboço do guia completo no capítulo 1. Com algumas exceções necessárias, os livros recomendados são limitados aos disponíveis em inglês. Os melhores livros, em termos de relevância e também de perícia técnica, são listados, independentemente do viés teológico. No entanto, no caso das teologias do Antigo Testamento e Cristãs (4.10), alguma atenção é dada às diferenças pontos de vista teológicos.

4.1. Crítica Textual

4.1.1. A necessidade de crítica textual

Muitos pastores e estudantes consideram a crítica textual entediante e não conseguem imaginar que ela possa ser mais do que marginalmente significativa para os estudos bíblicos. Às vezes pode ser entediante, mas o mesmo ocorre com muitas tarefas acadêmicas importantes e necessárias. No entanto, a seleção adequada de leituras textuais pode ser bastante significativa para a interpretação de uma passagem e, portanto, não pode ser evitada. Mesmo os livros do AT que são relativamente livres de problemas textuais - o Pentateuco, Juízes, Ester, Jonas, Amós e assim por diante - ainda apresentam ao leitor escolhas textuais em praticamente todos os capítulos. E os livros bem conhecidos por suas freqüentes corrupções textuais - Samuel-Reis, Salmos, Jó, Oséias, Ezequiel, Miquéias, Zacarias e assim por diante - muitas vezes podem exigir que o exegeta tome decisões textuais que afetam a interpretação da maioria dos versos em uma determinada passagem! A tarefa da crítica textual pode parecer desagradável, até mesmo irritante; mas é inevitável.

Não existe uma única versão oficial do texto do AT. O texto hebraico impresso no antigo BH^3, o padrão atual, BHS (ver

4.1.5), e o próximo / em andamento BHQ é meramente um arranjo editado do Códice de Leningrado, um manuscrito do início do século XI DC, um manuscrito entre muitos dos tempos antigos e medievais.

Porque os formatos de BH^3/ BHS / BHQ prevêem a impressão deste manuscrito na íntegra com uma seleção de leituras alternativas (redações) dadas nas notas de rodapé, dando-se a impressão de que as leituras nas notas de rodapé são de alguma forma irregularidades, pequenos desvios da norma ou padrão dado em o texto completo impresso. Isso simplesmente não é assim. As leituras alter-nativas (chamadas de variantes) são em si apenas uma seleção das possíveis leituras diferentes de uma grande variedade de manuscritos antigos do AT em várias línguas, cada um dos quais foi considerado oficial e "padrão" por alguns comunidade de fé em algum momento no passado. A escolha de imprimir um manuscrito específico do século XI por causa de seu bom estado de preservação e data relativamente antiga não está errada - mas pode ser enganosa. Se um manuscrito medieval um pouco anterior estivesse no mesmo bom estado de preservação, ele teria sido escolhido para impressão, embora suas leituras pudessem ser diferentes em centenas de lugares ao longo do AT. Em outras palavras, as variantes fornecidas nas notas de rodapé das edições de BH, junto com as muitas outras variantes não mencionadas pelos editores bastante seletivos dessas edições, devem ser devidamente consideradas junto com o Códice de Leningrado. Muitas vezes, talvez até a maioria das vezes, é mais provável que preservem as palavras hebraicas originais do que o Códice de Leningrado. As variantes representam muitas outras cópias antigas do AT que também podem refletir o texto original. Em qualquer caso (em qualquer ponto do texto do AT), qualquer um deles pode estar certo e todos os outros que diferem podem estar errados.

Existem muitas diferenças entre as várias versões e muitas corrupções óbvias (formulações não gramaticais, ilógicas ou ininteligíveis) dentro de determinadas tradições manuscritas ou "recensões". Além disso, superando as corrupções óbvias estão as corrupções “ocultas”: aquelas que os copistas posteriores retrabalharam em redações que parecem à primeira vista sem falhas, mas se mostram não originais quando a informação completa de uma variedade de versões é comparada e analisada.

A crítica textual pode ser bastante complicada e, como as decisões sobre as redações originais costumam ser subjetivas, você pode ficar tentado a dizer: “Não tomarei nenhuma decisão sobre o texto. Vou trabalhar exclusivamente com o texto da minha Bíblia Hebraica BHS. ” Ao fazer isso, no entanto, você terá

tomou milhares de decisões automaticamente. Em todos os lugares do AT, você terá escolhido as leituras massoréticas do Códice de Leningrado, algumas das quais são as melhores, mas outras são as piores. Você se comprometerá a tentar interpretar frases e versos ilegíveis e incoerentes - facilmente clarificáveis por referência a outras versões. E você irá, pelo menos tacitamente, insultar a inteligência do autor humano original, bem como a inspiração do Espírito Santo do texto, aceitando sem crítica a TM às vezes sem sentido, às vezes curta demais, às vezes longa demais quando fecunda, ajuda- leituras alternativas completas estão disponíveis se você estiver disposto a despender o trabalho necessário para procurá-las e avaliá-las. A propósito, fazer crítica textual não apenas aprimora seu conhecimento de hebraico, grego e de quaisquer outras línguas relevantes que você possa ler; também ajuda a envolvê-lo nas decisões exegéticas básicas sobre o texto. Uma leitura "provável" é decidida em parte pelo apelo à natureza geral, estrutura, vocabulário e mensagem teológica do texto: as outras etapas do processo de exegese. Portanto, fazer sua crítica textual minuciosamente o ajudará a fazer bem o resto de sua exegese. Decidir não fazer qualquer crítica textual é decidir já que certas questões exegéticas estão além de você - desistir da luta, por assim dizer, antes de começar.

4.1.2. Explicações

Se todo o conceito de crítica textual é novo para você, um bom lugar para obter uma breve visão geral dos problemas é

Emanuel Tov, "Textual Criticism (OT)," no Anchor Bible Dictionary, 4: 393-412 (New York: Doubleday, 1992);

ou

Bruce K. Waltke, "The Textual Criticism of the Old Testament", no Expositor's Bible Commentary, 1: 211-28 (Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1979).

Uma introdução um pouco menos legível, mas igualmente abrangente, é encontrada em

SK Soderlund, "Text and MSS of the OT", na International Standard Bible Encylclopedia, 4: 798-814 (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans, 1988).

Para começar a realmente aprender o método, no entanto, uma introdução passo a passo clara à crítica textual do AT é encontrada no seguinte livro:

Ellis R. Brotzman, Old Testament Textual Criticism: A Practical Introduction (Grand Rapids: Baker Academic, 1994).

Um volume mais erudito e tecnicamente excelente sobre o assunto, que seja compreensível para o iniciante, mas valioso para quem já conhece o assunto em algum grau, é

Emanuel Tov, Crítica Textual da Bíblia Hebraica, 2ª ed. (Minneapolis: Augsburg Fortress Press, 2001).

Também é útil

P. Kyle McCarter Jr., Textual Criticism: Recovering the Text of the Hebrew Bible, Guides to Biblical Scholarship (Philadelphia: Fortress Press, 1986).

Uma introdução clássica ao assunto é encontrada em

Ernst Würthwein, O Texto do Antigo Testamento, rev. ed. (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans, 1995).

Este livro enfatiza textos e versões, mas não é tão útil para realmente aprender como fazer crítica textual.

O seguinte site contém links para livros e artigos que fornecem introduções à crítica textual:

Emanuel Tov, Electronic Resources Relevant to the Textual Criticism of Hebraico Scripture, http://rosetta.reltech.org/TC/vol08/Tov2003.html.

A Massorá é o repositório judaico medieval de notas de texto sobre a Bíblia Hebraica. A maioria dessas notas massorá são estatísticas (uma nota típica, por exemplo, pode dizer quantas vezes uma determinada palavra ocorre no plural masculino em Ezequiel) e, portanto, não é muito útil nos tempos modernos, quando as concordâncias de computador podem gerar os mesmos dados —E mais— ainda mais rapidamente. No entanto, de vez em quando, um aluno pode desejar entender do que se trata uma nota Massorá em particular - conforme impressa, digamos, no BHS (que possui notações massoréticas extensas). A melhor introdução de como funciona a Massorá é

Page H. Kelley, Daniel S. Mynatt e Timothy G. Crawford, The Masorah of Biblia Hebraica Stuttgartensia (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans, 1998).

A obra de referência clássica e completa sobre a Masorah é

Christian D. Ginsburg, The Massorah, 4 vols. (repr., New York: Ktav Publishing House, 1975).

Muito útil para suas definições e explicações sobre textos e versões e sua relevância para a crítica textual do AT (mas não tanto sobre o método de crítica textual em si) é

Frederick W. Danker, Ferramentas Multifuncionais para o Estudo da Bíblia, rev. ed. (Minneapolis: Fortress Press, 2003). Um CD-ROM está incluído para facilitar a pesquisa do livro.

Se você puder encontrar, uma fonte conveniente e notavelmente completa de informações sobre textos e versões, com atenção aos livros individuais, é encontrada na parte 5 de O Velho Testamento: Uma Introdução de Eissfeldt. Seu valor especial está nas abundantes referências a livros e artigos sobre os vários tópicos até 1965:

Otto Eissfeldt, The Old Testament: An Introduction (1965; repr., Oxford: Blackwell Publishers, 1978).

Também conveniente, embora consideravelmente mais geral, é

Roland Kenneth Harrison, Introdução ao Antigo Testamento (repr., Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans, 2000).

É uma sorte que este trabalho tenha sido reimpresso porque na parte 4 ("Texto e Cânon do Antigo Testamento") ele contém não apenas um valioso levantamento da história da escrita hebraica, mas também algumas avaliações judiciosas dos limites e frutos da crítica textual . Junto com a introdução de cada livro, Harrison fornece uma breve descrição de suas características textuais e problemas notáveis.

Para acesso fácil a definições claras e práticas de termos, listados em ordem alfabética, consulte um dos seguintes:

Richard N. Soulen e R. Kendall Soulen, Handbook of Biblical Criticism, 3ª ed., Rev. (Louisville, KY: Westminster John Knox Press, 2003).

Harry J. Harm, "Glossário de alguns termos usados nos estudos do Velho Testamento," Notes on Translation 11, no. 4 (1997): 46–51.

Ver como um especialista faz a crítica textual é uma das melhores maneiras de tentar entender os métodos envolvidos. Vale a pena aprender com um dos exemplos clássicos de crítica textual cuidadosa aplicada a uma grande seção do AT, se você puder encontrá-lo (disponível, por exemplo, em um dos pacotes do Logos Bible Software):

SR Driver, Notas sobre o Texto Hebraico e a Topografia dos Livros de Samuel, 3ª ed. (Oxford: Clarendon Press, 1913).

4.1.3. As versões

Além do Texto Massorético (MT) - um manuscrito do qual é impresso na forma editada como base do BH^3, BHS, BHQ - existem cinco outras versões antigas principais do AT em quatro idiomas. Eu os listo em ordem decrescente de importância:

O AT grego. Normalmente chamada de Septuaginta (LXX), mas representada em BH^3/ BHS / BHQ por uma letra G de estilo antigo (Fraktur), esta versão representa uma tradução do hebraico nos séculos terceiro e segundo aC. Sua importância não pode ser minimizada. Em média, é uma testemunha tão confiável e precisa do texto original do OT (o "autógrafo") quanto o TM. Em muitas seções do OT, é mais confiável do que o TM; em outros, menos. Principalmente porque a língua grega usa vogais e o hebraico não, as palavras da LXX eram menos ambíguas e a LXX era inerentemente menos provável de ser prejudicada por corrupções textuais do que o hebraico, que continuava acumulando corrupções (bem como expansões editoriais, etc. .) por muitos séculos após a produção da LXX. Quando você realiza a crítica textual (exceto em certas seções do AT que livros como os listados em 4.1.2 irão ajudá-lo a identificar), geralmente você pode colocar a LXX lado a lado com o TM e tratá-los como iguais. Onde eles diferem, qualquer um pode refletir melhor o original; nenhuma decisão automática sobre qual escolher pode ser feita, mas você deve analisar os dados para ver qual preserva o original com mais fidelidade.

*Os pergaminhos de Qumran.*Eles também são comumente chamados de Manuscritos do Mar Morto, embora sejam representados por um Q no aparelho de BH. Em alguns casos, como Isaías e Habacuque, grandes porções são preservadas em um texto hebraico pré-cristão e, portanto, muitos séculos antes (e de certa forma mais confiável) do que qualquer coisa anteriormente conhecida. No entanto, para a maioria dos livros, apenas pequenos fragmentos foram encontrados. As chances são, portanto, de que sua passagem não terá um texto de Qumran correspondente. Se assim for, no entanto, você geralmente pode tratar o texto de Qumran como potencialmente igual em confiabilidade ao texto do TM. Durante a era de Qumran (aproximadamente 100 aC-70 dC), muitas palavras hebraicas eram escritas de maneira diferente de como eram escritas no período persa anterior (cujas convenções de grafia [ortográfica] foram adotadas pelos rabinos para a Bíblia Hebraica como a conhecemos). Contudo,

O siríaco OT. Chamado de Peshitta, o AT siríaco é às vezes (mas com muito menos frequência do que a LXX) uma testemunha útil do texto hebraico do qual foi traduzido (e revisado) vários séculos depois de Cristo. Freqüentemente, quando difere do hebraico MT, o faz de acordo com o

LXX. É simbolizado por um P no aparelho BH. Seu testemunho do texto é cada vez mais apreciado.

OT Aramaico. Chamado de Targum e representado nas edições de BH por um T, o AT aramaico é ocasionalmente importante como uma indicação do hebraico original, mas é frequentemente prejudicado pelo expansionismo e uma tendência de parafrasear excessivamente. Como a Peshitta Siríaca, é uma testemunha relativamente tardia (quarto-quinto século).

OT latino. A tradução de Jerônimo do hebraico OT para o latim (389 a 405 DC), chamada de Vulgata (V nas edições de BH), é a única tradução latina antiga que sobreviveu na íntegra. Raramente é uma testemunha independente de qualquer coisa que não seja o TM, uma vez que foi produzido a partir de uma versão que chamaríamos essencialmente de antigo ou proto-TM. Também existem versões em latim antigo parcialmente disponíveis. Eles são discutidos mais detalhadamente em 4.1.4, abaixo.

Felizmente, você não está totalmente limitado ao uso de versões em um idioma que você conhece. Todas as versões antigas foram traduzidas para o inglês (ver 4.2.2); se usadas com cuidado, essas traduções em inglês podem dar uma noção bastante precisa de se a versão não inglesa antiga dada suporta ou difere do TM. Além disso, muitos insights sobre questões textuais podem ser encontrados nos principais comentários "críticos" (detalhados, eruditos) que prestam atenção especial à crítica textual (como a Bíblia Anchor, Hermeneia, o Comentário Bíblico da Palavra e a Crítica Internacional Comentário, atualmente em revisão; ver 4.12.4). A maioria deles está disponível em CD-ROM e / ou em módulos disponíveis com os principais recursos de estudo bíblico computadorizados (Accordance, BibleWorks, Logos Bible Software, etc.). Também,

Talvez o primeiro lugar para obter informações sobre recursos de texto crítico deva ser o site de Emanuel Tov, que o levará a informações sobre livros impressos e recursos em CD-ROM / online:

Emanuel Tov, Electronic Resources Relevant to the Textual Criticism of Hebraico Scripture, http://rosetta.reltech.org/TC/vol08/Tov2003.html.

4.1.4. Edições de texto críticas

A LXX

Depois de ser produzida, a LXX foi copiada e recopiada centenas de vezes, assim como o AT hebraico. Ao longo de muitos séculos, todas essas cópias

forneceu ampla oportunidade para o desenvolvimento de diferentes leituras, tanto como resultado de erros de cópia acidentais (corrupções), quanto expansões e outros trabalhos "editoriais" por parte dos escribas. Como resultado, textos gregos críticos foram exigidos. Estes contêm um único texto totalmente impresso, copiosas notas de rodapé indicando as variantes "gregas internas" (variantes que resultaram durante o processo de cópia manual de textos gregos sem qualquer consideração pelo hebraico original), notas de rodapé indicando as variantes produzidas pela revisão (variantes que foram introduzidos pela harmonização consciente de uma determinada cópia da LXX com alguma cópia hebraica disponível e confiável para o revisor), e notas de rodapé dando informações de versões em outras línguas.

Agora existem duas grandes edições críticas de vários volumes da LXX. Cada série é incompleta, mas os dois juntos se complementam amplamente, de modo que quase todo o OT é coberto:

Alan E. Brooke, Norman McLean e Henry St. J. Thackeray, eds., The Old Testament in Greek 3 vols. em 9 (Cambridge: Cambridge University Press, 1906–1940).

Os seguintes livros estão disponíveis nesta série: Gênesis a 2 Crônicas (seguindo a ordem em inglês), 1 Esdras, Esdras-Neemias, Ester, Judite, Tobit. Em outras palavras, o que esta série não contém é a LXX de Jó até Malaquias (novamente seguindo a ordem em inglês).

A outra série é

Septuaginta: Vetus Testamentum Graecum Auctoritate Societatis Litterarum Gottingensis Editum (Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1931–).

Os seguintes livros estão incluídos nesta série:

Esther; 1-3 Macabeus; Salmos (Psalmi cum Odis); Sabedoria de Salomão (Sapientia Salomonis); Sirach (Sapientia Iesu Filii Sirach); os Profetas Menores (Duodecim Prophetae); Isaías (Isaias); Jeremias (Jeremias); Baruch; Lamentações (Threni); A Carta de Jeremias (Epistula Jeremiae); Ezequiel; Susanna; Daniel; Bel e o Dragão (Bel et Draco).

Em outras palavras, esta série não contém os livros de Josué até 2 Crônicas (na ordem em inglês), bem como Provérbios, Eclesiastes e Cântico dos Cânticos.

Para os três livros do AT (Provérbios, Eclesiastes, Cântico dos Cânticos) que não são cobertos pela Septuaginta de Cambridge ou pela Septuaginta de Göttingen, você deve usar

Alfred Rahlfs, ed., Septuginta, 2 vols. (Stuttgart: Württembergische Bibelanstalt, 1935), novo,
ed corrigido. (Peabody, MA: Hendrickson Publishers, 2006).

Rahlfs deriva o texto da LXX de apenas três códices principais, mas seu aparato às vezes também tem variantes de outros manuscritos. Ele contém introduções em três idiomas, incluindo o inglês.

Todos os três acima usam o latim como meio básico de comunicação, assim como BH^3e BHS. BHQ usa latim e inglês, embora nem sempre ambos. Ao contrário dos textos do NT, nenhuma das edições críticas do AT em hebraico ou grego produz um texto eclético (um texto que é recentemente composto a partir das melhores escolhas possíveis entre todas as variantes). Uma exceção parcial é a Septuaginta de Göttingen, que é ligeiramente eclética. A produção de um texto eclético, portanto, depende de você. Usando os recursos à sua disposição, pelo menos não é provável que você se saia pior do que a TM existente (às vezes chamada de "texto recebido"), e pode muito bem melhorá-la.

Existe uma introdução muito legível e extremamente abrangente à Septuaginta:

Karen H. Jobes e Moisés Silva, Convite à Septuaginta (Grand Rapids: Baker Academic, 2000).

Jobes e Silva abordam todas as questões-chave, dando muitos exemplos e explicando a relação da Septuaginta com as outras versões antigas.

Também úteis são:

Emanuel Tov, The Text-Critical Use of the Septuagint in Bible Research (Winona Lake, IN: Eisenbrauns, 1981).
Jennifer Dines, The Septuagint (Nova York: T&T Clark International, 2004).
Natalio Fernández Marcos, A Septuaginta em Contexto: Introdução à Versão Grega do *Bíblia*, trad. WGE Watson (Boston: Brill Academic Publishers, 2000).

Se você precisa investigar algo sobre a Septuaginta com ainda mais detalhes, um ou mais dos seguintes itens podem indicar obras relevantes:

Sebastian P. Brock, Charles T. Fritsch e Sidney Jellicoe, eds., A Classified Bibliography of the Septuagint (Leiden: EJ Brill, 1973).
Emanuel Tov, A Classified Bibliography of Lexical and Grammatical Studies on the Language of the Septuagint (Jerusalem: Academon, 1980).
Cécile Dogniez, ed., A Bibliography of the Septuagint: 1970–1993, Vetus Testamentum Sup-
passo 69 (Leiden: EJ Brill, 1995).

A bibliografia da United Bible Societies LXX é atualizada periodicamente e, no momento desta redação, contém mais de 450 entradas apenas da década de 1990:

http://www.ubs-translations.org/cgi-bin/dbman/db.cgi?db=lxxbib&uid=default.

Ferramentas Assistidas por Computador para Estudo da Septuaginta / Escritural, codirigido por
Robert Kraft e Emanuel Tov, podem ser encontrados na web:

http://ccat.sas.upenn.edu/rs/rak/catss.html.

Recursos teológicos e acadêmicos para a Septuaginta também pode ser acessado:

http://www.kalvesmaki.com/.

Este site possui links para muitos recursos online relacionados à Septuaginta online, incluindo um texto para download. Relacionado a isso é

The Septuagint Online, http://www.kalvesmaki.com/LXX/Secondlit.htm.

Ambas as páginas fazem parte de um site mantido e atualizado periodicamente por Joel Kalvesmaki.

Como um exemplo dos tipos de materiais focados que se tornam disponíveis, considere o seguinte, que faz um paralelo entre a LXX dos Salmos e os Salmos Hebraicos e fornece duas traduções diferentes para o inglês para sua conveniência:

John Kohlenberger, ed., Comparative Psalter: Hebrew (Massoretic Text), Revised Standard Version Bible, The New English Translation of the Septuagint, Greek (Septuagint) (Oxford: Oxford University Press, 2007).

Observação: Os URLs desses sites e de outros podem mudar de tempos em tempos, mas simplesmente pesquisar no Google frases de pesquisa de bom senso como "Bibliografia da Septuaginta" provavelmente o manterá informado sobre onde encontrá-los.

Os Manuscritos do Mar Morto

Os vários textos são publicados em várias fontes. A maioria é tão fragmentária que chega a ser exegeticamente inútil. Para uma boa lista das publicações até 1990, veja Fitzmyer, The Dead Sea Scrolls (4.12.6). Uma bela reprodução fotográfica dos dois textos do AT mais quase completos de Qumran (Isaías e Habacuque, o último sendo incluído em um comentário antigo) é encontrada em

John C. Trever, Scrolls from Qumrân Cave I fromPhotos (Jerusalém: O Instituto Albright de Pesquisa Arqueológica e O Santuário do Livro, 1972).

Publicações dos materiais de Qumran são encontradas em uma série contínua, publicada pela Clarendon Press da Universidade de Oxford, intitulada Discoveries in

o deserto da Judéia. Dezenas de volumes apareceram nesta série. Virtualmente, qualquer biblioteca ou mecanismo de busca da Internet encontrará isso para você se você simplesmente usar o título da série, Descobertas no Deserto da Judéia.

Um exemplo de publicação de visão geral recente é

Emanuel Tov, ed., Os Textos do Deserto da Judéia: Índices e uma Introdução ao Descobrimento *s na série do deserto da Judéia*, DJD 39 (Oxford: Clarendon, 2002).

A melhor maneira de se manter atualizado sobre o que está acontecendo na pesquisa de pergaminhos é conferir o site da

O Centro Orion para o Estudo dos Manuscritos do Mar Morto e Literatura Associada, na Universidade Hebraica de Jerusalém, http://orion.mscc.huji.ac.il/.

Ele contém várias bibliografias, links e notícias, todas atualizadas. Dois deles são a Biblioteca de Referência Eletrônica dos Manuscritos do Mar Morto e a série Leitor dos Manuscritos do Mar Morto.

Para ver se uma palavra na passagem em que você está trabalhando também é usada em Qum-ran, você pode usar o seguinte:

Martin G. Abegg Jr., James E. Bowley e Edward M. Cook, The Dead Sea Scrolls Concordance, vol. 3, The Biblical Texts from Qumran and Other Sites (Leiden e Boston: EJ Brill, 2008).

Sobre questões gerais relacionadas aos textos e também a muitas partes traduzidas, consulte o seguinte:

Lawrence H. Schiffman e James C. VanderKam, eds., Encyclopedia of the Dead Sea Scrolls, 2 vols. (Nova York: Oxford University Press, 2000).

O Pentateuco Samaritano

Ao trabalhar em questões de texto relacionadas a uma passagem do Pentateuco, se você conseguir obter as duas edições a seguir do Pen-tateuco Samaritano, terá uma boa cobertura dessa importante tradição de texto antigo. Cada um tem limitações no que inclui e, idealmente, devem ser usados juntos. Não é muito comum que uma leitura samartiana envolva ou resolva um problema, mas quando isso acontece, estes livros podem ser necessários:

August Von Gall, ed., Der hebräische Pentateuch der Samaritaner: Genesis – Deuteronomy, 5 vols, in 1 (Giessen, 1918; repr., Berlin: Walter de Gruyter, 1966).

Abraham Tal, ed., O Pentateuco Samaritano: Editado de acordo com o MS 6 da Sinagoga Shekem (Tel-Aviv: Chaim Rosenberg School, 1994).

A peshitta

Uma edição crítica do texto está gradualmente em andamento e agora cobre algumas partes do AT:

O Antigo Testamento em siríaco, ed. o Instituto Peshitta de Leiden (Leiden: Brill Academic Pub-lishers, 1972–).

A cópia completa mais amplamente disponível é uma edição acrítica, geralmente obtida nas sociedades bíblicas:

Vetus Testamentum Syriace et Neosyriace (Urmia, Irã, 1852; repr., London: Trinitarian Bible Society, 1954).

Para uma bibliografia relativamente abrangente e atual sobre a Peshitta (bem como sobre os Targums), consulte

http://www.targum.info/biblio/reviews.htm.

A Peshitta também é encontrada como um texto pesquisável em módulos dos principais programas de software da Bíblia (Accordance, BibleWorks, Logos Bible Software, et al.), E em vários sites da Web também (google "Peshitta online").

O (s) Targum (s)

Existem muitos Targums. Vários tradutores antigos traduziram várias partes do AT do hebraico para o aramaico, e cada uma delas é chamada de Targum (tradução). Os únicos livros do AT que não têm targuns são Daniel e Esdras-Neemias, porque esses livros já estão parcialmente em aramaico. Uma edição padrão continua a ser

Alexander Sperber, ed., The Bible in Aramaic, 4 vols. (Leiden: EJ Brill, 1959–1973).

O projeto da Bíblia aramaica multivolume mais recente já cobre os Targums do AT com traduções e notas. Qualquer biblioteca ou mecanismo de busca da Internet pode localizar

A Bíblia aramaica, 19 vols. (Collegeville, MN: Liturgical Press, 1987–2007).

Existem também textos Targum de domínio público online (google "Targum online") e dentro de módulos dos principais programas de software da Bíblia para computador.

A Vulgata e Vetus Latina

Existem várias versões em latim da Bíblia desde os tempos antigos - algumas completas, outras parciais. Se a sua passagem envolve variantes

significativas do latim, os três artigos a seguir ajudarão a explicar os recursos disponíveis

capaz de você enquanto tenta entender as antigas traduções latinas e seu valor relativo:

PM. Bogaert, "Bulletin de la Bible latine. VII. Première série ", Revue Bénédictine 105 (1995): 200–238; "Bulletin de la Bible latine. VII. Deuxième série ", Revue Bénédictine 106 (1996): 386–412; "Bulletin de la Bible latine. VII. Troisième série, "Revue Bénédictine 108 (1998): 359–386.

Uma edição crítica do texto em latim antigo (OL, também chamado de Vetus Latina ou VL) da Bíblia está em andamento no que é conhecido como a edição Beuron, produzida pelo Instituto Vetus Latina da Abadia de São Martinho em Beuron, Alemanha. muitos, mas ele apareceu até agora apenas em Gênesis, Rute e Isaías entre os livros canônicos do AT concordados, e Sabedoria de Salomão e Sir-ach (Ecclesiasticus) entre os chamados Apócrifos:

Vetus latina: Die Reste der altlateinischen Bibel nach Petrus Sabatier neu gesammelt und in Verbindung mit der Heidelberger Akademie der Wissenschaften herausgegeben von der Erzabtei Beuron, vários editores (Freiburg: Herder, 1949–).

Para uma boa introdução geral ao antigo latim, Vulgata e outras versões latinas, consulte

LF Hartman, BM Peebles e M. Stevenson, "Vulgate", New Catholic Encyclopedia, 14: 591-600, 2ª ed. (Detroit: Thomson Gale; Washington, DC: Universidade Católica da América, 2003).

Uma edição crítica da Vulgata, com tentativas feitas para fornecer o texto original na medida do possível, é

R. Weber et al., Eds., Biblia sacra: Iuxta Vulgatam versionem, 4ª ed. (Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1994).

Tanto para a Vulgata quanto para sua predecessora, a Vetus Latina (latim antigo), existem edições, baseadas neste último caso nas poucas partes que ainda sobrevivem, como

Roger Gryson, Manuscrits vieux latins (Freiburg: Herder, 1999).

Existem também edições baratas da Vulgata disponíveis. Dois comuns são

Alberto Colunga e Laurentio Turrado, eds., Biblia Vulgata (Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1953; repr., 1965).

Biblia sacra: Iuxta Vulgatam versionem, 4ª ed. (Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1994).

4.1.5. As notas de rodapé e outras ajudas em BH^3, BHS (para BHQ, veja abaixo)

No antigo BH^3 (a edição Kittel) são dois parágrafos separados de notas de rodapé. O parágrafo superior contém informações sobre as variantes consideradas pelos editores como de importância relativamente menor. Eles são indicados no texto por pequenas letras gregas. O parágrafo inferior, indicado por pequenas letras latinas, contém o que os editores consideraram mais significativo, incluindo sugestões para a correção real do TM em direção a um original mais provável. Às vezes, o editor não faz nada mais do que registrar as evidências das várias versões e manuscritos, deixando qualquer decisão sobre a alteração do texto ao leitor. Em outras ocasiões, o editor irá realmente sugerir como o TM deve ser corrigido ou, pelo menos, relatar o que um comentador sugeriu por meio de uma alteração (emenda). As explicações são fornecidas em abreviações latinas.

Prescott H. Williams Jr., Uma chave inglesa para os símbolos e palavras latinas e abreviações de Bib-lia Hebraica (Stuttgart: Württembergische Bibelanstalt, 1969).

No BHS mais recente (a edição de Stuttgart), que a maioria das pessoas agora usa, também há dois parágrafos separados, mas eles têm finalidades diferentes. O parágrafo superior, definido em letras muito pequenas, contém anotações relacionadas ao aparelho massorético impressas nas margens (ver 4.1.6). O parágrafo inferior combina e atualiza os tipos de notações agrupadas em dois parágrafos separados pelo BH^3 editores. Em geral, as notas textuais de BHS são superiores às de BH^3 mas ainda não são exaustivas nem sempre definitivas. Eles tendem a ser parciais, seletivos e, ocasionalmente, até enganar e, portanto, devem ser usados com o devido cuidado. Em outras palavras, eles são um bom ponto de partida, mas podem não fornecer todas as informações necessárias para uma análise completa do estado do texto.

Para BHS, a chave padrão para o latim usado nas notas foi

Hans Peter Rüger, uma chave inglesa para as palavras e abreviações latinas e os símbolos da Biblia Hebraica Stuttgartensia (Nova York: American Bible Society, 1990).

Essa mesma chave, com pequenas modificações, é impressa em sua totalidade como um apêndice da Crítica Textual do Antigo Testamento de Brotzman (4.1.2, acima).

A chave de Rüger também se encontra no seguinte:

William R. Scott, Harold Scanlin e Hans Peter Rüger, A Simplified Guide to BHS: Critical Apparatus, Masora, Accents, Unusual Letters & Other Markings, 4ª ed. (N. Richland Hills, TX: D&F Scott Publishing, 2007).

Esta é a edição mais recente de um manual popular e amplamente usado para compreender a tradição massorética e o aparato crítico de BHS. Seu índice também é útil.

Também muito útil e ainda mais detalhado em alguns aspectos do uso do BHS é

Reinhard Wonneberger, Understanding BHS: A Manual for the Users of Biblia Hebraica *Stuttgartensia*, 2ª ed. (Roma: Pontifical Biblical Institute Press, 1990).

O livro de Wonneberger explica o aparato em BHS e fornece algumas críticas úteis a ele e à teoria em que se baseia.

O aparato crítico em ambos BH^3 e o BHS o ajudará a ver rapidamente algumas das evidências de certos problemas textuais óbvios, mas eles não são substitutos para sua própria verificação abrangente das versões, palavra por palavra, em uma análise exegética completa de uma passagem.

4.1.6. O Projeto Bíblico da Universidade Hebraica, Biblia Hebraica Quinta, HaKeter e o Oxford Hebrew Bible Project

O Projeto Bíblico da Universidade Hebraica

Iniciado em Jerusalém em 1965, este projeto pretendia produzir uma grande edição crítica em vários volumes do Antigo Testamento hebraico com base no Codex de Aleppo, que data de cerca de 900-925 DC (ou seja, talvez até um século antes de Leningrado Códice). Infelizmente, o Códice de Aleppo está incompleto, faltando quase todo o Pentateuco, bem como alguns ou todos os Cânticos, Eclesiastes, Lamentações, Ester, Daniel e Esdras. Concebido como uma alternativa ao BHS, o Projeto da Bíblia Hebraica teve um progresso apenas parcial. Nos três fascículos publicados (Isaías, Jeremiah, Ezequiel), quatro aparatos críticos são usados. Um deles cita as principais versões antigas, um o Qumran e a evidência rabínica para o texto, outro a evidência massorética medieval correspondente e um comenta sobre ortografia, apontamento vocálico, acentos e assim por diante. Ezequiel,

Moshe H. Goshen-Gottstein et al., Eds., The Hebrew University Bible (Jerusalém: Magnes Press, 1975–).

Quinta

Assim como o BHS agora substituiu quase completamente o uso do antigo BH^3, uma nova edição da Bíblia Hebraica está em andamento. Esta nova edição é chamada

Biblia Hebraica Quinta (BHQ; BHS era na verdade BH^4), e é baseado no mesmo manuscrito excelente de seus predecessores, o Códice de Leningrado de 1008 DC. Uma grande mudança com a Quinta é seu aparato (notas e comentários), que distingue questões de texto com base em evidências externas (outras versões) a partir de questões baseadas em evidências internas (na própria tradição do TM) e aborda questões do desenvolvimento literário do TM ao longo do tempo. Na maioria dos casos, o comentário textual explica como as escolhas textuais foram feitas. O primeiro fascículo (O Megilloth: Rute, Cântico dos Cânticos, Eclesiastes, Lamentações, Ester) inclui uma introdução geral a todo o projeto. O BHQ inclui muito mais dados e ênfase nos Manuscritos do Mar Morto e na Peshitta Siríaca, com a correspondente diminuição da ênfase nas variantes da LXX e da Vulgata Latina. A sabedoria dessa inclinação é discutível,

A. Schenker, YAP Goldman, A. van der Kooij, GJ Norton, S. Pisano, J. de Waard, e RD Weis, eds., Biblia Hebraica Quinta, fascículo 18, Introdução Geral e Megilloth (Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2004)

HaKeter

Miqraot Gedolot HaKeter visa fornecer uma nova edição crítica do AT em hebraico. É baseado principalmente no Codex de Aleppo, com suplementação de outros manuscritos conforme necessário, e também inclui os Maso-rahs com explicações caso a caso. Ele dá atenção especial ao aramaico e, quando se refere aos targuns, depende do Targum Onkelos ou da goma de alcatrão para os profetas por meio de um novo texto crítico superior. Também inclui informações de texto de rabinos como Rashi, Kimchi, Ibn Ezra e outros.

HaKeter começou com uma introdução geral e Josué – Juízes em 1992 e agora inclui Gênesis, 1–2 Samuel, 1–2 Reis, Isaías, Ezequiel e Salmos. A conclusão do HaKeter pode vir antes mesmo do BHQ.

O Projeto da Bíblia Hebraica de Oxford

O Projeto OHB só começou recentemente. De forma um tanto semelhante à do BHQ, espera atingir um público usuário internacional. O Projeto OHB afirma ter a abordagem mais inovadora de todos os projetos críticos de texto mais recentes, incorporando o máximo possível das melhores e mais recentes pesquisas em andamento. Espera-se imprimir em formato paralelo os textos de algumas recensões de porções da Bíblia Hebraica, e espera-se que seja

mais eclético e menos dependente de qualquer tradição de texto do que os outros projetos.

4.1.7. O massorá

Impresso nas margens de ambos BH^3e BHS são grupos de notações - escritas em aramaico e principalmente abreviadas - feitas pelos massoretas. Algumas notações podem sugerir possíveis melhorias no texto, mas a maioria indica observações úteis para a preservação e cópia precisa do texto. Nos antigos manuscritos massoréticos, muitas dessas notas foram colocadas nas margens. Estes eram chamados de "Masorah parva", a "pequena Masorah". Notações mais longas foram colocadas no início ou no final dos manuscritos. Estes foram chamados de "Masorah magna", a "grande Masorah". Para a maioria dos propósitos de exegese, os estudiosos prestam pouca atenção à massorá em si porque suas observações verdadeiramente significativas já estão incorporadas ao BH^3/ BHS / BHQ ou pode ser duplicado por referência rápida a uma concordância. Além disso, tais observações foram tornadas desnecessárias pelo desenvolvimento da imprensa. Em outras palavras, é bastante comum ignorar a Massorá ao fazer exegese.

Um bom guia para as notas do escriba massorético no BHS é

Página H. Kelley, Daniel S. Mynatt e Timothy G. Crawford, The Masorah of Biblia Hebraica Stuttgartensia: Introdução e Glossário Anotado (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans, 1998).

4.1.8. Outros indicadores massoréticos

Os massoretas produziram um sistema de indicação de vogais com pontos e travessões para que seus alunos, para quem o hebraico era uma língua morta, pudessem pronunciar as palavras corretamente (de acordo com a pronúncia pós-bíblica que evoluiu entre os séculos VI e IX DC), principalmente com o propósito de entoar o texto na adoração na sinagoga. Além disso, eles desenvolveram símbolos especiais para indicar acentos de palavras, divisões de versos e seções de versos, novamente principalmente com o propósito de cantar em grupo na adoração. Eles também incluíam anotações para coisas como porções das Escrituras usadas no ciclo anual de leituras na sinagoga. Nenhuma dessas marcações ou notações, incluindo o sistema de indicação de vogais, representa nada mais do que a opinião dos massoretas de acordo com suas próprias tradições medievais primitivas e freqüentemente conflitantes. Em outras palavras, você deve estar pronto para desconsiderar pontos, divisões de versos e outras marcações sempre

que seu julgamento exegético sugerir que eles não são confiáveis. Veja também 4.1.2.

4.2. Tradução

4.2.1. Teoria da tradução

Uma boa tradução não apenas traduz as palavras do original em seus melhores equivalentes em inglês, mas também reflete o estilo, o espírito e até mesmo o impacto do original, sempre que possível. Você é o melhor juiz do que constitui uma tradução fiel. Sua familiaridade com a passagem do original e com o público para quem você escreve ou prega permite que você escolha suas palavras para maximizar a precisão da tradução. Lembre-se de que a precisão não requer literalismo de madeira. As palavras de diferentes idiomas não correspondem umas às outras em uma base um por um, mas os conceitos devem corresponder. Sua tradução deve deixar em você a mesma impressão quando você a lê, assim como o original. Uma tradução que atenda a esse critério pode ser considerada fiel ao original.

Três bons livros sobre tradução da Bíblia continuam valiosos:

Eugene A. Nida e Charles R. Taber, The Theory and Practice of Translation (1969; repr; Leiden: EJ Brill, quarta impressão, 2003).

John Beekman e John Callow, Traduzindo a Palavra de Deus (Grand Rapids: Zondervan Pub-lishing House, 1974).

Sakae Kubo e Walter Specht, tantas versões? (Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1975).

Os seguintes trabalhos mais recentes enfocam o debate sobre os tipos de traduções e a teoria da tradução, e todos são úteis e importantes:

Eugene Nida e Jan de Waard, From One Language to Another: Functional Equivalence in Bible *Tradução* (Nashville: Thomas Nelson, 1986).

Eugene Nida, "The Sociolinguistics of Translating Canonical Religious Texts," in Traduction, Terminologie, Rédaction 7, no. 1 (julho de 1994): 191–217.

Stanley E. Porter e Richard S. Hess, eds., Traduzindo a Bíblia: Problemas e Perspectivas (Sheffield: Sheffield Academic Press, 1999).

Glen G. Scorgie, Mark L. Strauss e Steven M. Voth, eds., O Desafio da Tradução da Bíblia: Comunicar a Palavra de Deus ao Mundo (Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 2003).

4.2.2. Ajuda de tradução

Mesmo que seu conhecimento de hebraico, grego e outras línguas tenha piorado (ou nunca tenha sido adequado), você ainda pode trabalhar lucrativamente com as línguas originais usando vários textos orientados para o inglês. Não hesite em usá-los. Não há vergonha em economizar tempo e frustração, e nenhum valor em adivinhar seu caminho através de um material que você simplesmente não consegue ler.

Os recursos básicos de tradução mais rápidos e versáteis vêm na forma de software de computador, os dois mais poderosos sendo Accordance e Bible-Works, seguidos pelo Logos Bible Software (ver 4.4.2). Esses programas fornecem dados lexicais e gramaticais instantâneos para qualquer palavra para a qual você apontar o cursor. Eles também podem reunir para você em segundos todos os vários contextos em que uma determinada palavra é usada em todo o resto das Escrituras, para que você possa examinar por si mesmo a gama de seus usos. Além disso, eles podem fornecer instantaneamente uma lista completa de contextos traduzidos em qualquer uma das traduções modernas cujos módulos você comprou, para que possa examinar de forma rápida como vários tradutores modernos lidaram com sua palavra ou redação em várias partes de suas traduções . Tudo isso é extremamente útil, mas não torna automaticamente inúteis as referências de livros listadas abaixo. Um livro pode ser seletivo e focado em vários pontos de acordo com o julgamento do autor de uma forma que os processos mecânicos de uma concordância de computador não permitem, e um livro também pode seguir um formato particular ou variedade de formatos para a apresentação de seus dados (incluindo a maneira única que os autores podem ter escolhido para mostrar a interseção de seus conselhos específicos para você dentro do contexto de um texto formatado de forma útil). Além disso, um livro pode mostrar combinações criteriosamente selecionadas de contextos que podem ser mais úteis para você em alguns casos do que os formatos de tela completos automáticos gerados pelas concordâncias do computador. Um livro pode ser seletivo e focado em vários pontos de acordo com o julgamento do autor de uma forma que os processos mecânicos de uma concordância de computador não permitem, e um livro também pode seguir um formato particular ou variedade de formatos para a apresentação de seus dados (incluindo a maneira única que os autores podem ter escolhido para mostrar a interseção de seus conselhos específicos para você dentro do contexto de um texto formatado de forma útil). Além disso, um livro pode mostrar combinações criteriosamente selecionadas de contextos que podem ser mais úteis para você em alguns casos do que os formatos de tela completos automáticos gerados pelas concordâncias do computador. Um livro pode ser seletivo e focado em vários pontos de acordo com o julgamento do autor de uma forma que os processos mecânicos de uma concordância de computador não permitem, e um livro também pode seguir um formato particular ou variedade de formatos para a apresentação de seus dados (incluindo a maneira única que os autores podem ter escolhido para mostrar a interseção de seus conselhos específicos para você dentro do contexto de um texto formatado de forma útil). Além disso, um livro pode mostrar combinações criteriosamente selecionadas de contextos que podem ser mais úteis para você em alguns casos do que os formatos de tela completos automáticos gerados pelas concordâncias do computador. Um livro pode ser seletivo e focado em vários pontos de acordo com o julgamento do autor de uma forma que os processos mecânicos de uma concordância de computador não permitem, e um livro também pode seguir um formato particular ou variedade de formatos para a apresentação de seus dados (incluindo a maneira única que os autores podem ter escolhido para mostrar a interseção de seus conselhos específicos para você dentro do contexto de um texto formatado de forma útil). Além disso, um livro pode mostrar combinações criteriosamente

selecionadas de contextos que podem ser mais úteis para você em alguns casos do que os formatos de tela completos automáticos gerados pelas concordâncias do computador. e um livro também pode seguir um formato específico ou uma variedade de formatos para a apresentação de seus dados (incluindo a maneira única que os autores podem ter escolhido para mostrar a interseção de seus conselhos específicos para você no contexto de um texto formatado de forma útil). Além disso, um livro pode mostrar combinações criteriosamente selecionadas de contextos que podem ser mais úteis para você em alguns casos do que os formatos de tela completos automáticos gerados pelas concordâncias do computador. e um livro também pode seguir um formato específico ou uma variedade de formatos para a apresentação de seus dados (incluindo a maneira única que os autores podem ter escolhido para mostrar a interseção de seus conselhos específicos para você no contexto de um texto formatado de forma útil). Além disso, um livro pode mostrar combinações criteriosamente selecionadas de contextos que podem ser mais úteis para você em alguns casos do que os formatos de tela completos automáticos gerados pelas concordâncias do computador.

Para o Antigo Testamento hebraico, várias edições interlineares completas estão disponíveis. Cada um contém uma tradução aceitável impressa de forma interlinear, bem como separadamente em forma de parágrafo ao longo do texto principal. Interlinears podem ser úteis para percorrer passagens maiores:

Jay P. Green Sr., ed., Bíblia Interlinear: Hebraico, Grego, Inglês (Lafayette, IN: Sovereign Grace Publishers, 1997).

Jay P. Green Sr., ed., Bíblia Interlinear: hebraico, grego, inglês, edição grande (Lafayette, IN: Sov-ereign Grace Publishers, 2000).

John R. Kohlenberger III, ed., NIV Interlinear Hebraico-Inglês Antigo Testamento (Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1987).

Também disponível para parte do OT está uma edição interlinear semelhante, um pouco menos útil porque é mais estilo madeira:

Joseph Magil, The Englishman's Linear Hebrew-English Old Testament (Grand Rapids: Zonder-van Publishing House, 1974).

Uma excelente tradução da LXX está disponível:

Albert Pietersma e Benjamin Wright, eds., New English Translation of the Septuagint (Oxford: Oxford University Press, 2007).

Para a LXX, nenhuma interlinear em forma de livro está disponível, mas existe uma publicação conveniente em grego e inglês:

Lancelot Charles Lee Brenton, The Septuagint Version of the Old Testament with an English Translation (Londres: Samuel Bagster & Sons, 1844; repr., Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1971).

Vários sites têm Bíblias interlineares em LXX-Inglês que fornecem a conveniência de uma busca rápida. Simplesmente google "Septuaginta interlinear". Veja também ApostolicBible.com para uma versão em CD-ROM que pode ser comprada ou acessada online.

O site "The Septuagint Online" tem uma variedade de sugestões para Texto da LXX e links de tradução:

http://www.kalvesmaki.com/LXX/Texts.htm.

Uma tradução da Peshitta Siríaca para o Inglês foi feita. Normalmente confiável, serve para lhe dizer quando a Peshitta é diferente da MT e outras versões, mesmo que você não conheça bem o siríaco:

George M. Lamsa, The Holy Bible from Ancient Eastern Manuscripts (Filadélfia: AJ Holman Co., 1957).

Várias partes dos Targums aramaicos estão disponíveis na tradução para o inglês. Entre estes estão

JW Etheridge, The Targums of Onkelos e Jonathan ben Uzziel no Pentateuco, 2 vols. (London: Longman, Green, Longman & Roberts, 1862-65; repr., New York: Ktav Publishing House, 1969).

Bernard Grossfeld, ed., The Targum to the Five Megilloth (Nova York: Hermon Press, 1973).

Algumas traduções do Targum para o inglês estão disponíveis online. Google "Tradução de chiclete" ou "Targum online". Veja também

http://www.library.upenn.edu/cajs/etexts.html.

A Vulgata latina também é traduzida para o inglês:

Ronald Knox, O Antigo Testamento: Recentemente traduzido da Vulgata Latina, 2 vols. (Nova york:
Sheed & Ward, 1950).

E uma tradução razoável está disponível online em

http://www.latinvulgate.com/.

Os léxicos analíticos listam as palavras diretamente conforme ocorrem no texto bíblico e, em seguida, fornecem a análise. Eles podem ser úteis para economizar tempo ou se você não tiver acesso a um programa de computador para fazer a mesma coisa, mas não são confiáveis para seus significados ou outros dados técnicos. Use os léxicos formais para esse propósito. Para hebraico e aramaico, existe

Benjamin Davidson, The Analytical Hebrew and Chaldee Lexicon (Londres: Samuel Bagster & Sons, 1848), 2ª ed. (1850; repr., Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1970).

Para palavras gregas da LXX, o léxico analítico de Bagster do NT é frequentemente adequado, embora seu vocabulário seja limitado às palavras encontradas no NT:

Harold K. Moulton, ed., The Analytical Greek Lexicon Revised (publicado originalmente como The Ana-lytical Greek Lexicon, Londres: Samuel Bagster & Sons, 1852; ed. Rev., 1908; nova revisão, Grand Rapids: Zondervan Publishing House , 1978).

Os programas de software da Bíblia mais recentes são mais rápidos e fáceis de usar do que esses livros, então se você possui ou tem acesso a Accordance, BibleWorks, Logos Bible Software ou outro programa, você os encontrará mais rápido e mais produtivo do que as concordâncias analíticas no livro Formato.

Para facilitar o uso do ainda popular Brown, Driver e Briggs Hebrew Lexicon (ver 4.4.1), foi produzido um índice que lista as palavras hebraicas principalmente na ordem em que ocorrem nos capítulos e versículos de cada livro , com referência dada à entrada apropriada no BDB. Tal ajuda é necessária apenas se o seu hebraico for fraco o suficiente para tornar a análise um problema:

Bruce Einspahr, Index to Brown, Driver e Briggs Hebrew Lexicon (Chicago: Moody Press, 1982).

Você deve usar um léxico confiável para uma exegese cuidadosa. Mas se você está lendo uma passagem em hebraico pela primeira vez, ou tentando ler várias passagens rapidamente - e seu vocabulário em hebraico é limitado - você pode descobrir que os seguintes livros economizam tempo:

John Joseph Owens, Analytical Key to the Old Testament (Grand Rapids: Baker Book House, 1989; também empacotado no Logos Bible Software, por exemplo).

Terry A. Armstrong, Léxico Hebraico-Inglês de um leitor do Antigo Testamento (Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1989).

A. Philip Brown II e Bryan W. Smith, Bíblia Hebraica do Leitor (Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 2008).

4.3. Gramática

4.3.1. Gramáticas de referência

Usadas corretamente, as gramáticas de referência são uma fonte pronta de informações exegeticamente relevantes. As gramáticas geralmente coletam muitos ou todos os exemplos de um certo tipo de fenômeno gramatical. Ao consultar a gramática para obter informações sobre tal fenômeno, você recebe uma lista de paralelos e uma explicação de como o fenômeno funciona no AT. Esse pode ser exatamente o tipo de informação de que você precisa para ajudá-lo a tomar certas decisões exegéticas.

Se você precisa atualizar seus conhecimentos de hebraico usando uma gramática básica, os seguintes são excelentes:

Gary D. Pratico e Miles Van Pelt, Basics of Biblical Hebrew (Grand Rapids: Zondervan Pub-lishing House, 2001).

Duane Garrett, A Modern Grammar for Classical Hebrew (Nashville: Broadman & Holman, 2002).

Choon Leong Seow, A Grammar for Biblical Hebraico, rev. ed. (Nashville: Abingdon Press, 1995).

Thomas O. Lambdin, Introdução ao Hebraico Bíblico (Nova York: Charles Scribner's Sons, 1971).

Allen P. Ross, Introducing Biblical Hebrew (Tappan, NJ: Fleming H. Revell, 2001).

Arthur Walker-Jones, Hebraico para Interpretação Bíblica (Atlanta: Society of Biblical Literature, 2003).

Para o hebraico, a gramática de referência clássica tem sido

HFW Gesenius, Gramática hebraica, rev. E. Kautzsch, ed. e trad. AE Cowley, 2ª ed. Em inglês. (Oxford: Clarendon Press, 1910).

Algumas gramáticas mais recentes oferecem uma excelente variedade de percepções sofisticadas sobre as estruturas gramaticais e nuances do hebraico. O primeiro, da Williams, é mais fácil de usar do que os outros e é particularmente abrangente porque está vinculado a todos eles, embora todos sejam úteis e eruditos:

Ronald J. Williams, Williams 'Hebrew Syntax, 3ª ed., Revisado e ampliado por John C. Beck-man (Toronto: University of Toronto Press, 2007).

Paul Joüon e T. Muraoka, A Grammar of Biblical Hebrew, rev. ed., 2 vols. (Roma: Pontifício Instituto Bíblico, 2006).

Bruce K. Waltke e M. O'Connor, Uma Introdução à Sintaxe do Hebraico Bíblico (Winona Lake, IN: Eisenbrauns, 1990).

BT Arnold e JH Choi, Um Guia para Sintaxe do Hebraico Bíblico (Cambridge: Cambridge Uni-versity Press, 2003).

CHJ van der Merwe, JA Naudé, e JH Kroeze, A Biblical Hebrew Reference Grammar (Sheffield: Sheffield Academic Press, 2002).

Útil tanto por sua coleção de instâncias de recursos gramaticais especiais de toda a Bíblia Hebraica, quanto por suas soluções para muitas questões gramaticais problemáticas, é

Alexander Sperber, A Historical Grammar of Biblical Hebrew (Leiden: EJ Brill, 1966).

Para recursos gramaticais aramaicos, você provavelmente encontrará quase tudo de que precisa em um destes:

Frederick E. Greenspahn, uma introdução ao aramaico. 2ª ed. (Atlanta: Society of Biblical Literature, 2003).

Alger F. Johns, A Short Grammar of Biblical Aramaic (Berrien Springs, MI: Andrews University Press, 1982).

Franz Rosenthal e DM Gurtner, A Grammar of Biblical Aramaic: With an Index of Biblical *Citações*, 7ª ed., Rev. (Wiesbaden: Harrassowitz, 2006).

William B. Stevenson, Grammar of Palestinian Jewish Aramaic (repr., Eugene, OR: Wipf & Stock Publishers, 2000).

Se você deseja se referir a dados relevantes para a gramática aramaica de todo o período aramaico antigo (textos mais antigos até o fim do Império Persa em 333 aC), uma fonte técnica e muito abrangente é

Stanislav Segert, Altaramäische Grammatik (Leipzig: Verlag Enzyklopädie, VEB, 1990).

Atenção ao aramaico targumico é encontrada em

David Marcus, A Manual of Babylonian Jewish Aramaic (Washington, DC: University Press of America, 1981).

Yitzchak Frank, Grammar for Gemara e Targum Onkelos (Nova York: Ariel Institute / Feldheim Publishers, 2003).

Duas gramáticas úteis para a Septuaginta estão disponíveis, embora a primeira tenda a se concentrar na morfologia:

Henry St. J. Thackeray, Uma Gramática do Antigo Testamento em Grego de acordo com a Septuaginta (Cambridge: Cambridge University Press, 1909).

FC Conybeare and St. George Stock, Grammar of Septuagint Greek: With Selected Readings, *Vocabulários e índices atualizados* (repr., Peabody, MA: Hendrickson Publishers, 2002).

Se você faz exegese de passagens de poesia, especialmente os Salmos ou Jó, pode encontrar na literatura secundária referências frequentes a duas línguas, o ugarítico e o fenício, que são bastante semelhantes ao hebraico. Mesmo que você não tenha estudado essas línguas formalmente, pode ser capaz de

entender algo de sua relevância e utilidade em pontos específicos, consultando as seguintes gramáticas:

William M. Schniedewind e Joel H. Hunt, A Primer on Ugaritic: Language, Culture, and Lit- *erature* (Cambridge: Cambridge University Press, 2007).
Stanislav Segert, Gramática básica da língua ugarítica: com textos selecionados e glossário (Berkeley: University of California Press, 1985).
Daniel Sivan, A Grammar of the Ugaritic Language (Leiden: Brill Academic Publishers, 1997).
Cyrus H. Gordon, Ugaritic Textbook, rev. repr. (Roma: Pontifício Instituto Bíblico, 1998).
Zellig S. Harris, A Grammar of the Phoenician Language (New Haven, CT: American Orien-tal Society, 1936).
Stanislav Segert, A Grammar of Phoenician and Punic (Munich: CH Beck, 1976).
Charles R. Krahmalkov, A Phoenician-Punic Grammar (Leiden: Brill Academic Publishers, 2001).

Para o siríaco, uma linguagem necessária para a competência na crítica textual do AT, três trabalhos recentes podem ser recomendados:

Wheeler M. Thackston, Introdução ao Siríaco: Uma Gramática Elementar com Leituras de Sir- *literatura iac* (Bethesda, MD: IBEX Publishers, 2000).
Takamitsu Muraoka, Classical Syriac: A Basic Grammar (Wiesbaden: Harrassowitz, 1997).
Michael P. Weitzman, A Versão Siríaca do Velho Testamento: Uma Introdução (Cambridge: Cambridge University Press, 1999).

Para acadiano, o idioma de centenas de milhares de documentos da Babilônia e da Assíria, muitos dos quais estão diretamente relacionados ao conhecimento bíblico, uma gramática excelente é

John Huehnergard, A Grammar of Akkadian, rev. ed. (Winona Lake, IN: Eisenbrauns, 2005). Uma chave para seus exercícios também foi publicada por Wm. B. Eerdmans. John Huehner-gard, Key to a Grammar of Akkadian, 2ª ed. (Cambridge: Harvard Semitic Museum; Winona Lake, IN: Eisenbrauns, 2005).

Considere também:

Richard Caplice, Introdução ao Akkadian, 3ª ed. (Chicago: Loyola Press, 1988).

4.3.2. Outras fontes técnicas

Às vezes é útil ser capaz de se referir a uma gramática comparativa, que considera as formas e características do hebraico no contexto das outras línguas semíticas. Os itens a seguir são úteis a esse respeito:

Patrick R. Bennett, Comparative Semitic Linguistics: A Manual (Winona Lake, IN: Eisen- brauns, 1998).

E. Lipinski, uma Línguas semíticas: Outline of a Comparative Grammar, 2ª ed. (Leuven: Peeters, 2001).

Gideon Goldenberg, Studies in Semitic Linguistics: Selected Writings (Jerusalém: Magnes Press, 1998).

De Lacy O'Leary, Gramática Comparativa das Línguas Semíticas (Londres: Routledge, 2001).

William Wright, Lectures on the Comparative Grammar of the Semitic Languages (1890; repr., Piscataway, NJ: Gorgias Press, 2002).

Para entender o hebraico no contexto mais imediato da família de línguas cananitas, consulte o seguinte:

Zellig S. Harris, Development of the Canaanite Dialects (New Haven, CT: American Oriental Society, 1939; repr., New York: Kraus Reprint Co., 1976).

William L. Moran, "A Língua Hebraica em seu Fundo Semítico Noroeste", em A Bíblia e o Antigo Oriente Próximo, ed. G. Ernest Wright, 54-72 (Garden City, NY: Dou-bleday, 1961).

Anson F. Rainey, cananeu nas tábuas de Amarna: uma análise lingüística do dialeto misto usado *por escribas de Canaã* (Leiden: Brill Academic Publishers, 1996).

A ortografia (análise ortográfica) é um estudo técnico dentro do campo da gramática que pode ocasionalmente ajudar o exegeta a desvendar aspectos de um texto difícil. O estudo clássico compara o hebraico com o fenício, o aramaico e o moabita durante o período do AT, com base na evidência das inscrições que datam dos tempos do AT:

Frank Moore Cross Jr. e David Noel Freedman, Early Hebrew Orthography (New Haven, CT: American Oriental Society, 1952).

Isso foi útil e atualizado em vários aspectos por

David Noel Freedman, A. Dean Forbes e Francis I. Andersen, Studies in Hebrew and Aramaic Orthography (Winona Lake, IN: Eisenbrauns, 1992).

4,4. Análise Lexical

4.4.1. Lexicons

Um léxico é um dicionário. O fato de o termo "léxico" ter sido usado em vez do termo "dicionário" por estudiosos bíblicos e clássicos é simplesmente uma peculiaridade da história linguística, que merece um estudo de palavras próprio.

Os léxicos são fontes valiosas de informações sobre as palavras que listam. Os léxicos costumam dedicar artigos extensos (estudos de mini-palavras ou, melhor, estudos de conceitos) às palavras que são

especialmente interessantes ou significativas teologicamente, e também a palavras que têm qualquer característica incomum ou crucial.

É um erro iniciar um estudo de palavras ou mesmo comentar longamente sobre o uso de uma palavra nas Escrituras sem primeiro consultar os léxicos relevantes.

O léxico hebraico a ser usado (se possível) é

Ludwig Koehler e Walter Baumgartner, rev. Walter Baumgartner e Johann J. Stamm, Hebraico e Léxico do Aramaico do Antigo Testamento, 5 vols. (Leiden: Brill Academic Pub-lishers, 1994-2000).

Este léxico é o padrão mundial. Ele está disponível em CD-ROM e também é fornecido como um módulo com o software líder da Bíblia. É um trabalho enorme e caro e, portanto, também é aconselhável considerar um bom resumo, que preserve virtualmente todas as informações essenciais de seu pai abrangente:

William L. Holladay, A Concise Hebrew and Aramaic Lexicon of the Old Testament, nova ed. (Lei-den: Brill, 2000).

Atualmente, em fase de conclusão, está um projeto de léxico muito bem-vindo, que inclui não apenas todo o hebraico bíblico, mas também Qumran, inscrições em hebraico e Ben Sira:

David JA Clines, ed., O Dicionário de Hebraico Clássico, 8 vols. (Sheffield: Sheffield Academic Press, 1994–).

Muito menos confiável, embora ainda amplamente utilizado (principalmente porque sua proteção de direitos autorais se foi e, portanto, é barato e às vezes empacotado ou vinculado a vários programas de software da Bíblia), é

Francis Brown, SR Driver e Charles A. Briggs, A Hebraico e Inglês Lexicon of the Old Testament (Oxford: Clarendon Press, 1907; repr., 1962, 1966, 1978, 1999, etc.).

O BDB também está disponível como um módulo de programas de software da Bíblia. Ainda é um tanto útil devido ao grande volume de seus excelentes artigos, mas está relativamente desatualizado porque carece de informações cognatas de ugaríticos e outras descobertas recentes. Além disso, muitas das etimologias sugeridas (histórias das origens das palavras e sua relação com as raízes das palavras semíticas) são freqüentemente inaceitáveis.

Para o aramaico bíblico, todos os léxicos hebraicos padrão têm uma seção em aramaico. Para o aramaico fora da Bíblia, especialmente nos Targums, uma fonte tradicional em inglês tem sido

Marcus Jastrow, A Dictionary of the Targumim, the Talmud Babli and Yerushalmi, and the Midrashic Literature, 2nd ed., 2 vols. (New York: Choreb, 1926; repr., New York: Pardes Publishing House, 1950). Todo o trabalho está agora disponível online: Google "Jastrow Dictionary".

Ao trabalho de Jastrow agora podem ser adicionados os volumes mais recentes:

Michael Sokoloff, um dicionário de aramaico palestino judeu do período bizantino (Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1990).

Michael Sokoloff, Um Dicionário de Aramaico Babilônico Judeu dos Períodos Talmúdicos e Geônicos (Ramat Gan, Israel: Bar Ilan University Press, 1990); 2ª ed. (com Baltimore: Johns Hopkins University Press, 2002).

Se você pode ler latim, um excelente léxico aramaico está à sua disposição:

Ernesto Vogt, Lexicon Linguae Aramaicae Veteris Testamenti Documentis Antiquis Illustratum (Roma: Pontifício Instituto Bíblico, 1971).

Mas a fonte padrão, mesmo que leve alguns minutos para você aprender a transliteração e o sistema de pesquisa, é o Comprehensive Ara-maic Lexicon, que contém entradas que cobrem praticamente todo o aramaico conhecido do mundo antigo e pode ser pesquisado gratuitamente online:

Comprehensive Aramaic Lexicon (CAL) (Cincinnati: Hebrew Union College – Jewish Institute of Religion), http://cal1.cn.huc.edu/.

Para a Septuaginta, nada supera a combinação das seguintes obras:

Takamitsu Muraoka, A Greek-English Lexicon of the Septuagint (Leuven: Peeters, 2002). Johann Lust, Erik Eynikel e Katrin Hauspie, eds., Greek-English Lexicon of the Septuagint, rev. ed., 2 vols. (Nova York: American Bible Society, 2004).

Considere também o seguinte:

W. Bauer, WF Arndt, FW Gingrich, e FW Danker, A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature, 2nd ed. (Chicago: University of Chicago Press, 1979) ou 3ª ed. (2000).

Também frequentemente útil, mas ocasionalmente atormentado por definições enganosas da Septuaginta, é

Henry O. Liddell e Robert Scott, A Greek-English Lexicon, rev. Henry Stuart Jones e Roderick McKenzie, 9ª ed. (Oxford: Clarendon Press, 1940), revisado e ampliado ao longo de (1996).

Veja também

EA Barber et al., Eds., A Greek-English Lexicon: Supplement (Oxford: Oxford University Press, 1968).

Para trabalhar a partir da Peshitta Siríaca, use

R. Payne Smith, A Compendious Syriac Dictionary, ed. J. Payne Smith (Oxford: Clarendon Press, 1903; repr., 1957; repr., Eugene, OR: Wipf & Stock, 1999).

Os dois seguintes dicionários latinos enormes são excelentes para o Vulgate e outros textos latinos:

Charlton T. Lewis e Charles Short, A Latin Dictionary, também intitulado A New Latin Dictionary, publicado pela primeira vez como Harper's Latin Dictionary (New York: American Book Co., 1879; repr., Oxford: Oxford University Press, 1979).

PGW Glare, ed., The Oxford Latin Dictionary (Oxford: Oxford University Press, 1982).

Handy is

James Morwood, ed., The Oxford Latin Desk Dictionary (Oxford: Oxford University Press, 2005).

Visto que muitas informações lexicais sobre o hebraico do AT vieram de fontes assírias / babilônicas e ugaríticas, de vez em quando você pode achar necessário consultar os léxicos para essas línguas.

Para assírio / babilônico, use sempre que possível o CAD multivolume:

Ignace Gelb, Benno Landsberger, A. Leo Oppenheim, Erika Reiner, et al., Eds., The Chicago Assyrian Dictionary, 21 vols. (Chicago: Instituto Oriental da Universidade de Chicago, 1956–).

Para quem sabe ler alemão, o dicionário de von Soden ainda é útil:

Wolfram von Soden, Akkadisches Handwörterbuch, 3 vols. (Wiesbaden: Harrassowitz, 1965-1981).

Um livro de bolso acessível é

Jeremy Black et al., Eds., A Concise Dictionary of Akkadian (Wiesbaden: Harrassowitz, 2000).

Para palavras ugaríticas, um léxico abrangente está em alemão:

Joseph Aisleitner, Wörterbuch der ugaritischen Sprache, 4ª ed. (Berlim: Akademie-Verlag, 1974).

E outro está em inglês:

Gregorio del Olmo Lete e Joaquin Sanmartín, trad. Wilfred GE Watson, Um Dicionário da Língua Ugarítica na Tradição Alfabética, rev. ed. (Leiden: Brill Academic Publishers, 2003).

Um léxico fenício-púnico também está disponível:

Richard Tomback, A Comparative Semitic Lexicon of the Phoenician and Punic Languages (Mis-soula, MT: Scholars Press, 1978).

4.4.2. Concordâncias

Uma concordância lista os lugares onde uma determinada palavra ocorre em toda a Bíblia (ou alguma outra coleção literária). As concordâncias podem ajudá-lo a determinar o uso, distribuição e contextualizações de qualquer palavra dada (ver 4.4.3) e são, portanto, ferramentas valiosas para a análise lexical. É quase impossível fazer estudos de palavras (conceitos) sem concordâncias, e quase impossível fazer exegese completa sem estudos de palavras (conceitos).

As concordâncias de computador são muito mais rápidas e poderosas do que as concordâncias de livros. Qualquer uma das várias concordâncias de computador pode fornecer informações rapidamente, muitas permitem pesquisas no idioma original e algumas estão disponíveis gratuitamente em vários sites. Dois se destacam por sua verdadeira sofisticação exegética (o rico número de maneiras pelas quais as informações gramaticais e lexicais em hebraico, grego e aramaico podem ser verificadas, combinadas e / ou montadas para uso exegético).

Os dois melhores são estes:

Conformidade (Macintosh), de OakTree Software, agreementbible.com.
BibleWorks (Windows), de Hermeneutika, bibleworks.com.

Logos Bible Software também é relativamente sofisticado, embora não seja tão tecnicamente adequado quanto os dois acima (www.logos.com). No entanto, tem uma biblioteca maior de literatura secundária do que qualquer um deles.

As concordâncias de livros continuam úteis. Sua força pode ser o fato de serem o resultado de escolhas judiciosas feitas por estudiosos do que incluir e o que excluir, de modo que, embora sejam muito menos abrangentes e não tão versáteis quanto as concordâncias do computador, eles fornecem à

primeira vista, alguns dos principais tipos de informação que a maioria dos exegetas está procurando. Qualquer um dos itens a seguir pode ser útil para você:

John R. Kohlenberger III e James A. Swanson, The Hebraico-Inglês Concordance to the Old Testament (Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1998).

Abraham S. Evans, ed., Uma Nova Concordância do Velho Testamento Usando o Texto Hebraico e Aramaico (Grand Rapids: Baker Book House, 1989).

Robert L. Thomas, ed., New American Standard Exhaustive Concordance of the Bible with Hebrew-Aramaic and Greek Dictionaries (Nashville: Broadman & Holman, 1990).

Eliezer Katz, Topical Concordance of the Old Testament Using the Hebraico and Aramaic Text (Grand Rapids: Baker Book House, 1992).

Um padrão mais antigo e uma concordância de livro ainda útil para o AT hebraico é a de Mandelkern. Escrito apenas em latim e hebraico, ele lista as palavras em uma ordem um tanto complicada (em parte pelo contexto dentro de um determinado livro, e não por referências sucessivas), mas essas desvantagens são menores:

Solomon Mandelkern, Veteris Testamenti concordantiae Hebraicae atque Chaldaicae, 8ª ed. (repr., Brooklyn, NY: P. Shalom Publications, 1988).

A concordância de Mandelkern está se tornando difícil de encontrar, no entanto. Substituí-lo em grande parte é

Abraham Even-Shoshan, ed., Uma Nova Concordância do Velho Testamento, 2ª ed., Introdução de John H. Sailhamer (Jerusalém: Kiryat Sefer Publishing House; Grand Rapids: Baker Book House, 1989).

Um pouco mais fácil de usar, embora menos completa, é outra concordância:

Gerhard Lisowsky, Konkordanz zum hebräischen Alten Testament (Stuttgart: Württembergische Bibelanstalt, 1958).

Para as conexões do Rei James-Hebraico, a concordância padrão é:

George V. Wigram, The Englishman's Hebrew and Chaldee Concordance of the Old Testament, 3rd ed. (Londres: Samuel Bagster & Sons, 1874; repr., Peabody, MA: Hendrickson Pub-lishers, 1996).

Para os Targums aramaicos também existem concordâncias:

JC de Moor et al., Eds., A Bilingual Concordance to the Targum of the Prophets, 17 vols. (Leiden: EJ Brill, 1995–2005).

Chaim J. Kasovsky, Otsar Leshon Targum Onkelos (Jerusalém: Magnes Press, 1986).

Para a Septuaginta, existe uma concordância de livro completa. Ao analisar o texto de uma passagem, você deve analisar o texto da

Septuaginta. A única maneira de saber se as formulações da Septuaginta são únicas, incomuns ou

comum é consultar a concordância, que fornece os equivalentes da palavra hebraica para a palavra grega escolhida pelos tradutores da Septuaginta:

Edwin Hatch e Henry A. Redpath, A Concordance to the Septuagint and the Other Greek Versions of the Old Testament, 3rd ed., 2 vols., Incluindo RA Kraft e E. Tov, "Introductory Essay," e Takamitsu Muraoka, "Hebrew / Índice aramaico para o Septuagint: Chave para a Concordância Hatch-Redpath "(Grand Rapids: Baker Book House, 1998).

Uma concor-dança breve, mas muito útil (e barata) da Septuaginta de um volume também está disponível:

George Morrish, A Concordance of the Septuagint (Londres: Samuel Bagster & Sons, 1887; repr., Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1976).

O avô das fontes de palavras gregas, frases e unidades maiores do discurso é o

Thesaurus linguae graecae (TLG E), www.tlg.uci.edu.

A versão online desse banco de dados incrivelmente abrangente contém quase cem milhões de palavras, praticamente tudo que se sabia no mundo antigo como tendo sido escrito em grego. Partes dele requerem uma assinatura para pesquisa, mas outras partes são gratuitas, incluindo uma versão resumida do banco de dados lexical básico.

Veja também

Uma concordância útil da Septuaginta: dando várias leituras dos Códices Vaticanus, Alexan-drinus, Sinaiticus e Ephraemi (Londres: Samuel Bagster, 1887; repr., Eugene, OR: Wipf & Stock, 2008).

Bernard Alwyn Taylor, The Analytical Lexicon to the Septuagint: A Complete Parsing Guide
(Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1994).

Para os Manuscritos do Mar Morto, existe uma nova concordância:

Martin G. Abegg Jr., James Bowley e Edward Cook, eds., Dead Sea Scrolls Concordance, 3 vols. Vol. 1: The Non-Biblical Texts from Qumran (Leiden: Brill Academic Publishers, 2006).

A pesquisa online é possível em vários sites, incluindo septuagint .org, que é um dos muitos que possui um texto pesquisável da edição Rahlfs. Pesquise no Google o seguinte para obter informações sobre a concordância eletrônica de correspondência hebraico / grego de Tov, que tem um bom número de

anotações críticas de texto: “The Parallel Aligned Hebrew-Aramaic and Greek Texts of Jewish

Escritura. ” Para os livros dos apócrifos, há uma concordância de livros codificada para palavras em inglês, mas listando os equivalentes em grego:

Lester T. Whitelocke, ed., An Analytical Concordance of the Books of the Apocrypha, 2 vols. (Washington, DC: University Press of America, 1978).

Um equivalente estritamente em inglês é

Uma concordância com os livros apócrifos / deuterocanônicos da versão padrão revisada (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans; Londres: Collins Liturgical Publications, 1983).

4.4.3. Estudos de palavras (estudos de conceito)

Um estudo de palavra (conceito) é uma análise completa da gama de significado (s) de uma palavra ou redação projetada para chegar ao seu significado específico em uma determinada passagem: qual conceito a palavra ou redação conota e, conforme apropriado, quais outras palavras ou as redações podem conotar o mesmo conceito essencial. Existem várias maneiras de abordar esse tipo de estudo, mas o esboço a seguir pode servir como um guia básico. Um estudo de palavras procura estabelecer como a palavra ou redação sob investigação é usada (1) em geral, (2) em vários contextos e (3) na própria passagem. As etapas para estabelecer isso são geralmente as seguintes:

1. Usando uma concordância - eletrônica ou impressa - descubra onde estão todas as ocorrências do AT da palavra ou redação. Se a palavra ou expressão for comum, pense em termos de grupos de ocorrências; se for raro, você poderá examinar detalhadamente cada uso. Por causa da magnitude do empreendimento, você pode achar aconselhável definir limites mais estreitos (por exemplo, “o significado de hnz [prostituição / prostituta] em Oséias”).
2. Usando outras ajudas, como léxicos e concordâncias, tome conhecimento dos usos não-OT da palavra ou redação (em inscrições, literatura rabínica, etc.).
3. Usando léxicos e concordâncias, anote quaisquer cognatos em outras línguas que você conheça bem o suficiente para trabalhar. Tente também identificar quaisquer sinônimos da palavra ou redação, porque um determinado conceito pode ser conotado por diferentes redações e, em última análise, é o conceito por trás da palavra ou redações em sua passagem que você deseja ter certeza de compreender.
4. Examine o uso bíblico, tentando estabelecer as várias gamas de significado que a palavra ou redação e seus cognatos parecem ter. Tenha em mente aqui também que um conceito pode ser conotado por várias palavras ou redações, e pode haver uma série de sinônimos ou termos intimamente

relacionados que chamarão sua atenção e, por fim, informarão seu julgamento.

à medida que você procura conectar sua palavra ou redação com seu significado (conceito) real em sua passagem. Parte da razão para isso é que o que chamamos de "definição" é estabelecido não apenas por tentar dizer o que uma palavra significa, mas também por ter certeza de tentar dizer o que ela não significa. (Exemplo: a palavra "homem" deve ser entendida em um determinado contexto como homem em oposição a mulher, ou homem em oposição a criança, ou homem em oposição a animal, ou homem em oposição a ser sobrenatural, ou homem em oposição a covarde, etc.?)

5. Examine a distribuição da palavra ou redação. Muito pode ser aprendido sobre o significado dessa maneira. A palavra ou redação é usada apenas ou principalmente pelos profetas, por exemplo? Isso pode lhe dizer muito sobre seu significado. É usado apenas ou principalmente em fórmulas jurídicas? Em certos tipos de expressões de sabedoria? E assim por diante. Procure padrões sempre que possível.

6. Estabeleça os usos-chave - aqueles que são inequívocos o suficiente para realmente determinar o significado (conceito) de uma forma definitiva.

7. Centralize na função da palavra ou redação na própria passagem. Traga tudo o que você aprendeu no estudo até agora para apoiar a passagem, relacionando o uso específico e o significado na passagem aos intervalos de uso e significado conhecidos em outros lugares.

8. Ofereça uma paráfrase, sinônimos, uma declaração resumida ou tudo isso ao seu leitor ou congregação como um meio de definir a palavra ou expressão. Ou seja, dê a sua própria definição de "dicionário" da palavra, não apenas em seu uso ou usos gerais, mas de acordo com seu uso na própria passagem. Novamente, lembre-se de que o conceito é o objetivo final, e a palavra ou redação não funciona por si só, mas sempre no papel de apontar para um conceito.

Sobre a teoria por trás dos estudos de palavras, veja

Moisés Silva, Palavras bíblicas e seu significado: uma introdução à semântica lexical, rev. ed. (Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1994).

James Barr, The Semantics of Biblical Language (Londres: Oxford University Press, 1961; repr., Eugene, OR: Wipf & Stock, 2004).

Arthur Gibson, Biblical Semantic Logic: A Preliminary Analysis (Sheffield: Sheffield Academic Press, 2002).

4.4.4. Dicionários teológicos

Os dicionários teológicos fornecem ao leitor os resultados de estudos cuidadosos de palavras / conceitos. Obviamente, eles devem se preocupar com

o uso amplo e geral de palavras e redações em todo o AT e geralmente não podem se concentrar em passagens individuais. Mas eles são, no entanto, inestimáveis como

recursos exegéticos informativos e que economizam tempo, escritos por estudiosos experientes. É importante não aceitar cegamente as conclusões de qualquer artigo dicionário teológico, entretanto. A visão de um determinado escritor pode ser inclinada. Às vezes, uma obra mais antiga é melhor em uma determinada palavra ou redação do que uma obra mais recente; às vezes é o contrário. Como os dicionários teológicos são antologias de artigos escritos por muitos indivíduos de habilidades, perspectivas e energia variadas, a qualidade de alguns artigos será excelente e a de outros poderá ser medíocre. É sempre melhor seguir com um olhar crítico os argumentos e as evidências contidas no artigo dedicado à palavra ou ao texto que você está investigando.

O TDOT é geralmente completo, erudito e inestimável como uma ferramenta de referência:

G. Johannes Botterweck, Helmer Ringgren e Heinz-Josef Fabry, eds., Theological Dictionary of the Old Testament, trad. JT Willis, GW Bromiley e DE Green, 15 vols. (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans, 1974–2006).

Uma cobertura extensa de palavras e temas também é encontrada no NIDOTTE:

Willem A. VanGemeren, ed., Novo Dicionário Internacional de Teologia e Exe-gesis do Velho Testamento, 5 vols. (Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1997), também em CD-ROM (2001) e como um módulo dentro de alguns dos programas de software da Bíblia.

Veja também TLOT:

Ernst Jenni e Claus Westermann, eds., Theological Lexicon of the Old Testament, trad. EU Biddle, 3 vols. (Peabody, MA: Hendrickson Publishers, 1997).

O TWOT é um dicionário teológico de dois volumes muito útil, contendo uma análise cuidadosa das palavras hebraicas. Seus artigos são mais breves do que os artigos correspondentes em TDOT, TLOT ou NIDOTTE, mas pelo mesmo token costumam ser mais legíveis:

R. Laird Harris, Gleason Archer e Bruce K. Waltke, eds., Theological Wordbook of the Old Testament, 2 vols. (Chicago: Moody Publishers, 2003).

Ainda há muito a aprender com

Johannes B. Bauer, ed., Encyclopedia of Biblical Theology, 3 vols. (Londres: Sheed & Ward, 1970; repr., New York: Crossroad, 1981).

O TDNT mais antigo fornece informações úteis sobre os termos do OT com equivalentes no NT:

Gerhard Kittel e Gerhard Friedrich, eds., Dicionário Teológico do Novo Testamento, trad. GW Bromiley, 10 vols. (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans, 1964–76; repr., 1993).

Observação: Você também pode usar com grande lucro os principais dicionários da Bíblia, que contêm artigos detalhados sobre centenas de palavras e conceitos-chave, muitas vezes escritos por estudiosos que estudaram extensivamente esses conceitos. Em outras palavras, o melhor artigo sobre "fé" pode não ser encontrado em um dicionário teológico, mas pode ser facilmente encontrado, digamos, na International Standard Bible Encyclopedia ou no Anchor Bible Dictionary.

4.4.5. Inscrições

Ler e analisar inscrições é uma especialidade que requer formação linguística e filológica que vai além dos interesses da maioria dos alunos e pastores. No entanto, um estudo detalhado de palavras (conceitos) pode muito bem levá-lo à evidência de inscrição. Existem muitas coleções analíticas excelentes de inscrições que podem conter vocabulário relacionado ao de uma passagem do AT - em várias línguas, com conteúdos variados. Embora muitas das inscrições importantes sejam traduzidas na ANET de Pritchard e funcionem de maneira semelhante (ver 4.8.1), seu vocabulário não é analisado lá. Em seus títulos, as seguintes obras contêm descrições de seus respectivos conteúdos:

George Albert Cooke, um livro-texto de inscrições semíticas do norte: moabita, hebraico, fenício, *Aramaico, nabateu, palmireno, judeu* (Oxford: Clarendon Press, 1903; repr., White-fish, MT: Kessinger Publishing, 2007).

Jacob Hoftijzer et al., Dicionário das Inscrições Semíticas do Noroeste, 2 vols. (Leiden: Brill Aca-demic Publishers, 1994).

Graham I. Davies et al., Ancient Hebrew Inscriptions: Corpus and Concordance, 2 vols. (Cam-bridge: Cambridge University Press, 1991–2004; repr., 2007).

John CL Gibson, Textbook of Syrian Semitic Inscriptions, vol. 1, inscrições hebraicas e moabitas; vol. 2, inscrições aramaicas; vol. 3, Phoenician Inscriptions Including Inscriptions in the Mixed Dialect of Arslan Tash (Oxford: Oxford University Press, 1971, 1975, 1982).

Walter Aufrecht e John C. Hurd, A Synoptic Concordance of Aramaic Inscriptions (Wooster, OH: Biblical Research Associates; Missoula, MT: Scholars Press, 1975).

James M. Lindenberger, Ancient Aramaic and Hebrew Letters, 2ª ed. (Atlanta: Society of Bib-lical Literature, 2003).

FW Dobbs-Allsopp, JJM Roberts, CL Seow e RE Whitaker, Inscrições em hebraico: Textos do período bíblico da monarquia com concordância (New Haven: Yale University Press, 2004).

Outra fonte útil está em alemão:

H. Donner e W. Röllig, Kanaanäische und aramäische Inschriften, 5ª ed. (Wiesbaden: Harrassowitz, 2002–).

Vários programas de software da Bíblia também incluem textos de inscrição. Verifique os respectivos sites da Web para obter as listas de módulos (consulte 4.12.7).

4.5. Forma

4.5.1. Crítica de forma

A preocupação da crítica da forma é o isolamento e a análise de tipos literários específicos contidos em uma passagem. A partir de tal análise, o exegeta pode freqüentemente discernir algo sobre a maneira como a passagem foi composta, seus temas, seus interesses centrais, ou mesmo o tipo de situação em que ela pode ter sido empregada (dependendo da forma) no antigo Israel. Todas essas informações podem ser deduzidas teoricamente, mesmo que o contexto da passagem em si não as contenha, porque o estudo de todas as várias manifestações da forma específica em toda a Bíblia (e outra literatura antiga onde ela existe) permite certas generalizações a ser aplicado a cada uso.

A crítica de formulários muitas vezes é atacada como um método que reúne muito pouco significado de passagens e negligencia outras técnicas críticas válidas. A crítica de formulários também ganhou uma espécie de má fama, uma vez que alguns estudiosos a aplicaram de uma maneira abrangente e com um excesso de confiança nas percepções que ela pode fornecer. Por exemplo, alguns entusiastas da crítica formal usaram a técnica para chegar a (o que eles consideram) conclusões firmes sobre a data, autoria, genuinidade, originalidade, propriedade contextual, validade histórica e assim por diante das passagens bíblicas, que o método na realidade simplesmente não pode suportar. É mais amplamente compreendido agora que os escritores antigos (incluindo os profetas, em cujos livros os críticos se concentram especialmente) muitas vezes pegaram emprestadas formas do mundo antigo de maneira provisória e as retrabalharam. Sua própria criatividade inspirada era evidente em todos os lugares, e eles dificilmente eram escravos de um conjunto de regras com as quais as formas (e partes das formas) que usavam sempre podiam ser conformadas. Assim, os escritores e oradores bíblicos antigos pegaram o que queriam das formas existentes (o típico) e produziram novas combinações ou construções (o único).

Duas fontes úteis para compreender a crítica de formulários estão disponíveis. Uma boa introdução ao método é a de Tucker, que o trata sistematicamente de acordo com os quatro elementos de estrutura, gênero, ambiente e intenção:

Gene M. Tucker, Form Criticism of the Old Testament, Guides to Biblical Scholarship (Philadel-phia: Fortress Press, 1971).

A coleção de seis ensaios de Hayes explica a história da crítica, bem como as tendências atuais. Para compreender os objetivos e pressupostos da crítica formal, bem como como ela se aplica em várias passagens do AT, consulte

John H. Hayes, ed., Old Testament Form Criticism (San Antonio, TX: Trinity University Press, 1974).

Sobre a relação específica da crítica da forma com a história, com exemplos, veja

Martin J. Buss, Biblical Form Criticism in Its Context, JSOTSup 274 (Sheffield: Sheffield Aca-demic Press, 1999).

Uma introdução clássica, originalmente em língua alemã, à crítica da OT, com exemplos do método aplicado, é

Klaus Koch, The Growth of the Biblical Tradition: The Form-Critical Method (Nova York: Charles Scribner's Sons, 1969).

O melhor de tudo é que uma série abrangente inclui entre seus múltiplos volumes uma discussão de todas as formas literárias individuais no OT, unidade por unidade. O volume desta série que cobre sua passagem particular pode ser consultado com proveito para conselhos específicos, para um julgamento de um crítico experiente sobre a perícope que você está tentando exegetar.

Rolf Knierim e Gene Tucker, eds., Forms of the Old Testament Literature (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans, 1981–).

4.5.2. A relação da forma com a estrutura

Não há como descobrir uma forma literária ou identificá-la adequadamente sem primeiro identificar os vários ingredientes de que é composta (seu conteúdo) e a maneira como esses ingredientes estão dispostos em relação uns aos outros e em relação ao contexto mais amplo (a estrutura). Em outras palavras, o exegeta enfrenta o perigo de colocar a carroça na frente dos bois pulando rápido demais para a conclusão de que uma passagem contém, ou é composta da maneira da forma X, simplesmente com base em algumas palavras-chave que formam X geralmente contém, ou algumas outras características estilísticas normalmente associadas à forma X. Pode-se ir tão longe a ponto de ignorar a maioria das evidências para a tipologia da forma e categorizar erroneamente uma forma. Alternativamente,

Primeiro, então, certifique-se de tentar entender cada elemento ou ingrediente do conteúdo da passagem e entender pelo menos provisoriamente como esses elementos / ingredientes são estruturados antes de identificar uma forma. A identificação adequada da (s) forma (s) pode posteriormente ajudá-lo a refinar sua identificação dos ingredientes e da estrutura, mas não deixe que as características típicas conhecidas da forma dominem a maneira como você analisa as características específicas da passagem. Em vez disso, é apenas o contrário: as características específicas da passagem dizem o quanto ou quão pouco quaisquer formas presentes influenciam a passagem, se é que influenciam - e em que medida a forma é pura, adaptada, quebrada , ou incompleto.

4,6. Estrutura

4.6.1. Definições

Cinco termos semelhantes são usados em estudos de TO com vários graus de frequência e pelo menos dois significados muito diferentes. Três desses termos - "estruturalismo", "exegese estrutural" e "análise estrutural" - geralmente são empregados para se referir a um tipo de análise linguística que é aplicada aos estudos bíblicos. O estruturalismo (o mais comum desses termos) está amplamente preocupado com certas relações especiais, bastante definidas tecnicamente, entre ou dentro das palavras em uma frase. O estruturalista busca entender as regras pelas quais a linguagem funciona, partindo da teoria de que essas regras podem levar a uma compreensão mais profunda da estrutura (e do significado) dos componentes das sentenças e das próprias sentenças. Os livros a seguir explicam o estruturalismo e fornecem alguns exemplos de seu possível uso em frases bíblicas:

Roland Barthes et al., Structural Analysis and Biblical Exegesis: Interpretational Essays (Pittsburgh: Pickwick Press, 1974).

Jean Calloud, Structural Analysis of Narrative (Filadélfia: Fortress Press; Missoula, MT: Scholars Press, 1976).

Daniel Patte, As Dimensões Religiosas dos Textos Bíblicos: Greimas's Structural Semiotics and Bibli- *Cal Exegesis* (Atlanta: Society of Biblical Literature, 1990).

Daniel Patte, Structural Exegesis for New Testament Critics (Valley Forge, PA: Trinity Press International, 1996).

Melhor para o iniciante aprender, no entanto, é

Daniel Patte, O que é exegese estrutural? Guias de estudos bíblicos (Filadélfia: Fortress Press, 1976).

Dois outros termos - "crítica estrutural" e "estudos estruturais" - são geralmente empregados para descrever a maneira como unidades maiores de texto (passagens) são compostas de seus vários elementos de conteúdo. Em outras palavras, os dois últimos termos referem-se geralmente à estrutura do conteúdo de uma passagem, enquanto os três primeiros se referem principalmente à preocupação com os padrões linguísticos em sentenças individuais.

O estruturalismo (a análise linguística especializada) é técnico e estreitamente aplicado; também está menos interessado no histórico, cultural ou teológico, exceto de uma maneira secundária. Portanto, não é provável que você encontre oportunidade de usá-lo amplamente em qualquer exegese. Como a "análise linguística" em filosofia, os resultados são ocasionalmente estelares, mas muitas vezes escassos. No entanto, o estudante diligente pode achar que a tarefa vale o esforço em passagens específicas.

Para uma compreensão do método mais amplo de estudos estruturais, como as passagens são reunidas a partir de seus elementos constituintes, como sua estrutura pode ser deduzida e delineada e a importância para a exegese, existem dois livros repletos de exemplos úteis:

David A. Dorsey, A Estrutura Literária do Velho Testamento: Um Comentário sobre Gênesis – Malaquias
(Grand Rapids: Baker Academic, 2004).

Robert C. Culley, Estudos na Estrutura da Narrativa Hebraica (Filadélfia: Fortress Press; Missoula, MT: Scholars Press, 1976).

O método mais amplo de estudos estruturais tem muito mais probabilidade de ser de valor constante para os exegetas, assim como a disciplina mais ampla da crítica retórica, cujos métodos geralmente podem ser considerados como abrangendo também os estudos estruturais.

4.6.2. Crítica retórica, análise do discurso, textlinguística

Crítica retórica

A crítica retórica analisa como uma unidade literária (geralmente uma passagem) é montada. A crítica da forma tende a enfatizar o típico e geral; a crítica retórica concentra-se na genialidade de uma passagem, o que é pessoal, específico, único ou original. O crítico retórico busca compreender a lógica, o estilo e o propósito do escritor inspirado - mas especialmente o estilo. Para fazer isso, a ênfase deve ser colocada em (a) os padrões encontrados dentro da unidade literária; (b) os dispositivos estilísticos

individuais que contribuem para o impacto geral de toda a unidade; e (c) a relação das partes com o todo. A crítica retórica é mais frequentemente sincrônica (preocupada com o

passagem como está agora) em vez de diacrônica (preocupada com a história teórica de como a passagem pode ter sido transmitida, transformada, remodelada ou editada antes de atingir sua forma atual).

Como normalmente praticada, a crítica retórica enfatiza a estrutura do texto canônico, embora use as técnicas mais modernas e confiáveis para implementar essa ênfase. Para a declaração original da necessidade de ir além dos limites da crítica da forma à crítica retórica, veja:

James Muilenburg, "Form Criticism and Beyond," Journal of Biblical Literature 88 (1969): 1-18.

Para uma análise mais abrangente, com exemplos e ajudas bibliográficas, consulte um ou todos os seguintes:

Stanley E. Porter e Dennis L. Stamps, eds., Rhetorical Criticism and the Bible, JSNT Supplement Series 195 (Sheffield: Sheffield Academic Press, 2002).

Roland Meynet, Análise Retórica: Uma Introdução à Retórica Bíblica (Sheffield: Sheffield Aca-demic Press, 1999).

LJ de Regt, J. de Waard e JP Fokkelman, eds., Literary Structure and Rhetorical Strate-gies in the Hebrew Bible (Winona Lake, IN: Eisenbrauns, 1996).

Duane F. Watson e Alan J. Hauser, Rhetorical Criticism of the Bible: A Comprehensive Bibliog-*raphy com notas sobre história e método* (Leiden: EJ Brill, 1994).

Dale Patrick e Allen Scult, Retórica e Interpretação Bíblica, JSOTSup 82 (Sheffield: Almond Press, 1990).

Exemplos de crítica retórica aplicada a várias passagens bíblicas são encontrados em

James W. Watts, Reading Law: The Rhetorical Shaping of the Pentateuch (Sheffield: Sheffield Aca-demic Press, 1999).

Phyllis Trible, Rhetorical Criticism: Context, Method, and the Book of Jonah (Minneapolis: Fortress Press, 1994).

Pieter van der Lugt, Rhetorical Criticism and the Poetry of the Book of Job (Leiden: EJ Brill, 1995).

Jared J. Jackson e Martin Kessler, eds., Rhetorical Criticism: Essays in Honor of James Muilen-*Burg* (Pittsburgh: Pickwick Press, 1974).

Parte da análise da retórica de uma passagem envolve a identificação de suas figuras de linguagem. Para esta tarefa, consulte o clássico

EW Bullinger, Figuras de linguagem usadas na Bíblia (Londres: Eyre & Spottiswoode, 1898; repr.,
Grand Rapids: Baker Books, 2003).

Análise do discurso, textlinguística

Embora alguns estudiosos prefiram o termo "análise do discurso" e alguns "textlinguística", a maioria dos estudiosos quer dizer a mesma coisa com eles: uma análise

da maneira como as seções do texto maiores do que uma cláusula (geralmente uma passagem inteira ou seção de um livro) são reunidas, incluindo seus vários padrões linguísticos, e como as informações assim coletadas ajudam o leitor a captar o significado.

Existem algumas boas introduções ao método:

Walter R. Bodine, Text-Linguistics and Biblical Hebrew (de um artigo no Journal of the American Oriental Society, 2005), versão eletrônica, para download na Amazon.com. Walter R. Bodine, ed., Análise do Discurso da Literatura Bíblica: O que é e o que oferece (Atlanta: Society of Biblical Literature, 1995).

Ernst R. Wendland, Translating the Literature of Scripture, Publications in Translation and Textlinguistics 1 (Dallas: SIL International Publications, 2004).

David Allan Dawson, Text-Linguistics and Biblical Hebrew, JSOTSup Series 177 (Sheffield: Sheffield Academic Press, 1994).

4.6.3. Crítica de fórmula

Certos grupos de palavras (às vezes palavras individuais) tendem a aparecer em diferentes passagens de maneiras semelhantes. Quando um grupo de palavras funciona de maneira consistente para expressar uma determinada ideia essencial, ainda que em uma variedade de contextos, é chamado de fórmula. A poesia parece ter muito mais fórmulas do que a prosa. Alguns exemplos (em tradução) de fórmulas comuns e bem conhecidas são "Assim diz o LORD, ”“ Diz o LORD dos anfitriões, ”“ Quanto tempo você vai . . . ? ” “Naquele dia”, “Nos últimos dias”, “Grande é o LORDe muito para ser elogiado. ” Essas fórmulas aparecem em várias passagens. Compreender como as fórmulas funcionam, como elas representam os blocos de construção dentro das unidades literárias, como se relacionam com a métrica de uma passagem e assim por diante é o objetivo da crítica das fórmulas. Porque a crítica da fórmula enfatiza a comparação dos contextos das fórmulas, é especialmente relevante para o contexto bíblico (passo 4.9) e para a estrutura (passo 4.6). Dois livros explicam o processo e suas implicações para a exegese:

Robert C. Culley, Oral Formulaic Language in the Biblical Psalms (Toronto: University of Toronto Press, 1967).

William R. Watters, Formula Criticism and the Poetry of the Old Testament (Berlin: Walter de Gruyter, 1976).

4.6.4. Análise de poesia (poética)

A Poética é um vasto estudo. No entanto, um sentimento adequado para a poesia do AT não é tão difícil de obter que deve ser evitado. Com um razoável investimento de tempo, o aluno do OT pode se mover rapidamente de

relativa ignorância para relativa competência em analisar poesia. É especialmente importante ser capaz de reconhecer os tipos de paralelismo e a estrutura métrica que caracterizam uma dada passagem de poesia, e boas fontes estão disponíveis para cada um.

Para obter uma introdução a ambos os problemas, consulte

Norman K. Gottwald, "Poesia, Hebraico", no Dicionário do Intérprete da Bíblia, 3: 829–38 (Nashville: Abingdon Press, 1962).

SE Gillingham, Os Poemas e Salmos da Bíblia Hebraica (Oxford: Oxford University Press, 1994).

Wilfred GE Watson, Poesia Hebraica Clássica: Um Guia para Suas Técnicas (repr., Edimburgo: T&T Clark, 2005).

Para cobertura adicional, consulte

Frank Moore Cross e David Noel Freedman, Studies in Ancient Yahwistic Poetry (Missoula, MT: Scholars Press, 1975; nova edição, Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans, 1997).

David L. Petersen e Kent H. Richards, Interpreting Hebrew Poetry (Minneapolis: Fortress Press, 1992).

James L. Kugel, A Idéia da Poesia Bíblica: Paralelismo e Sua História (New Haven: Yale University Press, 1981; repr., Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1998).

Veja também o clássico antigo, mas ainda útil:

George Buchanan Gray, As Formas da Poesia Hebraica, com Prolegomenon, de David Noel Freedman (Nova York: Ktav Publishing House, 1972).

Para analisar certos tipos de paralelismo poético com eficácia, você precisa aprender como pares fixos de palavras funcionam em poemas do AT. A melhor (e mais clara) introdução a esta análise, com centenas de exemplos fáceis de seguir, é

Stanley Gevirtz, Patterns in the Early Poetry of Israel (Chicago: University of Chicago Press, 1963).

No medidor hebraico, veja

Douglas K. Stuart, Studies in Early Hebraico Meter (Missoula, MT: Scholars Press for the Har-vard Semitic Museum, 1976).

Donald R. Vance, The Question of Meter in Biblical Hebrew Poetry (Lewiston, NY: Edwin Mellen Press, 2001).

A situação com relação ao metro é difícil para o estudante, pois persistem teorias conflitantes sobre a composição métrica. No entanto, qualquer

das quatro abordagens mais comuns (medidor de tensão, medidor de paralelismo semântico, medidor alternativo, medidor silábico) é usado, se for usado de forma consistente, irá fornecer ao aluno um meio objetivo de discernir e avaliar o comprimento relativo das linhas de poesia e também a maneira como as linhas podem ser agrupadas em dísticos e trigêmeos (freqüentemente chamados de bicola e tri-cola), ou unidades grandes (às vezes chamadas de estrofes).

Dois livros importantes sobre o estilo hebraico são suficientemente técnicos e complexos em suas análises, de modo que o estudante de hebraico mais avançado é mais adequado para fazer uso rotineiro deles. Eles são

Stephen Geller, Parallelism in Early Biblical Poetry, Harvard Semitic Monographs 20 (Missoula, MT: Scholars Press, 1979).

Michael O'Connor, Hebrew Verse Structure (Winona Lake, IN: Eisenbrauns, 1980).

4.7. Contexto histórico

4.7.1. Cronologia geral

Visões gerais abrangentes da cronologia do antigo Oriente Próximo, incluindo Israel, podem ser encontradas em qualquer um dos seguintes:

William W. Hallo e William K. Simpson, The Ancient Near East: A History, 2ª ed. (Forte Worth: Harcourt Brace College Publishers, 1998).

Amélie Kuhrt, The Ancient Near East: 3000–330 aC, 2 vols. (Londres: Routledge, 1995).

Jack Sasson, ed., Civilization of the Ancient Near East, repr., 4 vols. em 2 (Peabody, MA: Hen-drickson Publishers, 2000).

Donald B. Redford, Egito, Canaã e Israel nos Tempos Antigos (Princeton, NJ: Princeton University Press, 1992).

Marc Van De Mieroop, História do Antigo Oriente Próximo, ca. 3000-323 AC (Malden, MA:
Blackwell Publishers, 2004), 2ª ed. (2007).

Um tratamento conveniente e mais curto de questões cronológicas envolvendo especificamente Israel é

Jack Finegan, Handbook of Biblical Chronology (Peabody, MA: Hendrickson Publishers, 1998).

O difícil problema de sincronizar as cronologias bíblicas dos reis israelitas e judeus é bem tratado por Thiele, cujas soluções engenhosas têm cada vez mais ganhado aceitação:

Edwin R. Thiele, Os Números Misteriosos dos Reis Hebraicos, novo rev. ed. (Grand Rapids: Kregel Academic, 1994).

Duas abordagens alternativas com diferentes análises de alguns dos quebra-cabeças cronológicos mais controversos também foram escritas:

Gershon Galil, A Cronologia dos Reis de Israel e Judá (Leiden: EJ Brill, 1996).
JH Hayes e PK Hooker, A New Chronology for the Kings of Israel and Judah (Atlanta: John Knox Press, 1988).

4.7.2. História israelita

A maioria das histórias é escrita para ser estudada em sua totalidade, em vez de consultada aqui e ali para obter informações sobre tempos ou eventos específicos. Existem, no entanto, várias histórias israelitas importantes que são bastante adequadas para ambos os propósitos. O primeiro listado, por Kaiser, é especialmente conveniente de usar por causa de seus índices de assunto, autor e referência da Escritura, bem como por seu extenso glossário e bibliografia.

Walter C. Kaiser Jr., A History of Israel: From the Bronze Age to the Jewish Wars (Nashville: Broadman & Holman, 1998).
Iain W. Provan, V. Philips Long, e Tremper Longman III, A Biblical History of Israel (Louisville, KY: Westminster John Knox Press, 2003).
Eugene H. Merrill, Reino dos Sacerdotes: Uma História do Antigo Testamento de Israel (Grand Rapids: Baker Academic, 2008).
Leon J. Wood, A Survey of Israel's History (Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1986).
J. Maxwell Miller e John H. Hayes, Uma História do Antigo Israel e Judá, 2ª ed. (Louisville, KY: Westminster John Knox Press, 2006).
John Bright, A History of Israel, 4ª ed. (Louisville, KY: Westminster John Knox Press, 2000).

Combinar a história e uma pesquisa dos próprios livros do AT é o trabalho clássico de

Samuel J. Schultz, The Old Testament Speaks: A Complete Survey of Old Testament History and *Literatura*, 5ª ed. (São Francisco: HarperSanFrancisco, 2000).

Veja também

Paul R. House e Eric Mitchell, Old Testament Survey (Nashville: Broadman & Holman, 2007).
Bill T. Arnold e Bryan E. Beyer, Encontrando o Velho Testamento: Uma Pesquisa Cristã, 2ª ed. (Grand Rapids: Baker Academic, 2008).

Especialmente útil pela maneira como segue muito de perto a ordem e o assunto do AT, em vez de ser mais geralmente uma história "secular" de Israel, é o clássico

Charles F. Pfeiffer, Old Testament History (Grand Rapids: Baker Book House, 1973).

Um pouco mais especializados em foco são

Patrick D. Miller, The Religion of Ancient Israel (Louisville, KY: Westminster John Knox Press, 2000).

Rainer Albertz, Uma História da Religião Israelita no Período do Velho Testamento, 2 vols. (Louisville, KY: Westminster John Knox Press, 1994).

Rainer Kessler e Linda M. Maloney, The Social History of Ancient Israel: An Introduction (Minnapolis: Fortress Press, 2008).

Legível e erudito é

Hershel Shanks, ed., Ancient Israel: From Abraham to the Roman Destruction of the Temple (Washington, DC: Biblical Archaeology Society, 1999).

Os muitos volumes da prestigiosa série Cambridge Ancient History incluem vários que cobrem questões diretamente relevantes para a história do AT. Por exemplo,

John Boardman et al., Eds., The Assyrian and Babylonian Empires and Other States of the Near East, from the Eighth to the Sixth Centuries (Cambridge: Cambridge University Press, 1991).

John Boardman et al., Eds., Persia, Greece, and the Western Mediterranean c. 525–479 aC (Cam-bridge: Cambridge University Press, 1988).

4.7.3. Cultura israelita e do antigo Oriente Próximo

Para compreender a Bíblia em seu contexto sociológico imediato, nada supera o clássico

Roland de Vaux, Ancient Israel: Its Life and Institutions (Nova York: McGraw-Hill, 1961; repr., Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans; Livonia, MI: Dove Booksellers, 1997).

Dois outros volumes com finalidade semelhante são

Daniel C. Snell, Life in the Ancient Near East, 3100–332 aC (New Haven: Yale University Press, 1998).

Michael D. Coogan, ed., The Oxford History of the Biblical World (Oxford: Oxford University Press, 2001).

Esses livros são paralelos e, em alguns casos, complementados por

J. David Pleins, As Visões Sociais da Bíblia Hebraica (Louisville, KY: Westminster John Knox Press, 2001).

Victor H. Matthews e Don C. Benjamin, The Social World of Ancient Israel (Peabody, MA: Hendrickson Publishers, 1995).
John H. Walton, Victor H. Matthews e Mark W. Chavalas, The IVP Bible Background Commentary: Old Testament (Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 2000).
John W. Walton, Ancient Israelite Literature in Its Cultural Context (Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1989).
Wolfram von Soden, The Ancient Orient: An Introduction to the Study of the Ancient Near East, trans. Donald G. Schley (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans, 1994).
Philip J. King e Lawrence E. Stager, Life in Biblical Israel (Louisville, KY: Westminster John Knox Press, 2002).

Com foco mais restrito, mas comparável em sua utilidade em relação às subcategorias culturais que abordam, estão os quatro livros a seguir:

Moshe Weinfeld, Social Justice in Ancient Israel and in the Ancient Near East (Minneapolis: Fortress Press, 1995).
HJ Boecker, Law and the Administration of Justice in the Old Testament and Ancient East (Min-neapolis: Augsburg, 1980).
Herbert G. Livingstone, O Pentateuco em Seu Ambiente Cultural, 2ª ed. (Grand Rapids: Baker Book House, 1987).
Norman K. Gottwald, The Politics of Ancient Israel (Louisville, KY: Westminster John Knox Press, 2000).

4.7.4. Outras partes do antigo Oriente Próximo

Dentre as muitas obras históricas excelentes sobre vários povos e culturas no mundo bíblico, várias obras importantes podem ser recomendadas por sua abrangência e confiabilidade.

Para uma apresentação geral dos dados sobre grupos étnicos e nacionais mencionados no AT como vizinhos ou conquistadores de Israel, consulte um dos dois volumes a seguir:

Alfred J. Hoerth, Gerald L. Mattingly e Edwin Yamauchi, eds., Peoples of the Old Testament World (Grand Rapids: Baker Book House, 1998).
Donald J. Wiseman, ed., Peoples of Old Testament Times (Oxford: Oxford University Press, 1973).

Sobre as maneiras de pensar entre as várias culturas do antigo Oriente Próximo e como elas se comparam à revelação bíblica, veja

John H. Walton, Ancient Near Eastern Thought and the Old Testament: Introducing the Concep- *mundo real da Bíblia Hebraica* (Grand Rapids: Baker Academic, 2006).
Henri Frankfort, Kingship and the Gods: A Study of Ancient Near Eastern Religion as the Integra-ção da Sociedade e da Natureza (Chicago: University of Chicago Press for the Oriental Institute, 1948), Phoenix ed. (1978).

Wolfram von Soden, The Ancient Orient: An Introduction to the Study of the Ancient Near East, trans. Donald G. Schley (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans, 1994).

Sobre a história e civilização egípcia, mais de uma obra excelente está disponível:

Cyril Aldred, The Egyptians, 3rd ed., Revisado e atualizado por Aidan Dodson (London: Thames & Hudson, 1998).
Alan Gardiner, Egypt of the Pharaohs (Oxford: Oxford University Press, 1961).
Donald Redford, ed., The Oxford Encyclopedia of Ancient Egypt, 3ª ed., 3 vols. (Oxford: Oxford University Press, 2000).
David P. Silverman, Ancient Egypt (Oxford: Oxford University Press, 2003).
Ian Shaw, The Oxford History of Ancient Egypt, nova ed. (Oxford: Oxford University Press, 2003).
Barry J. Kemp, Ancient Egypt: Anatomy of a Civilization, 2ª ed. (Londres: Routledge, 2006).
Toby Wilkinson, ed., Egyptian World (Londres: Routledge, 2007).
Kathryn Ann Bard, ed., Encyclopedia of the Archaeology of Ancient Egypt (Londres: Routledge, 1999).

Alguns bons volumes foram escritos que abordam os paralelos e conexões entre o AT e a história e cultura egípcia:

John D. Currid, Ancient Egypt and the Old Testament (Grand Rapids: Baker Book House, 1999).
Donald B. Redford, Egito, Canaã e Israel nos Tempos Antigos (Princeton, NJ: Princeton University Press, 1993).

Especificamente para a cultura e religião dos egípcios, incluindo uma análise sensível da mente religiosa mitopoética egípcia (criadora de mitos), leia

Henri Frankfort, Ancient Egyptian Religion: An Interpertation (1948; repr., Mineola, NY: Dover Publications, 2000).

Relações significativas entre os israelitas e os assírios e babilônios foram mais ou menos constantes durante os anos de 745 aC a 540 aC, a época da produção da grande maioria dos livros proféticos do AT, bem como o assunto de muito do conteúdo de Reis e Crônicas. Para a história da Assíria e da Babilônia, consulte:

HWF Saggs, The Greatness That Was Babylon: A Survey of the Ancient Civilization of the Tigris *Vale do Eufrates* (1962; repr., New York: St. Martin's Press, 1988).
HWF Saggs, The Might That Was Assyria (1984; repr., New York: St. Martin's Press, 1990).
George Roux, Ancient Iraq, 3rd ed. (Londres: Viking Penguin, 1992).
Gwendolyn Leick, The Babylonians: An Introduction (Londres: Routledge, 2003).

Muito útil especificamente por seus insights sobre a época de Nabucodonosor, o Grande, que trouxe Judá ao seu fim, é

Donald J. Wiseman, Nebuchadrezzar and Babylon (repr., Oxford: Oxford University Press, 1991).

Um levantamento geral confiável da literatura, vida, religião e instituições civis dos antigos sumérios, babilônios e assírios é encontrado em

A. Leo Oppenheim, Antiga Mesopotâmia, rev. ed. (Chicago: University of Chicago Press, 1976).

O aumento do interesse na história e cultura suméria resultou das extraordinárias novas descobertas em Ebla síria. Boas introduções à literatura suméria estão disponíveis, e as duas primeiras contêm descrições de alguns documentos sumérios com paralelos bíblicos:

Samuel N. Kramer, The Sumerians (Chicago: University of Chicago Press, 1990).
C. Leonard Woolley, The Sumerians (1928; repr., New York: WW Norton & Co., 1978).
Enrico Ascalone, Mesopotâmia: Assírios, Sumérios, Babilônios (Berkeley: University of Cal-ifornia Press, 2007).
Samuel Noah Kramer, Mitologia Suméria: Um Estudo de Realização Espiritual e Literária no Terceiro Milênio AC (1944; repr., Forgotten Books, 2007, www.forgottenbooks.org).

Veja também

The Electronic Text Corpus of Sumerian Literature (ETCSL, etcsl.orinst.ox.ac.uk).

Mantido em Oxford, esse banco de dados permite que você leia e pesquise online quase quatrocentos documentos antigos da Suméria, tanto em transliteração quanto em traduções para o inglês. Também inclui informações bibliográficas para cada documento.

O ETANA (Ferramentas Eletrônicas e Arquivos do Antigo Oriente Próximo), apoiado por um consórcio de acadêmicos e instituições acadêmicas, é um projeto online para publicar documentos antigos originais e estudos modernos relacionados à história e cultura do Antigo Oriente Próximo. Ele tem apenas algumas dezenas de documentos disponíveis para pesquisa online até agora, mas pretende ser o lugar mais abrangente na Web para esses materiais:

etana.org/coretexts.shtml.

Os hititas exerceram considerável influência no início das terras bíblicas, embora não sejam especificamente mencionados na Bíblia. (Os “hititas”

da Bíblia são os Filhos de Heth, um subgrupo cananeu). A introdução padrão à sua história e civilização é

OR Gurney, The Hittites, 2ª ed. (Londres: Penguin Books, 1954).

Para a Pérsia, algumas boas histórias estão disponíveis. O primeiro deles é de nota especial por causa de seu foco consciente nas conexões OT:

Edwin M. Yamauchi, Persia and the Bible (Grand Rapids: Baker Book House, 1996).
Josef Wiesehöfer, Pérsia Antiga: De 550 aC a 650 dC (Nova York: St. Martin's Press, 1996).
Pierre Briant, From Cyrus to Alexander: A History of the Persa Empire (Winona Lake, IN: Eisenbrauns, 2002).

A história clássica da Pérsia de Olmstead (com índices úteis) ainda é valiosa, se você puder encontrá-la:

AT Olmstead, History of the Persian Empire (1948; repr., Chicago: University of Chicago Press, 1959).

Veja também os trabalhos mais recentes:

J. E Curtis e N. Tallis, eds., Forgotten Empire: The World of Ancient Persia (Berkeley: University of California Press, 2005).
Lindsay Allen, The Persian Empire (Chicago: University of Chicago Press, 2005).
Amélie Kuhrt, ed., Império Persa: Um Corpus de Fontes do Período Aquemênida (Londres: Routledge, 2007).

Para assuntos relacionados à civilização ugarítica, os fenícios, os Os cananeus e os filisteus, vejam os volumes relevantes a partir do seguinte:

Marguerite Yon, The City of Ugarit at Ras Shamra (Winona Lake, IN: Eisenbrauns, 2000).
Jacob H. Katzenstein, A História de Tiro, 2ª rev. ed. (Jerusalém: Universidade Ben Gurion da Negev Press, 1997).
Jonathan N. Tubb, Canaanites: Peoples of the Past (Norman: University of Oklahoma Press, 1998).
Trude Dothan e Moshe Dothan, Gente do Mar: The Search for the Philistines (Nova York: Macmillan Publishing Co., 1992).
Othniel Margalith, Sea Peoples in the Bible (Wiesbaden: Harrassowitz, 1994).
William M. Schniedewind e Joel H. Hunt, A Primer on Ugaritic: Language, Culture, and Lit-*erature* (Cambridge: Cambridge University Press, 2007).
Gregorio del Olmo Lete, Religião cananéia: De acordo com os textos litúrgicos de Ugarit (repr., Winona Lake, IN: Eisenbrauns, 2004).
John CL Gibson, Cananite Myths and Legends, 2ª ed. (Londres: T&T Clark, 2004).
Ann E. Killebrew, Biblical Peoples and Ethnicity: An Archaeological Study of Egyptians, Canaan-ites, Philistines, and Early Israel, 1300-1100 AC (Leiden: Brill Academic Publishers, 2005).
George Rawlinson, Phoenicia: History of a Civilization (1889; repr., Londres: IB Tauris, 2005).

4.7.5. Arqueologia

Várias introduções ao campo da arqueologia palestina são amplamente utilizadas, e uma variedade de fontes valiosas também estão disponíveis para conhecimento específico sobre áreas e locais individuais. Infelizmente, muitos arqueólogos não publicam seus resultados de escavação ou os publicam de uma maneira tão limitada e técnica que o estudante médio do OT não pode fazer uso razoável deles na exegese, exceto quando os próprios relatórios de escavação chamam a atenção para textos bíblicos. Entre as obras recentes mais úteis sobre arqueologia bíblica estão as seguintes. Qualquer um deles pode ser útil, dependendo da natureza da sua passagem.

James K. Hoffmeier, The Archaeology of the Bible (Oxford: Lion, 2008).

Alfred Hoerth e John McRay, Bible Archaeology: An Exploration of the History and Culture of *Civilizações Antigas* (Grand Rapids: Baker Books, 2005).

Kenneth A. Kitchen A Bíblia em seu mundo: A Bíblia e a Arqueologia Hoje (1977; repr., Eugene OR: Wipf & Stock, 2004).

John D. Currid, Fazendo Arqueologia na Terra da Bíblia: Um Guia Básico (Grand Rapids: Baker Books, 1999).

Amnon Ben-Tor, The Archaeology of Ancient Israel, trad. R. Greenberg (New Haven: Yale University Press, 1992).

Brian Fagan, ed., The Oxford Companion to Archaeology (Oxford: Oxford University Press, 1996).

Alfred J. Hoerth, Arqueologia do Antigo Testamento (Grand Rapids: Baker Books, 1998). Amihai Mazar, Arqueologia da Terra da Bíblia, vol. 1, Biblioteca de Referência da Bíblia Anchor (Novo York: Doubleday, 1992).

Ephraim Stern, Arqueologia da Terra da Bíblia, vol. 2, Os períodos assírio, babilônico e persa (732–332 aC), Anchor Bible Reference Library (Nova York: Doubleday, 2001).

William F. Albright, Archaeology and the Religion of Israel, nova introdução de Theodore J. Lewis (Louisville, KY: Westminster John Knox Press, 2006).

Os seguintes dicionários excelentes de arqueologia são bastante abrangentes. Eles estão entre as fontes que você deve sempre verificar.

Eric M. Meyers, ed., The Oxford Encyclopedia of Archaeology in the Near East, 5 vols. (Oxford: Oxford University Press, 1997).

Ephraim Stern, ed., The New Encyclopedia of Archaeological Excavations in the Holy Land, 4 vols. (Jerusalém: Israel Exploration Society and Carta; Nova York: Simon & Schuster, 1993).

Concentrando-se na arqueologia urbana,

Volkmar Fritz, The City in Ancient Israel (Sheffield: Sheffield Academic Press, 1995).

LaMoine DeVries, Cities of the Biblical World (Peabody, MA: Hendrickson Publishers, 1997).

O seguinte pode ser útil para você em termos de interesses especializados:

Thomas E. Levy, ed., A Arqueologia da Sociedade na Terra Santa, 2ª ed. (Londres: Leicester University Press, 1998).

Ainda valiosos, das canetas de grandes arqueólogos palestinos, são

William F. Albright, A Arqueologia da Palestina, rev. ed. (Londres: Penguin Books, 1954; repr., Gloucester, MA: Peter Smith, 1971).

Yohanan Aharoni, A Arqueologia da Terra de Israel (Filadélfia: Westminster Press, 1982).

G. Ernest Wright, Biblical Archaeology, rev. ed. (Filadélfia: Westminster Press, 1963).

Kathleen Kenyon, Arqueologia na Terra Santa, 4ª ed. (Nova York: WW Norton & Co., 1979).

Kathleen Kenyon, The Bible and Recent Archaeology (Atlanta: John Knox Press, 1978).

Michael Avi-Yonah, ed., Encyclopedia of Archaeological Excavations in the Holy Land, 4 vols. (Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall, 1975).

Enfatizar a evidência de inscrição é

P. Kyle McCarter Jr., Ancient Inscriptions: Voices from the Biblical World (Washington, DC: Bib-lical Archaeology Society, 1996).

Um bom exemplo de arqueologia aplicada à interpretação de livros proféticos é

Philip J. King, Amos, Hosea, Micah: An Archaeological Commentary (Philadelphia: Westminster Press, 1988).

Para obter uma coleção de mapas, ilustrações e comentários geralmente confiáveis sobre a relação das descobertas arqueológicas com a história do AT, particularmente no que se refere a livros específicos e até mesmo passagens, consulte

Gaalyahu Cornfeld, Arqueologia da Bíblia: Livro a Livro, com David Noel Freedman como con sulting ed. (Nova York: Harper & Row, 1976).

Gonzalo Báez-Camargo, Archaeological Commentary on the Bible (Garden City, NY: Double-day, 1984).

Útil por seus mais de oitocentos artigos individuais sobre tópicos arqueológicos é

EM Blaiklock e RK Harrison, eds., O Novo Dicionário Internacional de Arqueologia Bíblica (Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1983).

Veja também o agora um tanto datado

Robert F. Heizer et al., Archaeology: A Bibliographical Guide to the Basic Literature (Nova York: Garland Publishing, 1980).

Um grande número de artigos individuais sobre assuntos-chave e descobertas relacionadas ao OT foram reunidos em

Edward F. Campbell Jr., David Noel Freedman e G. Ernest Wright, eds., The Biblical Archaeologist Reader, 3 vols. (Garden City, NY: Doubleday / Anchor Books, 1961–1970).

Para avaliações de arqueologia que olham para trás, para o que ela produziu e para onde está indo (e algumas de suas limitações), consulte

James K. Hoffmeier e Alan Millard, eds., The Future of Biblical Archaeology: Reassessing *Metodologias e Premissas* (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans, 2004).

Bons resultados também podem ser obtidos pesquisando no Google "arqueologia bíblica", "arqueologia online", "história bíblica online" e assim por diante.

4.7.6. Geografias e

*atlas*Uma das melhores geografias da Bíblia é

Leslie J. Hoppe, Um Guia para as Terras da Bíblia (Collegeville, MN: Liturgical Press, 1999).

Dois estudos mais antigos, mas ainda confiáveis, sobre a geografia da Terra Santa (clima, agricultura, topografia, etc.) podem ser usados com muito lucro:

Denis Baly, A Geografia da Bíblia, rev. ed. (Nova York: Harper & Row, 1974).
Yohanan Aharoni, A Terra da Bíblia: Uma Geografia Histórica, trad. e ed. Anson F. Rainey, rev. ed. (Philadelphia: Westminster Press, 1979).

O melhor atlas para estudos de OT também é o mais fácil de usar e o mais útil em tarefas exegéticas. É repleto de mapas, gráficos, diagramas e outras ilustrações, acompanhados por notas explicativas claras. As muitas passagens bíblicas para as quais o atlas é relevante estão contidas em um índice separado, bem como com cada ilustração:

Yohanan Aharoni et al., Carta Bible Atlas, 4ª ed. (Jerusalém: Carta; Filadélfia: Livros Coronet, 2002).

Vários outros também são úteis e precisos, nomeadamente incluindo

R. Steven Notley e Anson F. Rainey, Manual do Novo Século da Carta e Atlas da Bíblia (Jerusalém: Carta, 2007).

JJ Bimson et al., Eds., The New Bible Atlas (1985; repr., Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1996).

Thomas V. Brisco, ed., Holman Bible Atlas: A Complete Guide to the Expansive Geography of Bib- *história lical* (Nashville: Broadman & Holman, 1999).

Carl G. Rasmussen, ed., The Zondervan NIV Atlas of the Bible (Grand Rapids: Zondervan Pub-lishing House, 1989).

Adrian Curtis, ed., Oxford Bible Atlas, 4ª ed. (Nova York: Oxford University Press, 2007).

Barry J. Beitzel, ed., Biblica: The Bible Atlas: A Social and Historical Journey through the Lands of *a Bíblia* (Hauppauge, NY: Barron's Educational Series, 2007).

4.7.7. Crítica histórica

Como é definido de forma mais restrita, a crítica histórica se preocupa com os cenários históricos dos textos bíblicos, incluindo o estabelecimento de nomes, datas e horários para eventos mencionados ou atendidos em uma determinada passagem. O objetivo desse tipo de crítica histórica é chegar a uma compreensão útil dos fatores históricos relevantes, de uma forma que os elucide completamente. Assim, o historiador vai muito além dos limites da própria passagem ao estabelecer os fatores e tendências históricas, mais ou menos independentemente da maneira como são apresentados na Bíblia.

No entanto, crítica histórica é um termo também usado para designar o que é chamado de método histórico-crítico. Este método tem como pressuposto básico a ideia de que o estudo histórico-bíblico "objetivo" deve tratar a Bíblia como qualquer outro livro, deixando de lado ideias "subjetivas" como inspiração, autoridade e causação divina. Por razões óbvias, o método histórico-crítico é um assunto de grande debate quanto à sua própria "objetividade".

Uma introdução lúcida às questões especiais envolvidas e aos pressupostos metodológicos é

Edgar Krentz, The Historical-Critical Method (1975; repr., Eugene, OR: Wipf & Stock, 2002).

Veja também

Joseph A. Fitzmyer, A Interpretação das Escrituras: Em Defesa do Método Histórico-Crítico (Nova York: Paulist Press, 2008).

Um ataque devidamente motivado, mas documentado de forma inadequada ao método histórico-crítico pode ser encontrado em

Gerhard Maier, O Fim do Método Histórico-Crítico (St. Louis: Concordia Publishing House, 1977).

Muito útil como um corretivo para o tipo de ceticismo desenfreado que caracterizou alguns estudos históricos do AT em nome da objetividade é

Kenneth A. Kitchen, Sobre a Confiabilidade do Antigo Testamento (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans, 2006).

Para uma perspectiva dos desafios e dificuldades encontrados no estudo histórico do AT, às vezes com conclusões controversas sobre as evidências e o que pode ser inferido delas, consulte:

V. Philips Long, Israel's Past in Present Research: Ensaios sobre a Antiga Historiografia Israelita (Winona Lake, IN: Eisenbrauns, 1999).

J. Maxwell Miller, O Velho Testamento e o Historiador, Guides to Biblical Scholarship (Philadelphia: Fortress Press, 1976).

Jon D. Levenson, The Hebrew Bible, the Old Testament, and Historical Criticism (Louisville, KY: Westminster John Knox Press, 1993).

Niels Peter Lemche, Prelude to Israel's Past: Background and Beginnings of Israelite History and *Identidade* (Peabody, MA: Hendrickson Publishers, 1998).

John Van Seters, In Search of History: Historiography in the Ancient World and the Origins of Bib- *história lical* (repr., Winona Lake, IN: Eisenbrauns, 1997).

4.7.8. Crítica de tradição

O estudo da história das tradições orais como funcionavam para preservar a literatura e especialmente a história do antigo Israel antes da formalização por escrito é chamado de crítica da tradição.

Para uma visão geral útil, consulte um dos seguintes:

Douglas A. Knight, "Tradition History", no The Anchor Bible Dictionary, 6: 633-38 (Nova York: Doubleday, 1992).

JH Hayes e CR Holladay, "Tradition Criticism," cap. 7 na exegese bíblica: um começo *manual do ner*, 3ª ed. (Louisville, KY: Westminster John Knox Press, 2007).

Stanley E. Porter, ed., Dicionário de Crítica Bíblica e Interpretação (Londres: Routledge, 2006).

Algumas introduções amplamente utilizadas para este campo um tanto teórico são

Jan Vansina, Oral Tradition as History (Madison: University of Wisconsin Press, 1990).

Douglas A. Knight, Redescobrindo as Tradições de Israel, 3ª ed. (Atlanta: Society of Biblical Literature, 2006).

Walter Rast, Tradition History and the Old Testament, Guides to Biblical Scholarship (Philadel-phia: Fortress Press, 1972).

4,8. Análise literária

4.8.1. Literatura paralela

A Bíblia é um livro único; não há nada igual. Existem, no entanto, muitas obras literárias individuais preservadas do mundo antigo que são notavelmente semelhantes a partes da Bíblia. Ignorar esses paralelos valiosos onde eles existem é empobrecer uma exegese. Felizmente, a maioria dos paralelos conhecidos foi coletada para facilitar a consulta.

A tradução padrão de textos (geralmente completos) paralelos ao AT é encontrada no seguinte grande volume, que é recomendado embora muito caro:

James B. Pritchard, ed., Ancient Near Eastern Texts Relating to the Old Testament, 3rd ed. com suplemento (Princeton, NJ: Princeton University Press, 1969).

Dois resumos são encontrados em

James B. Pritchard, ed., O Antigo Oriente Próximo: Uma Antologia de Textos e Imagens (Princeton, NJ: Princeton University Press, 1958); The Ancient Near East, vol. 2, Uma Nova Antologia *de textos e fotos* (Princeton, NJ: Princeton University Press, 1975).

Tanto a edição completa quanto os resumos contêm índices de referências das Escrituras para fácil correlação com as passagens bíblicas. (Os volumes complementares para fotos estão listados em 4.12.6.)

Na maior parte do tempo, seu interesse provavelmente estará focado na literatura paralela do antigo Oriente Próximo que é especificamente religioso por natureza. Qualquer um dos seguintes contém introduções mais abrangentes e notas geralmente mais úteis do que o volume de Pritchard, e todos são virtualmente tão completos no que diz respeito a documentos religiosos importantes que correspondem aos materiais do AT:

William W. Hallo e KL Younger, eds., The Context of Scripture, 3 vols. (Leiden: Brill Academic Publishers, 1997–2002), também encontrado em pacotes de software da Bíblia.

Victor H. Matthews e Don C. Benjamin, Old Testament Parallels: Laws and Stories from the *Antigo Oriente Próximo*, 3ª ed. (Nova York: Paulist Press, 2007).

John H. Walton, Antiga Literatura Israelita em Seu Contexto Cultural: Uma Pesquisa de Paralelos entre Textos Bíblicos e Antigos do Oriente Próximo (Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1994).

Walter Beyerlin, ed., Textos Religiosos do Oriente Próximo Relacionados ao Velho Testamento (Filadélfia: Westminster Press, 1978).

Kenton L. Sparks, Textos Antigos para o Estudo da Bíblia Hebraica: Um Guia para o Fundo Lit-

erature (Peabody, MA: Hendrickson Publishers, 2005).

Bill T. Arnold e Bryan E. Beyer, eds., Leituras do Antigo Oriente Próximo: Fontes Primárias *para o estudo do Velho Testamento* (Grand Rapids: Baker Academic, 2002).

A Sociedade de Literatura Bíblica está publicando uma série contínua de textos de várias origens no antigo Oriente Próximo:

SBL Writings from the Ancient World = SBLWAW (Atlanta: Society of Biblical Literature, 1990–).

Até agora, os seguintes volumes foram publicados, com tradutores / editores anotados:

Letras aramaicas e hebraicas antigas, 2ª ed., De James M. Lindenberger (2003).
Textos de pirâmides egípcias antigas, de James P. Allen (2005).
Textos biográficos de Ramessid, Egito, de Elizabeth Frood, editado por John Baines (2007).
Epopéias dos Reis Sumérios, de Herman Vanstiphout (2003).
Mitos hititas, por Harry A. Hoffner (1998).
Textos Diplomáticos Hititas, 2ª ed., Por Gary M. Beckman (1996).
Orações Hititas, de Itamar Singer (2002).
Hinos, orações e canções: uma antologia da poesia lírica do Egito Antigo, por John L. Foster (1995).
Inscrições do terceiro período intermediário do Egito, de RK Ritner (2008).
Coleções de leis da Mesopotâmia e da Ásia Menor, 2ª ed., Por Martha T. Roth (1995).
Cartas do Egito Antigo, por Edward F. Wente (1990).
Cartas do início da Mesopotâmia, por Piotr Michalowski (1993).
Crônicas da Mesopotâmia, de Jean-Jacques Glassner (2004).
Profetas e profecias no antigo Oriente Próximo, de Marti Nissinen, com CL Seow e Robert K. Ritner (2003).
Ritual e culto em Ugarit, por Dennis Pardee (2002).
Textos do período de Amarna no Egito Antigo, por William J. Murnane (1995).
Textos da Era das Pirâmides, por Nigel C. Strudwick (2005).
Poesia narrativa ugarítica, traduzido por Simon B. Parker, Mark S. Smith, Edward L. Green-stein, Theodore L. Lewis e David Marcus (1997).

Para os paralelos semânticos individuais importantes das tabuinhas da Idade do Bronze Final encontradas em Ugarit, há uma coleção muito útil construída em torno de palavras, termos e conceitos que ocorrem em ugarítico e hebraico. Isso inclui animais, plantas, numerais, nomes, profissões, instituições sociais, frases literárias, gêneros literários e assim por diante:

Loren Fisher, ed., Ras Shamra Parallels: The Texts from Ugarit and the Hebrew Bible, 2 vols., Analecta Orientalia 49–50 (Roma: Pontifício Instituto Bíblico, 1972–76).

Cada entrada tem uma tradução da passagem ugarítica, notas textuais, uma bibliografia e uma avaliação das conexões ugarítico-hebraico.

Você pode aprender muito sobre as crenças dos cananeus de Ugarit lendo por si mesmo seus principais mitos. Uma excelente tradução deles é por Coogan:

Michael Coogan, Stories from Ancient Canaan (Philadelphia: Westminster Press, 1978).

Mais estreitamente focado é

Nicolas Wyatt, Textos Religiosos de Ugarit (Sheffield: Sheffield Academic Press, 1998).

Para paralelos de fontes acadianas e sumérias, consulte

Robert William Rogers, trad. e ed., Cuneiform Parallels to the Old Testament, Ancient Texts and Translations (1912; repr., Eugene, OR: Wipf & Stock, 2005).

4.8.2. Crítica de gênero

A crítica ou análise de gêneros (tipos literários) geralmente se limita a unidades e estilos literários maiores, como direito, história e sabedoria. Muitas vezes, no entanto, estudiosos individuais podem usar "gênero" alternadamente com "forma", de modo que não haja distinção entre crítica de forma (ver 4.5.1) e crítica de gênero e, portanto, nenhuma distinção entre tipos literários maiores (gêneros) e menores, tipos individuais específicos (formulários). Mesmo que a distinção entre os dois tipos possa ser considerada um tanto arbitrária, e mesmo que seja uma decisão subjetiva se um determinado tipo literário é geral e grande o suficiente para ser um gênero ou pequeno e específico o suficiente para ser uma forma, a distinção ainda é útil e é recomendável que você a siga. Assim, por exemplo, “narrativa” é considerada um gênero inteiro, mas uma “narrativa do censo” seria considerada uma forma individual; “Sabedoria” é um gênero completo, mas uma “enumeração de sabedoria numérica” seria considerada uma forma específica; a poesia elegíaca pode ser frequente o suficiente no AT para ser chamada de gênero, ao passo que um "lamento após a batalha", como 2 Samuel 1: 19-27, seria específico o suficiente para ser considerado uma "forma". Como regra, você deve limitar o uso do termo “gênero” a tipos literários representados de forma bastante ampla por subtipos variados; os próprios subtipos são os formulários. você deve limitar o uso do termo “gênero” a tipos literários que são representados de forma bastante ampla por subtipos variados; os próprios subtipos são os formulários. você deve limitar o uso do termo “gênero” a tipos literários que são representados de forma bastante ampla por subtipos variados; os próprios subtipos são os formulários.

A melhor e mais fácil introdução geral aos gêneros (e também às formas) permanece a parte 1 de O Velho Testamento: Uma Introdução de Eissfeldt (4.1.2).

Uma análise mais detalhada, com exemplos, do método de crítica de gênero é encontrada em

D. Brent Sandy e Ronald L. Giese, eds., Cracking Old Testament Codes: A Guide to Interpret-

Gêneros Literários do Antigo Testamento (Nashville: Broadman & Holman, 1995).

4.8.3. Crítica de redação

A crítica da redação se preocupa em como as várias unidades que compõem uma seção ou livro do AT foram reunidas em sua forma intermediária ou final. Requer, portanto, a análise do trabalho dos editores (anônimos) da seção ou do livro e, portanto, é um tipo de crítica muito especulativa, uma vez que nada se sabe diretamente sobre a atividade editorial ou sobre os próprios editores.

Uma introdução útil ao assunto foi escrita por Perrin, embora se concentre amplamente no Novo Testamento do que no Antigo Testamento:

Norman Perrin, What Is Redaction Criticism? Guias de estudos bíblicos (Filadélfia: Fortress Press, 1969).

Para materiais OT, uma breve introdução ao método é encontrada em

John H. Hayes e Carl R. Holladay, "Redaction Criticism," cap. 8 na exegese bíblica: A *Manual do Iniciante*, 3ª ed. (Louisville, KY: Westminster John Knox Press, 2007).
John Barton, The Nature of Biblical Criticism (Louisville, KY: Westminster John Knox Press, 2007).

Um exemplo de crítica de redação empreendida com o objetivo de aplicar seus resultados à teologia bíblica é

Simon J. De Vries, da velha revelação à nova: um estudo crítico-histórico e de redação das transições temporais na predição profética (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans, 1995).

4.8.4. Crítica literária

O termo "crítica literária" é usado de várias maneiras. Por muitos anos, a crítica literária significou pouco mais do que crítica da fonte (ver 4.8.5). Ocasionalmente, significava aproximadamente o que o termo "crítica histórica" agora é usado para descrever (ver 4.7.7). Cada vez mais, no entanto, o termo é usado em seu significado mais básico para se referir ao processo de análise e compreensão de partes da Bíblia como literatura, examinando técnica, estilo e outras características a fim de obter uma apreciação da intenção e dos resultados de um dada parte como uma composição literária.

Para uma breve visão geral deste tipo de crítica, você pode ler

John H. Hayes e Carl R. Holladay, "Literary Criticism," cap. 5 na exegese bíblica: um começo *manual do ner*, 3ª ed. (Louisville, KY: Westminster John Knox Press, 2007).

Uma introdução mais longa oferece exemplos um tanto controversos do método aplicado:

David Robertson, The Old Testament and the Literary Critic, Guides to Biblical Scholarship (Philadelphia: Fortress Press, 1977).

Para obter exemplos e argumentos mais extensos para o método, com ênfase na crítica de origem dentro da definição de crítica literária, consulte

Norman C. Habel, Literary Criticism of the Old Testament (Philadelphia: Fortress Press, 1997).

J. Cheryl Exum e David JA Clines, eds., The New Literary Criticism and the Hebrew Bible (Valley Forge, PA: Trinity Press International, 1994).

Três dos melhores livros sobre o assunto dão atenção especial aos tipos de resultados úteis para pastores e professores na exegese:

David A. Dorsey, A Estrutura Literária do Velho Testamento: Um Comentário sobre Gênesis – Malaquias (Grand Rapids: Baker Academic, 2004).

Paul R. House, ed., Beyond Form Criticism: Essays in Old Testament Literary Criticism (Winona Lake, IN: Eisenbrauns, 1992).

Leland Ryken e Tremper Longman III, eds., A Complete Literary Guide to the Bible (Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1993).

4.8.5. Crítica da fonte

Aplicável principalmente no caso do Pentateuco, e em menor extensão dos livros históricos, a crítica da fonte tentou discernir os vários documentos escritos que o editor final (do Pentateuco, por exemplo) extraiu para produzir a obra concluída. Essa crítica agora é frequentemente considerada desatualizada, uma vez que as "fontes" humanas do AT são muito mais complexas e mais difíceis de recuperar ou isolar do que seriam alguns documentos escritos. Mesmo assim, as características gerais da hipótese documental de Graf e Wellhausen, que postula quatro fontes principais para o Pentateuco (J, E, D, P) e sugere datas aproximadas para cada uma, ainda são aceitas por muitos estudiosos do AT. Uma introdução à crítica de origem (sob sua denominação alternativa, crítica literária) é encontrada em

Norman C. Habel, Literary Criticism of the Old Testament, Guides to Biblical Scholarship (Philadelphia: Fortress Press, 1971).

4.8.6. Namorando

Por muitos anos, a tendência entre os estudiosos do AT era datar porções das Escrituras com base em teorias sobre a evolução da religião israelita, em vez de em qualquer critério objetivo intrínseco. A lei, portanto, foi datada tarde porque supostamente evidenciou características "desenvolvidas", enquanto as histórias mais "primitivas" sobre a liderança de Yahweh no êxodo, por exemplo, poderiam ser datadas mais cedo. Essas construções hipotéticas estão agora em grande parte desfavorecidas, mas ainda existe grande diversidade a respeito da datação de vários livros do AT e suas seções. Namorar livros com base em características linguísticas sempre foi inerentemente mais objetivo na intenção, mas sofreu com a falta de conhecimento específico. Para a poesia, existem algumas abordagens provisórias que parecem oferecer esperança. Se sua passagem é poesia,

David A. Robertson, Linguistic Evidence in Dating Early Hebrew Poetry (Missoula, MT: Schol-ars Press, 1973).

Robertson fornece uma tipologia preliminar para datar poesia de acordo com características morfológicas principalmente.

Também ainda é útil o capítulo 1 do

WF Albright, Yahweh and the Gods of Canaan (Garden City, NY: Doubleday, 1968).

Levar em consideração os avanços no campo é

Ian Young, Robert Rezetko e Martin Ehrensvärd, Linguistic Dating of Biblical Texts: An *Introdução às Abordagens e Problemas* (Oakville, CT: Equinox Publishing, 2008).

No caso de alguma poesia, e virtualmente toda a prosa, há muito pouca evidência consensual que permita uma datação específica com base em características lingüísticas. Em alguns casos, você deve confiar principalmente nas afirmações do próprio texto e nos recursos não linguísticos. As características ortográficas (ortográficas) podem indicar a data. Na maioria dos casos, entretanto, a ortografia do Antigo Testamento hebraico não ajuda em nada. Isso ocorre porque os textos anteriores e posteriores são escritos na ortografia do período persa (540–333 aC), uma vez que os textos dos primeiros tempos foram conjugados e copiados amplamente durante a Restauração. Assim, uma única ortografia foi aplicada em todo o AT, tanto em hebraico quanto em aramaico. Apenas as pequenas porções que escapam parcialmente a esse processo de nivelamento (como alguns dos primeiros poemas) podem ser datadas pela evidência ortográfica. Para saber como é feito, veja

David Noel Freedman, A. Dean Forbes e Francis I. Andersen, Studies in Hebrew and Aramaic Orthography (Winona Lake, IN: Eisenbrauns, 1992).

Ou veja o mais antigo, mas ainda valioso

Frank Moore Cross Jr. e David Noel Freedman, Early Hebrew Orthography (New Haven, CT: American Oriental Society, 1952).

4,9. Contexto Bíblico

4.9.1. Listas de referência de cadeia

Algumas edições da Bíblia (geralmente chamadas de Bíblias de estudo) contêm o que é comumente chamado de lista de referências em "cadeia". Em uma coluna separada, ou no final de cada versículo, as referências são listadas a passagens em outras partes da Bíblia que são de alguma forma semelhantes ou relacionadas a esse versículo. Nenhuma dessas listas de referência é inteiramente confiável ou consistente, e muitas sugerem conexões rebuscadas ou irracionais. No entanto, essas listas muitas vezes podem levar você rapidamente a passagens paralelas ou relacionadas contendo conceitos semelhantes, mas não necessariamente contendo as mesmas palavras encontradas na passagem em que você está trabalhando e, portanto, não podem ser encontradas pelo uso de uma concordância. Várias edições da Bíblia contêm listas de referência notavelmente amplas, conforme indicado pela seguinte amostra:

The Thompson Chain-Reference Bible, em várias versões em inglês (Indianapolis: Kirkbride Bible Co., 2007).
Harper Study Bible, rev. ed. (São Francisco: HarperSanFrancisco, 2006).
NASB Zondervan Study Bible (Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 2006).
A Bíblia de Estudo Católica (Nova York: Oxford University Press, 2006).
Bíblia de estudo arqueológico (Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 2006).

4.9.2. Concordâncias tópicas

A maioria dos alunos está familiarizada com as concordâncias de palavras (ver 4.4.2, acima). Uma concordância de palavras pode servir tanto para facilitar o "estudo de palavras" quanto para guiar o aluno aos dados do contexto bíblico. Para o último propósito, tais concordâncias são usadas como um meio rápido de pesquisar no AT (e NT) por (1) passagens paralelas contendo a palavra e (2) passagens paralelas contendo tópicos relacionados ou conceitos encontrados por referência ao seu vocabulário característico.

Além das concordâncias de palavras, entretanto, há concor-danças tópicas, que agrupam passagens bíblicas relacionadas umas às outras por um tópico ou tema (conceito) comum. Eles podem ser imensamente valiosos em

sugerindo a você outras passagens relacionadas àquela em que você está trabalhando. Em certo sentido, as concordâncias tópicas fazem o que as listas de referências em cadeia (veja acima) fazem, apenas com muito mais detalhes e geralmente com uma quantidade substancial de texto das passagens relacionadas impressas para análise imediata.

Para um agrupamento conveniente do texto completo das passagens das Escrituras relacionadas a determinadas doutrinas (organizadas pelas categorias clássicas, isto é, Deus, Cristo, salvação, etc.), veja

Walter A. Elwell, Topical Analysis of the Bible (Grand Rapids: Baker Book House, 1991).
John J. Davis, Handbook of Basic Bible Texts (Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1984).

A seguir estão exemplos de muitos outros também nesta categoria:

Orville J. Nave, Nave's Topical Bible (Chicago: Moody Press, 1974).
Charles R. Joy, Harper's Topical Concordance, rev. e ed ampliado. (São Francisco: Harper & Row, 1976).
Edward Viening, ed., The Zondervan Topical Bible (Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1969).
Steve Bond, ed., Holman Concise Topical Concordance (Nashville: Holman Bible Publishers, 1999).

Concordâncias tópicas também podem ser acessadas online em sites como

Crosswalk.com.
Biblestudytools.net.
Studylight.org.
Biblegateway.com.

4.9.3. Comentários e contexto bíblico

Uma das tarefas do comentarista é chamar a atenção do leitor para a maneira como uma passagem se relaciona com o livro em que se encontra, e também com o contexto bíblico mais amplo. Os insights de um comentarista geralmente vão além do que você pode descobrir usando referências em cadeia e concordâncias. Portanto, vale a pena consultar vários comentários de orientação exegética, clássicos e modernos, procurando especificamente por indicações de relações intrabíblicas. Para informações bibliográficas específicas sobre séries de comentários exegéticos, ver 4.12.4, abaixo.

4.9.4. Apócrifos e Pseudepígrafes

O judaísmo antigo produziu certas obras religiosas que pretendiam ser reveladoras e foram modeladas nos escritos bíblicos. Um bom número destes

sobreviveram, em parte porque receberam pelo menos status semiescritural por um grupo ou outro nos primeiros séculos DC. Eles são chamados de Apócrifos ("obras obscuras") e de Pseudepígrafes ("obras falsamente atribuídas a um determinado autor"). Embora quase exclusivamente pós-OT na data, e embora rejeitados da canonicidade pelos conselhos judaicos e cristãos (com a notável exceção da formalização católica do século XVI dos apócrifos como canônicos), esses livros estão intimamente relacionados às partes do OT e útil para a exegese do OT. Mesmo por aqueles de nós que os consideramos nem inspirados nem doutrinariamente confiáveis, eles são úteis para comparações filológicas, temáticas, históricas e estilísticas. No sentido de gênero, eles são "bíblicos" em seu tipo e, portanto, adequados para fins comparativos. Quando possível, portanto,

A publicação clássica dos Apócrifos e Pseudepígrafes, reimpressa com frequência, foi a de Charles:

RH Charles, ed., The Apocrypha and Pseudepigrapha of the Old Testament, vol. 1, apócrifo; vol. 2, Pseudepigrapha (Oxford: Clarendon Press, 1913; repr., Berkeley, CA: Apocryphile Press, 2004).

A melhor tradução para o inglês dos livros pseudepigráficos agora pode ser encontrada em

James H. Charlesworth, ed., The Old Testament Pseudepigrapha, 2 vols. (Garden City, NY: Dou-bleday, 1983–85).

Cada um dos 53 textos traduzidos recebe uma breve introdução e algumas notas críticas úteis. Útil com isso é

Steve Delamarter, A Scripture Index to The Old Testament Pseudepigrapha de Charlesworth (Sheffield: Sheffield Academic Press, 2003).

Para obter informações sobre a literatura apócrifa e pseudepigráfica do NT, consulte

Wilhelm Schneemelcher, New Testament Apocrypha, vol. 1, Evangelhos e Escritos Relacionados, rev. ed .; vol. 2, Escritos Relacionados aos Apóstolos; Apocalipses e assuntos relacionados, rev. ed. (repr., Louisville, KY: Westminster John Knox, 2003–6).

Uma boa cobertura de obras sobre apócrifos e pseudepígrafes está disponível através da bibliografia em

Joseph A. Fitzmyer, Uma Bibliografia Introdutória para o Estudo das Escrituras, 3ª ed. (Chicago: Loyola University Press, 1990).

Uma introdução a Apócrifos e Pseudepígrafes que também aborda outras obras é encontrada em

Leonhard Rost, Judaism Outside the Hebrew Canon (Nashville: Abingdon Press, 1976).

Sobre os apócrifos, veja também

Bruce M. Metzger, An Introduction to the Apocrypha (Oxford: Oxford University Press, 1977).

Para análise de como os pseudepígrafos do AT se relacionam com o NT, existe

James H. Charlesworth, The Old Testament Pseudepigrapha and the New Testament: Prolegomena *para o estudo das origens cristãs* (Harrisburg, PA: Trinity Press International, 1998).

Também úteis são

James H. Charlesworth, P. Dykers e MJH Charlesworth, The Pseudepigrapha and Mod-ern Research with a Supplement, rev. ed. (Chico, CA: Scholars Press, 1981).

Mitchell G. Reddish, ed., Apocalyptic Literature: A Reader (Peabody, MA: Hendrickson Pub-lishers, 1996).

John Joseph Collins, The Apocalyptic Imagination: An Introduction to Jewish Apocalyptic Litera-*tura*, 2ª ed. (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans, 1998).

4.9.5. O Antigo Testamento no Novo

Uma tarefa exigente é a análise dos temas do AT, doutrinas e assim por diante, conforme eles são refletidos no NT. Muito freqüentemente, os exegetas do AT negligenciam os dados do NT com base em que estes representam interpretações posteriores, turvando as águas exegéticas. A menos que você vá tão longe a ponto de rejeitar a inspiração e autoridade do NT, no entanto, na análise final você é obrigado a relacionar a passagem do AT a qualquer uso ou classificação do NT. O que o NT diz sobre uma passagem do AT é de enorme significado exegeticamente.

Como uma introdução geral aos princípios envolvidos, consulte o seguinte:

FF Bruce, O Desenvolvimento do Novo Testamento de Temas do Velho Testamento (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans, 1969).

Gregory K. Beale, org., The Right Doctrine from the Wrong Texts? Ensaios sobre o uso do Antigo Testamento no Novo (Grand Rapids: Baker Book House, 1994).

CH Dodd, De acordo com as Escrituras: A Subestrutura da Teologia do Novo Testamento (Nova York: Charles Scribner's Sons, 1953).

O seguinte comentário o ajudará muito em sua tarefa:

GK Beale e DA Carson, eds. Comentário sobre o uso do Antigo Testamento pelo Novo Testamento (Grand Rapids: Baker Academic, 2007).

Para uma lista abrangente de citações do NT e alusões a passagens do AT, consulte o "Índice de citações" (chamado em algumas edições de "Índice de citações e alusões") no final da última edição do Nestlé-Aland ou do Edição da American Bible Society do grego NT.

4,10. Teologia

4.10.1. Teologias do Antigo Testamento

Porque as principais teologias do AT tentam uma ampla cobertura de livros e passagens, muitas vezes é possível usá-los lucrativamente para orientação exegética ao relacionar uma passagem à teologia do AT como um todo. No entanto, uma grande diversidade de perspectivas é representada pelas várias teologias, portanto, elas devem ser usadas com cautela. Algumas teologias refletem uma perspectiva que minimiza a importância ou confiabilidade de determinadas porções e passagens do AT em favor de outros. Outros respeitam cuidadosamente a univocidade das Escrituras. No entanto, o reconhecimento de seus preconceitos não significa que as teologias não possam ser usadas com lucro. Na verdade, se sua própria passagem é menosprezada pelas teologias do AT, ou em sua opinião, seus problemas são ignorados por elas, torna-se precisamente sua responsabilidade - e oportunidade - demonstrar se as teologias estão negligentes em fazê-lo ou não. Se as teologias forem consideradas deficientes, a força de suas observações exegeticamente pode ser ainda mais significativa e informativa.

As teologias listadas aqui são de datas variadas. Não há muitas oportunidades para os conceitos teológicos ficarem desatualizados, então não se deve presumir que as obras mais recentes são automaticamente mais valiosas do que as mais antigas. Em geral, seria sábio consultar tantos deles quanto possível na preparação de uma exegese completa, porque as teologias diferem umas das outras relativamente mais do que outros tipos de ajudas exegéticas.

Bruce K. Waltke com Charles Yu, An Old Testament Theology: An Exegetical, Canonical, and The- *abordagem matemática* (Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 2007).

John Goldingay, Teologia do Velho Testamento: Fé de Israel, vol. 1, Evangelho de Israel, vol. 2 (Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 2003–6).

Walter Brueggemann, Teologia do Antigo Testamento: Testemunho, Disputa, Advocacia (Minneapo- Lis: Fortress Press, 1997).

Walther Eichrodt, Teologia do Antigo Testamento, 2 vols., Biblioteca do Antigo Testamento (Filadélfia:

Westminster Press, 1961–67).
Gerhard Hasel, Teologia do Velho Testamento, 4ª ed. (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans, 1991).

Paul R. House, Old Testament Theology (Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1998).
Edmond Jacob, Teologia do Velho Testamento (Nova York: Harper & Brothers, 1958).

Walter Kaiser Jr., Toward an Old Testament Theology (1978; repr., Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1991).

James Muilenburg, The Way of Israel: Biblical Faith and Ethics (Nova York: Harper & Row, 1961).

Horst Dietrich Preuss, Teologia do Velho Testamento, 2 vols. (Louisville, KY: Westminster John Knox, 1999).

Gerhard von Rad, Teologia do Velho Testamento, trad. DMG Stalker, 2 vols., Repr. com uma introdução de Walter Brueggemann (Louisville, KY: Westminster John Knox Press, 2001). John H. Sailhamer, Introdução à Teologia do Velho Testamento: Uma Abordagem Canônica (Grand Rapids: Editora Zondervan, 1995).

Ralph L. Smith, Teologia do Velho Testamento: Sua História, Método e Mensagem (Nashville: Broadman & Holman, 1994).

Walther Zimmerli, Old Testament Theology in Outline (Atlanta: John Knox Press, 1978).

4.10.2. Teologias cristãs

Obviamente, uma teologia cristã dará atenção substancial a questões além do AT e abordará alguns dos dados do AT menos diretamente do que uma teologia do AT. Essa perspectiva mais ampla é válida e necessária para que uma exegese seja inteiramente equilibrada em suas conclusões. Um critério de valor exegético em uma teologia cristã é que ela seja baseada na Bíblia, em diálogo constante com o texto. Além das famosas teologias principais de teólogos famosos como Barth e Brunner, várias obras se destacam como profundamente bíblicas na orientação. Cada uma das seguintes tem várias características para recomendá-la ao exegeta, e novamente deve ser dito que as boas teologias cristãs não ficam facilmente desatualizadas:

Herman Bavinck, Our Reasonable Faith (1956; repr., Eugene, OR: Wipf & Stock, 2002).

GC Berkouwer, Studies in Dogmatics, 14 vols. (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans, 1952–76).

Donald Bloesch, Christian Foundations, 4 vols. (Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1992-2000).

Charles W. Carter, ed., A Contemporary Wesleyan Theology, 2 vols. (Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1984).

Millard J. Erickson, Christian Theology, 2ª ed. (Grand Rapids: Baker Book House, 1998).

Wayne Grudem, Teologia Sistemática: Uma Introdução à Doutrina Bíblica (Grand Rapids: Zon-dervan Publishing House, 2000; Kindle ebook edition, 2004; também em CD-ROM e dentro de alguns módulos de software da Bíblia).

Carl FH Henry, God, Revelation, and Authority, 6 vols. (Waco, TX: Word Books, 1976–83).

Wolfhart Pannenberg, Systematic Theology, 3 vols. (1991–98; repr., New York: T&T Clark International, 2004).

Helmut Thielicke, The Evangelical Faith, 3 vols. (1974–82; repr., Macon, GA: Smyth & Hel-wys Publishing, 1997).

Geerhardus Vos, Teologia Bíblica, Antigo e Novo Testamento (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans, 1948).

Otto Weber, Foundations of Dogmatics, 2 vols. (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans, 1981–83).

H. Orton Wiley, Christian Theology, 3 vols. (Boston: Beacon Hill Press, 1940).

Alister E. McGrath, Teologia Cristã: Uma Introdução, 4ª ed. (Malden, MA: Wiley-Blackwell, 2007).

4,11. Aplicativo

4.11.1. Hermenêutica

Hermenêutica é a teoria de compreensão do significado de uma passagem. Praticamente em todos os estágios de uma exegese, você está usando princípios hermenêuticos (interpretativos), implícita ou explicitamente. No estágio de aplicação, entretanto, é mais importante que tudo ser absolutamente claro sobre os princípios interpretativos que você emprega, uma vez que uma aplicação adequada depende muito do uso razoável e honesto de bons princípios. Em outras palavras, as regras que você seguir para interpretar a passagem determinarão em grande parte a precisão com que você aplicará a passagem.

Tradicionalmente - e de forma simplista - quatro tipos diferentes de significados foram descobertos nas passagens bíblicas: (1) o significado literal (histórico); (2) o significado alegórico (místico ou "espiritual"); (3) o significado anagógico (tipológico - especialmente no que se refere ao fim dos tempos e à eternidade); e (4) o significado tropológico (moral). Precisamente porque o significado literal foi entendido de forma tão restrita (apenas como o significado que a passagem uma vez teve, ao invés do que também pode significar agora), os intérpretes foram levados a buscar algo pessoal, contemporâneo e prático a partir dos três últimos tipos de significado . Afinal, lemos a Bíblia para obter ajuda em nossas próprias vidas, não apenas como um exercício histórico. Os últimos tipos de significado (alegórico, anagógico, tropológico), no entanto, geralmente não são derivados diretamente da própria passagem, mas tendem a ser mais ou menos inventados pela imaginação de acordo com regras nem sempre aplicadas de maneira consistente. Esses tipos de interpretações costumam ser sedutoramente atraentes e podem permitir que passagens "enfadonhas" pareçam falar de maneira pessoal e prática. No entanto, eles geralmente ignoram a intencionalidade do próprio texto, de modo que o que o antigo autor inspirado pretendia entender a partir de sua escrita é grosseiramente excedido e, de fato, eclipsado por tipos místicos, tipológicos e moralizantes de superinterpretação quase incontroláveis .

A delicada tarefa do intérprete, então, é ter certeza de que tudo o que a passagem significa seja revelado, mas que nada adicional seja lido na passagem. Não queremos perder nada, mas também não queremos "encontrar" nada que não exista realmente. A hermenêutica devidamente

aplicada está, portanto, interessada nos limites da interpretação - os limites superior e inferior - que são pretendidos pelo Espírito de Deus para o leitor.

A introdução mais popular à hermenêutica é a relativamente breve e fácil de ler

Gordon D. Fee e Douglas Stuart, How to Read the Bible for All Its Worth, 3ª ed. (Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 2003).

Centenas de volumes substanciais foram escritos sobre hermenêutica, a maioria deles oferecendo pelo menos alguma metodologia útil. Uma excelente introdução às questões teóricas é

Kevin J. Vanhoozer, Há um significado neste texto? A Bíblia, o Leitor e a Moralidade do Conhecimento Literário (Grand Rapids: Zondervan, 1998).

As seguintes estão certamente entre as melhores obras substanciais sobre hermenêutica, em parte porque levam a sério a autoridade e inspiração de toda a Bíblia:

William Klein, Craig L. Blomberg e Robert L. Hubbard Jr., Introdução à Interpretação Bíblica, 2ª ed. (Nashville: Thomas Nelson, 2004).

Anthony C. Thistleton, New Horizons in Hermeneutics (Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1997).

J. Scott Duvall e J. Daniel Hays, Agarrando a Palavra de Deus: Uma Abordagem Prática à Leitura, Inter- *fingindo e aplicando a Bíblia* (Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 2005).

A. Berkeley Mickelsen, Interpreting the Bible (repr., Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans, 1972).

Grant R. Osborne, The Hermeneutical Spiral: A Comprehensive Introduction to Biblical Interpre- *tação*, rev. ed. (Downers Grove, IL: IVP Academic, 2006).

Walter C. Kaiser Jr. e Moisés Silva, Uma Introdução à Hermenêutica Bíblica: A Busca por *Significado* (Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1994).

Roger Lundin, Anthony C. Thiselton e Clarence Walhout, The Promise of Hermeneutics (Grand Rapids: William B. Eerdmans, 1999).

Roy B. Zuck, ed., Rightly Divided: Readings in Biblical Hermeneutics (Grand Rapids: Publicações Kregel, 1996).

D. Brent Sandy e Ronald L. Giese, eds., Cracking Old Testament Codes (Nashville: Broadman & Holman, 1995).

Robert H. Stein, Um Guia Básico para Interpretar a Bíblia: Jogando pelas Regras (1994; repr., Grand Rapids: Baker Academic, 1997).

Donald A. Carson, Exegetical Fallacies, 2ª ed. (Grand Rapids: Baker Academic, 1996).

Uma série editada por David M. Howard Jr. intitulada Handbooks for Old Tes-tament Exegesis tem as seguintes obras:

Robert B. Chisholm, Interpreting the Historical Books: An Exegetical Handbook (Grand Rapids: Publicações Kregel, 2006).

Mark D. Futato, Interpretando os Salmos: Um Manual Exegético (Grand Rapids: Publicações Kregel, 2007).

Veja também as seguintes obras de referência sobre hermenêutica:

David S. Dockery, Robert B. Sloan e Kenneth A. Matthews, Fundamentos para a Interpretação Bíblica: Uma Biblioteca Completa de Ferramentas e Recursos (Nashville: Broadman & Holman, 1999).

John H. Hayes, ed., Dicionário de Interpretação Bíblica, 2 vols. (Nashville: Abingdon Press, 1998).

Além disso, uma série de trabalhos recentes sobre a tarefa hermenêutica conforme se aplica à pregação podem ser citados como particularmente úteis em suas respectivas categorias.

O incentivo prático para extrair responsavelmente de um texto as características que trarão a uma congregação um real senso de envolvimento com o público "original" de eventos bíblicos pode ser encontrado em qualquer um dos seguintes:

Wayne E. Ward, The Word Comes Alive (Nashville: Broadman Press, 1969).

Haddon W. Robinson, Pregação Bíblica: O Desenvolvimento e Entrega de Mensagens Expositivas (Grand Rapids: Baker Book House, 1980).

George L. Klein, ed., Reclaiming the Prophetic Mantle: Preaching the Old Testament Faithfully (Nashville: Broadman Press, 1992).

Sidney Greidanus, The Modern Preacher and the Ancient Text: Interpreting and Preaching Bibli- *literatura cal* (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans, 1988).

Dois livros sobre vários aspectos da pregação do AT foram escritos por Elizabeth Achtemeier:

Elizabeth Achtemeier, Preaching from the Old Testament (Louisville, KY: Westminster John Knox Press, 1989).

Elizabeth Achtemeier, Preaching Hard Texts of the Old Testament (Peabody, MA: Hendrickson Publishers, 1998).

Qualquer um dos itens a seguir também pode ser útil para você:

James W. Cox, A Guide to Biblical Preaching (Nashville: Abingdon Press, 1976).

James W. Cox, Preaching (San Francisco: Harper & Row, 1985).

Haddon W. Robinson, Pregação Bíblica: O Desenvolvimento e Entrega de Mensagens Expositivas, 2ª ed. (Grand Rapids: Baker Academic, 2001).

Sidney Greidanus, Pregando Cristo a partir do Antigo Testamento: Um Hermenêutico Contemporâneo *Método* (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans, 1999).

Bryan Chapell, Pregação Centrada em Cristo: Resgatando o Sermão Expositivo (Grand Rapids: Baker Academic, 2005).

Jerry Vines e James Shaddix, Power in the Pulpit: How to Prepare and Deliver Expository Ser- *Mons* (Chicago: Moody Press, 1999).

Thomas G. Long, The Witness of Preaching, 2ª ed. (Louisville, KY: Westminster John Knox Press, 2005).

4.11.2. Algumas coisas que devemos e não devemos fazer na aplicação

1. Considere as necessidades e a composição de seu público na maneira como você constrói o aplicativo.
2. Tome cuidado para que a aplicação derive direta e logicamente da passagem (em outras palavras, respeite a intencionalidade da passagem).
3. Tente limitar-se, se possível, ao aplicativo central ou prioritário.
4. Faça - se sua passagem funciona principalmente para ilustrar um princípio declarado em outra parte das Escrituras - certifique-se de demonstrar uma relação genuína entre os dois.

1. Não multiplique aplicativos desnecessariamente: mais não é necessariamente melhor.
2. Não presuma que seu público fará automaticamente uma aplicação adequada da passagem só porque o resto de sua exegese é bom.
3. Não invente um aplicativo se nenhum estiver disponível. Melhor não dizer nada do que algo enganoso.
4. Não confunda iluminação com inspiração. O primeiro se refere ao que você sozinho, emocionalmente, existencialmente e individualmente pode derivar da passagem. Este último se refere ao que Deus pretendeu que a passagem diga a qualquer um de nós em geral. Para a iluminação, você deve se apropriar diligentemente de um recurso mais precioso e sustentador da vida do aluno e pastor, pelo qual a exegese jamais poderia substituir: a oração.

4,12. Literatura Secundária

4.12.1. Fontes de referência especial: Usando a Web para encontrar livros e artigos

A Internet se tornou uma fonte essencial para descobrir sobre literatura secundária no campo do Antigo Testamento (e na maioria dos outros campos também). Pode ser mais rápido e conveniente pesquisar online em seu próprio computador para identificar publicações relevantes para a passagem ou tópico em que você está trabalhando do que usar meios mais tradicionais (catálogos de bibliotecas, compilações de referências, etc.). Mas isso não significa que haja algo desatualizado sobre as bibliotecas e as publicações de referência que suas estantes contêm. Bibliotecas são os locais onde a maioria das publicações estará fisicamente disponível para você, e os guias bibliográficos impressos de vários tipos, normalmente encontrados em bibliotecas, continuarão a ser essenciais porque contêm listas elaboradas por estudiosos que têm o aprendizado e o discernimento para incluir o que é bom e excluir o que é mau. Portanto, a menos e até o

dia distante em que tudo o que está escrito em jornais e livros também for digitalizado ou de outra forma

Por outro lado, convertido em formato eletrônico acessível pela Web, todos nós usaremos a Web principalmente para encontrar títulos e, às vezes, resumos ou trechos do que foi escrito em uma determinada passagem ou tópico em livros e periódicos. Em muitos ou na maioria dos casos, ainda teremos de ter as cópias impressas de livros e periódicos em nossas mãos para poder descobrir o que eles realmente dizem.

A necessidade de acesso físico prático às publicações não desaparecerá, especialmente para livros e comentários completos. Custa muito dinheiro publicá-los, e os editores simplesmente não podem colocar seus conteúdos impressos na Web de graça e permanecer no mercado. Com os periódicos, a situação é um pouco mais amigável para o usuário da Internet. Primeiro, alguns periódicos colocam seus conteúdos online e cobram uma taxa de acesso aos usuários. Outros fornecem o conteúdo do periódico gratuitamente alguns anos depois de sua primeira publicação impressa. Alguns periódicos também permitem que as edições anteriores sejam digitalizadas em bancos de dados que podem ser acessados de seu próprio computador se estiverem vinculados a um site de biblioteca (ou seja, se uma biblioteca tiver pago por uma licença de site que permite compartilhar tais artigos com qualquer de seus clientes) ou de um computador de biblioteca, onde pode ser impresso ou encaminhado para o seu próprio computador. Algumas faculdades, seminários e universidades até começaram a exigir que seus professores postassem seus artigos online, além de publicá-los em periódicos, para ajudar a incentivar a disseminação do conhecimento. Além disso, muitos acadêmicos agora publicam alguns de seus artigos apenas online, de forma que, sem pesquisar online por informações sobre uma passagem ou tópico, você pode realmente perder esses artigos apenas da Web, não importa o quão bem você pesquise nos bancos de dados publicados ou use seus recursos na biblioteca.

Aqui estão seis categorias de recursos legíveis online:

1. *Livros, artigos e comentários mais antigos não estão mais sob proteção de direitos autorais*. Normalmente, uma biblioteca ou outra organização pode digitalizá-los e colocá-los na Web, e você simplesmente precisa descobrir onde eles estão e, em seguida, lê-los ou baixá-los como quiser. Não se deixe enganar pela mentalidade de que "o novo é o verdadeiro". Muitas vezes é exatamente o oposto. Existem muitas publicações excelentes do passado que merecem estar acessíveis agora, e o fato de que muitas delas são - e tão convenientemente - é uma vantagem para você.

2. *Partes de livros atuais e comentários online de certos sites*. Por exemplo, Amazon.com e vários outros sites comerciais semelhantes costumam convidá-lo a "dar uma olhada neste livro" e permitir que você

leia trechos de livros e comentários que eles têm à venda. A porcentagem de um livro que você pode ler dessa maneira depende do que o editor ou autor decidiu permitir. Com sorte, você poderá acessar as peças de que realmente precisa para sua pesquisa.

3. *Artigos online atuais ou recentes, embora também estejam em jornais impressos*. Algumas instituições educacionais agora exigem que seus funcionários publiquem duplamente dessa forma, e alguns acadêmicos o fazem voluntariamente, se a revista em questão permitir. Você tem acesso gratuito a materiais recentes e de alta qualidade.

4. *Artigos e, ocasionalmente, até livros publicados* apenas online. Considere os fatores: (a) cada vez mais instituições estão dando crédito editorial a seu corpo docente para artigos e livros que nunca aparecem impressos, mas apenas na Web; (b) nem todos os bolsistas são empregados por instituições educacionais; (c) devido a atrasos e custos, pode levar anos para um bom artigo ser impresso em um periódico; mas (d) um acadêmico pode colocar um artigo online no minuto em que for concluído e pode atualizá-lo quantas vezes desejar depois disso. Alguns estudos realmente excelentes estão disponíveis apenas na web. Como você sabe que ele está lá e como o encontra? Apenas pesquisando pacientemente no Google. Continue tentando combinações plausíveis de palavras (por exemplo, "templo de Isaías", "templo de profecia de Isaías", "profecia de restauração de Isaías", "bibliografia do templo de Isaías", "bibliografia do templo do Antigo Testamento" e "Bíblia nova tem-ple, ”etc.) e você ficará satisfeito em ver o quanto poderá descobrir por meio de sua diligência. Para ter certeza de que esgotou as possibilidades, você deve criar cuidadosamente uma lista de todas as palavras-chave possíveis e, em seguida, pesquisá-las em pequenos grupos razoáveis.

5. *Periódicos e livros com acesso restrito por uma taxa online*. Alguns periódicos acadêmicos permitem que você leia seu conteúdo online se você já tiver uma assinatura para a cópia impressa ou por meio de um site sem fins lucrativos, mas com custo reduzido (consulte ATLA Religion Database, abaixo). Uma vantagem que isso oferece é a capacidade de realizar pesquisas de tópicos em um ou mais artigos com mais rapidez e, geralmente, com mais precisão do que poderia ser feito lendo a página impressa. Alguns periódicos até oferecem taxas mais baixas apenas para acesso online, e alguns são publicados apenas online. O número nesta última categoria deve continuar aumentando. Existem também sites como JSTOR, Questia e assim por diante, que reuniram muitos livros e artigos online. Às vezes, você pode obter uma avaliação gratuita desses sites para ver se deseja se tornar um assinante; se você subscrever, você paga uma taxa mensal ou anual pelo acesso aos seus acervos,

6. *Listas bibliográficas geradas de forma privada, às vezes com anotações úteis com avaliações e descrições de conteúdo*. Pesquisar listagens bibliográficas de páginas pessoais da Web, incluindo registros da Web (blogs), pode levar a resultados surpreendentemente úteis. Digite o nome de quase qualquer livro bíblico ou palavra de tópico bíblico significativo junto com a palavra “bibliografia” em um mecanismo de

busca, e você provavelmente obterá pelo menos uma boa lista compilada por um professor ou estudante de graduação ou blogueiro entusiasmado. Esse site pode ter links

para outros também. Quando você encontrar o autor e o título de um artigo que parece ser útil para você e copiá-lo e colá-lo em um mecanismo de pesquisa, provavelmente será encaminhado a páginas da Web que fornecerão mais informações e, às vezes, uma cópia o próprio artigo ou algum tipo de resposta a ele. Com livros e comentários cuja identidade foi descoberta dessa maneira, você pode até localizar alguma crítica acadêmica desse livro ou comentário, o que o ajudará a saber se é ou não um item que você precisa usar em sua pesquisa. Bibliografias publicadas impressas ficam desatualizadas assim que aparecem (devido ao tempo decorrido entre a escrita e a publicação), mas as bibliografias online são freqüentemente atualizadas regularmente por seus compiladores. Às vezes, pesquisar on-line alerta sobre artigos, livros recém-publicados,

Alguns dos principais sites bibliográficos estão disponíveis online gratuitamente e são tão extensos em suas listagens que geralmente alertam sobre quase todos os artigos ou livros publicados sobre a passagem ou tópico que você está pesquisando.

Talvez o mais abrangente deles seja

BILDI, http://www.uibk.ac.at/bildi.

BILDI é um acrônimo para Bibelwissenschaftliche Literaturdokumentation Inns-bruck, produzido pelo Institut für Bibelwissenschaften und Fundamentaltheologie da Universidade de Innsbruck, na Áustria. É um banco de dados muito grande que permite pesquisas complexas que abrangem praticamente tudo em estudos bíblicos e vários campos relacionados, como filologia e arqueologia. O BILDI acompanha artigos de centenas de periódicos relevantes. Os títulos são derivados de livros, artigos e fontes de segunda mão. Normalmente, esse é o banco de dados a ser tentado primeiro. Aqui está como você o usa:

Se você estiver procurando por literatura sobre um versículo ou passagem, basta digitar na caixa "Índice Básico" o nome do livro bíblico seguido pela palavra "e" seguido por um número de capítulo (por exemplo, "Gênesis e 1"). Isso recuperará todos os artigos e livros indexados que foram marcados com o assunto "Gênesis" ou contêm as palavras "Gênesis" e "1" em seus títulos. Como os artigos e livros geralmente discutem mais de um versículo em um capítulo bíblico, esse tipo de pesquisa ajuda a garantir que você obtenha todos os resultados relevantes possíveis. Agora, o BILDI é tão grande que normalmente renderá mais referências do que você deseja. Você terá que vasculhar os títulos para encontrar os artigos e livros que parecem ser úteis para sua pesquisa específica.

Uma maneira alternativa de encontrar as referências que foram marcadas no banco de dados com um versículo individual específico é digitar na caixa Índice Básico a abreviatura do livro bíblico seguida pelo número do capítulo seguido por uma vírgula, seguida diretamente pelo número do versículo . Cada referência deve conter dois dígitos, exceto para os Salmos, que deve conter três (por exemplo, Gn 01,16; Ex 03,07; Ps 001,03; etc.). Se você estiver procurando literatura sobre um grupo de versículos, terá que fazer isso novamente para cada versículo. Cuidadoso! Você não deve colocar um espaço entre a vírgula e o seguinte número do versículo:

Incorreta: 01, 03
Correto: 01,03

As abreviaturas dos livros bíblicos devem ser as utilizadas pelo banco de dados. Isso pode ser complicado para não falantes de alemão porque o BILDI não usa as abreviações SBL padrão (consulte http://sbl-site.org/ assets / pdfs / SBLHS.pdf), mas sim aquelas comuns à tradição alemã. Como eles não estão listados no site, nós os listamos aqui:

Gênese	Gen	Êxodo	Ex
Levítico	Lev	Números	Num
Deuteronômio	Dtn	Joshua	Jos
Juízes	Ri	Ruth	Rotina
1 Samuel	1 Sam	2 Samuel	2 Sam
1 Reis	1 Kön	2 reis	2 Kön
1 crônicas	1 Chr	2 crônicas	2 Chr
Esdras	Esr	Neemias	Neh
Ester	Husa	Trabalho	Hiob
Salmos	Ps	Provérbios	Spr
Eclesiastes	Pred	Cântico dos Cânticos	Hld
Isaías	Jes	Jeremias	Jer
Lamentações	Klgl	Ezequiel	Ez
Daniel	Dan	Oséias	Hos
Joel	Joel	Amos	Sou
Obadiah	Obd	Jonah	Jona
Micah	Mi	Nahum	Nah
Habacuque	Hab	Sofonias	Zef
Ageu	Bruxa	Zacarias	Sach
Malaquias	Mal		

Você pode controlar a forma como as referências aparecem na tela e as informações que elas contêm, fazendo uma seleção na seção de formato à direita

da caixa Índice básico. Você terá várias opções, incluindo fazer com que as referências apareçam no formato SBL padrão (uma opção desejável para qualquer pessoa - como um aluno escrevendo um artigo - que precisa de uma bibliografia para se conformar a um estilo adequado; consulte http: / /sbl-site.org/assets/pdfs/SBLHS.pdf). Os resultados mais abrangentes vêm da escolha do círculo intitulado "com palavras-chave / ano" na seção "formatos expandidos". Esta opção fornecerá referências junto com todas as palavras-chave que foram marcadas no banco de dados. Isso geralmente o ajudará a encontrar outras referências intimamente relacionadas.

Outro banco de dados bibliográfico valioso é

RAMBI, http://jnul.huji.ac.il/rambi.

RAMBI é um acrônimo hebraico moderno para o equivalente a "Índice de artigos sobre estudos judaicos", produzido pela Biblioteca Nacional e Universitária Judaica. É um grande banco de dados que permite pesquisas complexas sobre estudos judaicos e tópicos relacionados a Israel. O principal critério para inclusão na bibliografia é que o artigo seja baseado em pesquisa científica. O RAMBI começou em 1966 e atualmente existem cinquenta volumes, todos online e gratuitos para pesquisa.

Para encontrar referências para um versículo bíblico, selecione "RAMBI Web" na parte inferior da página de abertura. Isso o levará para a página de pesquisa. Em seguida, selecione "Pesquisa Básica" no canto superior esquerdo. Em "Opções de pesquisa", selecione "Assunto começando com. . . " Em seguida, digite na caixa "Pesquisar" o nome do livro (por exemplo, "Gênesis") que contém sua passagem e clique em "Ir". Vários capítulos aparecerão em ordem numérica (por exemplo, <Gênesis (livro de): 1>). Selecione o capítulo em que sua passagem se encontra e você obterá todas as referências relevantes a esse capítulo. Peneire os títulos para encontrar referências sobre seu versículo, versículos ou tópico em particular. Existem várias opções de pesquisa avançada para os interessados, mas esta é a maneira mais simples e rápida de recuperar referências em uma passagem específica.

Ainda outra base de dados abrangente é a

Index Theologicus, http://www.ixtheo.de.

Este banco de dados gratuito, geralmente abreviado como IxTheo, é produzido pela Universidade de Tübingen, na Alemanha. Ele é atualizado diariamente e agora cobre mais de seiscentos periódicos e artigos de Festschriften (coleções de artigos em homenagem a acadêmicos) e

publicações de congressos (coleções de artigos de encontros acadêmicos). A cobertura começa em 1980, mas é um tanto superficial até 1984, quando se torna completa. IxTheo cobre muito

do mesmo fundamento que o ATLA Religion Database, com uma diferença significativa: ele presta atenção a alguns dos periódicos e livros europeus que o ATLA Religion Database não faz.

Para pesquisar uma passagem específica, clique em "Iniciar versão em inglês", depois em "Referências das Escrituras", depois em "Antigo Testamento" e, em seguida, no nome do livro bíblico que você deseja. Uma caixa de entrada de texto rotulada com aquele livro bíblico aparece. Nessa caixa, digite o primeiro versículo no qual você está interessado, como 1: 1. Você verá uma janela mostrando seus resultados. Em seguida, clique em cada artigo que pareça promissor para ler mais detalhes sobre ele, incluindo os assuntos que cobre. Você pode salvar todos os seus resultados como um arquivo RTF que pode ser aberto a qualquer momento em programas como o MS Word clicando no botão "Exportar". Depois de salvar seus resultados, você pode repetir o processo para o próximo versículo de sua passagem ou qualquer outro versículo de seu interesse.

Você também encontrará informações bibliográficas valiosas em

BiBIL, http://www.bibil.net.

BiBIL (Bibliografia Bíblica de Lausanne, produzida pela Universidade de Lausanne) abrange periódicos e livros relacionados ao AT e NT, bem como a história da igreja primitiva. É gratuito, fácil de usar e contém links úteis para artigos de periódicos online gratuitos.

Para recuperar artigos e / ou livros relacionados a um versículo ou passagem em particular, selecione a opção "Busca Simples" no lado esquerdo da página inicial do BiBIL. Isso leva você a uma tela de pesquisa. Na linha "Referência Bíblica", você verá cinco caixas nesta ordem: "livro", "início do capítulo", "versículo", "fim do capítulo", "versículo". Na seção "livro", digite a abreviatura do livro bíblico para o qual deseja encontrar referências. Devem ser usadas as mesmas abreviações que o banco de dados usa, e há um link para elas na parte inferior esquerda da tela. Digite na caixa "início do capítulo" o número do capítulo que deseja pesquisar. Na caixa "versículo", digite o primeiro versículo da passagem que você está estudando. Deixe a caixa "fim do capítulo" e a caixa "versículo" final vazias (por exemplo, <livro: Gen> <início do capítulo: 1> <verso: 1> <fim do capítulo: VAZIO> <verso: VAZIO>). Isso recuperará todas as referências relevantes a Gênesis 1: 1 ou passagens em Gênesis 1 que começam com o versículo 1. Não recuperará as referências de Gênesis 1: 2 ou 1: 3 e assim por diante. Você simplesmente segue o mesmo processo para cada versículo em sua passagem para ter certeza de recuperar todos os recursos relevantes.

O seguinte site é especialmente útil para a crítica textual:

Tov, Emanuel, Electronic Resources Relevant to the Textual Criticism of Hebraico Scripture, http://rosetta.reltech.org/TC/vol08/Tov2003.html.

Esta fonte online possui links diretos para dezenas de recursos online relevantes para a exegese da Bíblia Hebraica. Ele explica como obter acesso gratuito à LXX, Targum (s), Peshitta, Pentateuco Samaritano e Vulgata, bem como outras versões, seus aparatos e léxicos confiáveis. Você pode copiar e colar redações com bastante facilidade dessas versões e colocá-las em um documento do Word de forma interlinear sob a passagem hebraica que está sendo estudada, para obter o mesmo tipo de linha de comparação que ilustramos neste livro, no capítulo 2.

Claro, você pode fazer a mesma coisa se gastar dinheiro suficiente para um bom conjunto de módulos de linguagem em BibleWorks, Accordance e outros, mas os links Tov são gratuitos.

Você também pode ter sucesso em encontrar recursos escritos relevantes para sua pesquisa em

WorldCat, http://www.worldcat.org.

WorldCat é o maior banco de dados de rede de bibliotecas do mundo. Possui mais de dez mil bibliotecas cadastradas e contém mais de um bilhão de itens catalogados cobrindo todos os assuntos. Além do material escrito, cataloga também material audiovisual. Você pode pesquisá-lo online gratuitamente. Um benefício do WorldCat é que ele informa quais bibliotecas (se estiverem registradas no WorldCat) têm a fonte em que você está interessado, onde estão localizadas e a quantos quilômetros estão de onde você está fazendo sua pesquisa. Por exemplo, até a data desta redação, para o nome Douglas K. Stuart havia 131 ocorrências. Livros, artigos e palestras (incluindo séries de palestras que dei em vários lugares) foram catalogados.

Como exemplo, o WorldCat mostra que meu livro da série Harvard Semitic Monograph atualmente esgotado, Studies in Early Hebrew Meter, está localizado em 10 bibliotecas em um raio de 30 milhas de South Hamilton, Massachu-setts - onde eu ensino - e que está localizado em 236 bibliotecas registradas no WorldCat. Esse banco de dados também conectará você a um site da biblioteca na Web para que você possa ver se a fonte que deseja usar foi retirada ou não. O WorldCat é, portanto, uma ferramenta particularmente útil para alunos e pastores que não moram perto de um seminário ou biblioteca de universidade e não têm certeza de quais bibliotecas locais podem ter a fonte que procuram.

Um desafio com este banco de dados é seu tamanho. Se você digitar "Gênesis 1: 1" na caixa de pesquisa, mais de 26.000 itens serão recuperados, muitos para classificar com eficiência. Portanto, tente a opção "Pesquisa Avançada" ao pesquisar uma passagem bíblica. Seu link está

diretamente abaixo da caixa de pesquisa principal. Quando você estiver na página “Pesquisa Avançada”, encontre a “Palavra-chave”

caixa no topo e digite o nome do livro bíblico, o número do capítulo e o primeiro versículo de sua passagem (por exemplo, Gênesis 1: 1). Na seção "Limitar resultados por opção", clique nos quadrados para escolher como deseja que sua pesquisa seja limitada. Para limitar ainda mais sua pesquisa, use operadores booleanos e palavras de delimitação após sua referência das Escrituras na caixa "Palavra-chave". Mesmo depois de toda essa limitação, você provavelmente irá recuperar mais itens do que precisa. Você deve vasculhar as listas para encontrar os recursos que parecem ser relevantes para o seu estudo.

Outro banco de dados online que vale a pena verificar é o

Rede de Bibliotecas de Israel, http://libnet.ac.il/~libnet/malmad-israelnet.htm.

Este site contém acesso direto às páginas da biblioteca de quarenta e duas faculdades e universidades em Israel, muitas das quais podem ser pesquisadas ao mesmo tempo. A maioria desses sites permite que você use técnicas de pesquisa padrão, embora algumas delas sejam difíceis de usar se você não souber pelo menos um pouco do hebraico moderno.

Se você deseja ler artigos sobre a Bíblia online e está disposto a pagar uma taxa anual pelo privilégio ou pode ir a uma biblioteca que o faz, nada supera o

ATLA Religion Database, http://www.atla.com/products/catalogs/catalogs_rdb.html#general.

A American Theological Library Association construiu esse banco de dados a ponto de, no momento em que este livro foi escrito, indexar mais de 1,6 milhão de artigos de periódicos, resenhas de livros e ensaios. Em suas próprias palavras, eles têm: "Mais de 537.000 registros de artigos de periódicos; Mais de 220.000 registros de ensaios de mais de 16.100 trabalhos de vários autores; Mais de 474.000 resenhas de mais de 245.500 livros; 1.633 títulos de periódicos, 518 dos quais estão indexados atualmente. " Você não está limitado a um único site para usar o Banco de Dados de Religião, mas pode escolher entre três, cada um deles licenciado pela ATLA para fornecer acesso a usuários online. Eles têm preços e termos de acesso diferentes e interfaces ligeiramente diferentes, então você pode querer fazer uma pequena comparação antes de tomar sua decisão. O ATLA diz para você "entrar em contato com cada um desses agregadores diretamente para obter informações sobre preços,

Publicação EBSCO, www.ebscohost.com.
OCLC FirstSearch, www.oclc.org.
Ovid, www.ovid.com.

O grande benefício desse banco de dados é o potencial que ele oferece para você ler, copiar, salvar e enviar versões eletrônicas de muitos artigos. Depois de clicar em ATLA Religion Database with ATLA Serials na página da Web, você pode selecionar "SC Scripture Citation" em um menu suspenso. Ao digitar o versículo que deseja colocar entre aspas na caixa de texto (por exemplo, "Gene-sis 1: 1") e clicar no botão "pesquisar", você obterá uma página de resultados. Se uma cópia eletrônica do artigo completo estiver disponível, você verá um link denominado "Clique aqui para recurso eletrônico". Se quiser adicionar a informação da citação (autor, título, editora, etc.) à sua própria lista, basta clicar no link "Adicionar" exibido. Depois de adicionar todos os artigos que deseja à sua lista, clique no link "A pasta contém itens.

Cuidado: você deve pesquisar apenas um versículo de cada vez e deve colocá-lo entre aspas: "Gênesis 1: 1". Deixar as aspas ou especificar uma série de versículos não dará os resultados desejados.

Há ainda outro aspecto do site da ATLA que você pode usar bem: pesquisar no banco de dados de resumos do Antigo Testamento (OTA).

Para fazer isso, permaneça com a mesma página da Web e essencialmente o mesmo procedimento que você já está usando para pesquisar o banco de dados ATLA. Selecionando o banco de dados de Resumos do Antigo Testamento, você deve escolher "Citação das Escrituras SC" e "Resumo AB", colocando o mesmo capítulo e número de versículo em ambos e selecionando "OU" no menu suspenso à esquerda de o segundo campo.

Aviso: A interface permite que você pesquise o banco de dados ATLA e os resumos do OT ao mesmo tempo, mas se você tentar fazer isso, isso eliminará a citação das Escrituras e os campos de resumo de suas opções, portanto, não faça isso. Pesquise ATLA separadamente e, em seguida, pesquise OTA separadamente.

Outro banco de dados online é

Questia, Questia.com.

Atualmente, Questia é a maior biblioteca online do mundo, com acervos de cópias eletrônicas de livros e artigos em uma grande variedade de áreas. Exige taxas de assinatura mensal, mas permite a leitura / pesquisa de capa a capa de seus acervos. Sua coleção de estudos religiosos é bastante extensa e, em comparação com a compra de livros e artigos que você precisa usar, seus custos podem parecer uma pechincha.

Considere também

Revistas teológicas gratuitas na web, http://www.atla.com/icc/ejournals.htm.

Este site, também fornecido pela American Theological Library Association, possui links para centenas de periódicos que permitem a você ler alguns ou todos os seus artigos online sem custo. Não se trata apenas de links para os nomes dos artigos, mas na verdade para o texto completo dos artigos ou para os sites das revistas que permitirão que você eventualmente navegue até os textos dos artigos. O site sugere formas de pesquisar seu banco de dados por assunto, mas isso ainda não foi aperfeiçoado, então não dependa exclusivamente dele. Além disso, alguns dos links não são atuais. Portanto, alguns googling de nomes de periódicos e navegação cuidadosa por conta própria certamente serão necessários, mas o site ainda é muito informativo para todos os leads que fornece, mesmo se alguns dos links estiverem falhos.

Você encontrará alguns bancos de dados úteis nos seguintes tipos de sites. Os dois que selecionamos aqui são meramente representativos de vários outros que podem ser acessados por links destes sites:

A ferramenta da Bíblia, http://www.crosswire.org/study/.

Este é um esforço conjunto da American Bible Society, CrossWire Bible Soci-ety e da Society of Biblical Literature. Ele fornece bancos de dados pesquisáveis de traduções da Bíblia, comentários mais antigos, léxicos, atlas, glossários e outras publicações de interesse para os alunos do AT.

Bible Gateway, http://www.biblegateway.com/.

Este site oferece opções de pesquisa para quase cinquenta traduções modernas, incluindo cerca de duas dúzias em inglês. Freqüentemente, um projeto de exegese requer uma tradução precisa de uma passagem em inglês. Ao procurar a tradução certa, o acesso imediato a praticamente todas as opções escolhidas pelos tradutores acadêmicos é muito útil. Comparar traduções publicadas ajuda a garantir que você não tenha negligenciado uma possibilidade de tradução válida devido às limitações de suas próprias habilidades no idioma original. Muitas dessas traduções também estão disponíveis em módulos de BibleWorks, Accordance ou outros, mas não de graça, pois estão em um site como o Bible Gateway.

Os trabalhos impressos a seguir também contêm orientações para vários recursos bibliográficos online. Consultá-los forneceria uma verificação cruzada do que dissemos:

Stanislaw Bazylinski, Um Guia para a Pesquisa Bíblica: Notas Introdutórias (Roma: Editrice Pontifi-cio Istituto Biblico, 2006). Este é um livro completo sobre pesquisa bíblica. Abrange fontes e metodologia.

Edith Lubetski, "Online Resources for Biblical Studies: A Sampling," Currents in Research: Biblical Studies 8 (2000): 134-45. Este artigo é conciso e útil. Ele lista vários recursos online por categoria e explica como usá-los e sua relevância para os estudos bíblicos.

Patrick Durusau, High Places in Cyberspace: A Guide to Biblical and Religious Studies, Classics, and Archaeological Resources on the Internet, 2nd ed. (Atlanta: Scholars Press, 1998). Esta fonte está um pouco desatualizada, mas ainda é útil.

Fontes de referência impressas

Langevin. Para ter acesso à maioria dos livros e artigos de periódicos significativos escritos em sua passagem entre 1930 e 1983, você pode recorrer a uma fonte que os agrupa convenientemente para que você não tenha que fazer uma pesquisa ano a ano por eles:

Paul-Émile Langevin, Bibliographie biblique, Bibliografia Bíblica, Biblische Bibliographie, Bibli-ografia biblica, Bibliografía bíblica, 1 (1930-1970); 2 (1930–75); 3 (1975–83) (Quebec: L'Université Laval, 1972, 1978, 1985).

O volume 1 contém referências apenas a periódicos e livros católicos romanos. O Volume 2 adiciona referências não católicas romanas e traz as referências católicas romanas cinco anos mais adiante (1971–75). O Volume 3 traz ambos até 1983.

Resumos do Antigo Testamento. Uma lista e um resumo (um breve resumo) de praticamente qualquer livro ou artigo recente publicado sobre um tópico de OT podem ser encontrados na OTA. Desde 1978, fornece breves resumos do conteúdo de quase todos os artigos e livros significativos escritos sobre estudos de OT ano a ano. A partir dos resumos, você pode ter uma ideia se um artigo ou livro pode ser relevante para o seu estudo antes de investir a energia de pesquisar a publicação completa em si. Os artigos são listados por categoria e há índices das Escrituras, índices de autores e índices de palavras-chave (hebraico / aramaico) adicionados. O OTA é tão abrangente que tem quase tudo de que você provavelmente precisará depois de 1978. Ele está disponível na versão eletrônica via EBSCO (ebscohost.com) ou na versão impressa. Para a versão impressa, considere assinar. O endereço é

Resumos do Antigo Testamento, Associação Bíblica Católica da América, a / c The Catholic University of America, Washington, DC 20064.

Em sua forma eletrônica, permite buscas por referências bíblicas individuais, palavras-chave em qualquer idioma, autores e assim por diante.

Você pode até limitar sua pesquisa a trabalhos em inglês, se não conseguir ler em outros idiomas.

De 1920 a 1930, todas as publicações significativas do AT foram tabuladas anualmente e listadas por tópico e por referência das Escrituras em cada adição anual de

Elenchus (Elenchus bibliographicus biblicus), vols. 1–48 (1920–67) no jornal Biblica; então publicado separadamente, 1968– (vol. 49–).

Para trabalhos publicados após 1930, Langevin e Old Testament Abstracts fornecem virtualmente as mesmas informações, em formatos mais fáceis de usar. A Elenchus tem uma edição a cada ano, datando de 1920. Existe uma versão eletrônica do Elenchus, mas ela remonta apenas a 1998, e essa limitação e seu custo significam que relativamente menos bibliotecas optaram por assiná-lo: www. biblico.it/pubblicazioni/periodicals.html.

Lista de livros SOTS. A Lista de Livros da Sociedade Britânica para o Estudo do Velho Testamento é uma publicação anual que lista os livros da OT produzidos a cada ano desde 1946. Seu valor especial é que cada livro recebe uma minirevisão, pela qual você pode avaliar algo de seu potencial para sua própria pesquisa. Cópias anteriores da Lista de Livros anual estão à venda a preços reduzidos: www.sots.ac.uk.

IRBS é de considerável utilidade. A Revista Internacional de Estudos Bíblicos (também chamada de Internationale Zeitschriftenschau für Bibelwissenschaft und Grenzgebiete) pode ser útil para você. Cada um de seus volumes anuais contém cerca de 2.000 resumos e resumos de artigos e livros sobre literatura bíblica e relacionada, incluindo os Manuscritos do Mar Morto, Pseudepígrafes, evangelhos não canônicos e escritos do antigo Oriente Próximo. Mais de 300 dos periódicos e séries de livros mais importantes ou relacionados a estudos bíblicos são resumidos ou revisados. Os resumos são escritos em qualquer uma das três línguas (inglês, alemão, francês) e são organizados topicamente sob títulos.

A cobertura começa em 1951 e é um volume por ano. Para encontrar artigos relevantes, dê uma olhada nos títulos e resumos nas seguintes seções: "Texto — Versões" (Texto — Übersetzung) para questões de texto e tradução, a subseção dentro de "Exegese do Antigo Testamento" em seu livro bíblico específico para questões exegéticas, e a seção "Filologia" (Sprache) para artigos que discutem a gramática do seu texto. O IRBS é útil, mas é tedioso de usar porque não indexa publicações por versículo bíblico.

Listas de livros dos últimos anos também foram publicadas em várias coleções, como as que seguem da Society for Old Testament Study:

HH Rowley, ed., Eleven Years of Bible Bibliography:. . . 1946–1956 (Indian Hills, CO: Falcon's Wing Press, 1957).

GW Anderson, ed., A Decade of Bible Bibliography:. . . 1957–1966 (Oxford: Basil Blackwell, Publisher, 1967).

PR Ackroyd, ed., Bibliografia da Bíblia, 1967–1973, Antigo Testamento (Oxford: Basil Blackwell, Pub-lisher, 1974).

Bibliografias IBR. O Instituto de Pesquisa Bíblica (IBR) publica bibliografias especiais sobre vários tópicos de OT, e elas são valiosas para fornecer listagens criteriosas de trabalhos em uma determinada área. Abaixo estão alguns exemplos típicos, via bakeracademic.com.

Ewin C. Hostetter, Introdução do Antigo Testamento, Bibliografias IBR (Grand Rapids: Baker Book House, 1995).

Elmer A. Martens, Teologia do Velho Testamento, Bibliografias IBR (Grand Rapids: Baker Book House, 1997).

Peter Enns, Poesia e Sabedoria, Bibliografias IBR (Grand Rapids: Baker Book House, 1997).

D. Brent Sandy e Daniel M. O'Hare, Prophecy and Apocalyptic: An Annotated Bibliography, Bibliografias IBR (Grand Rapids: Baker Academic, 2007).

Índice de Hupper. Visto que a maioria dos leitores deste livro terá proficiência na linguagem moderna principalmente em inglês, a série a seguir é de nota especial. Uma lista enorme e muito fina de artigos do AT (agrupados em centenas de seções) escritos em inglês de 1769 a 1969 foi reunida em oito volumes dentro da excelente série de bibliografia ATLA. O último volume da série adicionou artigos adicionais, ainda do período de 1769 a 1969, e Hupper continua sua pesquisa diligente, que resultará em ainda mais volumes no futuro. Ao apreciar o último volume, não se esqueça de que os sete anteriores são tão excelentes:

William G. Hupper, ed., An Index to English Periodical Literature of the Old Testament and Ancient Near East, vol. 8 (Metuchen, NJ: Scarecrow Press, 1999).

4.12.2. Os diários

Dezenas de periódicos publicam regularmente artigos relacionados geralmente ao OT e especificamente à exegese do OT. Correndo o risco de desprezar alguns dos melhores, uma seleção de periódicos é recomendada aqui por sua atenção especial à exegese e questões exegeticamente importantes. Eles provavelmente seriam carregados pela maioria das bibliotecas de seminários e também por muitas bibliotecas de faculdades e universidades. Se você criar o hábito de prestar atenção a esses diários, será recompensado pela exposição a um fluxo constante de conteúdo exegético de alto nível. Todos contêm artigos em inglês; a maioria é escrita exclusivamente em inglês. As revistas em ordem alfabética são

Biblica
Catholic Biblical Quarterly
Tempos Expositivos
Interpretação
Jornal para o estudo do Antigo Testamento

Journal of Biblical Literature
Revue biblique
Vetus Testamentum
Westminster Theological Journal
Zeitschrift für die alttestamentliche Wissenschaft

4.12.3. Introduções do Antigo Testamento

Várias introduções de um volume para o OT fornecem acesso útil a uma discussão de pontos críticos significativos (orientados exegeticamente) relacionados a um livro do OT. Além do clássico de Eissfeldt, The Old Testament: An Intro-duction (4.1.2), vários outros livros são excelentes e provavelmente de valor substancial se consultados. A lista a seguir representa alguns dos melhores trabalhos disponíveis em inglês:

Bernhard W. Anderson e Katheryn Pfisterer Darr, Understanding the Old Testament, resumido 4ª ed. (Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall, 1997).

Gleason Archer Jr., Uma Pesquisa da Introdução do Velho Testamento, rev. ed. (Chicago: Moody Press, 1973).

Brevard S. Childs, Introdução ao Velho Testamento como Escritura (Philadelphia: Fortress Press, 1979).

Tremper Longman III e Raymond B. Dillard, Uma Introdução ao Velho Testamento, 2ª ed. (Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 2006).

Georg Fohrer, Introdução ao Antigo Testamento (Nashville: Abingdon Press, 1968).

Roland Kenneth Harrison, Introdução ao Antigo Testamento (1969; repr., Peabody, MA: Hen-drickson Publishers, 2004).

Andrew E. Hill e John H. Walton, Uma Pesquisa do Velho Testamento (Grand Rapids: Zonder-van Publishing House, 2000).

Paul R. House e Eric Mitchell, Old Testament Survey, 2ª ed. (Nashville: B&H Academic, 2007).

William S. LaSor, David A. Hubbard e Frederic W. Bush, Pesquisa do Velho Testamento: A Mensagem, Forma e Contexto do Velho Testamento, 2ª ed. (Grand Rapids: Wm. B. Eerd-mans, 1996).

Samuel J. Schultz, The Old Testament Speaks: A Complete Survey of Old Testament History and *Literatura*, 5ª ed. (São Francisco: HarperSanFrancisco, 2000).

J. Alberto Soggin, Introdução ao Antigo Testamento, 3ª ed. (Louisville, KY: Westminster John Knox Press, 1989).

Edward J. Young, Uma Introdução ao Velho Testamento, rev. ed. (Grand Rapids: Wm. B. Eerd-mans, 1964).

4.12.4. Comentários

Das dezenas de séries de comentários, certos conjuntos se destacam como especialmente exegéticos em formato e interesse. As séries de comentários não são consistentes;

você deve avaliar cada volume de acordo com seus próprios méritos. Os trabalhos que fornecem uma lista de comentários livro a livro incluem

Douglas Stuart, A Guide to Select and Using Bible Commentaries (Dallas: Word Books, 1987).

Tremper Longman III, Pesquisa de Comentário do Velho Testamento (Grand Rapids: Baker Academic, 2007).

John Glynn, Comentário e Pesquisa de Referência: Um Guia Abrangente de Recursos Bíblicos e Teológicos (Grand Rapids: Kregel Academic and Professional, 2007). Glynn inclui dois capítulos especificamente sobre software exegético.

Os itens a seguir estão entre os conjuntos de vários volumes completos ou em sua maioria completos de alta qualidade. As datas para os volumes individuais são variadas. Alguns estão disponíveis como módulos em programas de software da Bíblia.

The Expositor's Bible Commentary (Grand Rapids: Zondervan Publishing House), também em CD-ROM.

Keil e Delitzsch, Comentário Bíblico sobre o Antigo Testamento (repr., Peabody, MA: Hendrick-son Publishers, 2006), também em CD-ROM.

Comentário Crítico Internacional sobre as Sagradas Escrituras (Londres e Nova York: T&T Clark International), também em CD-ROM e disponível para download em logos.com; revisões recentes incluídas.

A Bíblia do Intérprete (Nashville: Abingdon Press), também em CD-ROM.

A Bíblia do Novo Intérprete (Nashville: Abingdon Press), também em CD-ROM.

The Anchor Bible (Garden City, NY / New York: Doubleday), também em CD-ROM.

Hermeneia (Minneapolis: Augsburg Fortress), também em CD-ROM.

O Novo Comentário Internacional sobre o Antigo Testamento (Grand Rapids: Wm. B. Eerd-mans), também em CD-ROM.

A Biblioteca do Antigo Testamento (Louisville, KY: Westminster John Knox Press).

The Word Biblical Commentary (Nashville: Thomas Nelson), também em CD-ROM e em algum software da Bíblia; revisão completa em andamento, geralmente pelos autores originais.

New American Commentary (Nashville: Broadman & Holman), também em CD-ROM.

Dos vários excelentes comentários bíblicos de um volume, quatro podem ser mencionados como representativos:

O Novo Comentário da Bíblia: Edição do Século XXI (Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 2007), também em CD-ROM.

O Novo Comentário Bíblico de Jerônimo (Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall, 1990), também em CD-ROM.

HarperCollins Bible Commentary, rev. ed. (San Francisco: HarperSanFrancisco, 2000), também em CD-ROM.

Comentário da Bíblia Zondervan (Grand Rapids: Zondervan, 2007), também em CD-ROM.

4.12.5. Dicionários bíblicos e enciclopédias bíblicas

Uma nota sobre nomenclatura: o termo "enciclopédia bíblica" é quase sempre aplicado a um livro-fonte de vários volumes com milhares de entradas (artigos individuais sobre tópicos). No entanto, o termo "dicionário bíblico" pode ser usado para indicar qualquer coisa, desde um dicionário relativamente pequeno de um único volume com algumas centenas de entradas até o mais massivo de todos os dicionários bíblicos ou enciclopédias recentes, o Dicionário Bíblico Anchor.

Uma fonte para artigos de visão geral abrangente relacionados à teologia e exegese, bem como artigos específicos sobre tópicos de OT individuais, é o
NIDOTTE:

Willem A. VanGemeren, ed., Novo Dicionário Internacional de Teologia e Exe-gesis do Velho Testamento, 5 vols. (Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1997), também em CD-ROM e disponível com alguns softwares da Bíblia.

Veja também

Katharine Doob Sakenfeld, Samuel E. Balentine, Kah-Jin Jeffrey Kuan e Eileen Schuller, eds., 5 vols., The New Interpreter's Dictionary of the Bible (Nashville: Abingdon Press, 2006–).

O dicionário da Bíblia mais abrangente é o ABD:

David Noel Freedman, org., The Anchor Bible Dictionary, 6 vols. (New York: Doubleday, 1992), também em CD-ROM.

Valioso por muitos tópicos e notável por sua consistência de qualidade é o ISBE totalmente revisado:

GW Bromiley, ed., The International Standard Bible Encyclopedia, 4 vols. (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans, 1979–88).

Útil, embora envelhecido, é o BID:

George A. Buttrick, ed., Dicionário do Intérprete da Bíblia, 4 vols. (Nashville: Abingdon Press, 1962).

A isso foi adicionado um suplemento de um volume:

Keith Crim, ed., Dicionário do Intérprete da Bíblia, Volume Suplementar (Nashville: Abingdon Press, 1976).

Veja também

Merrill C. Tenney, ed., The Zondervan Pictorial Encyclopedia of the Bible, 5 vols. (Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1975).

Vários bons dicionários bíblicos de um volume estão disponíveis. Pode-se pensar que estes teriam pouca utilidade à luz da enorme escala de gigantes como o Dicionário Bíblico Anchor. Mas o tamanho dos gigantes na verdade torna os dicionários de um volume particularmente valiosos para obter uma visão geral criteriosa ou compilar as informações importantes sobre um tópico. Os artigos nos enormes conjuntos de vários volumes, embora valorizados por sua exatidão, podem ser tão longos a ponto de deixar o leitor se perguntando quais são os fatos mais importantes realmente. Os artigos nos dicionários menores costumam ter a vantagem do foco e da verdadeira avaliação sumativa dos dados por estudiosos experientes. Muitas vezes funciona bem ler um artigo sobre um tópico primeiro em um dicionário bíblico de um volume e, em seguida, investigar o tópico com mais detalhes por meio de um artigo em um conjunto de vários volumes.

Alguns exemplos de dicionários de um volume são:

O Novo Dicionário da Bíblia, 3ª ed. (Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1996).
Dicionário ilustrado da Bíblia Holman (Nashville: B&H Publishing Group, 2003).
Novo Dicionário Bíblico Ilustrado de Nelson, rev. ed. (Nashville: Thomas Nelson, 1995).
O Novo Dicionário da Bíblia de Unger (Chicago: Moody Press, 2006).
Dicionário Eerdmans da Bíblia (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans, 2000).
O Novo Dicionário Bíblico Internacional, rev. ed. (Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1999).

4.12.6. Outras ajudas

Uma série de auxílios acadêmicos foi publicada pela Augsburg Fortress Press. Alguns dos títulos foram mencionados em outra parte desta cartilha. Eles explicam em um formato conciso e legível, técnicas como crítica textual, crítica de forma, crítica literária (incluindo crítica de origem), análise sociológica, análise estrutural, arqueologia e crítica de poesia. A série é

Guias para estudos bíblicos: Série do Antigo Testamento (Filadélfia até 1988, depois Minneapolis: Fortress Press, 1971–).

A maioria dos títulos individuais estão listados abaixo:

Cânone e comunidade: um guia para a crítica canônica, por James A. Sanders (1984).

Antropologia Cultural e o Antigo Testamento, por Thomas W. Overholt (1996).
Folclore e a Bíblia Hebraica, por Susan Niditch (1993).
Formulário de crítica do Antigo Testamento, de Gene Milton Tucker (1971).

O Método Histórico-Crítico, de Edgar Krentz (1975).
Interpretando poesia hebraica, por David L. Petersen e Kent Harold Richards (1992).
Crítica Literária do Antigo Testamento, por Norman C. Habel (1971).
Novo Historicismo, de Gina Hens-Piazza (2002).
O Antigo Testamento e o arqueólogo, por H. Darrell Lance (1981).
O Antigo Testamento e o historiador, de James Maxwell Miller (1976).
O Antigo Testamento e a crítica literária, por David A. Robertson (1977).
Crítica Bíblica Psicológica, por D. Andrew Kille (2001).
Crítica Retórica: Contexto, Método e o Livro de Jonas, por Phyllis Trible (1994).
Abordagens Sociológicas do Antigo Testamento, por Robert R. Wilson (1984).
Crítica Textual do Antigo Testamento: A Septuaginta depois de Qumran, por Ralph W. Klein (1974).
Crítica Textual: Recuperando o Texto da Bíblia Hebraica, por P. Kyle McCarter Jr. (1986).
História da Tradição e Antigo Testamento, por Walter E. Rast (1971).
O que é Midrash? por Jacob Neusner (1987).
O que é crítica narrativa? por Mark Allan Powell (1990).
O que é crítica bíblica pós-moderna? por AKM Adam (1995).
O que é crítica de redação? por Norman Perrin (1969).
O que é crítica sócio-científica? por John H. Elliott (1993).
O que é exegese estrutural? por Daniel Patte (1976).

Ilustrações do Antigo Testamento

Coleções de ilustrações relacionadas a estudos de TO são frequentemente valiosas para o exegeta. Se você estiver analisando uma passagem que menciona um local, uma moeda, um peso, um animal, uma peça de mobília, um utensílio, uma arma ou qualquer lugar ou objeto que possa "ganhar vida" se ilustrado, verifique esses volumes para veja se tal ilustração pode existir no caso do seu tópico:

James B. Pritchard, ed., The Ancient Near East in Pictures Relating to the Old Testament (Prince-ton, NJ: Princeton University Press, 1954).

James B. Pritchard, ed., O Antigo Oriente Próximo: Uma Antologia de Textos e Imagens (Princeton, NJ: Princeton University Press, 1958).

James B. Pritchard, ed., O Antigo Oriente Próximo: Textos Suplementares e Imagens Relacionadas ao *Antigo Testamento* (Princeton, NJ: Princeton University Press, 1969).

Clifford M. Jones, Ilustrações do Antigo Testamento, The Cambridge Bible Commentary: New En-Glish Bible (Cambridge: Cambridge University Press, 1971).

Richard David Barnett, Ilustrações da História do Antigo Testamento, rev. ed. (Londres: British Museum Publications, 1977).

Trent C. Butler et al., Eds., Holman Illustrated Bible Dictionary (Nashville: B&H Publishing Group, 2003).

Ronald F. Youngblood, ed., Novo Dicionário Bíblico Ilustrado de Nelson, rev. ed. (Nashville: Thomas Nelson, 1995).

JD Douglas e Merrill C. Tenney, eds., Zondervan's Pictorial Bible Dictionary (Grand Rapids:

Zondervan, 1999).
iLumina, www.livethebible.com.

A vida nos tempos bíblicos

A capacidade de apreciar a vida cotidiana, habitação, agricultura, transporte, culinária e assim por diante no mundo agrário dos tempos bíblicos é parte da habilidade do exegeta ao olhar para as passagens bíblicas que tocam nessas coisas. O seguinte, entre outros, pode ser bastante valioso a este respeito:

Philip J. King e Lawrence E. Stager, Life in Biblical Israel (Louisville, KY: Westminster John Knox Press, 2002).

Oded Borowski, Daily Life in Biblical Times (Atlanta: Society of Biblical Literature, 2003).

National Geographic Book Service, Everyday Life in Bible Times, 2ª ed. (Washington DC: National Geographic Society, 1977).

Robert Dolezal, Dicionário Ilustrado de Vida e Tempos da Bíblia (Pleasantville, NY: Reader's Digest, 1997).

JA Thompson, Handbook of Life in Bible Times (Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1987).

Nelson Reference, Everyday Living: Bible Life and Times (Nashville: Thomas Nelson, 2007).

JI Packer et al., Eds., Public Life in Bible Times (Nashville: Thomas Nelson, 1985).

Comparações de Pergaminhos do Mar Morto / Qumran

Já tomamos nota das publicações sobre os Manuscritos do Mar Morto em conexão com questões de crítica textual e lexicografia. Mas isso não esgota a utilidade da literatura de Qumran para estudos de OT. Ainda permanecem as conexões culturais, históricas, sociológicas e teológicas dos manuscritos, para as quais as obras abaixo podem ser bastante úteis. Para uma boa explicação dos materiais disponíveis em 1990 (e eram muitos), considere

Joseph A. Fitzmyer, Os Pergaminhos do Mar Morto: Principais Publicações e Ferramentas para Estudo, rev. ed. (Atlanta: Society of Biblical Literature and Scholars Press, 1990).

Fitzmyer apresenta os vários textos, explica onde eles e suas traduções são publicados e descreve o conteúdo de alguns dos principais manuscritos. Ele também fornece uma excelente bibliografia e um índice para passagens bíblicas nos pergaminhos.

Para uma visão geral dos pergaminhos e seu significado, consulte o seguinte:

David Noel Freedman e Pam Fox Kuhlken, Quais são os manuscritos do mar morto e por que eles são importantes? (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans, 2007).

James VanderKam e Peter Flint, O Significado dos Manuscritos do Mar Morto: Seu Significado para Compreender a Bíblia, Judaísmo, Jesus e Cristianismo (San Francisco: HarperSan-Francisco, 2002).

CD Elledge, The Bible and the Dead Sea Scrolls (Atlanta: Society of Biblical Literature, 2005).

Para ler os textos traduzidos e apreciar seu conteúdo, veja estas obras:

Florentino García Martínez e Eibert JC Tigchelaar, The Dead Sea Scrolls Translated: The *Textos Qumran em inglês*, 2ª ed., 2 vols. (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans, 1996).
Theodor H. Gaster, The Dead Sea Scriptures: In English Translation with Introduction and Notes, 3ª ed. (Garden City, NJ: Doubleday, Anchor Books, 1976).
Michael O. Wise, Martin G. Abegg Jr. e Edward M. Cook, The Dead Sea Scrolls: A New *Tradução,* rev. ed. (São Francisco: HarperSanFrancisco, 2005).
Geza Vermes, trad. e ed., The Complete Dead Sea Scrolls in English, rev. ed. (Londres: Penguin Books, 2004).
Philip R. Davies, George J. Brooke e Phillip R. Callaway, The Complete World of the Dead Sea Scrolls (Nova York: Thames & Hudson, 2002).
Martin G. Abegg Jr., Peter Flint e Eugene Ulrich, The Dead Sea Scrolls Bible: The Oldest Known Bible Traduzido pela primeira vez para o inglês (San Francisco: HarperSanFran-cisco, 1999).

Terminologia no estudo do Antigo Testamento

Para obter as definições da terminologia usada nos estudos bíblicos, consulte o seguinte:

Kevin J. Vanhoozer, ed., Dicionário para Interpretação Teológica da Bíblia (Grand Rapids: Baker Academic, 2005).
FB Huey Jr. e Bruce Corley, Dicionário do Aluno para Estudos Bíblicos e Teológicos (Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1984).
Donald K. McKim, Dicionário de Termos Teológicos de Westminster (Louisville, KY: Westminster John Knox, 1996).

Quando você precisar de orientação para recursos bibliográficos mais antigos de forma mais ampla dentro do campo geral de estudo teológico (história da igreja, teologia sistemática, teologia prática, missões, etc. - incluindo estudos bíblicos), considere

David R. Stewart, A Literatura de Teologia: Um Guia para Estudantes e Pastores, rev. ed. (Louisville, KY: Westminster John Knox Press, 2003).

4.12.7. Programas e provedores de software bíblico

O software de computador fornece recursos poderosos e pesquisáveis que antes estavam disponíveis apenas na forma de livro. Esta é uma área em rápida expansão e que continuará a se expandir. O que se segue é apenas uma amostra limitada de alguns dos programas de software mais interessantes, valiosos ou exclusivos

e / ou fornecedores. Não confie nesta lista como se fosse exaustiva, porque dificilmente é isso. (Pesquise "software da Bíblia" no Google e veja como é grande a gama de opções.) Em vez disso, verifique as descrições completas fornecidas pelos editores em seus sites e espere um fluxo constante de adições, atualizações e reconfigurações .

Alguns softwares da Bíblia são gratuitos, outros são caros. Alguns são acessados apenas por meio de sites online interativos; alguns estão disponíveis apenas para compra por meio de discos ou downloads. Alguns são voltados especialmente para vagens e / ou palmas e / ou dispositivos receptores de células; alguns apenas para desktops ou laptops. Alguns são compatíveis apenas com Windows, alguns com DOS, alguns com Mac, alguns com Linux / Unix, alguns com WinCE, alguns com Java e assim por diante. Qualquer um ou todos podem ser benéficos para você, dependendo de suas necessidades a qualquer momento.

Alguns desses fornecedores de software da Bíblia têm até alguns dos pacotes de software uns dos outros para venda (por exemplo, veja os módulos não-Acordo dentro do Acordo, exemplificados abaixo). Alguns são, na verdade, principalmente revendedores. Outros não cobram nada pelo uso ilimitado de seus sites. Vários têm vários endereços da Web e, como os endereços da Web estão sempre sujeitos a alterações, os listados abaixo não são necessariamente os únicos que você pode precisar usar para encontrar seus sites. Ao acessar um endereço da Web listado, pode ser necessário selecionar uma opção exibida ou inserir palavras para pesquisar o produto.

Software da Bíblia de acordo, www.accordancebible.com.
Biblioteca de Idades, www.ageslibrary.com.
Alkitab Bible Study, www.kiyut.com/products/alkitab.
ATLA, American Theological Library Association, www.atla.com.
Biblioteca de referência digital Baker, www.amazon.com.
Bible Browser, biblebrowser.com.
Banco de dados bíblico, bibledatabase.com.
Bible Desktop, crosswire.org/bibledesktop.
Bible Explorer, www.bible-explorer.com.
Bible Reader for Palm, www.gramcord.org.
Pesquisa bíblica, bible-researcher.com.
Bible Windows, www.silvermnt.com.
Biblesoft.com, www.biblesoft.com.
BibleTime, www.bibletime.info.
BibleWorks, www.bibleworks.com.
Estudos Bíblicos na Web, www.bsw.org.
Biblos.com, biblos.com.
Centro de Análise Computacional de Textos, ccat.sas.upenn.edu.
Computronic, www.biblecodesplus.com.

DiscountBible.com, www.discountbible.com.
e-espada, www.e-sword.net.
GMP Soft, www.gmpsoft.com.

GnomeSword, gnomesword.sourceforge.net.
Gramcord / Bible Companion, www.gramcord.org.
Site IOSCS (Organização Internacional para Estudos da Septuaginta e Cognato), ccat.sas.upenn
.edu / ioscs.
Software da Bíblia Laridian, www.laridian.com.
Logos Bible Software, www.biblesoftware.com.
Logos Bible Software, www.logos.com/mac.
MacSword, macsword.com.
MyBible, www.laridian.com.
Software da Bíblia Neemias, www.nehemiahbiblesoftware.com.
Olive Tree Bible Software, www.olivetree.com.
Bíblia online, www.onlinebible.net.
Palm Bible Plus, palmbibleplus.sourceforge.net.
Software de estudo da Bíblia Parsons, www.quickverse.com.
Bíblia de estudo para PC, www.biblesoft.com.
PocketBible, www.laridian.com.
Quickverse, www.QuickVerse.com.
Escritura 4 tudo, www.scripture4all.org.
Buscador de espadas, www.swordsearcher.com.
A Biblioteca Grega e Hebraica 6.0 para Windows, www.zondervan.com.
The Sword Project, www.crosswire.org/sword.
A palavra, www.theword.gr/en.
Theophilos Bible Software, www.theophilos.sk.
Tolbss O Site de Software da Bíblia Online, www.ccel.org/olb.
Tyndale House, www.tyndalehouse.co.uk.
Sistema de estudo avançado do Word, http://www-writing.berkeley.edu/chorus/bible/.
Procura de palavras, www.wordsearchbible.com.
Zondervan Software, www.zondervan.com.

Como exemplo, aqui está apenas uma lista parcial de alguns dos tipos de módulos que apenas um dos provedores listados acima, Accordance, pode fornecer a você. Omiti a menção da maioria de suas dezenas de textos e traduções, bem como dos programas de pesquisa e assim por diante, mas esta lista ainda dará uma ideia da amplitude disponível em um grande produto de software da Bíblia:

Dicionário Bíblico Anchor Yale
Antigo comentário cristão sobre a série de escrituras
Padres Apostólicos
Pacote BDAG e HALOT
Bible Atlas
Bible Lands PhotoGuide
Referência da Bíblia, versão 3
A Bíblia fala hoje, série de comentários
Revisão de Arqueologia Bíblica Arquivo
Mundo Bíblico em Imagens
Pais da Igreja e História da Igreja

Contexto da Escritura (paralelos antigos com materiais bíblicos)
Referência de Eerdmans (comentários, etc.)
Coleção de referência IVP essencial
Suplemento gramatical
DVD de gráficos
Léxico Grego-Inglês do Novo Testamento e Outra Literatura Cristã Primitiva
Josefo
Kaufmann Mishna Codex Fac-símile
Léxico hebraico e aramaico de Koehler-Baumgartner
Emulador Mac para PC
Philo
Pseudepigrapha
Qumran
Sociedade de Literatura Bíblica (periódicos, etc.)
CD-ROM Talmud
Targums
Biblioteca de revistas teológicas
Comentário Bíblico Word
Suíte Zondervan Scholarly Bible Study

Apêndice 1

Uma lista de Termos da exegese do Antigo Testamento

acróstico: Composto em ordem alfabética, versos sucessivos começando com letras hebraicas sucessivas (alguns salmos, seções de Provérbios, Lamentações, etc.).

anacoluto: Non sequitur gramatical em que a primeira parte de um pensamento não é concluída como esperado.

antitético: Descrevendo paralelismo poético caracterizado pelo emparelhamento de uma afirmação e seu contraste.

Aquila: Tradução da Bíblia Hebraica para o grego literalmente por volta de 140 DC; incluído no Hexapla; peças substituídas de LXX.

Aramaismo: Palavra ou idioma usado em hebraico, supostamente de origem aramaica, portanto tardia. (Quase todos provaram ser semitmos, não atrasados e, portanto, não foram usados adequadamente para namorar livros do AT com atraso.)

assimilação: Substituição da leitura de um texto original pela leitura de outro documento.

assíndeto: Ausência de conjunções ou outras palavras de ligação / coordenação. ("O LORDé meu pastor; Eu não quero. ") O leitor deve descobrir a relação dos conceitos expressos.

autógrafo: O original, primeira cópia de um livro ou porção bíblica.

bífido: Organizado em duas partes distintas. (Muitos livros do AT são bífidos; suas duas partes não são anteriores e posteriores, respectivamente, ou produtos de autores diferentes. Eles são apenas maneiras convenientes de organizar o material tematicamente.)

quiasma (também quiasmo, paralelismo invertido, etc.): Um padrão de palavras ou conceitos em que o primeiro e o último são semelhantes, o segundo e o penúltimo são semelhantes e assim por diante, tornando a

memorização fácil (por exemplo, Isa. 6:10 ; Zac. 14; Mat. 7: 6a). O meio de um quiasma não é necessariamente mais

importante do que qualquer outra parte. A maioria dos quiasmas curtos são apenas variações estilísticas dentro de paralelismos sinônimos.

códice: Um antigo manuscrito na forma de livro (páginas encadernadas) em vez de rolagem.

ordenar: Comparar manuscritos de um determinado texto para reconstruir o original.

cólon: Uma unidade de verso único de poesia. (Normalmente as pessoas querem dizer "uma linha de um par ou trio" por dois pontos, mas nem sempre.)

colofão: Título ou outro resumo no final ou início de uma unidade de texto. (10 vezes em Gênesis; Lev. 26:46; etc.)

fusão: Combinando duas leituras variantes, produzindo uma leitura diferente de qualquer uma delas.

tradução filha: A tradução de uma tradução, geralmente referindo-se a uma tradução da LXX para outro idioma.

deuterógrafo: Escrita / reescrita secundária. (1–2 Crônicas contém deuterógrafos de 1 Samuel – 2 Reis; cf. Salmos 14 e 53; etc.)

dittografia: Erro de cópia repetindo algo acidentalmente.

gibão: Uma narrativa supostamente paralela, supostamente resultante da recontagem na tradição oral (por exemplo, Gn 12; 20; 26).

Fórmula: Um conjunto de palavras comumente usadas em um determinado tipo de contexto. ("Assim diz o LORD"É uma fórmula de mensageiro.)

hapax legomenon: Uma palavra ou termo que ocorre apenas uma vez no AT (muitas vezes tornando sua definição difícil de definir).

haplografia: A perda de algo durante a cópia (letras, palavras, frases e outras unidades que o copista pula acidentalmente).

Hendiadys: Expressar um único conceito por duas ou mais palavras ou expressões ligadas por "e" (senhor e mestre; surja e vá). (Ao traduzir com precisão, muitas vezes você tem que eliminar ou subordinar uma das palavras, por exemplo, senhor; ir em frente; etc.)

Hexapla: OT de seis colunas de Orígenes contendo (1) o hebraico, (2) o hebraico transliterado para o grego; (3) Aquila, (4) Symmachus, (5) a LXX, e (6) Theodotion. (A LXX que ele produziu era altamente conflitante, com asteriscos usados para indicar o que ele havia adicionado à LXX original e obeli usado para indicar o que ele havia subtraído dela.)

homoioarchton: Começos semelhantes em duas palavras (fazendo com que o escriba acidentalmente pule de uma para a outra).

homoiotelêuton: Finais semelhantes em duas palavras (fazendo com que o escriba salte acidentalmente de uma para a outra).

inclusio: Dispositivo literário em que o fim e o início de uma passagem são semelhantes, imprensando assim o resto.

Kethib e Qere: Kethib = leitura inferior que os massoretas incluíram no texto escrevendo apenas suas consoantes. Qere = leitura superior que os massoretas impuseram às consoantes Kethib usando apenas suas vogais.

lacuna: Uma lacuna física em um manuscrito.

metro: O padrão de acentos e / ou sílabas totais em uma passagem de poesia. Toda poesia musical tem métrica.

metonímia: Uma substituição de palavra (por exemplo, "suco" para eletricidade; "céu" para Deus em Mateus; "coroa" para César ou imperador em Apocalipse 12: 3).

paleografia: Estudo da escrita / caligrafia antiga. Por exemplo, o estilo das cartas pode indicar a idade de um documento.

paralelismo: Os equilíbrios lógicos e correspondências entre linhas de poesia (por exemplo, sinônimo, antitético, sintético).

paronomasia: Um trocadilho ou jogo de palavras ou raízes de palavras (agradável ao ouvido, ajuda na memorização).

Peshitta: A versão siríaca mais comum do AT.

prostaxe: A tendência de iniciar todas as orações em um idioma no mesmo caminho. O hebraico usa w prostático: (nós,ʃe).

Medidor Qinah: Supostamente um padrão de três acentos + dois acentos usado nas endechas (um mal-entendido da métrica em Lamentações).

forma rîb: Forma literária (byrI) pela qual uma nação é imaginada para ser levada a tribunal, geralmente para ser julgada e considerada culpada.

Septuaginta: Tradução grega do Antigo Testamento hebraico feita originalmente entre cerca de 250 e 100 aC, modificado freqüentemente.

Symmachus: Tradução independente de estilo livre do AT para o grego por volta de 175 DC; influenciou a Vulgata.

sinédoque: Uma parte usada para o todo, ou vice-versa ("Lindos fios!" "Tem rodas?" "Virando o mundo de cabeça para baixo").

sinônimo: Descrevendo paralelismo poético em que o mesmo conceito essencial é veiculado por duas formulações diferentes que são paralelas entre si.

sintético: Descrevendo paralelismo poético em que a primeira metade de uma afirmação completa é paralela e completada pela segunda metade.

Talmud : Enorme coleção de ensino rabínico judaico: Mishná (tradições) e Gemara (comentário sobre a Mishná), do terceiro ao quinto séculos DC.

Targum: Tradução aramaica do AT. Existem várias seções, produzidas em várias épocas, provavelmente do segundo ao quinto século DC.

Terminus a Quo: A data mais próxima possível para algo.

terminus ad quem: A última data possível para algo.

Theodotion: Revisão grega da LXX em relação ao hebraico, por volta de 175 DC; substituiu a antiga LXX na maioria dos manuscritos de Daniel.

variante: Uma leitura diferente (obrigando o crítico do texto a considerar se representa ou não o original).

Vulgate: Tradução livre do AT para o latim por Jerônimo, concluída em 405 DC (substituiu o antigo e muitas vezes melhor antigo latim).

Apêndice 2

Uma lista de erros hermenêuticos frequentes

Alegorizando: Assumindo que os componentes de uma passagem têm significado apenas como símbolos das verdades cristãs. (“O 'amante' é Cristo; o 'amado' é a igreja; as 'filhas de Jerusalém' são as Escrituras.”)

Argumento de autoridade: Assumindo que as opiniões dos “especialistas” ou uma preponderância deles devem ser corretas. (“Smith, que dedicou sua vida ao estudo de Ruth, pode ser confiável...”) (“Uma vez que isso é sustentado por poucos acadêmicos, não parece sustentável.”)

Argumento do silêncio: Supondo que tudo o que é relevante para um problema seja mencionado na Bíblia sempre que esse problema for mencionado. (“Observe que Paulo não condena explicitamente o sexo antes do casamento em nenhuma parte de suas cartas.”)

Equivocação: Confundir um termo ou conceito com outro termo ou conceito, interpretando mal seu significado. (“1 Tessalonicenses 5:22 diz para 'abster-se de toda aparência do mal', então você não pode nem mesmo pedir instruções a uma prostituta.”)

Exemplarizando: Supondo que porque alguém na Bíblia fez algo, é um exemplo para seguirmos. (“Para aprender a contar histórias em sermões, vamos examinar a narrativa de Jesus.”) (“Vamos ver como Jesus chamou discípulos e deixar que isso seja o modelo para o nosso evangelismo.”) (“O que podemos aprender sobre a adversidade de como os israelitas suportaram seus anos como escravos no Egito? ”)

Combinação falsa: Unindo duas afirmações ou passagens de forma a produzir uma conclusão híbrida. (“Em Mateus 25, Jesus chama o inferno de trevas exteriores e também de fogo, então o fogo do inferno deve ser algum tipo de fogo divino especial que não emite nenhuma luz. Você pode sentir, mas não pode ver.”)

Falsa pressuposição: Basear todo ou parte de um argumento ou conclusão em suposições incorretas. (“A mente hebraica pensava concretamente, a mente grega abstratamente. É por isso que o AT tem mais rituais e o NT tem mais símbolos.”)

Figura de confusão de fala: Falha em compreender qualquer uma das muitas expressões não literais na fala humana, especialmente metáforas. (“Imagine a escala maciça da produção de leite e apicultura cananéia que levou Canaã a ser chamada de uma terra que mana leite e mel.”)

Confusão de gênero: Supondo que as regras de interpretação de um gênero se apliquem a outro. (“A parábola de Jesus sobre os trabalhadores da vinha contém sete perspectivas úteis sobre o valor do trabalho árduo.”) (“O Salmo 23 nos ensina como cuidar dos que estão sob nossa autoridade.”) (“ De acordo com Deuteronômio 33, se confiarmos em Deus, nada nos faltará. ”) (“ Mas Provérbios promete que, se honrarmos a Deus, seremos queridos por todos! ”)

Confusão igreja-Israel: Assumindo que as coisas que se aplicam ao Israel bíblico também se aplicam à igreja. (“Podemos aprender como disciplinar crianças problemáticas com esta lei sobre apedrejar crianças desobedientes.”)

Confusão Israel-Israel moderno: Supondo que o estado moderno e secular chamado Israel no Oriente Próximo seja o Israel referido na Bíblia. (“Como podemos apoiar os sauditas se eles são inimigos do povo escolhido de Deus?”)

Confusão Israel-nação moderna: Supondo que as coisas que se aplicam ao Israel bíblico também se aplicam às nações modernas (“De acordo com 2 Crônicas 7:14, se orarmos e nos arrependermos, Deus curará a América.”)

Moralizante: Presumindo que os princípios de vida podem ser derivados de todas as passagens. (“Podemos aprender muito sobre paternidade observando como o pai do filho pródigo lidou com seu filho rebelde.”) (“Os egípcios se afogaram no Mar Vermelho porque vacilaram. Você não pode vacilar e esperar por isso ter sucesso nesta vida. ”)

Personalização: Presumindo que uma ou todas as partes da Bíblia se aplicam a você ou ao seu grupo de uma forma que não se aplicam a todos os outros. (“O que o asno de Balaão me diz é que eu falo demais.”) Também conhecido como individualização.

Falácia raiz: Assumindo que o / um significado original de uma palavra sempre acompanha seu uso. (“Ser santo significa ser separado.” Cf. terrível / terrível / aterrorizante.)

Espiritualizando: Assumindo que os eventos ou fatores têm sua aplicação real em alguma verdade religiosa além do que eles realmente dizem. ("O amável

estrutura do templo de Jerusalém nos incentiva a ter nossas próprias vidas em ordem. ")

Transferência de totalidade: Supondo que todos os significados possíveis de uma palavra ou frase acompanhem sempre que for usada. ("Cabeça [kefalh &, kephaleμ], é claro, significa 'fonte' aqui, assim como faz na referência de Xenofonte à fonte de um rio. ")

Tipologizando: Assuming that certain real biblical characters or things are mentioned in order to foreshadow other real—and more important—characters or things. ("Joshua has the same name as Jesus; as a conqueror he points to The Conqueror.") ("Ezra came to his people from afar; entered into Jerusalem on a donkey; prayed before crises; taught what was to many a new law; purified the nation, and so on. His life points directly to the Savior.")

Universalizing: Assuming that something unique or uncommon in the Bible applies to everyone equally. ("We all have our Gethsemanes.") Also known as generalizing.

Index of Scripture Passages

Genesis
1 71
12 178
20 178
26 178
49:10 45, 46

Leviticus
2:13 48
19:18 57
26:46 178

Numbers
18:19 48
23:8–9 38, 39

Deuteronomy
4:31 57
10:18, 19 57
27:17 53
33 182

Joshua
7:1 36, 37
7:26 37

Judges
19:1–30 42, 43
19:25 42, 43

1 Samuel
8:16 37, 38
12:3–5 60
20:32 34, 35

2 Kings
21:3 61
23:4, 15–19 53
23:5, 11 61

1 Chronicles
2:6 36, 38
2:7 36

2 Chronicles
7:14 182
13 47, 48, 49, 69

Ezra
4:14 48

Job
1:8 60
2:3 60
31:1–40 60, 61
42:7–8 60

Psalms
14 178
14:2–3 44
23 52, 72
53 178
117 52

Proverbs
17:17 57
22:6 41

Isaiah
6:10 177
7:1–9 54
21:1–10 71
64:6 44

Jeremiah
31:31–34 56, 57

Lamentations
1 54, 55
1:1–3 54
2 54, 55
3 54, 55
3:1–9 54, 55
4 54
4:1–3 54, 55
5 54, 55
5:22 55

Ezekiel
21:32 46

Hosea
1 43
1:2 43, 44, 45
5:8–10 53, 54
6:1–3 58, 59

Amos
5:1–17 51, 52

Jonah
1:2 40, 41
1:12–15 50
2:3–10 49, 50
3:4 70
4 41, 50

Zephaniah
1:5 61

Matthew
26:28 56

Mark
14:26 50

Luke
10 10
22:20 56

Acts
10:43 56, 57
16:25 50
20:25–35 60

Romans
3:10–12 44
11:27 56, 57

1 Corinthians
11:25 56

2 Corinthians
3:3 56, 57
3:6 56

Galatians
3:26–29 59
3:29 58

Ephesians
2:11–22 59
5:19 50

Colossians
3:16 50

1 Thessalonians
4:9 56, 57
5:22 181

Hebrews
8:8–12 56
10:16 56, 57
10:17 56, 57

1 John
2:27 56, 57

Revelation
12:3 179

Index of Authors

Abegg, Martin G., 93, 113, 172
Achtemeier, Elizabeth, 151
Ackroyd, Peter R., 165
Adam, A. K. M., 170
Aharoni, Yohanan, 133, 134
Aisleitner, Joseph, 110
Albertz, Rainer, 127
Albright, William F., 132, 133, 142
Aldred, Cyril, 129
Allen, James P., 138
Allen, Lindsay, 131
Andersen, Francis, 10, 107, 143
Anderson, Bernhard W., 49, 166
Anderson, G. W., 164
Aquila, 177, 178
Archer, Gleason, 116, 166
Armstrong, Terry A., 103
Arndt, W. F., 109
Arnold, Bill T., 104, 126, 138
Ascalone, Enrico, 130
Aufrecht, Walter, 117
Avi-Yonah, Michael, 133

Báez-Carmago, Gonzalo, 133
Baines, John, 138
Balentine, Samuel E., 168
Baly, Denis, 134
Barber, E. A., 110
Bard, Kathryn Ann, 129
Barnett, Richard David, 170
Barr, James, 115
Barth, Karl, 148
Barthes, Roland, 120
Barton, John, 140
Bauer, F. C., 109
Bauer, Johannes B., 116
Baumgartner, Walter, 8, 40, 108, 175
Bavinck, Herman, 148
Bazylinski, Stanislaw, 162
Beale, Gregory K., 146
Beckman, Gary M., 138
Beckman, John C., 104
Beekman, John, 100
Beitzel, Barry, 135
Ben-Tor, Amnon, 132
Benjamin, Don C., 128, 137
Bennett, Patrick R., 106
Berkouwer, G. C., 148
Beyer, Brian E., 126, 138
Beyerlin, Walter, 137
Biddle, M. E., 116
Bimson, J. J., 135
Birch, Bruce H., 149
Bishop, Stephen, 49
Black, Jeremy, 110
Blaiklock, E. M., 133
Bloesch, Donald, 148
Blomberg, Craig L., 150
Boardman, John, 127
Bodine, Walter R., 123
Boecker, H. J., 128
Bogaert, P.-M., 95

Bond, Steve, 144
Borowski, Oded, 171
Botterweck, G. Johannes, 116
Bowley, James E., 93, 113
Brenton, Lancelot Charles Lee, 102
Briant, Pierre, 131
Briggs, Charles A., 8, 103, 108
Bright, John, 126
Brisco, Thomas C., 135
Brisco, Thomas V., 135
Brock, Sebastian P., 91
Bromiley, G. W., 116, 117, 168
Brooke, Alan E., 90
Brooke, George R., 172
Brotzman, Ellis R., 35, 85, 96
Brown, A. Philip II, 103
Brown, Francis, 8, 103, 108
Brown, Raymond E., 155
Brown, William P., 108
Bruce, F. F., 146
Brueggemann, Walter, 147
Brunner, Emil, 148
Bullinger, E. W., 122
Bush, Frederic W., 166
Buss, Martin J., 119
Butler, Trent C., 170
Buttrick, George A., 168

Calloud, Jean, 120
Callow, John, 100
Calloway, Phillip R., 172
Campbell, Edward F., Jr., 134
Caplice, Richard, 106
Carson, D. A., 146, 150
Carter, Charles W., 148
Chapell, Bryan, 151
Charles, R. H., 145
Charlesworth, James H., 145, 146
Charlesworth, M. J. H., 146
Chavalas, Mark W., 128
Childs, Brevard S., 166
Chisholm, Robert B., 150
Choi, J. H., 104
Clines, David J. A., 108, 141
Collins, John Joseph, 146
Colunga, Alberto, 95
Conybeare, F. C., 105
Coogan, Michael D., 127, 139
Cook, Edward M., 93, 113, 172
Cooke, George Albert, 117
Corley, Bruce, 172
Cornfeld, Gaalyahu, 133
Cowley, A. E., 104, 131
Cox, James W., 151
Crawford, Timothy G., 86, 99
Crim, Keith, 168
Cross, Frank Moore, 38, 45, 107, 124, 143
Culley, Robert C., 121, 123
Currid, John D., 129, 132
Curtis, Adrian, 135
Curtis, J. E., 131

Danker, Frederick W., 2, 87, 109
Darr, Katheryn Pfisterer, 166
Davidson, Benjamin, 103
Davies, Graham I., 117
Davies, Philip R., 172
Davis, John Jefferson, 58, 144
Dawson, David Allan, 123
Delamarter, Steve., 145
Delitzsch, Franz, 154
de Moor, J. C., 112
de Regt, L. J., 122
DeVaux, Roland, 127
De Vries, LaMoine, 132
DeVries, Simon J., 140
de Waard, J., 52, 100, 122
Dillard, Raymond, 1, 62, 166
Dines, Jennifer, 91
Dobbs-Alsopp, F. W., 117
Dockery, David S., 151
Dodd, C. H., 146
Dodson, Aidan, 129
Dogniez, Cécile, 91
Dolezal, Robert, 171
Donner, M., 117
Dorsey, David A., 121, 141
Dothan, M., 131
Dothan, Trude, 131
Douglas, J. D., 170
Driver, S. R., 8, 87, 103, 108
Durusau, Patrick, 163
Duvall, J. Scott, 150
Dykers, P., 146

Ehrensvärd, Martin, 142
Eichrodt, Walther, 147
Einspahr, Bruce, 103
Eissfeldt, Otto, 62, 87, 139, 153
Elledge, C. D., 172
Elliger, Karl, 51
Elliott, John H., 170
Elwell, Walter, 58, 144
Enns, Peter, 165
Erickson, Millard J., 148
Etheridge, J. W., 102
Evans, Abraham, 112
Even-Shoshan, Abraham, 46, 112
Exum, J. Cheryl, 141
Eynikel, Erik, 109

Fabry Heinz-Josef, 116
Fagan, Brian, 132
Fee, Gordon D., 150
Finegan, Jack, 125
Fisher, Loren, 138
Fitzmyer, Joseph A., 2, 92, 135, 145, 171
Flint, Peter, 171, 172
Fohrer, Georg, 166
Fokkelman, J. P., 122
Forbes, A. Dean, 10, 107, 143
Foster, John L., 138
Frank, Yitzchak, 105
Frankfort, Henri, 128, 129
Freedman, David Noel, 10, 38, 45, 107, 124, 133, 134, 143, 168, 171
Friedrich, Gerhard, 117
Fritsch, Charles T., 91
Fritz, Volkmar, 132
Frood, Elizabeth, 138
Futato, Mark D., 150

Galil, Gershon, 126
Gardiner, Alan, 129
Garrett, Duane, 104
Gaster, Theodor H., 172
Gelb, Ignace, 110
Geller, Stephen, 125
Gesenius, F. W., 104
Gevirtz, Stanley, 124
Gibson, Arthur, 115
Gibson, John C. L., 117, 131
Giese, Ronald L., 150
Gillingham, S. E., 124
Gingrich, F. W., 109
Ginsburg, Christian D., 39, 86
Glare, P. G. W., 110
Glassner, Jean-Jacques, 138
Glynn, John, 167
Goldenberg, Gideon, 107
Goldingay, John, 147
Goldman, A. P., 98
Gordon, Cyrus H., 106
Goshen-Gottstein, Moshe H., 97
Gottwald, Norman K., 124, 128
Grabbe, Lester L., 152
Gray, George Buchanan, 124
Green, D. E., 116
Green, Jay P., Sr., 101
Greenberg, R., 132
Greenspahn, Frederick E., 105
Greenstein, Edward L., 138
Greidanus, Sidney, 151
Grossfeld, Bernard, 102
Grudem, Wayne, 148
Gryson, Roger, 95
Gurney, O. R., 131
Gurtner, D. M., 105

Habel, Norman C., 141, 170
Hallo, William W., 125, 137
Harm, Harry J., 87
Harris, R. Laird, 116
Harris, Zellig S., 106, 107
Harrison, Roland Kenneth, 87, 133, 166
Hasel, Gerhard, 147
Hatch, Edwin, 38, 113
Hauser, Alan J., 122
Hauspie, Katrin, 109
Hayes, John H., 119, 126, 136, 140, 151
Hays, J. Daniel, 150
Heizer, Robert F., 134
Henry, Carl F. H., 148
Hens-Piazza, Gina, 170
Hess, Richard S., 100
Hill, Andrew E., 166
Hoerth, Alfred J., 128, 132
Hoffmeier, James K., 132, 134

Hoffner, Harry A., 138
Hoftijzer, Jacob, 117
Holladay, C. R., 136, 140
Holladay, William L., 7, 40, 108
Hooker, P. K., 126
Hoppe, Leslie J., 134
Hostetter, Edwin C., 165
House, Paul R., 126, 141, 147, 166
Hubbard, David A., 166
Hubbard, Robert L., Jr., 150
Huehnergard, John, 106
Huey, F. B., Jr., 172
Hunt, Joel H., 106, 131
Hupper, William G., 62, 165
Hurd, John C., 117

Jackson, Jared, 122
Jacob, Edmond, 147
Jastrow, Marcus, 109
Jellicoe, Sidney, 91
Jenni, Ernst, 116
Jerome, 180
Jobes, Karen H., 91
Johns, Alger F., 105
Jones, Clifford M., 157, 170
Jones, Henry Stuart, 109
Josephus, 175
Joüon, Paul, 104
Joy, Charles R., 144

Kah-Jin, Jeffrey Juan, 168
Kaiser, Walter C., Jr., 126, 148, 150
Kalvesmaki, Joel, 92
Kasovsky, Chaim J., 112
Katz, Eliezer, 112
Katzenstein, Jacob H., 131
Kautsch, E., 104, 131
Keil, Carl Friedrich, 167
Kelly, Page H., 39, 86, 99
Kemp, Barry, 129
Kenyon, Kathleen, 133
Kessler, Martin, 122
Kessler, Rainer, 127
Kille, D. Andrew, 170
Killebrew, Ann E., 131
King, Philip J., 128, 133, 171
Kitchen, Kenneth, 132, 136
Kittel, Gerhard, 117
Kittel, Rudolph, 96
Klein, George L., 151
Klein, Ralph W., 170
Klein, William, 150
Knierim, Rolf, 119
Knight, Douglas A., 136
Knox, Ronald, 102
Koch, Klaus, 119
Koehler, Ludwig, 8, 40, 108, 175
Kohlenberger, John R., 92, 101
Kraft, Robert, 92, 112
Krahmalkov, Charles R., 106
Kramer, Samuel N., 130
Krentz, Edgar, 135, 170
Kroeze, J. H., 104
Kubo, Sakae, 100
Kugel, James L., 124
Kuhlken, Pam Fox, 171
Kuhrt, Amélie, 125, 131

Lambdin, Thomas O., 104
Lamsa, George M., 102
Lance, H. Darrell, 170
Landsberger, Benno, 110
Langevin, Paul-Emile, 61, 62, 163, 164
LaSor, William S., 166
Leick, Gwendolyn, 129
Lemche, Niels Peter, 136
Lete, Gregorio del Olmo, 111, 131
Levenson, John, 136
Levy, Thomas E., 133
Lewis, Charlton T., 110
Lewis, Theodore J., 132, 138
Liddell, Henry O., 109
Lieu, Judith M., 2
Lindenberger, James M., 117, 138
Lipinski, E., 107
Lisowsky, Gerhard, 112
Livingstone, Herbert, 128
Long, Thomas G., 151
Long, V. Phillips, 126, 136
Longman, Tremper III, 1, 62, 126, 166, 167
Lubetski, Edith, 163

Lundin, Roger, 150
Lust, Johann, 109

Magil, Joseph, 101
Maier, Gerhard, 135
Maloney, Linda M., 127
Mandelkern, Solomon, 112
Marcos, Natalio Fernendez, 91
Marcus, David, 105, 138
Margalith, Othniel, 131
Martens, Elmer A., 165
Martínez, Florentino García, 172
Matthews, Kenneth A., 151
Matthews, Victor H., 128, 137
Mattingly, Gerald L., 128
May, Herbert G., 116
Mazar, Amihai, 132
McCarter, P. Kyle, Jr., 35, 86, 133, 170
McGrath, Alister E., 149
McKenzie, Roderick, 109
McKim, Donald K., 172
McLean, Norman, 90
McRay, John, 132
Merrill, Eugene H., 126
Metzger, Bruce M., 146
Meyers, Eric M., 132
Meynet, Roland, 122
Michalowski, Piotr, 138
Mickelsen, A. Berkeley, 150
Millard, Alan, 134
Miller, James Maxwell, 126, 136, 170
Miller, Patrick D., 127
Mitchell, Eric, 126, 166
Moran, William L., 46, 107
Morrish, George, 113
Morwood, James, 110
Moulton, Harold K., 103
Muilenburg, James, 122, 148
Muraoka, Takamitsu, 104, 106, 109, 112
Murnane, William J., 138
Mynatt, Daniel S., 86, 99

Naudé, J. A., 104
Nave, Orville J., 144
Neusner, Jacob, 170
Nida, Eugene A., 100
Niditch, Susan, 169
Nissinen, Marti, 138
Norton, G. J., 98
Notley, R. Steven, 134

O'Connor, Michael, 104, 125
O'Hare, Daniel M., 165
O'Leary, DeLacy, 107
Olmstead, A. T., 131
Oppenheim, A. Leo, 110, 130
Origen, 178
Osborne, Grant R., 150
Overholt, Thomas W., 169
Owens, John Joseph, 103

Packer, J. I., 171
Pannenberg, Wolfhart, 148
Pardee, Dennis, 138
Parker, Simon B., 138
Patrick, Dale, 122
Patte, Daniel, 120, 170
Peebles, B. M., 95
Perrin, Norman, 140, 170
Petersen, David L., 124, 170
Pfeiffer, Charles F., 127
Pietersma, Albert, 101
Pleins, J. David, 127
Powell, Mark Allan, 170
Porter, Stanley E., 100, 122, 136
Pratico, Gary D., 104
Preuss, Horst Dietrich, 148
Pritchard, James B., 137, 170
Provan, Iain, 126

Rahlfs, Alfred, 90, 91, 113
Rainey, Anson F., 107, 134
Rasmussen, Carl G., 135
Rast, Walter, 136, 170
Rawlinson, George, 131
Reddish, Mitchell G., 146
Redford, Donald B., 125, 129
Redpath, Henry A., 38, 112
Reiner, Erika, 110
Rezetko, Robert, 142
Richards, Kent Harold, 124, 170
Ringgren, Helmer, 116

Ritner, Robert K., 138
Roberts, J. J. M., 117
Robertson, David A., 10, 141, 142, 170
Robinson, Haddon W., 151
Rogerson, John W., 2
Rogers, Robert William, 139
Röllig, W., 117
Rosenthal, Franz, 105
Ross, Allen P., 104
Rost, Leonhard, 146
Roth, Martha T., 138
Roux, George, 129
Rowley, H. H., 164
Rüger, Hans Peter, 96
Ryken, Leland, 141

Saggs, H. W. F., 129
Sailhamer, John H., 112, 148
Sakenfeld, Katharine Doob, 168
Sanders, James A., 169
Sandy, D. Brent, 139, 150, 165
Sanmartin, Joaquin, 111
Sasson, Jack, 125
Scanlin, Harold, 96
Schiffman, Lawrence H., 93
Schley, Donald G., 129
Schneemelcher, Wilhelm, 145
Schniedewind, William M., 106, 131
Schuller, Eileen, 168
Schultz, Samuel J., 126, 166
Scorgie, Glen G., 100
Scott, Robert, 109
Scott, William R., 96
Scult, Allen, 122
Segert, Stansislav, 105, 106
Seow, Choon Leong, 104, 117, 138
Shaddix, James, 151
Shanks, Herschel, 127
Shaw, Ian, 129
Shenker, A., 98
Short, Charles, 110
Silva, Moisés, 91, 115, 150
Silverman, David P., 129
Simpson, William K., 125
Singer, Itamar, 138
Sivan, Daniel, 106
Ska, Jean Louis, 2
Sloan, Robert B., 151
Smith, Bryan W., 103
Smith, J. Payne, 110
Smith, Mark S., 138
Smith, R. Payne, 110
Smith, Ralph L., 148
Snell, Daniel, 127
Soderlund, S. K., 85
Soggin, J. Alberto, 2, 62, 166
Sokoloff, Michael, 109
Soulen, R. Kendall, 2, 87
Soulen, Richard N., 2, 87
Sparks, Kenton L., 137
Specht, Walter, 100
Sperber, Alexander, 94, 105
Stager, Lawrence E., 128, 171
Stalker, D. M. G., 148
Stamm, Johann J., 108
Stamps, Dennis L., 122
Stein, Robert H., 150
Stern, Ephraim, 132
Stevenson, William B., 105
Stewart, David R., 172
Stock, St. George, 105
Strauss, Mark L., 100
Strudwick, Nigel C., 138
Stuart, Douglas K., 124, 150, 159, 167
Swanson, James A., 112
Symmachus, 178, 179

Taber, Charles R., 100
Tal, Abraham, 93
Tallis, N., 131
Talmon, Shemaryahu, 101
Taylor, Bernard Alwyn, 113
Tenney, Merrill C., 169, 170
Thackery, Henry St. J., 90, 105
Thackson, Wheeler M., 106
Theodotion, 178, 179
Thiele, Edwin R., 125
Thielicke, Helmut, 148
Thistleton, Anthony C., 150
Thomas, Robert L., 112
Thompson, J. A., 171
Tigchelaar, Eibert J. C., 172
Tomback, Richard, 111

Tov, Emmanuel, 35, 85, 86, 89, 91, 92, 93, 113, 158, 159
Trever, John C., 92
Trible, Phyllis, 122, 170
Trumbull, H. C., 48, 49
Tubb, Jonathan N., 131
Tucker, Gene Milton, 118, 119, 169
Turrado, Laurentio, 95

Ulrich, Eugene, 98, 172

Vance, Donald R., 124
Van De Mieroop, Marc, 125
VanderKam, James C., 93, 171
Van Der Kooij, A., 98
van der Lugt, Pieter, 122
Van der Merwe, C. H. J., 104
Van Gemeren, Willem A., 116, 168
Van Pelt, Miles, 104
Van Seters, John, 136
Vance, Donald R., 131
Vanhoozer, Kevin J., 150, 172
Vansina, Jan, 136
Vanstiphout, Herman, 138
Vermes, Geza, 172
Viening, Edward, 144
Vines, Jerry, 151
Vogt, Ernesto, 109
Von Gall, August, 93
von Rad, Gerhard, 148
vonSoden, Wolfram, 110, 128, 129
Vos, Geerhardus, 148
Voth, Steven M., 100

Walhout, Clarence, 150
Walker-Jones, Arthur, 104
Waltke, Bruce K., 85, 104, 116, 147
Walton, John H., 128, 137, 166
Ward, Wayne E., 151
Watson, Duane F., 122
Watson, Wilfred G. E., 111, 124
Watters, William R., 123
Watts, James W., 122
Weber, Otto, 148
Weber, R., 95
Weinfeld, Moshe, 128
Weis, Richard D., 98
Weitzman, Michael P., 106
Wendland, Ernst R., 123
Wente, Edward F., 138
Westermann, Claus, 116
Whitaker, R. E., 117
Whitelocke, Lester T., 114
Wiesehöfer, Josef, 131
Wigram, George V., 112
Wiley, H. Orton, 148
Wilkinson, Toby, 129
Williams, Prescott H., Jr., 96
Williams, Ronald J., 104
Willis, J. T., 116
Wilson, Robert R., 170
Wise, Michael O., 172
Wiseman, Donald J., 128, 130
Wonneberger, Reinhard, 97
Wood, Leon J., 126
Woolley, C. Leonard, 130
Wright, Benjamin, 101
Wright, G. Ernest, 107, 133, 134
Wright, William, 107
Würthwein, Ernst, 86
Wyatt, Nicholas, 139

Xenophon, 183

Yamauchi, Edwin, 128, 131
Yon, Marguerite, 131
Young, Edward J., 166
Young, Ian, 142
Youngblood, Ronald F., 170
Younger, K. L., 137
Yu, Charles, 147

Zimmerli, Walther, 148
Zuck, Roy B., 150

Praise for the third edition:

"This book remains a must for the library of every teacher, student, and pastor. It has proven to be an invaluable work for the beginner as well as for the pastor who seeks to use his or her exegetical work in sermon preparation."

—DAVID M. PHILLIPS, Nazarene Bible College, Colorado Springs, Colorado

"This superb introduction to the sometimes intimidating task of Old Testament exegesis is both readable and relevant. It offers the interpreter a practical step-by-step method that takes one from text to sermon. Special features of the book include the author's lucid explanations, interesting illustra-tions, and up-to-date annotated bibliographies on all aspects of exegesis. My advice to would-be interpreters as they embark on the path of exegesis: Stuart's intro—don't leave home without it!"

—ROBERT B. CHISHOLM JR., Dallas Theological Seminary, Dallas, Texas

"Douglas Stuart's guide to exegesis is an excellent introduction to the proper interpretation of the Bible. The evaluative description of resource materials alone is worth the price of the book. Everyone who wants to learn how to be a responsible exegete should start here."

—TREMPER LONGMAN III, Westmont College, Santa Barbara, California

Stuart's approach provides a careful and judicious step-by-step guide to exegesis that works with any Old Testament passage. He provides guidance for full exegesis as well as for a quicker approach to provide information specifically tailored to the task of preaching. This new edition also explains where to find and how to use the latest digital and online resources for biblical research. A glossary of terms explains the sometimes bewildering language of biblical scholarship, and a list of frequent errors guides the student in avoiding common mistakes. No exegetical guide for the Old Testament ha[s] been more widely used in training ministers and students to be faithf[ul] interpreters of Scripture.

DOUGLAS STUART is Professor of Old T[estament] Theological Seminary, South Hamil[ton]

Biblical Studies / Interpretation
ËxHSKGQEy233440zv*:+:!:+:!

ISBN-10:-664-
-9

www.wjkbooks.com